

Adriana Barbosa de Oliveira

**LICENCIATURAS
EM MATEMÁTICA
COMO PRODUÇÃO
NARRATIVA:**
ABERTURAS PARA
EXPERIÊNCIAS

Adriana Barbosa de Oliveira

**LICENCIATURAS
EM MATEMÁTICA
COMO PRODUÇÃO
NARRATIVA:
ABERTURAS PARA
EXPERIÊNCIAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

RESOLUÇÃO Nº 76-COED/AGECOM/UFMS,
DE 13 DE DEZEMBRO DE 2021.

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Ana Rita Coimbra Mota-Castro

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Alessandra Regina Borgo

Antonio Conceição Paranhos Filho

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Cristiano Costa Argemon Vieira

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elisângela de Souza Loureiro

Elizabete Aparecida Marques

Geraldo Alves Damasceno Junior

Marcelo Fernandes Pereira

Maria Lígia Rodrigues Macedo

Vladimir Oliveira da Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Oliveira, Adriana Barbosa de.

Licenciaturas em matemática como produção narrativa [recurso eletrônico] :
aberturas para experiências / Adriana Barbosa de Oliveira. – Campo Grande, MS : Ed.
UFMS, 2021.

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>

Bibliografia: p. 462.

ISBN 978-65-89995-80-7

1. Professores de matemática – Formação. 2. Matemática – Estudo e ensino. 3.
Memória autobiográfica. I. Título.

CDD (23) 370.7

Bibliotecária responsável: Jakeline de Souza Costa – CRB 1/3090

Adriana Barbosa de Oliveira

**LICENCIATURAS
EM MATEMÁTICA
COMO PRODUÇÃO
NARRATIVA:
ABERTURAS PARA
EXPERIÊNCIAS**

Campo Grande/MS
2021



© da autora:
Adriana Barbosa de Oliveira

1ª edição: 2021

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão
A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos
para esta edição



Secretaria da Editora UFMS – SEDIT/AGECOM/UFMS

Av. Costa e Silva, s/nº – Bairro Universitário, Campo Grande – MS,
79070-900 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: semit.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-65-89995-80-7
Versão digital: novembro de 2021

APRESENTAÇÃO

Quando me vi sentada a frente de um computador tentando escrever um texto científico, ou melhor, nos moldes convencionais de um texto acadêmico e científico, tive certeza de que esse caminho não seria produtivo para expressar tudo aquilo que eu estava vivendo e/ou sentindo e/ou experienciando e/ou investigando em minha pesquisa de doutorado. Mas se esse não seria o caminho, qual outro eu poderia seguir?

Foi assim que percebi que não há caminhos prontos em um movimento de pesquisa, e sim abertura de picadas, descobrimentos, invenções e reinvenções. Descobri que há de se ter sensibilidade na produção, análise e discussão dos dados. Senti que é preciso aproximar-se do outro, escutá-lo, respeitá-lo para então produzir um texto que fale sobre ele, ou ainda, que fale sobre nós, sobre nossos encontros e trocas. É assim que esse livro tese ganha vida. É nessa perspectiva que apresento uma análise narrativa de uma pesquisa realizada com acadêmicos de cursos de Licenciatura em Matemática, de diferentes localidades do país. Nesses encontros busquei entender como esses cursos são construídos narrativamente por seus estudantes quando esses são indagados acerca de sua formação inicial para atuarem como professores de Matemática na Educação Básica.

Apresento uma história de formação que se cruza com diversas outras. Apresento as Adrianas que emergem nesse processo complexo, intenso e apaixonante de escrita de uma tese. Não nego que houve choro, tristeza, desilusão, mas não posso deixar de dizer que houve também encontros marcantes: conheci autores que me ofereceram lentes mais sensíveis para o mundo, que foram usadas nesse estudo e que, possivelmente, farão parte de outros olhares de outras Adrianas que ainda estão por se constituírem narrativamente.

PREFÁCIO

Adriana Barbosa de Oliveira é uma mulher forte, o que significa que enfrenta com coragem suas sensibilidades para o mundo e se fragiliza frente àquilo que tem a potência de fragilizar.

Nascida em Campo Grande/MS, foi aluna do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS, onde hoje é professora. Envolveu-se com pesquisa em um Trabalho de Conclusão de Curso e seu vínculo com a pesquisadora Marilena Bittar a posicionou como secretária e aluna do recém criado curso de Mestrado em Educação Matemática dessa instituição. Acostumando-se a tecer começos, Adriana ingressou como aluna da primeira turma do Doutorado em Educação Matemática da UFMS em 2015.

O que chama a atenção neste trabalho é a disponibilidade de Adriana em ser outros.

Este livro esculpe a cumplicidade de uma pesquisadora/professora/ex-aluna que compartilha histórias contadas no dito e no não-dito. Não se trata de histórias sobre o acontecido, mas de uma política de um tempo múltiplo, de um corpo-devir-em atravessamento.

O número de páginas das transcrições sinaliza uma necessidade de fala, ou melhor, de escuta. Uma voz que não suporta mais o peso do próprio silêncio.

O texto de Adriana é um convite a esta escuta atenta, a uma abertura à experiência que nunca se sabe se já vinda ou vindoura.

Esse texto é também o grito de uma voz-pesquisadora-aluna-professora que já se fez tímida por tempo demais e agora vaza produzindo força e materialidade como a terceira margem do rio de Guimarães Rosa que, ao rasgar o solo em seu vazamento, produz as margens que todos pensam lhe limitar.

Trata-se de um modo de operar narrativas, sensibilidades, habitando a própria contradição. Adriana não toma lado entre um eu e outro eu, como quem busca se identificar. Não. A autora assume-se em multiplicidade e ao colocar diferentes “eu” para conversar, desloca o foco do verbo “ser” para “operar com”.

O posicionamento político que a estética desse texto delineia sustenta o tom de diferentes vozes num diálogo potente para se pensar a formação de professores de matemática a partir de um lugar de fala fundamental: professores de matemática em formação. É política a decisão de defender uma estética de multiplicidade, de transformar uma tese em uma caixa de ressonância de vozes outras.

Mais que compreender ou pensar sobre os afetos operados nas narrativas, a autora sinaliza para a urgência em se abrir à possibilidade de ser afetado. A tentativa de ir além (aquém, para qualquer lado) de um primeiro movimento de racionalização delineia uma outra potência desse trabalho que não se quer explicativo. Se explicar é justificar, faz sentido não se apressar nessa direção. Embora possa haver quem delimite explicações para muito do que aparece nas narrativas, é importante notar a necessidade de sustentar o injustificável como tal.

Este texto contribui profundamente à formação de professores de Matemática, delineando movimentos e posturas “Forma-Ativas” atuantes em cursos de Licenciatura de diferentes regiões do país, evidenciando que muitas outras coisas são ensinadas quando se pensa estar ensinando Matemática ou um outro tema qualquer. A discussão é redirecionada por diversos discentes, de “o que se ensina” para “o que se ensina enquanto...” se relaciona com discentes, avalia, organiza a aula/lousa de uma determinada maneira, encaminha as dúvidas e posicionamentos de discentes, impõe um modo de fazer/pensar, apresenta a possibilidade formativa de projetos de ensino/extensão/pesquisa, incentiva ou não estudos para além do currículo previsto e... e...e... Esses movimentos e posturas “Forma-Ativas” que fogem a qualquer tentativa de aprisionamento de uma pretensa intencionalidade sinalizam para a simultaneidade de opostos e, nesse sentido, ajudam a desconstruir pares (binarismos?) tão problemáticos como teoria-prática, ciência-técnica.

Este livro contribui, ainda, para um pensar sobre uma política de narratividade, sobre a materialidade de um texto que não é só fruto da ação do pesquisador, mas atua na formação deste como escritor, provoca, redireciona, cobra a autenticidade de uma voz que não quer gritar em uma linguagem qualquer, mas quer e precisa encontrar seu tom, seus termos, uma narrativa que não aprisione, mas ajude a vazar.

Este livro, portanto, fabrica-se de vazamentos por inúmeras vozes. Ao propor uma estética-ética-política, nos termos da autora, quebra um silenciamento discente em uma ação de desobediência epistêmica.

Se este texto é vetorizado por essa preocupação desde o começo, também sustenta essa perspectiva quando de seu fechamento: o que esperar de um livro que finaliza com um convite à continuidade de leitura e composição? “Encontros”, “tremores de uma leitura”.

Campo Grande, outubro de 2020.

Luzia Aparecida de Souza

SUMÁRIO

Um convite à leitura.....	10
Narrativas de uma formação: Quem sou eu?.....	12
Reunindo o grupo	17
Organizando o primeiro encontro.....	21
E o dia chegou.....	27
Depois do encontro.....	49
Organizando um novo encontro.....	56
O primeiro encontro do GELIMAT.....	59
Eu depois desses encontros.....	73
Os tremores de uma leitura	83
(Re) Conhecendo percepções	92
Um novo encontro do GELIMAT	135
Santo de casa não faz milagre	143
Uma leitura outra.....	188
Novas discussões.....	287
Últimas leituras	303
E agora eu me pergunto: e daí?	438
Uma esquizoforma de discussão: retomando o convite inicial.....	450
Referências.....	462

Um convite à leitura

Chego à universidade alguns minutos atrasada, para variar! Essa luta contra o tempo me persegue desde que cheguei nesse lugar e isso já faz muitas primaveras. Hoje preciso começar a pensar na disciplina de Metodologia de Pesquisa que vou ministrar no curso de doutorado este semestre. Ainda é estranho pensar que seja possível ensinar alguém a desenvolver uma metodologia de pesquisa, uma vez que entendo que esse seja um caminho a ser construído pelo próprio pesquisador. O máximo que posso fazer é levantar algumas discussões e colocá-los a pensar sobre o assunto. O que espero é que os caminhos, trilhas e picadas que possam surgir no desenvolvimento de suas pesquisas tenham, principalmente, as suas marcas como pesquisadores e não sejam apenas reproduções certificadas por etiquetas da moda do mundo acadêmico. Bem, conheço pouco a turma, salvo minha orientanda, mas pelo sistema de controle de alunos vejo que são poucos estudantes, o que, de certo modo, pode contribuir para que possamos nos conhecer melhor nesse período.

Acredito que para começo de conversa eles poderiam fazer a leitura de uma tese que conheci há pouco e que me chamou a atenção pelo modo como a pesquisadora desenvolveu seu trabalho, há vários aspectos que podemos levantar para o debate. É o que penso, vamos ver se assim acontecerá. Como quero iniciar a discussão já no primeiro encontro, vou enviar esse arquivo por e-mail e pedir que façam a leitura para a próxima aula, temos ainda alguns dias para isso.

Caros colegas,

O início de nossa disciplina de Metodologia de Pesquisa se aproxima e para nosso primeiro encontro gostaria que vocês realizassem a leitura da tese que envio, em anexo, intitulada: Licenciaturas em Matemática como produção narrativa: aberturas para experiências, de autoria de Adriana. A ideia é que façamos

inicialmente uma discussão da Parte I do trabalho e, na sequência, a leitura em conjunto da Parte II. Para fomentar nossa discussão seria interessante que fizessem anotações sobre o trabalho e as levassem para a aula.

Boa leitura

Abraços

Professora Adriana.

Bem, um problema resolvido. Agora posso voltar para o planejamento das aulas da graduação, para depois corrigir algumas provas que estão acumuladas na minha mesa, e então fazer a leitura dos textos de meus orientandos para que, finalmente, eu retome o artigo que preciso publicar por uma questão de sobrevivência na Pós-Graduação. Ou se dança conforme a música ou se é convidado a retirar-se do salão. Isso porque estou fazendo de conta que esqueci das reuniões do Departamento, das solicitações de pareceres de algumas revistas e dos artigos que também preciso compor com meus orientandos para enviar para os eventos próximos. E é só isso! E ainda dizem aqui na faculdade que um professor se vincula à Pós-Graduação apenas para reduzir a carga-horária na Graduação. Eles não sabem o que dizem!

Meu celular vibra e é uma mensagem da Maria Clara, minha orientanda de doutorado:

Oi professora, tudo bem? Recebi sua mensagem, eu queria confirmar o arquivo que a senhora nos enviou. É esse que tem 420¹ páginas mesmo? É que temos apenas uma semana para o começo das aulas...

Oi Maria Clara, tudo bem. O arquivo é esse mesmo. Boa leitura.

Ok professora, vou começar a ler agora. Obrigada.

¹ O número de páginas se refere ao arquivo original da tese que deu origem a esse livro.

Narrativas de uma formação: Quem sou eu?

Hoje na aula de estágio as professoras pediram que nós começássemos a escrever um *caderno de bordo* sobre as atividades que iremos desenvolver nesse primeiro estágio do curso. Sinceramente, eu não gosto muito de escrever. Minha relação com a caneta é mais numérica, sempre preferi o traço dos números ao das palavras, mas sempre escrevi diário, então acho que não será tão diferente. No entanto, minha opinião pouco importa, já ouvi dizer que uma delas disse a um aluno a seguinte frase: “se você quiser ser aprovado, tem que fazer do meu jeito”. É melhor eu comprar logo esse caderno — de brochura e capa dura — não posso esquecer esse detalhe, e tratar de escrever! Mas por que será que não adianta argumentar? Será que a escrita desse caderno é mesmo tão importante para minha formação? Em que isso pode me ajudar a ser professora? Será que posso incluir nele essas questões? Devo ser crítica ou só uma aluna burocrática, que cumpre o que lhe é pedido sem grandes questionamentos?

Hoje saí da faculdade exausta, a prova de Geometria estava muito difícil. Acho que o professor resolveu cobrar todas as demonstrações do João Lucas – ainda bem que a minha memória é de elefante. O José disse que prefere quando ele tem que pensar... não sei, eu também gosto de pensar, mas tem horas que só reproduzir é mais fácil, afinal eu sempre consegui fazendo assim, não sei se agora é hora de mudanças, preciso me formar! Além disso, eu sempre tive boas notas e isso sempre foi o suficiente, o esperado de mim, tanto lá na escola como aqui na universidade; pelo menos é o que tenho percebido até agora. Aprender ou decorar, tanto faz, o importante mesmo é ir bem nas provas, tirar boas notas, estar acima da média.

No caminho para casa passei em uma livraria e comprei o caderno; um verde esperança para ver se a cor me ajuda na escrita. Cheguei,

almocei, dormi e peguei o caderno. Ela disse para a gente primeiro fazer uma apresentação pessoal e dizer por que escolhemos cursar a Licenciatura em Matemática: isso acho que sei fazer. Vamos lá:

Meu nome é Adriana, tenho 25 anos, sou casada. Escolhi cursar a Licenciatura porque eu precisava entrar na universidade. Há anos eu estava tentando passar no vestibular e foram só decepções, eu queria ser engenheira, mas a cada vestibular minha pontuação ficava mais distante deste sonho, estava quase desistindo quando escolhi a Matemática e fui aprovada. Eu sempre gostei de Matemática, sempre tirei boas notas, então não seria uma tortura fazer esse curso, decidi arriscar e deu certo. Nossa, que dia foi aquele do resultado: eu, a Keiko e o Roberto (meus antigos patrões na joalheria) procurando a listagem na internet; quando vi meu nome desabei, felicidade plena. Eu estava muito infeliz trabalhando como balconista. Sou muito séria e vender qualquer coisa, para mim, era quase impossível. Além disso, sempre quis mudar de vida e o estudo seria talvez minha única oportunidade, logo aquela aprovação era a chance que eu precisava. Decidi me dedicar exclusivamente ao curso, parei de trabalhar e tenho, praticamente, morado na universidade. Ainda estou em dúvida se quero ser professora, estou pensando.

Acho que ficou bom, eu poderia contar mais coisas, dizer que quando eu entrei no curso não queria ser professora de jeito nenhum, que o curso era só o meio que encontrei de entrar na universidade, mas o que elas poderiam pensar de mim? E quando eu quiser participar de um projeto? Acho que dizer que estou em dúvida é melhor, não estou mentindo, só omitindo uma parte. Seria interessante se elas tivessem pedido para a gente contar um pouco sobre o que aconteceu no curso até agora, aí sim eu teria muito que contar, tem tanta coisa engasgada, tanta contradição que daria até um livro. Bem, primeira tarefa cumprida, vamos ver o que vem pela frente. Acho melhor eu parar de pensar nisso e estudar Álgebra, amanhã cedo tem aula.

Não acredito que eu vou chegar atrasada de novo! Todo dia a mesma história, eu me empolgo estudando até tarde e no outro dia tenho que acordar cedo. Odeio. E o sininho do meu chaveiro japonês — lembranças do meu antigo trabalho — vai fazendo aquele barulho no corredor do bloco, o professor já disse que sabe quando eu estou chegando. Tô nem aí, eu gosto do barulho e ele é um chato mesmo.

— Atrasada Adriana? — ele pergunta.

— Desculpa — respondo.

Odeio isso: é óbvio que eu estou atrasada, não precisa comentar. E nem faz tanta diferença assistir essa aula, se for para copiar o livro eu posso fazer isso em casa, não preciso me deslocar até a universidade. Mas tem o lance da falta, então tenho que estar presente, mesmo pensando em outras coisas. Sinceramente, não dá para entender! Se ao menos a gente discutisse alguma coisa... lembro do dia em que ele foi explicar a demonstração do princípio da indução finita segunda forma. A gente começou a fazer um monte de perguntas, daí ele apagou a lousa e falou para a gente esquecer. O José quis morrer, eu fiquei indignada, o pessoal reclamou, mas não adiantou nada. Ele disse que não era importante, era só para complementar, mas se estava difícil demais ele não iria fazer. Isso que eu tinha que contar no caderninho verde...

Na hora do intervalo a coordenadora veio falar comigo, pediu para que eu fosse à sua sala na hora da saída, pois queria me pedir um favor. Fiquei pensando o que poderia ser... nem prestei muita atenção na aula, era Psicologia e o professor só ficava passando slides sobre vários autores que teríamos que estudar para fazer um trabalho. Depois eu estudo, é só ler mesmo e ainda posso usar o recurso do karaokê durante a apresentação, como o professor faz, ou será que ele acha que a gente não percebe a sua leitura? Eu queria é saber como

eu poderia ajudar a coordenadora. Bem que podia ser uma bolsa, desde o ano passado que eu e a Cris estamos tentando conseguir alguma coisa, mas esse Departamento de Matemática não tem nada; não achamos um professor que quisesse nos orientar em qualquer coisa, muito menos oferecer uma bolsa. Será que não conhecemos as pessoas certas? A Fernanda participa de algumas coisas, mas ela é próxima daquela professora que faz pesquisa... A Cris ainda conseguiu com o professor da Física, eu tentei, mas achei meio chato ficar estudando, estudando e estudando a mesma demonstração. Eu gosto disso, mas daquele jeito eu não achei graça.

Acabou a aula e fui correndo para a sala da coordenação. Chegando lá ela me disse:

— Adriana, preciso da sua ajuda. Nós iremos receber a visita de uma professora que está fazendo seu doutorado e ela quer conversar com um grupo de alunos do curso de Matemática. Ela me disse que precisaria ser alunos de diferentes períodos do curso, os calouros e os concluintes, como você participa das atividades e sempre está por aqui pensei que talvez pudesse me ajudar convidando os colegas que você conhece, o que acha?

Decepção total. — É claro professora, vou tentar conversar com algumas pessoas. Você sabe quantos alunos e quando ela virá? — tentei disfarçar.

— Ela me disse seis alunos. Poderia ser dois iniciantes e quatro concluintes ou então que estão na metade do curso, algo assim. Não lembro se ela me falou sobre datas, vou olhar o e-mail depois e te aviso, mas por enquanto, tente conversar com seus colegas, por favor. — Ela pediu.

— Tudo bem. Vou ver se consigo falar com algumas pessoas que eu conheço. Mas acho que vai ser difícil, o pessoal nunca quer participar de nada. A gente avisa sobre as palestras e ninguém nunca vai, depois

falam que nunca sabem de nada... — Já tentei justificar caso não conseguisse ninguém.

Fui embora sem bolsa e com mais trabalho. Será que ela pensa que eu converso com todo mundo? Nem com a minha turma eu tenho muita intimidade, só o nosso grupinho de estudo mesmo. Fora isso, é um “oi” e olhe lá. Mas também, quais são as oportunidades que o curso oferece de diálogo entre os alunos? Não há espaços de discussão. Se a pessoa já tem dificuldade para interagir, como é o meu caso, não será aqui que ela irá mudar. Mas enfim, vou ter que encarar essa. Ainda bem que hoje é sexta, posso pensar no que fazer no final de semana. Só me faltava essa!

Reunindo o grupo

Mais um final de semana de estudos. Será que é normal estudar tanto? A minha família não entende direito, esses dias meu pai assistiu ao filme *Uma mente brilhante* e disse para minha mãe me cuidar, pois eu andava estudando demais. Quem dera se a minha dedicação pudesse me levar à sabedoria de John Nash; longe de mim essa capacidade.

Fiquei pensando sobre essa pesquisadora que quer nos entrevistar: nunca dei nenhuma entrevista, como será? E ela faz doutorado, nossa, deve ser inteligente! Antes de entrar na faculdade eu nunca tinha ouvido falar em mestrado e doutorado, agora ouço, mas também não sei direito do que se trata, os professores não falam muito sobre isso, só acho que deve ser muito difícil. Se na graduação eu já sofro tanto, imagina no doutorado! Eu acho que aqui na universidade tem algum programa de pós-graduação, mas não tenho ideia de como funciona. Mas o que nós poderíamos dizer para ela que fosse do seu interesse? Estranho. A coordenadora nem para me explicar direito a proposta para eu tentar convencer os outros. Já estou até vendo as desculpas: “hoje eu não posso”; “eu vou ao dentista”; “tenho que estudar para a prova”. Pelo menos acho que posso contar com os meus colegas de estudo, na segunda, na hora do intervalo, já vou conversar com eles. Eu até podia mandar uma mensagem no *WhatsApp*, mas daí fica aquela troca de mensagens sem fim e eu tendo que explicar a mesma coisa um milhão de vezes. Pessoalmente é mais fácil. É melhor eu ir dormir, hoje é domingo, amanhã cedo tem aula e já é certo que irei atrasar, então que seja o mínimo possível. Meu marido já apagou há muito tempo, acho que ele se acostumou com minha ausência. Mas o foco agora é estudar, preciso me concentrar nisso. Estou certa. Será?

— Nossa! Hoje era mais fácil acabar o dia do que essa aula de Álgebra — disse eu ao pessoal na hora do intervalo. — Preciso da ajuda de vocês para reunir um grupo — acrescentei.

— Grupo de quê? — perguntou Fabiana.

— Um grupo para participar de uma pesquisa de doutorado — respondi.

— Pesquisa de doutorado com alunos da Licenciatura? Deve ser esse povo da Educação Matemática — afirmou Diego já dando sinais de sua simpatia pelo acontecimento. O Diego estuda comigo e ele quer ser um pesquisador em Matemática. Ele é muito inteligente, vai super bem nas disciplinas de Matemática e foge o quanto pode das discussões pedagógicas. A gente se dá muito bem, ele tem esse jeito seco, mas é muito querido. Ele ouviu nossa conversa e já se interessou.

— Pessoal, eu não sei do que se trata, só sei o que eu disse e precisamos reunir um grupo de seis estudantes de todos os períodos — tentei explicar.

— Bom, eu estou aqui pagando essa disciplina, mas eu sou do último ano, então posso participar — disse José. — Também posso convidar mais um colega da minha turma, o Marcelo adora sentar e conversar — acrescentou.

— Que ótimo José, eu já contava com sua participação mesmo. Agora já temos dois alunos do quarto ano, ainda faltam quatro. Eu irei participar, então faltam três, acho que poderia ser mais dois da nossa turma e um calouro. Alguém conhece um calouro?

A Fernanda, que é do segundo ano e estava por ali, também responde.

— Tem a Maria, eu sempre a vejo nas reuniões do grupo de estudos, acho que ela gostaria de participar, vou convidá-la — disse Fernanda. Conheci a Fernanda em um curso sobre o Geogebra, um software de geometria dinâmica bem interessante, no ano passado. Ela é super animada e parece que mora aqui na universidade, sempre a vejo. Será que eu moro também?

— Você vai poder Fabiana? — pergunto.

— Acho que por enquanto não, estou envolvida com a minha candidatura ao DCE, acho que não terei tempo — ela responde.

— Bem, você pode Fernanda? — Ela tem que querer. — Por favor...

— Tudo bem, Dri. Quando vai ser?

— A professora ainda não me disse, mas ficou de avisar essa semana, assim que eu souber aviso todo mundo. E você Diego? Não vai lá dizer o que você pensa da Educação Matemática, vai que ela pergunta sobre isso? — dou uma provocada.

— É claro que vou — ele responde.

— Então fechamos o grupo: eu, Marcelo, José, Fernanda, Diego e talvez Maria, certo? Fernanda, você pode me enviar uma mensagem quando conversar com ela, preciso avisar a professora e passar o nome de todos, ok? — encerro a discussão. Nem acredito que foi tão fácil.

— Pessoal, a professora de Prática já entrou na sala, nos avisa um colega.

Deixamos a cantina e aquele cheiro de fritura que atravessa todo o nosso prédio e roupas e nos dirigimos para a sala. Essa professora é bem exigente, não gosta que o pessoal fique entrando na sala depois que ela começa a explicação. Acomodo-me na cadeira e me dou conta:

— Ué, hoje a aula não será no laboratório de informática? —
questiono.

— Acho que não, a professora disse que quer conversar um pouco sobre o que temos feito, acho que não precisa de computador para isso — responde uma colega.

Essa professora gosta de conversar, sempre ela tenta dar um sentido àquilo que estamos fazendo em suas aulas. Eu gosto dela, dizem que ela pesquisa Educação Matemática, ela bem que podia ser alguém para conversar sobre projeto, bolsa... vou pensar nisso, mas ela nem me conhece direito, talvez agora no estágio, vai que no sorteio dos grupos eu fico com ela como orientadora, tomara!

Cheguei em casa e recebi uma mensagem, no *WhatsApp*, ou melhor, recebi um *Whats* da Fernanda, dizendo que a Maria topou participar da reunião. Agora sim está tudo certo, posso avisar a coordenadora que o grupo está formado. Amanhã cedo faço isso, agora tenho que resolver a lista de Cálculo, amanhã quero tirar umas dúvidas com o professor. Eu nunca pensei que eu me tornaria fã desse professor depois daquele trauma da primeira prova no ano passado. Nunca estudei tanto para tirar 1,0 e ele ainda teve a coragem de dizer que achava que eu tinha estudado, só que não tinha conseguido trabalhar as questões. Como a turma toda foi mal ele resolveu dar outra prova. Estudei mais ainda e tirei 0,8. Eu não conseguia entender aquele resultado, pois sempre que eu estudava na escola, e eu estudava sempre, eu me saía bem. O que tinha mudado? Depois de um tempo eu percebi que na faculdade a linguagem matemática é diferente e eu só precisava me adaptar a esse novo jeito de operar. Depois que eu entendi o processo, minha nota mudou de intervalo, de 0–1 para 8–10. Será que eu aprendi o conteúdo ou a linguagem? Ou a linguagem é o próprio conteúdo? Vixi, é melhor eu voltar para a lista, o importante é que eu passei de Cálculo I e agora estou em Cálculo II.

Organizando o primeiro encontro

Hoje resolvi passar o dia na faculdade, combinei com o professor de Cálculo que iria à tarde à sua sala para tirar umas dúvidas. Daí já aproveito e converso com a coordenadora. Almocei no restaurante universitário, nosso querido RU, com o pessoal e depois fomos bater papo e descansar um pouco na sombra da figueira, antes de voltarmos aos livros. Eu adoro esse lugar, talvez seja o meu preferido aqui na universidade; apesar de os banquinhos serem duros e desconfortáveis, a gente sempre se ajeita e consegue até cochilar.

Marquei com o professor às 14h, mas vou um pouco mais cedo para passar na sala da coordenação. Chego lá e bato na porta.

— Pode entrar — escuto.

— Oi, professora, tudo bem? Consegui falar com os estudantes, já tenho o nome dos que se interessaram em participar da pesquisa.

— Que ótimo, Adriana. Eu posso te pedir mais um favor?

— É claro — respondi.

— Eu reli o e-mail da pesquisadora e ela precisa saber se todos vocês terão disponibilidade para o dia em que ela pretende nos visitar. Eu estou assoberbada com o trabalho da coordenação e ainda tenho que preparar minhas aulas, corrigir algumas provas, preparar outras, lançar notas, enfim, você poderia conversar diretamente com ela?

— Posso sim, professora. — Eu só tenho que estudar para Cálculo, Álgebra, Geometria, Prática, Psicologia, Matemática Aplicada, fazer os trabalhos, resolver as listas — pensei comigo.

— Ótimo! Vou conversar com ela, passar seu e-mail e então vocês podem se organizar para o encontro. Muito obrigada, Adriana, e acho que você vai gostar de participar dessa pesquisa.

— Estou curiosa, nunca dei uma entrevista. Será que as perguntas são difíceis? — perguntei.

— Fique tranquila, vai dar tudo certo.

Despedi-me e fui conversar com o professor de Cálculo. Não posso me atrasar, ele é muito sistemático. Mas e essa pesquisa? Antes eu estava curiosa, agora já fiquei nervosa de ter que conversar com alguém que eu não conheço. Como tenho dificuldades em me relacionar com as pessoas! Normalmente quem me conhece não acredita quando digo isso, mas só eu sei o quanto preciso me preparar para uma conversa. Penso nos assuntos que podem surgir, nas questões, nas possíveis respostas, em controlar minhas manifestações de sinceridade, em ser simpática, sorrir. Credo. É muita coisa para administrar, mas como disse a professora: vai dar tudo certo!

Quando cheguei em casa no final da tarde e acessei meu e-mail já vi a mensagem da pesquisadora. Pelo título do e-mail só pode ser ela: contato para pesquisa de doutorado. Ela deve estar bem ansiosa para conversar com a gente, pois agora há pouco conversei com a coordenadora e ela já entrou em contato comigo. Vamos ver o que ela tem para me dizer.

Boa tarde Adriana,

Meu nome é Adriana, sou professora e entro em contato com você devido à minha pesquisa de doutorado. Primeiramente conversei com a coordenadora do seu curso e ela pediu que eu me correspondesse diretamente com você.

Como já deve saber, estou realizando entrevistas com

alunos da Licenciatura em Matemática e gostaria de poder incluí-los em minha pesquisa. Minha intenção é realizar uma discussão sobre as percepções dos acadêmicos em relação ao curso que estão vivenciando. Ela me disse que você já conversou com alguns colegas, só para confirmar, a ideia é que sejam 4 alunos concluintes (3º e 4º anos) e 2 ingressantes.

Podemos marcar nosso encontro para o dia 04/05? O horário pode ser o que for melhor para vocês, a entrevista é em grupo, então teríamos que encontrar um horário comum.

Com relação à dinâmica ela é bem simples, peço inicialmente que se apresentem e depois que falem sobre o curso de Licenciatura. Não há um roteiro rígido a ser seguido, é mais uma roda de conversa.

Um abraço.

Dois ingressantes? A professora tinha me dito um, e agora? Vou dizer que não consegui, é mais fácil do que ter que procurar mais uma pessoa e dispensar outra. Acho que isso não deve fazer tanta diferença. Mas e se fizer? Acho melhor eu convidar mais alguém, vou tentar. O difícil vai ser conseguir um horário comum para todos, alguns estudam pela manhã e outros à tarde, vai ter que ser no final do dia. O que será que é para falar sobre o curso? Uma roda de conversa? Discutir as nossas percepções? Tô achando tudo muito confuso, vamos ver o que o pessoal pensa. Amanhã cedo converso com eles. Pelo menos não é uma entrevista individual, em grupo é mais fácil ficar quieta, sempre tem aqueles que falam mais e acabam roubando a cena. Preciso começar a pensar na apresentação, acho que é mais ou menos como eu fiz no caderninho verde, mas o que posso dizer para uma professora que faz doutorado? O que será que ela espera ouvir? Será que posso falar tudo que penso? Posso até dizer muitas coisas, mas não posso esquecer que ela também é professora! Mais uma coisa para pensar. Preciso responder. Não, vou esperar a resposta deles, assim não tenho que enviar vários e-mails, um basta. Por hoje chega de facul-

dade, vou assistir um pouco de televisão para não pensar em nada. Peraí, mas ela chama Adriana? Isso é que eu chamo de coincidência!

— Pessoal, a pesquisadora me escreveu. — Espero o momento do pastel do intervalo para dar a notícia.

— E? — responde Fernanda.

— Primeiro a gente precisa convidar mais um calouro; a professora tinha me dito que era apenas um, mas no e-mail ela disse que são dois ingressantes. Alguém conhece mais alguém?

— Tem o Fabrício — disse a Fabiana. — Posso falar com ele e ver se tem interesse.

— Você faria isso, por favor? — Eu praticamente imploro. A Fabiana conhece quase todo mundo do curso, ela está fazendo campanha para sua chapa do Diretório Central dos Estudantes, o famoso DEC, e tem rodado as salas de aula conversando com os estudantes.

— Posso sim, hoje à tarde devo encontrá-lo. Ele sempre está por aqui estudando — ela responde.

— Mas o que mais a pesquisadora falou? Ela explicou como será essa entrevista? — insistiu Fernanda.

Tentei explicar aquilo que entendi e acho que eles entenderam tanto quanto eu, ou seja, muito pouco. Mas os que estavam presentes concordaram com a data e sugeriram que fosse às 17h. Preciso aguardar a confirmação dos outros para responder à mensagem. Terminou nosso intervalo e voltamos para a sala de aula.

À noite em casa, quando já estou pegando no sono o celular vibra. Um monte de mensagens ao mesmo tempo, será que eu estava sem co-

nexão e nem percebi? Fabiana confirmando a participação dos calouros. Agora posso responder o e-mail, mas só amanhã, não posso deixar que o sono vá embora de vez, senão amanhã já sei a novela.

Durante o intervalo fomos até o Laboratório de Matemática ter uma conversa rápida com as professoras do estágio. Elas iriam fazer o sorteio das duplas e das orientadoras. Primeiro separaram os grupos que poderiam estagiar no mesmo período, isso já aumentou as chances de eu ficar com alguém mais próximo.

— Adriana e Cristiane — disse uma das professoras.

Ufa! Eu e Cris nos damos bem, vai ser mais fácil. Depois das duplas formadas sortearam a orientadora e por sorte fiquei com a professora da Educação Matemática, espero que dê tudo certo. Decidido tudo, elas resolveram falar um pouco sobre a dinâmica do estágio. Eram quatro professoras para um grupo de 16 alunos, cada uma ficou com duas duplas. A gente não entendeu bem o porquê de elas ficarem o tempo todo se alfinetando, não parecia haver um acordo entre elas sobre como realizar as atividades. Elas também se dividiam em duplas, mas por afinidade e não por sorteio. Uma falava e a outra retrucava, na nossa frente. Parece que cada dupla tinha sua visão de como deve ser o estágio e queria impor a sua vontade. Não senti que elas tivessem sentado para conversar antes de falar com a gente, parece que não havia muito diálogo ali. A situação era: cada professor faz do seu jeito e a nós resta seguir as orientações. Eu nunca entrei em uma sala de aula como professora, estou morrendo de medo. Mas eu conheço a escola, acho que em algum momento elas irão nos perguntar isso: nossas lembranças, nossas impressões. Ou será que vão ignorar o que já vivemos? Só falta...

Voltamos para a sala e deixo para responder o e-mail da Adriana na hora do almoço. Se ela se parecer comigo, deve estar atualizando

a página de cinco em cinco minutos esperando uma resposta. Como é difícil não poder ter controle de tudo! Acho que é por isso que tenho dificuldades de lidar com os outros, não tenho controle algum sobre a vontade alheia.

Almocei e logo depois enviei a mensagem. Eu não estava enganada, em menos de 30 minutos ela respondeu. Agora acho que é só esperar o dia chegar. Até lá penso que já terei histórias do estágio para contar, pois na semana que vem começamos o período de observação na escola e nosso encontro será daqui uns vinte dias. Passei meu *Whats* para ela; é mais fácil para a comunicação, quem faz doutorado não deve ficar enviando aquelas mensagens de correntes ou “Bom dia!” e “Boa noite!” Assim espero.

E o dia chegou

Adivinha no que pensei assim que abri os olhos? É o dia da entrevista! Eu até tinha me esquecido desse problema diante de tudo que surgiu nas visitas à escola. Tomei uma decisão: posso até ser professora, mas da escola, jamais! Definitivamente eu não sei lidar com crianças, como eles falam! Os professores passam mais tempo tentando controlar os alunos do que dando aula. E não são só as crianças que assustam: a escola parece diferente, muito maior do que antes. No período de observação acompanhamos todas as aulas da turma do sexto ano. A proposta do nosso estágio era de acompanharmos como os estudantes se comportavam durante as aulas de diferentes disciplinas, a ideia seria observar os alunos e não os professores, mas alguns professores não gostaram da nossa presença, principalmente porque a aula deles não tinha nenhuma relação com a Matemática. A gente tentava argumentar que nossa intenção era observar o modo como os alunos se relacionavam com as diferentes disciplinas — não sei com qual intenção — e não o trabalho do professor, mas mesmo assim muitos deixavam clara a insatisfação com a nossa presença. Pensando bem, será que a insatisfação era com a gente ou com o que nós representávamos? A gente quase não ouve falar sobre a escola aqui pela universidade, então por lá não deve ser diferente. Talvez os que passaram por ali não tenham deixado um bom rastro ou então não deixaram rastro algum.

Fiquei pensando que se o estágio começasse no primeiro ano do curso talvez eu tivesse desistido. Eu gosto da ideia de ensinar; ajudo bastante os meus colegas. Quando a gente se reúne em alguma sala de aula que esteja vazia para estudar, eu sempre vou até a lousa para explicar alguma coisa e eles dizem que entendem. Mas também sou exigente, se percebo qualquer desinteresse fecho a boca e não digo mais nada. Então acho que o meu medo é da escola, ou melhor, da realidade da escola. Pode ser que ela me faça calar de vez. Acho que a palavra interesse não habita

esse lugar. Ou melhor, acho que ela perdeu o sentido por ali. Se bem que uma palavra por si só não diz nada, não é Viviane Mosé? O que diz é o acordo entre quem fala e quem ouve. Penso que é o acordo que foi quebrado... mas será que um dia ele existiu?

Alguns professores da escola disseram que é para a gente desistir enquanto é tempo, pois o trabalho é muito desgastante e pouco reconhecido. Mas então por que será que eles continuam lá? Depois de um tempo não dá mais para desistir? Eu hein, se for assim é melhor eu nem começar mesmo. Tinha uma professora que a aula dela era só de leitura. Era aula de Matemática, mas só que ela ficava fazendo a leitura do livro didático e ainda fez uma colega do nosso grupo fazer a mesma coisa no período de participação. A gente percebeu que nem todos os professores estão dispostos a nos ajudar, mas acho até que é compreensível, pois eles precisam lidar com tanta coisa durante a aula que fica difícil pensar no estagiário. Também tem outra coisa, não me lembro de pedir sua ajuda, pelo menos até agora estávamos ali apenas para observar e participar de sua aula, da forma que ele achasse melhor. Acho que não se tratava de uma parceria entre estagiário e professor e sim de uma troca de favores entre escola e universidade na qual a última recebe mais do que oferece. Talvez a minha saída seja trabalhar em cursinho ou então escolas particulares, acho que lá deve ser mais tranquilo. O colégio militar seria uma boa opção, mas o ideal mesmo seria dar aula aqui na universidade. Pensa que legal: eu, professora universitária! Só sonho mesmo.

No intervalo do almoço fizemos reunião do grupo de estágio, pois foi o horário que encontramos em comum para todos. Parecia mais uma sessão de terapia, embora eu nunca tenha participado de uma, mas penso que seja um lugar onde todos falam de seus problemas. Os colegas que estavam em outra escola também estavam assustados, parece que ninguém mais queria ser professor. E agora? Se a Licenciatura é para formar professor, qual seria nossa segunda opção?

Durante a tarde nos reunimos para estudar Geometria – havia muitos teoremas para decorar. Eu e a Cris pagamos o maior mico, fomos falar com o professor de Geometria e soltamos essa pérola:

— Professor, já demonstramos todos os axiomas do livro.

Ele arregalou os olhos e disse: — Ai meu Deus!

Ainda bem que percebemos rapidamente a bobagem que dissemos. Foi só um ato falho mesmo... será?

A Adriana me enviou um *Whats* dizendo que a coordenadora havia reservado a sala do Laboratório de Matemática para a realização do nosso encontro e que era para eu pegar a chave no Departamento. Perguntei se ela saberia chegar até o local e ela disse que sim, que já havia se informado. Quando foi umas quatro e meia fui lá tentar resgatar esse tesouro. É impressionante como nós, alunos da Licenciatura, temos dificuldade em ocupar os espaços da universidade que são destinados a nós. O Laboratório de Matemática é trancado a quatro chaves, o laboratório de informática é de uso restrito às aulas — esses dias eu tentei usá-lo e recebi um não bem redondo na cara — até o uso das salas de aula para estudo está ficando complicado, eles querem fechá-las quando não estiverem sendo ocupadas para aulas. Assim fica difícil. Isso só reforça a ideia de que a nossa formação se restringe a assistir aulas, todos sentados em fila e em silêncio, apenas absorvendo a sabedoria do mestre.

Cheguei lá, estava explicando a situação quando a coordenadora apareceu — ufa! Ela me entregou a chave e disse que depois passaria por lá para conhecer a pesquisadora. Desci as escadas com a chave na mão e o coração na boca, daqui a pouco iria começar.

Estava me dirigindo ao laboratório quando o celular vibrou, era o pessoal confirmando se haveria ou não o encontro. Depois que organizamos o grupo para a entrevista eu criei um grupo no *Whats* para

combinarmos o horário, pois nem todos se encontravam todos os dias, estudávamos em turnos diferentes. Esse era o objetivo do grupo, mas rolou muita troca de imagens, correntes, toda essa bobagem midiática. No entanto, pensando bem, esse espaço também foi uma forma de nos aproximarmos. Eu não conhecia os calouros e nem o Marcelo. Já que a universidade não nos coloca para conversar, qualquer recurso que a gente invente já está valendo. Confirmei o encontro e continuei meu destino. Olhei de longe e vi uma mulher parada na porta — deve ser ela — pensei. Fui chegando perto e ela já puxou assunto.

— Você é a Adriana?

— Sim — respondi. E você deve ser a Adriana, a pesquisadora?

— Sim! Que bom que te encontrei, estava com medo de estar perdida, eu não conhecia essa universidade. Muito lindo aqui, o campus é enorme. Como está calor, não? — Achei que ela não fosse mais parar de falar.

— Eu gosto muito daqui. Já estou acostumada com o calor, quase sempre é assim. — Pelo menos ela é simpática; pensei que fosse mais velha.

— Adriana, já quero aproveitar e te agradecer pela ajuda. Muito obrigada por você se disponibilizar em procurar os alunos que pudessem participar. Nossa, você não tem ideia de como é difícil organizar um encontro como esse! Sem alguém do local que se disponha a ajudar é praticamente impossível. Muito obrigada mesmo.

— Imagina, não tive trabalho algum, foi bem fácil organizar o grupo — respondi. No fundo foi fácil mesmo, eu nem tive que conversar com os calouros, o pessoal me fez esse favor.

Enquanto nos falamos já abro a sala e ligo o ar-condicionado. Ainda bem que a coordenadora reservou essa sala, pois apesar de já ser final da tarde, ainda faz muito calor. Há algumas mesas na sala e ela pergunta

se não podemos agrupá-las de modo que pudéssemos nos sentar em círculo. Respondo que sim e começamos a organização. Ao mesmo tempo ela começa a fazer algumas perguntas sobre o restante do grupo, parecia estar preocupada, pois ainda não havia chegado ninguém além de mim.

— Você confirmou com o pessoal? — ela pergunta.

— Sim, quando estava vindo para cá nos falamos pelo *Whats* e avisei que seria aqui no horário combinado. — Espero que todos apareçam, senão eu ficarei mal na foto.

— Essa sala é um bom espaço para estudo, não? Tem mesas, louças, materiais de manipulação, ar-condicionado — ela sorri. — Vocês utilizam bastante esse local? — Percebo que ela é bem curiosa.

— Então... — será que eu falo a verdade ou não? pensei. — Nós usamos em algumas aulas, mas só quando o professor está presente. É muito difícil nos deixarem aqui sozinhos para estudar. Acho que eles receiam que sumam materiais, livros, não sei direito o motivo, mas essa foi uma resposta comum para muitos estudantes. Ao invés de eles pensarem que esses pequenos delitos poderiam ser apenas episódios isolados, acharam melhor tomar isso como regra e restringir nosso acesso, uma pena — contei tudo.

— Entendi. — Ela respondeu pensativa.

O celular vibra de novo, é o Fabrício dizendo que não poderá participar, pois aconteceu um imprevisto. Aviso ela e nisso o pessoal começa a chegar.

— Olá — diz o Marcelo.

— Boa tarde — acrescenta o José.

— Oi meninos, que bom que chegaram — respondo. Apresento a Adriana e eles já vão se acomodando. Na sequência chegam Fernanda e Maria.

— Olá — cumprimenta Fernanda.

— Oi pessoal — diz Maria.

— Agora só falta o Diego, mas ele deve estar chegando. Se a senhora quiser começar, pois já estamos no horário, não tem problema. — Eu sei que se demorar muito o pessoal vai ficar impaciente, conheço bem a turma.

— Senhora está no céu, Adriana. Pode me chamar de você, por favor — ela sorri. — Então vamos começar, todos concordam?

O pessoal acena que sim e então ela começa a falar.

— Bem, pessoal, deixa eu me apresentar direito. Eu sou a Adriana, sou professora de Matemática e estou cursando o doutorado em Educação Matemática e a minha pesquisa é sobre as percepções que estudantes de cursos de Licenciatura em Matemática possuem em relação ao curso. Eu gostaria de fazer uma discussão sobre a Licenciatura, mas do ponto de vista de quem vivencia esse processo de formação inicial. A gente já tem muita produção na nossa área de Educação Matemática sobre a formação de professores, mas ainda é reduzido o número de estudos que focalizam o olhar dos estudantes sobre o curso. O meu interesse é ouvir aquilo que vocês desejarem contar sobre o curso. Vou explicar a dinâmica da entrevista e a gente já começa, ok?

Todos concordam. Nesse momento o Diego chega e ela rapidamente explica tudo isso que acaba de nos dizer. Ele se acomoda e ela dá continuidade.

— Bem, inicialmente eu gostaria que cada um se apresentasse e dissesse o porquê de ter escolhido o curso de Licenciatura em Matemática. Depois dessa rodada a gente começa a discussão sobre o curso. É isso. Você pode começar? — pergunta para a Maria.

— Por que eu? — ela responde apavorada. Todos começam a rir, mas ela concorda em começar.

— Meu nome é Maria, eu tenho 18 anos e estou no primeiro ano do curso de Matemática. Eu queria ser arquiteta, sempre sonhei com isso durante todo o meu ensino médio, mas minha pontuação não foi suficiente para ingressar no curso. Como segunda opção eu havia colocado o curso de Matemática, pois sempre gostei dessa disciplina na escola. Eu inclusive ajudava meus colegas que tinham dificuldade em Matemática. Eu até pensei em tentar uma transferência, realizar o meu sonho de ser arquiteta, mas estou gostando do curso, não sei mais se quero mudar, acho que estou gostando da ideia de ser professora, apesar de achar que por enquanto pouco se fala sobre isso no curso. — Preciso elaborar minha apresentação, fiquei de pensar nisso e esqueci; ela falou super bem.

— Ótimo — responde Adriana. — E você? — ela olha para a Fernanda.

— Eu sou a Fernanda e estou no segundo ano. Eu escolhi a Licenciatura em Matemática meio por acaso. Eu queria fazer Administração, mas como achei que seria difícil eu entrar por causa da concorrência, resolvi tentar Matemática primeiro só para ser aprovada. Eu sempre gostei de Matemática e sempre tirei boas notas, então não foi uma decisão difícil. Num primeiro momento eu pensei que fosse desistir, mas daí eu conheci alguns professores que fazem projetos nas escolas e eu comecei a me apaixonar pelo curso. Quando vi estava totalmente envolvida com a ideia de ser professora. Talvez eu faça Administração, mas só depois que eu terminar Matemática. Eu já dou algumas aulas particulares e tem sido muito bom, tem me ajudado a aproveitar mais as aulas no curso.

As apresentações continuam na sequência em que os estudantes estão sentados, ela só vai mudando o olhar para cada um. Nessa lógica vou ser a última, ainda bem.

— Meu nome é Marcelo e eu tenho 23 anos. Estou no último ano do curso e eu queria ser engenheiro; desde criança eu dizia isso para minha família, pois tenho um tio que tem essa profissão e ele sempre me incentivou muito. Como Engenharia era um curso bastante concorrido eu pensei em entrar na Matemática e depois pedir a transferência. Mas o curso foi passando e eu fui gostando, fiz amizade com pessoas que querem ser professores e isso também foi me motivando a seguir no curso. Hoje em dia estou certo que quero dar aula. Talvez eu faça Engenharia, pois ainda sou jovem e acho que seria possível, mas não tenho muita certeza disso.

— Meu nome é José e eu também estou no último ano. Eu sempre quis ser professor, sempre ajudei meus amigos e meus irmãos a estudarem. Meus pais são professores, então isso sempre foi muito presente na minha vida. Quando chegou a época do vestibular eu fui olhar as opções de Licenciatura que eu poderia escolher. Entre Geografia, Biologia e Matemática, escolhi a Matemática, pois eu tive um professor de Matemática na escola que era muito legal, ele ensinava coisas difíceis de um jeito muito simples e aquilo me fascinava. Então não tive dúvidas: assinalei Matemática e estou aqui. Como eu quero muito ser professor, eu acho que o curso poderia ter mais disciplinas de formação pedagógica; pelo menos eu penso assim.

— Eu sou o Diego e estou no terceiro ano do curso. Eu gosto de Matemática, eu queria fazer Bacharelado, mas como só tinha a opção de Licenciatura aqui, então não tive escolha. A minha vontade é seguir a carreira de matemático, fazer pesquisa. Estou pensando em fazer pós-graduação em Matemática Pura, estou até começando a planejar o meu trabalho de conclusão de curso com um professor que é dessa área, ele

tem me incentivado bastante. Eu não gosto muito das disciplinas pedagógicas; acho que as discussões são muito superficiais e distantes da escola que eu conheci enquanto aluno. Também acho que estudamos pouca Matemática; não sei, tenho essa impressão. Eu quero dar aula, mas só no ensino superior, pois é onde eu também posso fazer pesquisa.

— Meu nome é Adriana, eu tenho 25 anos e estou no terceiro ano do curso. Eu sempre quis fazer Engenharia e tentei várias vezes o vestibular, mas nunca passei. Um dia resolvi tentar Matemática porque a concorrência era bem baixa e eu precisava entrar na universidade. Eu estava trabalhando no comércio, mas queria sair dali e pensei que voltar a estudar seria a minha melhor opção. Fiz o vestibular e fui aprovada. Estou gostando do curso, acho que quero ser professora, mas apenas do ensino superior.

Terminamos a rodada de apresentações e então a pesquisadora retoma a fala.

— Bem pessoal, então a gente está num contexto de Licenciatura, com alunos que querem ser professores, o que é muito bom e muito raro também. Eu tenho visto muitos alunos que não querem ser professores, embora estejam fazendo o curso de Licenciatura. Bom, então pensando nisso, que vocês querem atuar como professores e estão em um curso para formar professores, eu gostaria que vocês falassem sobre esse curso, como vocês avaliam essa questão da formação, como que é, como que acontece, o que é legal, o que não é, como que vocês olham para o curso? — explica ela.

“Que difícil”, pensei. Não é fácil falar sobre o curso. São tantas coisas que eu gostaria de dizer, tanta denúncia para se fazer, essa seria uma oportunidade de ouro. Mas será que eu posso dizer tudo que eu penso? Quem será que irá ler essa pesquisa? Será que ela vai divulgar entre os professores daqui? E será que o que disser vai valer para todo mundo? Vou esperar alguém falar primeiro.

— Eu gostaria de dizer que desde que eu entrei aqui eu fui muito bem recebida pelos professores. Eles nos incentivam a estudar, a participar de projetos de pesquisas, de grupos de estudos, de eventos. Eu já publiquei artigos em eventos nacionais — disse Fernanda.

Meu Deus, que curso é esse que ela está falando? Eu nunca me senti tão incentivada... alguns professores ajudam, mas não é tudo isso, eu acho. E a minha busca por uma bolsa em qualquer projeto? Acho que é o que eu desconfiava mesmo, não conheço as pessoas certas. Será que eu falo?

— Eu acho que essa acolhida dos professores depende muito do professor e do aluno também. Os professores se interessam em ajudar aqueles alunos que correm atrás, que vão até sua sala para tirar dúvidas, que participam das palestras. Eu vejo assim — respondeu Maria.

Alguém sensato. Nisso eu concordo, depois que eu comecei a frequentar a sala do professor de Cálculo ele me ajuda em todas as disciplinas, praticamente. Acho que vou falar isso. Quando vou abrir a boca, o Diego fala.

— Olha, eu fiquei impressionado com a atenção dos professores assim que eu entrei no curso. O cara é doutor e senta ali do seu lado e explica tudo com a maior calma do mundo. Teve um professor que imprimiu uma apostila e me deu só porque eu fui lá perguntar de um assunto que nem era conteúdo da disciplina. Achei aquilo muito legal. Tem uns que deixam a gente fazer a prova outro dia caso a gente não esteja muito bem. Eu tive muitos problemas de insônia durante um tempo, não conseguia dormir direito, e o professor me ajudou bastante, foi bem compreensivo.

— A gente também teve um contato muito bom com um professor, temos ainda, não é, José? — acrescenta o Marcelo.

— Ah sim! — ele responde.

— O professor que trabalhou uma das disciplinas de Prática se tornou nosso amigo, ele se disponibiliza a nos ajudar no que for preciso, a gente tem cada ideia louca e ele topa tudo. A última é que nós decidimos criar um grupo de estudos e adivinha onde foi nossa primeira reunião? Na casa dele! — É nítida a empolgação de Marcelo.

— É verdade, ele é nosso companheiro — complementa o José.

— Mas eu só sinto isso em relação a ele, pelo menos, eu não conheci outros professores que tivessem essa mesma disponibilidade — conclui Marcelo.

Quem são esses professores? Acho que eu não os conheço! Mas eu vivo por aqui, será que não dei sorte de pegar uma disciplina com eles? Preciso me inteirar dessas coisas, acho que estou perdendo tempo. Mas também, ou você conhece o professor pela disciplina ou não conhece. Qual seria outra oportunidade? Eu converso tanto com o José e ele nunca falou nada disso. Será que a gente não conversa sobre o curso? Sobre o que será que conversamos?

— Muito interessante essas colocações de vocês, acho que o acolhimento deve fazer parte de um processo de formação. Vocês todos já devem ter ouvido falar do poeta Manoel de Barros, não? — pergunta Adriana.

Apenas Marcelo e Fernanda acenam que sim. Eu nunca fui de ler poesia. Os livros que li durante a Educação Básica foram apenas os que eram cobrados na aula de Literatura. Em minha casa os únicos livros que havia eram os livros didáticos, pelo menos não me lembro de outros. Mas isso também não é desculpa, talvez seja só uma forma de entender a minha falta de interesse pela leitura, de modo geral.

— Então, quem não o conhece eu recomendo, vale a pena. Mas o que eu quero dizer é que em um de seus muitos poemas ele fala algo assim, de que se aprende muito mais com pessoas do que com livros. Acho

que essa relação afetiva só tem a contribuir com o aprendizado de vocês. Há pessoas que confundem tudo, que acham que se o professor é afetuoso, então ele não cumpre seu trabalho com seriedade, e sinceramente eu não consigo entender esse tipo de raciocínio. A seriedade docente e a afetividade podem caminhar juntas como já nos disse Paulo Freire, afinal lidamos com pessoas, não é? — Mas e em relação às disciplinas do curso, o que vocês têm a dizer? — Ela já mudou de assunto, que rápido, eu queria ouvir mais sobre esses professores fantasmas.

— Olha, quando eu comecei no curso havia muitas desistências naquela disciplina de Matemática Elementar, o pessoal tinha muita dificuldade. — disse o Diego.

— Depois mudou o nome, agora é Fundamentos de Matemática — acrescentou a Maria.

— Então, mas eu não entendia direito porque o pessoal desistia tanto. Eu nunca tive dificuldades com as disciplinas de Matemática, o meu problema são as pedagógicas, essas sim são muito difíceis! — retornou Diego.

— Eu acho que os professores que dão essas primeiras disciplinas gostam de assustar, acho que um pouco é isso. Agora, depois de um tempo fazendo tantas demonstrações eu olho para aquele conteúdo e vejo que nem era tão difícil. O difícil era a forma com que eles tratavam aquele conteúdo, com uma linguagem totalmente diferente da que a gente era acostumado no colégio. Eu não consigo entender o porquê disso, acho um absurdo! — disse Marcelo.

— Eu também acho que a linguagem do curso é muito difícil e acaba sendo uma barreira para a progressão do aluno aqui dentro. Tem gente que fica preso a algumas disciplinas porque não consegue entender a linguagem matemática — concorda José.

— Eu me lembro que em Cálculo I eu tive muita dificuldade com a linguagem, enquanto eu não me adaptei eu não consegui avançar — consegui fazer uma colocação.

— Não sei vocês, mas eu acho que essas disciplinas que discutem os fundamentos foram muito falhas, acho que a gente precisa correr atrás para recuperar os conteúdos, pois vamos precisar deles para dar aula na escola — diz Fernanda.

— Eu concordo, acho que deveria haver uma relação com o que a gente vai ensinar também, às vezes a gente fica só fazendo cálculos e decorando teoremas e nem lembramos que a escola existe. — Acrescenta José.

— Escola? Existe escola dentro do curso? Eu acho que nunca ouvi nada sobre ela aqui. — Marcelo parece ficar um pouco revoltado com essa situação.

— Nisso eu discordo, Marcelo, eu tive muito contato com a escola por causa dos projetos de extensão e de pesquisa que participo. Mas tirando isso, sou obrigada a concordar que nas disciplinas pouco se fala mesmo — contrapõe Fernanda.

— Mas eu acho que essa relação com a escola ou com os conteúdos da Educação Básica depende muito do professor. Tem professor que faz, tem outros que não — acrescentei meu ponto de vista. — Eu também acho que pouco se fala da escola, acho que vim descobri-la mesmo agora no estágio, mas nas disciplinas de Prática eu já ouvi algumas coisas, então acho que depende um pouco do professor sim.

— Eu penso o seguinte, é muito importante a gente estudar Álgebra, Cálculo, Geometria, Análise, afinal fazemos Matemática, mas o que eu acho que seria o mais importante é estudar as relações entre tudo isso e não ficar só no estudo dos conteúdos, o que vocês acham? — colocou o Marcelo.

— Sabe o que eu acho, Marcelo, essas disciplinas só servem para quem for dar aula aqui na universidade mesmo. Para dar aula na escola elas são muito avançadas, para seguir na pós-graduação elas são muito básicas. Eu estou vendo que terei que estudar muito para conseguir fazer um mestrado em Matemática. Eu vejo assim — disse o Diego.

— Então Diego, o Marcelo falou que a gente tem que estudar essas disciplinas porque fazemos Matemática, mas nós não fazemos Matemática! Nós fazemos um curso de Licenciatura em Matemática; não vamos sair daqui como matemáticos, e sim como professores de Matemática da Educação Básica. Se acontecer o que você falou, de que esse estudo só serve se formos dar aula aqui, onde entra a necessidade de se estudar essas disciplinas e ainda da forma como estudamos, como o Marcelo bem colocou, sem estabelecer relações, apenas o conteúdo pelo conteúdo? — pergunta a Fernanda.

— Bem, eu não sei dizer por que temos que estudá-las. Nós chegamos aqui e elas já estavam nos esperando e como não há essas problematizações que eu estou falando, acho que vamos sair daqui achando que é normal estudar tudo isso, que temos que saber esses conteúdos e pronto. Você tem alguma ideia? — Percebo que o Marcelo devolve a pergunta para a Fernanda. Já que ela tocou nesse assunto deve ter alguma resposta.

— Como eu disse, participo de um grupo de estudos e nós já fizemos algumas leituras nessa direção. Há alguns autores que tratam dessa discussão, da formação Matemática do professor de Matemática e um deles é o Viola dos Santos. Eu acho tudo muito complexo, parece até que esse assunto é um tabu, os matemáticos acham que são conteúdos fundamentais para quem estuda Matemática e os educadores matemáticos tentam argumentar o contrário, mas sem muito sucesso. Não sei, eu acho que os matemáticos têm mais força dentro dos cursos; pelo menos aqui a gente vê que eles são a maioria do corpo docente do nosso Departamento, isso deve influenciar em alguma coisa, não? — explicou a Fernanda.

— Eu acho que sim. E eu também acho que essa seria uma leitura interessante para uma dessas disciplinas pedagógicas, pois é algo que tem relação com a nossa formação, com a nossa profissão. Eu fiquei curioso, você podia me passar alguma referência, vou propor para o pessoal do meu grupo de discutirmos isso em alguma reunião, você até poderia participar, vamos conversar depois — responde o Marcelo.

Engraçado, eu já pensei muito sobre o fato de alguns professores que trabalham essas disciplinas de Matemática não fazerem nenhum tipo de relação com os conteúdos da Educação Básica, como eu acabei comentando, mas eu nunca coloquei em xeque a existência dessas disciplinas no curso e parece que o Marcelo também não. Que louco, será que alguém além da Fernanda pensou isso? Ela disse que discutiu isso no grupo de estudos, mas isso tinha que ser discutido é no curso. Mas também, se os matemáticos são a maioria no nosso curso é óbvio que essa discussão não vai passar nem pelas portas do Departamento. Se eles não tiverem essas disciplinas bem específicas para dar aula, onde eles irão atuar, nas disciplinas pedagógicas? Aí sim que teríamos um problema! Nossa! Nunca pensei nisso também. Se o Bacharel pode dar aula na Licenciatura é porque para formar professor não precisa ser formado como professor? Nossa! Será que é isso mesmo? Preciso voltar para a discussão, acho até que me perdi.

— Marcelo, eu também acho que a gente tinha que ser levado a pensar, isso pra mim é o principal. Tem disciplinas que a gente faz só para passar, decora o conteúdo, faz a prova e acabou, não lembra mais nada depois disso. A gente passa por elas sem que nada nos aconteça, não somos atravessados, apenas a deixamos para trás. A gente precisa discutir, pensar, conversar. As disciplinas tinham que nos fazer repensar os modelos de prática que vivemos enquanto alunos da escola, isso sim seria interessante. Por exemplo, eu acho que as disciplinas de Educação falam uma coisa, as de Matemática falam outra e a gente, se quiser, tenta fazer a junção disso tudo e isso é um grande problema, porque essa junção gera novas discussões, gera outra coisa — desabafa José.

— Quanta coisa importante vocês falaram. Esse último ponto que você tocou, José, sobre essa articulação entre as disciplinas pedagógicas e as disciplinas de Matemática, como isso funciona dentro do curso? — pergunta a Adriana. Ela nem tocou na discussão que eles fizeram sobre as disciplinas de Matemática, por que será?

— Não funciona, professora! Não funciona porque não existe. Isso é um absurdo — responde o José.

— Calma, Zé. A gente também não pode generalizar. Isso depende muito do professor, como eu já disse antes. Tem professor que tem uma sensibilidade maior em relação à Licenciatura, à formação de professores e acaba pensando que nós estamos aqui para nos tornarmos professores. A gente não pode negar isso. Tudo bem que eles são a minoria dentro do curso, mas eles existem. — Tento acalmar os ânimos. O José sempre fica muito irritado com essas situações. Como ele sempre quis ser professor, ele fica revoltado com o modo que essas duas frentes são trabalhadas dentro do curso. Ele sempre acaba batendo boca com alguns professores, mas isso não ajuda em nada, ele só fica queimado no Departamento. Até parece que eu estou defendendo o curso, justo eu que queria denunciar um monte de coisa. Será que eu estou com medo de falar?

— Eu tenho outro ponto de vista José. Quando eu cheguei aqui eu comecei a ouvir um discurso sobre uma escola que eu não conheci enquanto estudante. Eu sempre fui repreendido na escola pelo fato de que eu não gostava de ficar sentado, imóvel e copiar matéria do quadro; eu não precisava disso para aprender, mas os professores não entendiam. Então quando eu cheguei aqui eu ouvia umas histórias de construtivismo e não sei o quê e aquilo foi me dando uma aversão em relação aos professores da Educação. Acabou que eu desisti de falar nessas disciplinas; eu era tido como o pessimista, pois discordava de tudo que os professores falavam. Até os colegas não entendiam o meu ponto de vista. Tinha uma professora que só falava de um tal de D'Ambrosio, era muito chato aqui-

lo. E então eu me aproximei dos professores da Matemática, porque eu já gostava mesmo e esqueci a Pedagogia. Eu tenho levado isso até o limite. Quando percebo que não tem como fugir, sento e estudo, mas é uma tortura. A gente está tendo aula com uma professora em Prática que está me fazendo pensar em algumas coisas. Agora eu comecei a perceber que a situação é complexa mesmo e que não há respostas para tudo. Então eu concordo com a Dri, depende muito da prática do professor. Infelizmente. Eu não quero dar aula na escola, até me sinto um hipócrita por criticar um sistema que eu não quero ir trabalhar lá para tentar mudar. Mas pelo menos agora eu estou começando a entender melhor como funciona tudo isso. — O Diego foi bem sincero em dizer que não quer ir para a escola. Eu também não quero, não gosto nem de me lembrar daquela bagunça, gritaria, ai credo! Mas não sei se teria coragem de dizer isso tão francamente.

— Certo pessoal, Diego, eu não quero ser chata também, mas eu preciso falar só uma coisinha sobre o D'Ambrosio — disse Adriana e todos começaram a rir. — Eu não sei como se deu o seu contato com esse autor, mas recentemente eu li um trabalho, a tese de doutorado de Carlos Roberto Vianna, que traz uma entrevista com o Ubiratan e é fascinante a história de vida dele. Não sei se você sabe, mas ele foi um grande matemático, com uma produção significativa no campo da Matemática. Eu posso te mandar esse trabalho só para você ver essa parte, é muito interessante. — Percebo que o Diego fica meio sem jeito, mas concorda em dar uma olhada. Eu duvido que ele faça isso, vamos ver, depois vou perguntar.

— Eu gostaria de fazer uma observação sobre a prática dos professores — tento formular um raciocínio.

— É claro, Adriana — responde a pesquisadora.

— Eu acho que a forma como os professores trabalham depende muito do currículo das disciplinas. Por exemplo, a gente tem professor

que quando trabalha uma disciplina pedagógica ele faz todo um processo de avaliação diferenciado, observa a evolução do aluno ao longo da disciplina e tudo mais. Quando esse mesmo professor pega uma disciplina de Matemática o seu sistema de avaliação fica restrito a realização de provas escritas. Se você conseguiu nota tudo bem, senão faz a prova optativa e pronto. Eu vivi isso com uma professora que trabalhou Prática e Fundamentos no primeiro ano, por um período ela levou as duas disciplinas e era nítida essa diferença. Então eu acho que o currículo acaba engessando um pouco o professor, ele é cobrado dessa forma da instituição, precisa cumprir a ementa, pois acontece de aluno entrar com processo contra o professor, enfim, tem todas essas situações que a gente tem que pensar.

— Certo, e então pessoal, mais algum ponto que vocês gostariam de colocar sobre o curso?

— Eu só gostaria de acrescentar que é muito difícil conseguir participar de projetos ou conseguir uma bolsa. Quando eu entrei aqui eu queria muito fazer pesquisa, eu tinha uns amigos que desde que entraram na Engenharia já tinham bolsa e eu fiquei um tempão tentando conseguir. Se você não conhece a pessoa certa é quase impossível. Só depois que eu conheci o professor, que hoje é nosso amigo, que eu comecei a descobrir o mapa do tesouro. — Ainda bem que o José disse isso. Eu bem sei o quanto tentei conseguir alguma coisa, até na Física eu andei sapeando. E é o que eu imaginava mesmo, acho que não conheci as pessoas certas.

— Eu também acho isso, a gente aqui só participa de algumas coisas porque a gente se conhece, um indica para o outro, mas quem está chegando acho que é bem difícil — coloca o Marcelo. Mesmo eu conhecendo esse pessoal já é difícil, imagina para os calouros.

— É isso mesmo, a gente sempre está buscando saber das coisas, mas é complicado — acrescenta a Maria.

— Como eu disse, logo que eu cheguei eu comecei a participar de algumas atividades, até consegui uma bolsa, José, mas estou começando a achar que tive sorte mesmo de no primeiro ano já ter contato com essa professora que faz pesquisa. Eu acho que ela não trabalha com muitas disciplinas na Licenciatura, eu vejo que ela dá aulas em outros cursos como Engenharia e Administração. Vai ver que é por isso que poucos alunos a conhecem e acabam não tendo tantas oportunidades. Eu vou perguntar para ela por que ela não dá muitas aulas na Licenciatura, ela faz pesquisa em Educação Matemática e esse já deveria ser um grande motivo para ela atuar na Licenciatura, não é? — indaga Fernanda.

— Olha, Fernanda, eu não sei como funciona aqui na sua instituição, mas posso falar um pouco sobre como essas coisas acontecem na minha — responde a pesquisadora. — Assim como aqui, conforme vocês disseram antes, na minha universidade também há mais matemáticos do que educadores matemáticos no corpo docente do Departamento de Matemática. E esses professores que se intitulam matemáticos, em sua grande maioria, não fazem pesquisa em Matemática. São doutores, mas não desenvolvem pesquisas, talvez porque não haja um programa de pós-graduação nessa área na instituição, mas também não vejo uma movimentação para a criação de um. Sendo assim, eles parecem ver no curso de Licenciatura uma oportunidade para trabalharem a Matemática do matemático, pensando aqui naquela Matemática dos conceitos, das demonstrações e não só a Matemática dos cálculos e aplicações, como se vê, por exemplo, em um curso de Engenharia. Então eu vejo que há uma pressão por parte deles para atuarem no curso de Licenciatura, mas, além disso, também há questões políticas, particularidades do lugar... coisas que nem sempre podem ser ditas...

— Entendi, professora, isso deve existir aqui também, a gente percebe algumas coisas quando começa a se aproximar dos professores, eles não falam muito, mas dá para perceber nas entrelinhas. — Concordo

plenamente com a Fernanda. Eu não sou próxima de nenhum professor, ainda, mas eu já saquei algumas coisas. Espero que essa aproximação aconteça em algum momento!

— Tem uma coisa também, a pesquisa dentro da universidade, ela tem certo glamour. É importante dizer que faz pesquisa. As pessoas já são olhadas de uma forma diferente. Mas isso é independente de qualquer tipo de aprendizagem, é só o fato de ser pesquisador; a gente percebe isso entre os professores e entre os alunos também — disse o José.

Bem que eu já tinha percebido isso. Os professores que fazem pesquisa são pesquisadores e não só professores, eu já vi a Fernanda chamando uma professora de pesquisadora. Será que um é mais importante que o outro? Ser professor não é pesquisar também? Que estranho. E deu para ver na fala da Adriana que não fazer pesquisa parece ser um problema. Será que eu entendi certo?

— Eu só queria reforçar que existe uma rivalidade entre os professores da Matemática e os professores da Educação Matemática. Isso é bem visível dentro do curso. São duas áreas tentando ganhar espaço e cada grupo quer puxar os alunos para o seu lado, o que acaba criando uma rivalidade entre os próprios alunos — disse o Diego.

— É isso mesmo e daí cada um puxa o fogo para a sua sardinha — completa o José.

— Não sei, eu posso até estar enganada, mas eu acho que existe essa competição até entre os professores da mesma área, não sei, pode ser só uma impressão, mas eu percebi isso em uma reunião do estágio. Eu acho que todas as professoras que estavam nessa reunião eram mais da Educação, uma delas eu sei que tinha mestrado em Matemática Pura, mas ela é tão preocupada com a nossa formação enquanto professores que às vezes parece que ela é da Educação, mas as outras eu acho que eram da Educação, porém não paravam de se alfinetar. Vai entender. — Lembro

na hora dessa situação do estágio e acho que foi um bom exemplo. Mas também acho que não dá para rotular o professor só pela sua formação. Essa professora que falei é da Matemática e é mais preocupada com a nossa formação do que uma outra que é da Educação Matemática. Acho que o que manda mesmo é o professor entender que o curso é uma Licenciatura, que o objetivo maior é formar um professor, bem, deveria ser né.

— Mais algum ponto? — pergunta a pesquisadora.

Parece que ela já quer encerrar, será que não gostou do que falamos? Eu estou achando tudo tão interessante que continuaria aqui numa boa. Será que falamos demais?

— Bem, se a gente continuar falando vamos encontrar algo para reclamar — conclui o Marcelo e todos riem.

— Bem, pessoal, então eu acho que é isso. Quero agradecer a participação de vocês e dizer que agora eu farei a transcrição dessa entrevista e enviarei por e-mail. Eu gostaria que vocês fizessem a leitura e me dessem um retorno caso queiram mexer alguma coisa, acrescentar, tirar, qualquer tipo de alteração pode ser feita. Eu também trouxe uma carta de cessão e gostaria que vocês assinassem me autorizando usar o conteúdo de nossa conversa e seus nomes verdadeiros. Mas assinem só se concordarem com isso, por favor. — Todos riem.

— Eu não tenho problema em usar meu nome, eu já briguei com quase todo mundo daqui mesmo — acrescenta o José e continuamos a rir.

O restante do grupo também concorda em usar seus nomes verdadeiros, sinceramente eu não vejo problema algum nisso, principalmente porque eu acho que os professores não têm nenhum interesse em saber o que nós pensamos sobre o nosso curso, logo eles não irão ler um trabalho que fale sobre isso. Posso ficar tranquila. Eu acho. Mas quem será que lê uma pesquisa de doutorado? Os professores já nos deram ar-

tigos para ler, mas nunca olhamos para o texto de uma pesquisa, como deve ser? Acho que vou pesquisar sobre isso, esse ano já quero começar a pensar no meu trabalho de conclusão de curso e ouvi dizer que ele é uma iniciação à pesquisa, então deve ter alguma relação.

Ficamos ali um tempo preenchendo os termos e conversando um pouco. Depois de terminado, desligamos o ar, apagamos as luzes e saímos. Já era noite, nossa conversa durou aproximadamente uma hora e meia. Despedi-me de Adriana, ela continuou me agradecendo pela ajuda, e fui entregar a chave no Departamento. Por sorte ainda havia alguém por lá, se eu fico com essa chave era capaz de ir buscar com o combustível lá em casa.

Voltei para casa muito pensativa. Como foi legal essa conversa, ouvir o que os colegas pensam sobre o curso, o modo como cada um enxerga todo esse processo. Foi muito bom. Pena que passou rápido. Estou louca para chegar em casa, desde as 7 da matina aqui, ninguém merece.

Depois do encontro

Tenho que alimentar o meu caderninho verde — vim pensando sobre isso no caminho para a faculdade — a professora pediu para dar uma olhada e eu não escrevi quase nada. Mas também, quase nada havia para ser dito. Uma observação ou outra, mas todas muito parecidas, pois acabavam sempre falando da indisciplina dos alunos. Talvez eu também pudesse dizer sobre o quanto a escola se afastou de meus projetos, sobre o quanto eu me senti perdida naquele lugar, sozinha em meio à multidão barulhenta de alunos. Mas será que esses sentimentos teriam espaço nessas linhas? Eu poderia perguntar em uma próxima reunião, mas para isso eu teria que me expor. Tenho que pensar melhor. Reformular. Talvez eu pudesse ter falado sobre isso durante a entrevista, mas ninguém falou sobre o estágio; o que será que eles pensam? A Maria e a Fernanda ainda não fizeram, mas os outros sim. Seria interessante essa discussão, ainda mais porque eu e o Diego já vamos começar a dar aula de verdade.

Hoje será o primeiro dia de regência. Desde que abri os olhos não penso em outra coisa. Está tudo bem planejado, eu e a Cris estudamos muito para essa aula. Acho que vai dar certo. Vamos discutir o gráfico da função do primeiro grau no laboratório de informática. A nossa orientadora, que também é a nossa professora de Prática, insistiu para que fizéssemos uma atividade usando o *software gráficatica*. Deu um trabalhão, mas acho que a proposta ficou legal, resta saber o que os alunos vão achar.

Como de costume na hora do intervalo fomos para a cantina, acho que o pastel se tornará uma memória afetiva da faculdade, não pelo gosto, e sim pelo cheiro. O grupo hoje estava reduzido a uma dupla, José e eu. Por que será que a Cris não apareceu? Justo hoje... estranho, ela não é de faltar. Calma! O estágio é só à tarde. Aproveitei para conversar com o Zé sobre a entrevista, essa é a primeira vez que nos vemos depois do encontro, ou melhor, é a primeira vez que sentamos para conversar, a gente até se viu na sala, mas foi só um “oi e tchau”.

— E aí Zé, o que achou do encontro com a pesquisadora? — pergunto.

— Eu achei muito irado a gente sentar e falar sobre o curso. Eu pensei que ela iria colocar as questões, mas não, a gente falou o que acha mesmo, isso que foi legal. Você gostou? — ele me pergunta.

— Bastante. Eu só achei que a gente poderia ter falado mais, por exemplo, hoje vim pensando que a gente não falou nada sobre o estágio, não é? — respondo e já o ataco com outra pergunta.

— É mesmo, não tinha pensado nisso. — Ele parece ficar pensativo.

— A gente também não falou muito sobre algumas coisas. A Fernanda disse que desde que entrou participa de projetos, eu sempre procuro e nunca acho nada, então eu quero ver com ela como conseguir esses contatos. Eu também fiquei pensando que parece que existem vários cursos no mesmo. Cada um tem uma impressão diferente. Isso é muito louco, não? — acrescento.

— Totalmente. Também observei isso. Pensando bem, acho que a gente teria assunto para muitos dias se todo mundo pudesse falar o que pensa de verdade. Ali éramos poucos, se o grupo fosse maior haveria mais discussão, eu acho. — Ele se mostra interessado em discutir mais.

— Então, mas é tão difícil a gente ter contato com os alunos do curso, a gente fica muito limitado a nossa turma ou menos ainda, ao nosso grupinho de estudos. Não há uma movimentação do Centro Acadêmico para isso. Olha só, a Fabiana que está se candidatando ao DCE não apareceu; isso para mim já é um mau sinal. Até o nosso Departamento não agita nada nesse sentido. Parece que não querem que a gente converse muito, por que será? — Começo a pensar muito sobre isso e olha que eu nem gosto muito de discutir, mas a reunião foi tão boa que eu queria repetir. Eu não falei muito, mas escutei bastante.

— Zé, estou tendo uma ideia. Será que a gente conseguiria se reunir para conversar igual a gente fez com a Adriana? Seria muito legal! — me empolgo.

— Ah, não sei não. O pessoal é meio desanimado, você conhece. — Ele começa a tentar me desanimar, mas em vão.

— O Marcelo falou lá na entrevista que vocês criaram um grupo de estudo, não foi? — Começo a formular conjecturas.

— Sim, é bem legal. Tem vezes que a gente se encontra na casa de um colega, aqui na faculdade mesmo. Nós já fomos até para um boteco discutir, foi bem legal — ele sorri.

— Sério? Que massa! E se a gente usasse o grupo para continuar essas discussões, você acha que o Marcelo toparia? — Estou mais empolgada.

— O Marcelo? Ele já topou, se duvidar — começamos a rir. — Ele adora sentar e bater papo, você não tem ideia! Se eu falar isso ele vai dar pulos de alegria.

— Então fala! Você topa? — pergunto.

— Opa. É claro que sim! — ele responde.

Nisso acaba nosso intervalo, tenho que voltar para sala e ele vai embora, ele assiste apenas a primeira aula, que é a disciplina que está pagando.

— Vamos conversar! — Me despeço, mas deixo claro meu interesse em continuar o assunto.

Começa a outra aula e nada da Cris. Estou ficando preocupada, só não sei se com ela ou comigo! Já pensou se eu tiver que dar aula sozinha? Não, não quero nem pensar. Vou concentrar na aula, adoro Geometria, até demonstro axiomas!

Como esse professor é querido. Ele se entrega à aula de tal forma que parece que mergulhou em uma piscina de giz. Ao final da aula está todo desalinhado e pintado de branco; a gente continua sentado, mas com a cabeça a mil: são muitas informações por segundo. Se um dia eu tiver 10% de seus conhecimentos já vou ficar feliz. Parece que ele entende de tudo, esses dias tirou várias dúvidas de Álgebra e Cálculo da turma. Me disseram que ele e a nossa orientadora do estágio têm um livrinho que fala sobre a Matemática nos anos iniciais. Eu acho que nós usamos um pouco lá em Prática I, no primeiro ano, mas nem me lembro direito. Talvez agora ele fosse bastante útil por causa do estágio. Naquele momento eu não vi muito sentido em usá-lo, mas agora a história mudou. Vou procurar alguma coisa nos meus antigos cadernos.

A aula acaba e nada da Cris. Estou indo para o RU quando o celular toca. Olho e é ela. Atendo.

— Oi, Cris, cadê você?!

— Oi, Dri, você não vai acreditar.

— Ai ai ai, o que foi?

— Eu estou super mal, acho que comi alguma coisa estragada, passei mal a noite toda e agora não tenho forças para sair da cama. Não poderei ir ao estágio. Desculpa!

— Poxa, Cris. Que chato! Você foi ao médico?

— Não, mas já liguei para minha mãe e ela me medicou. Acho que amanhã já estarei melhor. Será que não dá para desmarcar a aula?

— Acho que não, foi difícil conseguir essas aulas, se a gente desmarcar a professora vai ficar brava. Eu vou dar um jeito, o plano já está pronto, vou conversar com a nossa orientadora e ver o que ela pode me ajudar. Fica tranquila. Se cuida.

— Tchau.

Era só o que me faltava, no primeiro dia de regência ter que ir sozinha. Antes de ir para escola vou passar na sala da professora, vamos ver se ela me dá uma luz. Termino de chegar no RU, encontro a Fernanda e o Diego e vou me sentar com eles.

— Oi, pessoal, tudo bem? — pergunto.

— Oi, Dri, tudo certo — responde o Diego.

— Oi, Dri — diz a Fernanda.

— Hoje eu tive uma ideia na hora do intervalo. — Já começo a me empolgar.

— Lá vem... — disse o Diego, a animação em pessoa.

— Pode parar, Diego, é uma ideia top! Vocês gostaram de ter participado daquele encontro com a pesquisadora?

— Eu achei bem legal — disse a Fernanda.

— É... tirando que ela quer que eu leia o D'Ambrosio... — responde o Diego.

— Então, conversei com o Zé e a gente pensou de continuar se reunindo para discutir as nossas ideias sobre o curso, ela falou percepções, não é?

— Isso — confirma Fernanda.

— Então, vamos discutir nossas percepções! O Marcelo falou daquele grupo que eles criaram, acho que a gente poderia aproveitar essas reuniões e tentar encaixar. O Zé vai conversar com ele para ver se ele topa. Vocês topariam?

— Eu adoraria! — Já sinto a empolgação da Fernanda.

— E você Diego? Vamos? — tento convencê-lo.

— Tenho que ver, tenho um monte de coisas para estudar dessas disciplinas pedagógicas, um monte de texto para ler, não sei se terei tempo. — Ele já tenta se esquivar.

— Faz um esforço, vai. De repente essas discussões até podem te ajudar nessas disciplinas. — Acho que viajei um pouco, em que essas discussões poderiam ajudar? Será? Preciso convencê-lo.

— Acho que até amanhã o Zé já tem uma resposta, vou aproveitar aquele grupo do Whats para conversarmos sobre isso. Daí por lá os calouros já ficam sabendo também. — Já tento articular tudo. Estou muito animada. Bem que a coordenadora disse que eu iria gostar de participar. Acho que ela já me conhece bem.

Pelo menos me distraí conversando com o pessoal. Agora preciso ir descascar o abacaxi que a Cris me deixou nas mãos. Espero que a professora esteja na sala dela. Chego lá, a porta está aberta e a vejo.

— Oi, professora — digo morrendo de vergonha.

— Oi, Adriana. — Como ela é séria, até parece comigo.

Explico a situação da Cris e a minha. Falo do meu desespero e ela tenta me acalmar.

— Calma! — ela diz.

Sento ao seu lado e repassamos todo o plano de aula, ela tenta me dar algumas dicas dos momentos em que posso explorar a questão do coeficiente angular. Dá algumas sugestões de como eu poderia começar a aula, levantar alguns questionamentos. Ficamos quase uma hora con-

versando, ainda bem que a minha aula na escola era depois do intervalo, senão não daria tempo. Juntei minha papelada e parti. Seja o que Deus quiser e o que os alunos deixarem...

Organizando um novo encontro

No final tudo correu bem. A professora da escola me ajudou bastante, viu que eu estava nervosa e ficou controlando a turma. Não foi o que eu esperava, os alunos não participaram muito, mas foi possível fazer parte do planejado. Eu gosto de dar aula, isso é inegável, o meu problema é o nível escolar. A agitação das crianças me desestabiliza. Por que será? Mas será que antes de ir dar aulas no Ensino Superior eu não deveria começar pela escola? Se no Ensino Superior eu irei formar professores para dar aula na escola, como eu vou ensinar o que eu não sei? Chega me dá um frio na barriga. Bom, pelo menos eu estou fazendo Licenciatura, pois há vários professores no curso que nem isso fizeram. Mas eu também não devo usar a escola só como um trampolim, não é? Seria honesto eu atuar em um lugar que não me sinto à vontade só para dizer que eu estive por lá? Vou fazer da escola um experimento? Será que isso é honesto? O que é menos pior: não viver a escola ou usá-la como um item a mais no meu currículo? Eu preciso discutir isso com alguém. Por falar nisso, vou cutucar o Zé para ver se ele falou com o Marcelo. Olho a hora e vejo que ainda não é muito tarde, dá para mandar um *Whats*.

Oi, Zé, falou com o Marcelo?

Oi, Dri, falei sim.

E aí?

Ele topou. Vamos conversar amanhã na facu. Bj

Oba! Bj.

Acho que agora terei com quem conversar. Tomara! Agora vou dormir, o dia hoje não foi fácil.

Combinei de me encontrar com o José e o Marcelo durante à tarde para pensar na proposta do nosso grupo. A gente discutiu algumas possibilidades e decidimos que o melhor seria pegar um dos temas que foram discutidos na entrevista e tentar aprofundar um pouco, quem sabe até propor um texto para leitura, desde que seja algo relacionado à nossa discussão e não seja muito longo porque a gente não gosta tanto de ler, mas isso já foi mais uma ideia minha. Ali mesmo cada um mandou mensagem para os conhecidos tentando convidar o máximo de pessoas possível. Se a gente convidar uns 15, de repente aparecem uns 8, será que estou otimista demais? Também não dá para encher muito, depois a gente nem consegue discutir, pois vira um tumulto.

— Eu penso que nessa primeira reunião a gente poderia retomar aquela questão da linguagem matemática que o Marcelo apontou. O que vocês acham? — sugeri.

— Fechado — concorda José.

— Por mim tudo bem, acho que dá uma boa discussão — consente Marcelo.

— E onde faremos a reunião? — questiona José.

— Bem lembrado... — penso por um instante. — Acho que a gente poderia se reunir ali na sombra da figueira, o espaço não é dos melhores, mas acho que representa bem o nosso curso, é quase uma tradição a gente sentar ali para conversar. O que acham? — proponho.

— Acho legal. Ficaremos ao ar livre para dar liberdade aos nossos pensamentos! — concorda Marcelo.

— Já está até filosofando Marcelo, vai com calma — alerta José.

Depois de uma semana conseguimos marcar nosso primeiro encontro. A gente até criou um nome para o grupo, o Marcelo quis diferenciar do outro que ele já havia criado com seus colegas: GELIMAT – Grupo de Estudantes da Licenciatura em Matemática. Ainda não sabemos ao certo quem irá aparecer: perdemos o controle da divulgação. Que ótimo! Como eu dei a sugestão do tema, os meninos pediram para que eu comesse a discussão. Se eu tivesse pensado nessa possibilidade não teria proposto nada. Justo eu começar! Minha voz é super baixa, as pessoas sempre reclamam que não estão me ouvindo, se a roda ficar muito grande vão querer que eu fale alto e daí... Calma, vou pensar que esse grupo possa ser um caminho para a superação da minha *jacuzisse*. Acho que vou roubar a ideia da Adriana de pedir para cada um se apresentar e dizer porque escolheu cursar a Licenciatura, assim pelo menos a gente já começa a se conhecer melhor. Nossa, estou muito animada! Como essa pesquisa mexeu comigo.

Marcamos nosso encontro para a tarde do dia 20 de maio, às 16 horas na sombra da figueira. Pensando bem, acho que se der certo a gente poderia fazer uns cartazes de divulgação, e daí a gente colocaria no mural de avisos do bloco; vou propor essa ideia. Será que estou fantasiando demais?

Até a chegada desse encontro eu preciso estudar muita coisa. Agora tenho que estudar a Matemática do curso e a Matemática da escola, pois o que tenho que ensinar nas aulas do estágio eu aprendi quando ainda era aluna na escola. Só que naquele tempo eu aprendi para mim e não para ensinar, agora vejo o quanto essas duas formas de aprender são diferentes. Também tenho dúvidas se naquela época eu aprendi ou se eu só decorei algumas fórmulas. A questão é: preciso estudar! Chega de pensamentos, eles mais me inquietam do que consolam.

O primeiro encontro do GELIMAT

No grupo do *Whats* houve certa movimentação dos alunos, adicionamos outros estudantes que nos deram o contato, tanto calouros como veteranos. Nem todos confirmaram, parece que há certo receio em sentar para conversar sobre o curso. Talvez não saibam o que dizer, talvez pensem que isso é uma perda de tempo, que o importante mesmo é estudar Matemática e ser aprovado. Esse raciocínio seria até compreensível se viesse dos calouros; lembro-me que naquela época a gente só queria era passar de Fundamentos, qualquer discussão que não envolvesse cálculos matemáticos era, praticamente, ignorada. As aulas de Prática e de Estrutura e Funcionamento do Ensino eram empurradas com a barriga: fazíamos o mínimo necessário para a aprovação. Fundamentos que era importante, os bons alunos eram os que sabiam Matemática, esse era o tom do curso. Agora se os veteranos, concluintes, não se interessarem em participar do nosso grupo eu vou ficar preocupada. Do pouco tempo que estou na escola fazendo o estágio já refleti sobre tantas coisas desse curso que poderiam ser repensadas, imagina quem já está há mais de ano frequentando a escola. Se nada aconteceu com esses não sei o que pensar.

Hoje à tarde será o grande dia. Já confirmei com o Zé e o Marcelo de chegarmos um pouquinho antes, quero dizer a eles o que pensei. Hoje não fui à aula pela manhã. Não me sinto mais motivada a, literalmente, assistir a uma aula. Esse papel de expectadora tem me incomodado, nos nossos encontros terapêuticos do estágio, muito temos falado sobre a prática dos professores nas escolas, apontamos que a maioria deles reproduz no quadro o livro didático e que o máximo esperado dos alunos é que eles copiem tudo e em silêncio. Acho que devíamos apontar também que o mesmo acontece aqui e em mais de uma disciplina. Que acontece até nas disciplinas que se encarregam de nos ensinar a ser professor. Mas

e a coragem para isso? Se aqui é assim acho que é até compreensível o que vejo na escola. Se aqui eu não repenso o que vivi enquanto aluna na escola, ou seja, se não discuto modelos de práticas, como esperar que eu fosse chegar lá e fazer diferente? Parece que vamos à escola mais para apontar os erros do que para aprender alguma coisa. Deve ser por isso que os professores são tão resistentes em nos receber, afinal eles já passaram por um lugar como esse aqui, talvez tenham tido a mesma percepção que estou tendo agora. Será que era esse tipo de percepção que a Adriana queria ouvir? Será que ela ouviu algo assim? Ela disse que entrevistou outros alunos em outros lugares.

Chego ao local combinado as 15h30min, de longe já avisto algumas pessoas, não muitas. Será que não teremos sucesso na nossa empreitada? Já fico preocupada.

— Oi, pessoal — cumprimento o grupo que está ali. Vejo apenas dois rostos conhecidos.

— Oi, Dri — responde o Zé.

— Olá, que bom que você chegou, já estávamos achando que seríamos apenas nós dois — responde o Marcelo.

— Mas ainda está cedo! E esse pessoal aí, não veio para a reunião? — pergunto.

— Acho que não, já estavam aqui quando chegamos e não disseram nada de reunião de grupo — explica o Marcelo.

— Pensei que fossem! Enfim, vamos esperar. Então, deixa eu falar o que pensei para a reunião. Vocês viram que a Adriana enviou a transcrição do nosso encontro, né?

— Não vi nada, não — responde o Zé.

— Nem eu — acrescenta o Marcelo.

— Vocês não olham o e-mail, não? Coitada pessoal, ela está esperando a nossa resposta. Lembra que ela pediu para olharmos e vermos se estávamos de acordo com tudo, se queríamos mudar algo... Bem, o que quero dizer é que isso foi ótimo porque eu pude retomar a nossa discussão e ver exatamente o que poderíamos discutir. Eu vi que quando tocamos no ponto da linguagem foi falado do choque inicial no ingresso do curso; o Marcelo até que disse que acha que os professores gostam de assustar. Acho que a gente poderia retomar desse ponto, perguntar como foi o contato inicial com o curso. O que acham?

— Olha, Adriana, eu até concordo, mas acho também que deveria ser um espaço para falarmos o que tivermos vontade, igual fizemos na entrevista. Se a gente direcionar muito e a pessoa não tiver o que falar sobre esse tema exatamente, pode ficar inibida para falar o que deseja. O que acha? — colocou Marcelo

— Bem pensado, Marcelo, eu não tinha imaginado isso. Você tem toda razão. — Eu e minha mania de querer controlar tudo. Ainda bem que ele me chacoalhou.

— Eu acho que a gente pode até tocar nesse assunto, no lance da linguagem, mas como se fosse uma observação e não um ponto a discutir, não sei... — sugeriu o Zé.

— Fechou, pessoal. Vamos abrir a conversa e pedir que falem o que tiverem vontade e pronto. — Finalizo a discussão e nesse momento começam a chegar algumas pessoas.

De rostos conhecidos identifico a Fernanda e a Maria, com elas está um rapaz.

— Olá — diz Maria — eu convidei o Fabrício, ele viria no encontro

com a pesquisadora, mas teve um problema e não pode participar, avisei que teríamos esse e ele topou.

— Olá, Fabrício, seja bem-vindo. — Tento ser gentil.

— Oi, obrigado — ele responde. Maria faz as apresentações para o restante do grupo.

— Boa tarde, esse grupo é o que vai discutir o curso? — pergunta uma menina que parece estar bem animada.

— Sim — responde o Marcelo. Você é a...?

— Eu sou a Gislaine, sou aluna do último ano — ela responde. Engraçado, ela é do último ano e não conhece o Marcelo e o José? Por que será?

— Oi, Fernanda — diz outra menina que acaba de chegar.

— Oi, Larissa, que bom que você veio! — responde a Fernanda. Ela apresenta sua colega ao grupo e eu começo a me animar, já temos três novatos. Olho no relógio e já são 16 horas, acho melhor começarmos, se chegar mais alguém colocamos na roda, sem problemas.

— Pessoal, vamos começar? Já está no horário...

O grupo acena que sim e então começo a falar.

— Então pessoal, como já discutimos pelo *Whats* a ideia é aproveitar esse espaço para discutirmos sobre o nosso curso de Licenciatura, falarmos sobre coisas que talvez nunca tenhamos tido oportunidade de debater. Eu acho que para começarmos vocês que estão participando pela primeira vez poderiam se apresentar, dizer em que ano estão e por que resolveram cursar a Licenciatura, pode ser? — Eles concordam e então começamos.

— Eu sou o Fabrício, tenho 18 anos e estou no primeiro ano. Licenciatura era minha segunda opção, entrei e estou gostando do curso.
— Curto e objetivo, será que ele veio mais para ouvir do que falar?

— Meu nome é Gislaíne e eu tenho 26 anos. Estou no último ano do curso, como eu já disse. Na verdade, já era para eu ter me formado, estou apenas pagando uma disciplina do último ano, fiquei sabendo desse grupo e fiquei curiosa para saber o que seria discutido, como coincidiu de ser um dia em que eu estava por aqui resolvi participar. Eu tenho um monte de coisa para falar, por isso que eu quis vir, nunca teve nenhuma oportunidade como essa enquanto eu era aluna regular, o pessoal era muito desanimado. Eu tentei outras faculdades antes de entrar aqui, mas não tive sucesso e tentei arriscar na Matemática. Por sorte gostei muito do curso, me identifiquei com a ideia de ajudar as pessoas, pois eu vejo o trabalho do professor como algo assim, uma possibilidade de ajudar o outro, ensinar um conteúdo que pode ser um diferencial na vida dele, pois Matemática é um diferencial em quase tudo, qualquer concurso exige Matemática e quem vai bem nisso quase sempre é aprovado. Eu já estou dando aula em duas escolas, uma pública e uma particular, são realidades bem diferentes. — Ela deve ter muita história para contar, uma vez que fez questão de participar mesmo já tendo praticamente terminado o curso. Fiquei curiosa.

— Meu nome é Larissa, tenho 19 anos e estou no primeiro ano do curso. Eu escolhi fazer Licenciatura em Matemática por causa dos meus professores de Matemática da escola. Eu sempre tirei boas notas e então eles começaram a me incentivar; eu também ajudava meus colegas, a gente estudava junto, eu ia para lousa e eles diziam que entendiam tudo quando eu explicava, então achei que eu tinha jeito para ser professora mesmo. Eu estou gostando do curso, mas parece que a Matemática aqui é um pouco diferente daquela que eu gostava lá na escola. A Maria que me chamou, a gente estuda junto. Ela me contou da entrevista da pesquisa e eu fiquei curiosa.

Após as apresentações retomo a fala.

— Bem, pessoal, então a ideia do grupo é falar sobre o curso, colocar como que cada um enxerga esse processo de formação para ser professor, vamos falar...

— Então, como eu disse antes, enquanto eu era aluna não vi nada parecido com isso aqui, o máximo que a gente se dedicava a uma discussão como essa era quando sentávamos para estudar ou então no intervalo das aulas, mas sempre de forma bem corrida. Isso nunca foi o objetivo de uma reunião como está acontecendo aqui. A primeira coisa que eu queria falar é que eu acho que esse curso não forma professor. — Nossa, a Gislaïne é bem direta, chegou e disse.

— Mas por que você diz isso, Gislaïne? — pergunta a Larissa.

— Porque eu vejo que estou aprendendo a ser professora na minha prática. Eu sofri muito quando comecei a dar aulas. A minha impressão é de que eu tive que fazer outro curso quando eu terminei esse aqui para poder dar aula. Eu nem conto essa disciplina que eu estou pagando, ela está muito distante da minha realidade de sala de aula. Para mim é como se eu já tivesse mesmo terminado o curso. Eu não lembrava mais dos conteúdos do Ensino Fundamental e então eu tive que estudar tudo de novo. Além disso, a gente chega à escola e vê que o professor precisa lidar com um monte de coisa além de dar aula. Reunião com os pais, alunos com problemas, coordenação com cobranças, é tudo muito difícil, eu não via a escola com esses olhos, apesar de ter passado boa parte da minha vida frequentando-a diariamente.

— Nossa, agora fiquei com medo — diz a Larissa.

— Eu também — acrescento. Aliás, só aumentou o meu medo.

— Gislaïne, e no período do estágio, vocês não conversavam sobre a escola, sobre essas situações? — pergunto.

— A gente conversava, mas a questão é que naquela época a gente olhava tudo de fora, o período que a gente passava na escola era muito pouco. Primeiro a gente observava, anotava umas informações sobre a escola, a quantidade de alunos, de salas, de laboratório, essas coisas bem distantes da sala de aula. Depois tinha o período de participação e de regência, mas que eram bem poucos e bem diferentes de você assumir uma sala. Na regência o professor estava presente e eram poucas aulas, umas dez, no máximo. Agora você pensa, fazer um curso para ser professor e dar umas vinte aulas durante os quatro anos, isso porque eu já estou contando todo o estágio. Eu acho que o estágio tinha que ser repensado ou talvez o que tenha que ser repensado é essa conversa que temos aqui sobre ele. Ir lá, observar tudo isso e não fazer nenhum tipo de problematização é um desperdício de tempo, dinheiro e energia —desabafa Gislaine.

Parece que o modelo do estágio continua o mesmo, eu já passei por essas três fases e o que eu tenho para falar sobre a escola é basicamente a indisciplina dos alunos.

— Eu concordo plenamente com você, Gislaine — diz o Marcelo e continua — eu também estou fazendo o estágio e acho que é tudo muito distante da realidade, mesmo sendo dentro da escola eu acho que estamos longe do que ela realmente é. Eu já disse para o pessoal que tirando esse período de estágio a gente praticamente não ouve falar da escola no curso. Eu não queria ser professor, a princípio, mas comecei a pensar na ideia e acho que se houvesse um contato com a escola, de forma que a gente vivenciasse mais aquele ambiente, talvez mais pessoas pudessem querer se tornar professores de lá quando se formassem.

— Pessoal, eu me sinto uma alienígena aqui quando ouço vocês falarem isso. Como eu disse na entrevista desde que eu entrei aqui eu participo de projetos que tem ações nas escolas e de fato Marcelo, isso aumentou ainda mais a minha vontade de ser professora, por causa disso que comecei a dar aulas particulares. A gente vai para a escola e realiza

um trabalho de parceria com o professor, sentamos todos juntos: o professor daqui, o professor da escola, nós alunos, e discutimos a nossa proposta de trabalho. A coordenação da escola também nos ajuda no que for preciso. Eu vejo que são poucos alunos da Licenciatura que participam desse projeto, eu vejo mais o pessoal da pós-graduação que são bolsistas. A professora diz que não tem bolsas para todos os alunos da Licenciatura e que por isso não tem muita procura. Eu acho que o nosso curso deve ter uns 80 alunos no total, somando todos os anos, no projeto nós somos em 5, eu reconheço que é bem pouco, acho que eu sou privilegiada mesmo — diz a Fernanda. Que louco, ela conhece até aluno da pós-graduação, eu nem sei direito sobre o que é essa pós-graduação que tem aqui.

— Mas eu acho que se desde o primeiro ano a gente já fosse para a escola ninguém iria querer ser professor — coloca o Fabrício.

— Eu já tive esse mesmo raciocínio, Fabrício. Pensei que eu teria desistido do curso se o estágio fosse ao primeiro ano, mas pelo o que eu estou ouvindo aqui, estou começando a achar que a questão está na forma como nos aproximamos da escola. Talvez se for só para observar a gente se assuste e acabe desistindo mesmo, mas se for para trabalhar com os alunos tal como a Fernanda está dizendo, ou então aproveitar esse estranhamento para fomentar as discussões aqui no curso, não sei, talvez fosse um caminho. Se o professor da escola acreditasse que estamos lá para ajudá-lo e para aprender com ele talvez já conseguíssemos muita coisa, mas eles são resistentes, parece que desconfiam de nossas intenções. — Faço essa observação.

— Eu não acho que eles desconfiem, Dri. Eu acho que eles sabem bem que a nossa intenção é só fazer o estágio e pronto e acho que isso não ajuda em nada o trabalho dele — responde o José.

— Eu sempre procuro saber dos projetos, dos eventos, de outras coisas além das disciplinas. Eu tenho tempo para participar, fico aqui pela

universidade estudando, mas é bem difícil saber. Eu estou gostando daqui por causa disso, estou sabendo de quase tudo agora — pontua Maria e todos começam a rir.

— A gente ri, mas é verdade, pessoal, eu e a Maria sempre estamos procurando o que fazer aqui e sempre somos ignoradas, é muito triste — desabafa a Larissa. Parece que vi a cena: eu e a Cris rodando o corredor do Departamento procurando alguém que quisesse nos orientar, tudo em vão.

Estamos conversando há um tempo quando o Diego chega, eu sabia que ele estava curioso para saber o que iríamos discutir. Ele se acomoda e fica ouvindo nossa conversa.

— Tem outra coisa, eu percebo que a gente chega aqui e o professor quer que a gente tenha uma base, tenho a impressão de que eles se decepcionam ao perceberem que não somos o esperado, o “aluno ideal”. Mas o pior é que a maioria dos alunos é assim, então não sei porque eles ainda têm essa ilusão. Eu acredito que a gente entrou aqui achando que sabia Matemática e quando o curso começou a gente viu que não sabia nada, pelo menos, eu não entendo quase nada do que os professores falam. — Quando o Fabrício fala isso penso na hora na questão da linguagem, olho para o Marcelo e ele me retribui o olhar, acho que pensou a mesma coisa.

— Então, Fabrício, eu acho que isso está ligado à questão da linguagem, a gente tem a impressão de que aqui a Matemática é outra, não? — coloca Marcelo.

— É isso mesmo. É tudo muito diferente, dizem que a gente tem que saber demonstrar porque a gente vai ser professor, tem que saber a Matemática em si. Mas eu não entendo isso porque o meu professor na escola nunca falou em demonstração, então se eu não vou falar porque eu preciso saber? Eu acho tudo muito confuso e penso que essa Matemá-

tica de demonstração que a gente vê em lógica é outra mesmo — completa Fabrício.

— Esse era um ponto que a gente tinha pensado em discutir, Fabrício, a questão da linguagem, porque a gente tem a impressão que a linguagem Matemática utilizada no curso é diferente daquela que nós aprendemos na escola — acrescento.

— Às vezes eu penso assim, que eu tenho que aprender o novo jeito de fazer, eu sempre fazia assim na escola e dava certo. Por exemplo, quando mudava o professor eu ficava prestando atenção no jeito dele, como ele cobrava o assunto, como era a prova dele, aqui eu estou fazendo a mesma coisa. Depois que a gente pega o ritmo, aí fica fácil, é como se eu tivesse aprendido a língua, daí é só falar que dá tudo certo — coloca a Larissa.

Eu fico pensando no porquê de existir essas linguagens tão distintas, da escola e da universidade, se no fundo todos nós falamos é de Matemática e estamos uns a ensinar os outros. Um dia assisti uma palestra na internet, um café filosófico com a Viviane Mosé e ela me disse que um sinal de que uma pessoa é inteligente é quando ela consegue falar de coisas difíceis de um jeito fácil. Será que a Matemática agora ficou tão difícil assim que não dá para falar de outro jeito ou então deveríamos é desconfiar daquilo que achamos ser inteligência? Acho que vou falar mais alguma coisa.

— Não sei, mas parece que tem um pouco da linguagem pela linguagem. O fim não seria aprender um determinado conteúdo e sim aprender a linguagem. Por exemplo, quando faço uma demonstração, parece que o mais importante é saber usar todos aqueles termos: “se... então”, “logo”, do que entender realmente do que se trata o resultado a ser demonstrado. Eu percebo isso claramente quando eu decoro algumas demonstrações. Eu não entendo aquele resultado, mas eu sei “demonstrá-lo”. É muito louco isso tudo. — Tento dividir as minhas angústias.

— Eu cheguei um pouco atrasado, mas peguei essa parte que vocês começaram a falar da linguagem. Eu percebi que todos vocês estão criticando a forma como a linguagem matemática é trabalhada aqui na faculdade e então eu gostaria de colocar uma questão: Como fazer diferente? Alguém tem uma sugestão? — diz o Diego.

Como ele chegou atrasado e havia pessoas novas no grupo aproveitou o momento para fazer as apresentações e na sequência a Gislaine já faz uma colocação.

— Bem, Diego, eu não sei se nós temos uma solução para isso, nem sei também se essa é uma tarefa para nós, uma vez que estamos aqui na condição de aprendizes, mas eu penso que tão importante quanto encontrar uma saída é problematizarmos a situação. Quando paramos para fazer isso aqui já estamos nos dando a oportunidade de pensar ou repensar algumas coisas que antes achávamos que fossem triviais. Como eu já estou trabalhando na escola, eu olho para trás e enxergo o curso que eu vivi com outros olhos. Eu vejo como eu passei por várias disciplinas sem nem me atentar para as discussões que estavam sendo feitas. Eu não digo que tudo que aconteceu aqui foi em vão, de forma alguma, o que eu penso é que a gente é pouco tocado pelo curso no que se refere à formação para ser professor. A gente se concentra tanto em estudar alguns conteúdos, passar de algumas disciplinas que nem percebe o processo que estamos vivendo. Parece que a gente faz todo o caminho de cabeça baixa, sem olhar a paisagem e quando chegamos à escola, levantamos a cabeça e nos damos conta do que aconteceu. Pelo menos é o que estou sentindo agora. — Essa fala da Gislaine me faz pensar que os problemas da escola estão muito além da agitação das crianças, isso deve ser apenas um pequeno detalhe. A questão é que o que eu tenho vivido no estágio me faz perceber apenas a indisciplina dos alunos. Acho que tudo é uma questão de foco. Qual é o foco do meu estágio? Afastar-me ou aproximar-me da escola?

— Então, Gislaine — disse o Zé — Eu entrei aqui porque eu queria ser professor, isso veio antes da Matemática, a minha escolha foi pela Licenciatura, pensa o quanto eu me frustrei com o curso! Quando eu percebi que rolava mais um incentivo para ser matemático do que para ser professor eu fiquei bem revoltado. Eu via que querer ser professor era quase um problema, o importante era estudar Matemática, principalmente se você fosse bom em Matemática! Se não fosse os poucos professores que conheci e me incentivaram a continuar eu teria desistido. A maioria dos docentes são bacharéis e ficam aqui na Licenciatura querendo instituir um bacharelado. Eu não sou contra estudar Matemática, só tenho dúvidas sobre o tempo que dedicamos somente a isso, mas não sou contra, eu gosto de Matemática também. Mas o problema que eu percebo aqui é que se você demonstra interesse em ser professor isso é entendido como uma incompetência em Matemática. Entende? É como se fossem duas coisas excludentes. Ou se é isso ou se é aquilo, só há duas opções. Eu acho que a Licenciatura deveria ser uma bandeira do curso e não apenas de alguns professores, eu vejo assim.

— Exatamente, José — responde a Gislaine. — Eu percebia que havia essa divisão entre os professores, os que eram matemáticos e os que eram educadores, e que isso afetava a relação entre os alunos. Havia o grupo dos que gostavam de Matemática e o grupo dos que queriam ser professores. Era uma rivalidade desnecessária.

— Eu acho que a gente começa a tocar em outro ponto importante: a postura dos professores que atuam no curso em relação à formação de professores. Eu acho que teríamos muito o que discutir a respeito disso. Mas eu também acho outra coisa, por enquanto, já estendemos nossa discussão e são quase 17h30, será que podemos encerrar e continuar outro dia, o que acham? — Será que eu estou querendo cortar o barato do pessoal?

— Eu concordo — diz Marcelo.

O restante do grupo também aceita minha sugestão e todos se despedem deixando claro o interesse em participar de um novo encontro. Parece que o grupo vai vingar. Eu e o Diego fomos juntos para o ponto de ônibus e aproveitamos para conversar sobre a discussão.

— E então, Diego, o que achou? — eu pergunto.

— É... foi legal, mas eu quero te contar outra coisa. Lembra do que a pesquisadora falou do D'Ambrosio? Então, ela me mandou a tese e eu dei uma olhada. Nossa, você não tem ideia do que eu descobri da vida dele. Até mandei um e-mail para ela, olha só o que escrevi, vou abrir aqui no celular, espera aí:

Bom dia

Professora, desculpe a demora para respondê-la, mas é porque estou estagiando e meu horário ficou meio cheio.

Eu li o texto que a senhora enviou, sobre o Ubiratan, achei incrível! Me fez mudar muito a minha visão sobre a Matemática e mostrou também que alguns pontos de vista que eu defendo não são tão novos e nem tão simples. Me apaixonei por ele e já estou partindo para ler seus livros. Então devo dizer que estou muito grato à senhora por me proporcionar essa quebra de paradigma e um novo olhar sobre o sistema educacional. Se por acaso eu publicar alguma coisa na área a senhora será citada com certeza. Obrigado.

— Nossa, Diego, que legal! Agora fiquei curiosa para ler, também não sei muito sobre esse autor, basicamente o nome dele. Mas foi tão revelador assim, a ponto de você escrever pra ela? — questiono.

— Sim, foi muito legal. Não quer dizer que eu vou ser um educador matemático de agora em diante e vou desistir de ser um pesquisador em Matemática, de ir para o IMPA, mas eu acho que ampliou um

pouquinho o olhar que eu tinha. Não sei, me deu vontade de escrever e agradecer e então eu fiz. Acha que fiz mal? — ele responde.

— Acho que não, eu no lugar dela ficaria muito feliz com a sua devolutiva — respondo.

Nesse momento nosso ônibus chega. Continuamos nossa conversa, mas mudamos o assunto. Falamos sobre o que teríamos que estudar para a prova de Cálculo que se aproxima. Não nos deixam esquecer que ainda precisamos estudar muita Matemática se quisermos nos tornar professores.

Eu depois desses encontros

Hoje eu me dei conta de que alguma coisa mudou. Eu sentei para estudar Cálculo e comecei a pensar o porquê de eu estar estudando aquilo. A minha vontade foi de ir lá conversar com o professor, que é praticamente meu amigo, e perguntar sobre aquelas coisas que a gente discutiu no grupo, saber o que ele pensa sobre isso. Mas logo ela passou, a vontade. Ele pode pensar que eu acho desnecessário estudar esses conteúdos e não ser mais tão interessado em me ajudar. Ou não. Talvez ele pudesse me esclarecer um monte de coisa e eu voltaria a ser feliz estudando todas essas técnicas de derivação. Eu devo ser muito influenciável mesmo, bastou uma conversa para eu já ficar em dúvida sobre o que eu penso. Mas é que foi tudo tão intenso, eu cheguei até me mexer na cadeira de tanto incômodo que senti. Doeu na barriga, como um dia ouvi de um professor.

Esses encontros precisam continuar e eu também preciso saber como os outros estão se sentindo em relação a tudo isso. Durante a conversa eles parecem se empolgar, mas e depois? Pode ser que esse desassossego seja só meu e daí não sei se haveria sentido em continuar nos encontrando. Se for para ser só mais uma atividade do curso, acho que não compensa. Ela vai passar e nada vai mudar. Mas estou pensando no que o Diego me contou, sobre ele ter se interessado por aquele autor depois que a pesquisadora falou: acho que é um sinal de que conversando a gente pode se entender. Talvez eu pudesse escrever para ela também e contar que nós fizemos uma reunião depois da sua visita justamente por termos gostado da ideia de discutir sobre as nossas percepções em relação ao curso. Será que isso seria interessante para ela?

A Fernanda falou sobre as leituras que ela tem em relação a nossa formação lá na entrevista e o Marcelo ficou interessado em ler; talvez a gente pudesse fazer isso nesse grupo mesmo, talvez até a Adriana pudesse indicar alguma coisa. Ela enviou aquele texto para o Diego, então ela

deve conhecer muita coisa, afinal ela faz doutorado! Acho que eu vou fazer isso. Vou enviar uma mensagem a ela e é agora.

Olá Professora Adriana

Estou escrevendo por dois motivos.

Primeiro quero dizer que fiz a leitura da transcrição da entrevista e por mim está tudo bem, não quero mexer em nada, mas eu também falei bem pouco, nem sei se ajudei no seu trabalho.

O segundo motivo é que eu gostaria de contar que depois da sua entrevista nós decidimos continuar nos encontrando para prosseguir com as discussões que fizemos naquele dia. Eu gostei muito, apesar de ter falado pouco, e depois fiz a proposta e eles aceitaram. Na semana passada fizemos nosso primeiro encontro, até criamos um nome para o grupo, se chama GELIMAT – grupo de estudantes da Licenciatura em Matemática. Além do grupo que você conheceu, participaram mais três alunos. Não foram muitos, tínhamos convidado muita gente, mas eu acho que já valeu. Conversamos por mais de uma hora e a ideia é continuarmos nos encontrando. No dia da reunião com você a Fernanda falou de uns textos que ela já leu no grupo de estudos que ela participa e o Marcelo ficou curioso de ler e daí eu fiquei pensando se você também não poderia indicar alguma leitura para gente. O que você acha, é possível?

Att.

Adriana.

Amanhã é sábado, vou contar ao pessoal o que eu fiz só na semana que vem, espero que eles concordem. Também vou sugerir da Fernanda indicar o texto que ela falou para gente dar uma olhada; mesmo que não formos discutir eu gostaria de ler. Acho que eu poderia usar essa ideia

para o meu TCC, falar sobre essa Matemática que a gente aprende aqui no curso. Na verdade, eu preciso procurar alguém que queira me orientar, isso sim.

Preciso desligar disso tudo e pensar é no meu estágio. A gente está em um intervalo do período de regência, a professora da escola pediu um tempo com os alunos antes que terminássemos nossas aulas. Estamos aproveitando para fazer os planejamentos, pois ela já nos indicou qual será o conteúdo. Como é difícil planejar! Parece que nunca conseguimos cumprir tudo que pensamos, não sei se o tempo das aulas é muito pouco ou se a energia dos alunos que é demais. Eu não me lembro de a minha turma no tempo de escola ser tão agitada, também a gente não era bombardeado por tantas tecnologias, nem computador tinha na escola, eu acho. Além disso, eu era só uma criança, não pensava em nada disso, era só estudar. Dias atrás no estágio aconteceu uma situação muito legal, encontrei uma ex-professora de Biologia; foi tão emocionante estar ali do lado dela na sala de professores. Ela era uma professora bem diferente, sentava em cima da mesa dela, explicava o conteúdo de forma simples, nem parecia ser difícil, eu até pensei em fazer Biologia por causa dela, mas depois desisti, nem sei dizer o porquê.

Meu celular vibra, olho e não acredito: ela já respondeu em plena sexta-feira à noite!

Olá Adriana

Que grata surpresa a sua mensagem, você nem imagina o quanto fiquei feliz!

Você contribuiu e muito para a minha pesquisa, fique tranquila.

Eu achei ótima a ideia de vocês continuarem a se encontrar, a sua movimentação em propor a realização desses encontros me faz pensar que você viveu a

experiência, tal como os estudos que tenho feito me dizem. Algo aconteceu naquela reunião que você foi tocada. E isso para mim é o maior e melhor resultado que a minha pesquisa poderia ter.

E claro, com certeza eu posso indicar algumas leituras, eu só queria que você me dissesse sobre o que exatamente desejam ler? Como eu disse no encontro, nós temos muita produção na área de formação de professores de Matemática, eu preciso apenas de uma direção para indicar o texto.

Aguardo seu contato.

Um grande abraço..

Então eu vivi a *experiência*? Do que será que ela está falando exatamente? Como devem ser os estudos que ela faz? Difíceis, imagino. Mas eu acho que foi uma experiência bem legal, até me achei importante dando uma entrevista. Agora temos que decidir sobre o texto, mas nem sei se é no plural ou se isso é uma vontade mais minha mesmo. Bem, na segunda-feira eu descubro. Agora vou tentar pensar no final de semana e arranjar algo diferente de estudar para fazer.

Não vejo a hora de chegar o intervalo para conversar com o pessoal. Ainda bem que hoje tem aula de Álgebra e o José está por aqui, assim ele já fica sabendo e pode contar para o Marcelo. A aula está tão tranquila, todos quietos copiando a matéria do quadro como se isso fosse necessário tendo o livro em mãos e um celular com câmera: bastava uma foto e pronto. Mas também fico pensando no professor, ele deve ter aprendido a dar aulas dessa forma, como nós também estamos aprendendo. Se bem que nem dá para dizer que estamos aprendendo isso aqui na faculdade, desde que entramos na escola estamos aprendendo sobre como ser professor. Mesmo que não se siga a carreira docente, quase todo mundo sabe

dizer sobre a atuação do professor: passa o conteúdo no quadro, faz um exemplo, corrige exercícios, chama a atenção dos alunos, aplica prova, corrige prova... pensando assim, parece que todo mundo sabe como ser professor, não? E isso se confirma quando a gente chega aqui e, na maioria das vezes, revemos tudo aquilo que já sabíamos. Eu queria ser engenheira, mas eu não tenho a menor ideia de como é um dia de trabalho de um engenheiro, ele deve ir para a obra, fazer desenhos, mas eu nunca tive contato, isso tudo é só a minha imaginação. Engraçado que a gente idealiza uma profissão sem nem ao menos conhecê-la. E a de professor, que eu tão bem conhecia, não idealizei, mas foi a que me coube.

Nas aulas de Prática ouvimos algumas coisas sobre maneiras diferentes de ensinar e até nos disseram que no estágio deveríamos pensar em algo diferente. Mas eu não entendo muito bem o porquê de os próprios professores que ensinam essas maneiras diferentes de ensinar acabam ensinando-as da forma normal. Um dia uma professora estava falando sobre o construtivismo e o quanto isso era importante para nós aplicarmos na escola, mas daí quando ela foi explicar um conteúdo fez do jeito normal: definição, exemplo e exercício. Vai entender. Tem professor que a gente não pode nem fazer perguntas porque ele não gosta de ser interrompido e ainda diz que nossas dúvidas são ridículas. Tem gente que fica com tanta raiva e vergonha que até desiste da disciplina. Será que eles têm ideia de que isso também é ensinar a ser professor? Ou eles acham que estão ensinando só Matemática mesmo? Como eu queria ter coragem de falar essas coisas para eles, dizer na cara mesmo, mas daí quem aguenta a perseguição? Já ouvi tantas histórias sobre isso, de aluno que foi perseguido por professor só por lutar pelo seu direito de querer aprender. É melhor eu continuar só com meus pensamentos mesmo, não corro riscos, pois afinal preciso me formar. Talvez eu pensar sobre isso já seja um grande movimento, pois eu acho que para muita gente está tudo certo, nada precisa ser revisto. Eu tenho é dó das criancinhas nas escolas.

A gente já percebeu que a nossa supervisora de estágio na escola não gosta de muito enfeite na aula, ela falou desse jeito quando pensamos em fazer uma dinâmica diferente. De imediato ela disse que os alunos não participam, que é uma perda de tempo, mas a gente insistiu e ela aceitou. O resultado foi tão bom que ela nem acreditou que eram os mesmos alunos. Eu concordo que é mais difícil, foi mais trabalhoso ter controle da situação, mas foi produtivo. Eu não digo que faria isso todos os dias, mas de vez em quando seria possível. Ela disse que gostou, espero que a gente possa ter ajudado de alguma forma.

Finalmente a aula acaba e fomos para a cantina.

— Na sexta à noite resolvi enviar uma mensagem para a pesquisadora, falando que a gente criou um grupo — conto meu feito.

— Mas por quê? — pergunta o José.

— Ué, eu achei que ela gostaria de saber, afinal isso só aconteceu porque ela passou por aqui, não foi? — respondo.

— Eu acho que foi uma boa ideia, eu enviei aquela mensagem a ela sobre a leitura que fiz da tese e ela me respondeu dizendo que ficou muito feliz, então acho que iria gostar mesmo de saber dos nossos encontros — acrescenta o Diego.

— Então você leu sobre o D'Ambrosio, Diego? — pergunta o José.

— Li e gostei — enfatiza o Diego.

— Eu também perguntei se ela não poderia nos indicar algumas leituras. Lembram que a Fernanda falou que leu alguma coisa no grupo que ela participa e tal... então, imaginei que ela teria sugestões, o que acham? Mas ela disse que precisamos dizer sobre o que queremos ler — conto toda a história.

— Não sei, você acha que o pessoal gostaria de ler mesmo? A gente vê a reclamação nas disciplinas pedagógicas, eu mesmo sou um dos que mais reclama, então não sei se eu gostaria de ter mais alguma coisa para ler além das leituras obrigatórias. Eu li sobre o D'Ambrosio porque eu fiquei muito curioso mesmo... — Diego já se posiciona de forma contrária. Um balde de água fria, mas até que eu já esperava isso dele, acho que estava fantasiando qualquer outro tipo de reação.

José fica quieto e eu logo cobro um posicionamento dele.

— E você, Zé, o que acha?

— Olha, eu acho legal, ela deve conhecer muitos textos interessantes sobre formação de professores de Matemática, mas eu acho que eu vou concordar com o Diego. A gente já está no final do bimestre, perto de algumas provas, eu acho que seria complicado ter que ler outras coisas além das disciplinas. Eu acho até que isso poderia minar o grupo, ter que ler para discutir não sei se é muito animador. O legal do grupo é poder falar o que pensa... acho que pelo menos por enquanto, que ainda estamos no começo e as pessoas estão se conhecendo não seria legal, talvez mais para frente. É o que eu acho. — Outro banho gelado.

— É, talvez vocês tenham razão, já propor isso agora pode ser precipitado. Então vamos continuar como está, por enquanto, a gente se reúne para conversar. Mas eu acho que em algum momento teremos que ler alguma coisa, eu quero poder falar igual a Fernanda no dia da entrevista “já fizemos algumas leituras e há alguns autores...”, aquilo foi tão inteligente — começamos a rir.

Termina nosso intervalo e eu e Diego voltamos para a sala, esquecemos tudo isso e fomos estudar Geometria.

À tarde em casa resolvo enviar uma mensagem no grupo para agendarmos nosso próximo encontro. Até concordo em não propor lei-

tura, mas não quero deixar a ideia do grupo escapar e no último todos deixaram claro o interesse em continuar. Vou ser bem direta na mensagem.

Olá, pessoal, vms marcar o próximo encontro? Eu pensei para a próxima semana, na quarta, no mesmo horário. Alguém sugere um lugar diferente?

Oi, Dri, por mim tudo bem, pd ser no msm lugar tbm. Bj

Que bom que o Marcelo topou. Depois de um tempo várias pessoas responderam, alguns que eu nem conheço, que foram adicionados no grupo pelo Zé; tomara que dessa vez apareçam mais estudantes, assim teremos mais histórias para ouvir. Novamente o que me resta é esperar, tenho uma semana pela frente e muita coisa para estudar, vou focar nisso, acho que o convite vai boca-a-boca mesmo. Mas agora eu tenho que responder a Adriana, acho que vou pedir um texto nem que seja para eu ler sozinha: eu falar que os meninos não toparam vai ficar feio, embora seja a verdade. E não é mentira que eu vou ler, eu quero muito entender sobre a minha formação. Qualquer coisa eu discuto com ela!

Olá Professora Adriana

Eu conversei com o José e o Diego e eles acham que, por enquanto, propor uma leitura para o grupo pode ser cedo demais, pois ainda estamos nos conhecendo. Pensando melhor eu até concordei com eles, mas eu gostaria de ler alguma coisa, mesmo que seja sozinha. Depois do encontro com você e do outro com os colegas eu tenho me sentido muito incomodada com algumas coisas, por exemplo, sobre os conteúdos matemáticos que temos que estudar no curso. Tudo é tão distante da escola e agora eu fico me perguntando o porquê de estudar tudo isso. Acho que eu gostaria de ler sobre isso, caso você tenha algo para me indicar nesse sentido.

A sensação que eu tenho é que sou outra pessoa. Tenho me perdido, mais do que o costume, em meus pensamentos questionadores.

Eu também fiquei curiosa a respeito do que você falou sobre a experiência, você destacou a palavra, então eu acho que deve ter um significado diferente. Será que eu consigo entender se eu também ler sobre isso?

Obrigada.

Adriana.

Agora vou contar os minutos para a resposta dela. Estou adorando essa rapidez. Eu até poderia mandar um *Whats*, daí eu acho que a resposta seria instantânea, pois ainda tenho o contato dela, mas pode parecer muito íntimo, acho que o e-mail é mais formal. Não sei como ela se relaciona com os seus alunos, normalmente os professores não gostam de muita intimidade, pelo menos aqui é assim.

À noite, na última olhada no e-mail antes de dormir, vejo a mensagem da Adriana. Que alívio, já poderei dormir sabendo a sua resposta.

Olá Adriana

Acho que o Diego e o José talvez tenham razão mesmo, é melhor não assustar o grupo, tentem deixar a ideia da leitura de um texto surgir naturalmente, sem que seja a imposição da vontade de uns sobre os outros. É preciso dar tempo ao tempo, essa frase tem feito todo o sentido para mim nesse período do doutorado.

Mas eu irei atender à sua vontade de leitura, com certeza! Com relação a essa discussão sobre a formação Matemática do professor de Matemática eu posso te indicar um texto de um amigo que trabalhou sobre esse tema em sua tese de doutorado. O nome dele é João Ricardo Viola dos Santos, eu te enviarei a tese e um artigo, faça a leitura que for mais agradável para você. Em ambos os casos penso que seja um bom começo para essa discussão.

Com relação a *experiência*, foi bem observado que eu mudei a grafia. De fato, eu queria dizer algo um pouco diferente daquilo que entendemos pela palavra *experiência* no nosso dia-a-dia. Depois de realizar as entrevistas com os estudantes de diferentes lugares do país, eu tenho estudado muito sobre como eu poderei analisar esse material. Quando eu percebi que essas falas eram repletas de emoções e sentimentos em relação ao curso, aos professores, eu encontrei um caminho quando li sobre a ideia de *experiência* como sendo aquilo que nos toca, que nos acontece e acho que esse seria um modo de pensar sobre o curso de formação inicial para professores de Matemática. Talvez fosse entender esse processo não só como um lugar de passagem, mas um local onde consigamos atribuir um sentido a tudo que nos passa. Eu acho que essa pequena introdução dá uma ideia do que eu quis dizer com a *experiência*, mas eu irei te mandar um texto que fala sobre isso, e é claro que você conseguirá entendê-lo. Acho até que ele fará muito sentido nesse seu momento de inquietação.

Boa leitura! E caso tenha outras dúvidas estou por aqui, sinta-se à vontade para me escrever.

Um abraço.

Eu queria começar a ler esses textos hoje, mas já está muito tarde e amanhã é a tortura diária de levantar cedo. Será que algum dia conseguirei lidar com esse problema? Estou certa que não. Ela disse que entrevistou estudantes de diferentes lugares do país, o que será que eles falam? Será que possuem as mesmas percepções que nós? Seria legal saber o que eles pensam.

Os tremores de uma leitura

E agora, o que eu leio primeiro? Como ainda tenho alguns dias para o encontro do GELIMAT, acho que vou começar pelo texto que fala da *experiência*. Se for chato eu passo para o outro que fala da formação Matemática. Fiquei ainda mais curiosa depois daquela explicação que ela fez por e-mail. Já estou até imaginando que o texto deve ser difícil. Vou fazer anotações durante a leitura, pois caso eu não entenda algumas coisas vou enviar as dúvidas: ela se disponibilizou em me ajudar e nem sempre a gente consegue isso com um professor, é melhor eu aproveitar bem a oportunidade. Estou achando que eu posso ter conhecido a pessoa certa, pena que ela não dá aulas aqui.

Mas vamos lá, eu nunca ouvi falar desse autor, Jorge Larrosa, será que ele é da Educação Matemática? Vou pesquisar no *Google* depois. Achei o título interessante “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, essa experiência deve ser importante mesmo, só no título já aparece duas vezes.

No primeiro parágrafo eu já consegui identificar alguma coisa do meu curso. Ele fala de dois modos de se pensar a Educação: o par ciência/técnica e o par teoria/prática. Eu até posso estar enganada, mas eu acho que a gente tem essas duas situações dentro do curso. Os professores que trabalham as disciplinas de Matemática parecem ser os técnicos, que se preocupam só em trabalhar os conteúdos matemáticos e os professores que trabalham as disciplinas pedagógicas, principalmente aqueles que vêm do Departamento de Educação seriam aqueles que tentam fazer a gente pensar um pouco sobre a prática, refletir... Tudo bem que não dá para separar todos os professores dessa forma, um grupo de técnicos e um grupo de críticos; a gente até falou lá nas reuniões que a forma como as disciplinas são trabalhadas depende muito dos professores, mas eu acho que essa divisão me ajuda a entender, pelo menos eu consigo enxergar es-

ses dois conjuntos dentro do curso, eles não são disjuntos, há intersecções, embora com poucos elementos. Acho que essa comparação com a teoria dos conjuntos me torna um elemento do conjunto dos técnicos, não?

Agora me parece que ele começa a falar sobre o lance da experiência, que seria outro modo de pensar a Educação, agora a partir do par experiência/sentido. Estou começando a entender o que a Adriana disse lá no e-mail, de a gente atribuir um sentido ao que nos passa durante o curso. Ele fala um monte sobre o uso das palavras, o poder das palavras e agora eu fiquei pensando naquilo que a gente discutiu sobre a linguagem matemática. Eu acho que linguagem é algo maior do que só as palavras, na própria linguagem matemática a gente usa mais do que palavras, tem os símbolos e tudo mais. Então eu diria que as palavras estão contidas no conjunto da linguagem, olha o meu raciocínio matemático... esse outro trecho me lembrou de uma situação: “as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras” (LARROSA, 2016, p.18)², têm professores que usam palavras tão difíceis durante a explicação que a gente não entende o conteúdo por causa disso. Um dia eu tive uma aula desse jeito, eram tantos termos desconhecidos que não aproveitei nada da explicação, daí eu fui tirar dúvidas lá com o meu professor de Cálculo, que me ajuda em praticamente todas as disciplinas, e ele me explicou de uma forma tão simples que eu nem acreditei que era a mesma coisa. Então eu acho que não era só uma questão de uso de algumas palavras, parecia que aquilo era quase que um escudo do professor, uma forma de se manter em um lugar distante de nós, como o autor mesmo disse, o uso de uma posição de saber como uma posição de

² A princípio as referências de citações diretas não apareceriam no corpo do texto para que não houvesse uma quebra na linguagem utilizada. No entanto, por uma questão de normas técnicas não foi possível apresentá-las em notas de rodapé.

poder. Será que é isso mesmo ou eu estou viajando completamente? Mas relendo novamente esse trecho, penso que eu poderia substituir “palavra” por “formação” e ainda estaria falando sobre o meu curso, não?

Tem mais um trecho que parece que ele escreveu para mim: “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras” (LARROSA, 2016, p.16). Eu acho que é exatamente isso que eu estou sentido quando eu fico só fazendo cálculos e não consigo nem falar sobre aquilo que eu faço, o que reduz muito a potência dessas linguagens (da matemática e do silêncio) e, com isso, minhas possibilidades de palavrear, mas também de dar sentido! Esses dias o meu marido me perguntou o que era aquilo que eu estava estudando e eu fiquei gaguejando, sem saber explicar do que se tratava exatamente. Que vergonha. Outro dia também ouvi falar de um professor que pediu na prova que os alunos falassem sobre o conceito de derivada com as suas próprias palavras e quase ninguém sabia o que dizer. Eles sabiam calcular derivadas, mas não falar sobre aquilo, isso não tinha a ver com o calcular. Alguns alunos até estavam elogiando a iniciativa do professor, mas não sabiam o que fazer com aquilo. Que louco tudo isso. Eu só quero é saber como dar sentido a isso tudo, ele deve explicar mais para frente, eu ainda estou na segunda página.

Do mesmo jeito que ela falou da experiência ele também fala, ou melhor, ela fala do mesmo jeito que ele: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2016, p.18). Mas ele diz que experiência não é sinônimo de informação e que a informação atrapalha a experiência. Engraçado isso, antes eu diria que uma pessoa é mais experiente quanto mais informada ela for. A questão que ele coloca é que eu posso ter acesso a muita informação, mas pouco disso eu realmente consigo perceber de um modo significativo. Eu acho até que consigo

pensar em um exemplo para isso. Eu lembro muito pouco de tudo que eu estudei na escola, até mesmo nas aulas de Matemática que eu sempre gostei. Eu quase não me lembro do que aconteceu durante os 11 anos que passei na Educação Básica. Se bem que eu nem preciso ir tão longe: se eu pegar o primeiro ano do curso tem disciplinas que eu nem sei dizer o que foi estudado, só se eu pegar o caderno e olhar minhas anotações. Então quer dizer que informação demais é ruim? Se for isso estamos vivendo a era mais propícia a não termos nenhum tipo de experiência, porque com essa internet o que não falta é informação e eu diria que muita gente tem acesso à internet. Será que tudo isso acontece de caso pensado para que a gente não tenha essa tal experiência? Estou começando a achar que isso faz sentido. Se eu tenho a ilusão de que ter bastante informação é sinal de que eu tenho conhecimento, então eu fico mais conformado com a minha situação e não fico pensando muito sobre isso. Isso é um mecanismo de controle! Eu tenho tanta informação que não consigo atribuir um sentido a cada uma delas, então eu não penso sobre o que eu recebo, eu só recebo e recebo e tudo fica bem e nada me acontece. Cara, é isso?!

Agora ele diz que dar opinião também é algo difícil, que pode atrapalhar a experiência. Eu estou querendo saber é o que ajuda a ter essa experiência, isso sim. A gente sempre aprendeu na escola que ter opinião é importante, os professores até cobram da gente, eu via isso como sendo algo importante: ter informação e ter uma opinião sobre essa informação. Então, não é? Acho que o problema está no imediatismo dessas opiniões, nem se pensa sobre o assunto e já se tem uma opinião e como ele disse ou se é a favor ou se é contra. Parece até o povo no curso discutindo sobre Matemática e Educação Matemática, ou se é de um lado ou se é do outro. Não se pensa muito sobre o que significam essas coisas, se ouve falar e já se levanta uma bandeira, sem nem ao menos entender a situação.

Outro problema: a falta de tempo. Nisso eu concordo, principalmente quando penso aqui no curso. A gente não tem tempo para pensar

em nada, as disciplinas passam igual um foguete pelos nossos pensamentos, não temos tempo para amadurecer, quando nos damos conta as provas já chegaram e ponto final. E outra, são vários assuntos ao mesmo tempo, eu acho impossível produzir qualquer coisa tendo que trocar de memória o tempo todo. E ele ainda fala do excesso de trabalho, do quanto somos estimulados a produzir o tempo todo, a nossa obsessão por mudanças, por agir. E é isso mesmo, olha o meu desespero por querer ler esse texto, ter essa informação, produzir uma opinião (essas anotações que estou fazendo!) e não parar para pensar. Mas eu já estava quase convencida de que estou tendo uma experiência por estar tão mexida com tudo isso, será que estou enganada? Estou começando a achar que para que acontecesse uma experiência aqui no curso deveria haver, no máximo, umas três disciplinas durante o ano todo. A gente teria uma quantidade razoável de informação e teríamos tempo para produzir um significado para tudo isso, atribuir um sentido àquilo que está acontecendo e, portanto, essas coisas estariam nos acontecendo.

O que ele fala agora sobre o sujeito da experiência acho que me ajuda a entender se o que estou tendo é uma experiência ou não. Vou tentar ver se eu me encaixo no que ele vai dizer. Ele diz que “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2016, p.18) e ainda acrescenta que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, nada o afeta, a quem nada o ameaça” (LARROSA, 2016, p.26). Eu não só me encaixo como eu me vi nisso tudo e não estou me achando não. Eu acho que estou sempre disposta a conhecer e sempre me deixo ser afetada pelas situações, pelo menos no que se refere às coisas aqui da faculdade; na vida pessoal eu acho que fujo um pouco mais de algumas circunstâncias. Eu tenho essa impressão pelo tanto que me envolvi com essa entrevista e o tanto de coisas que aconteceram depois dela, que me aconteceram. Ele ainda relaciona a palavra experiência à ideia de travessia e perigo por conta do

estudo que ele faz da origem dessa palavra. Agora sim que tudo encaixou, eu acho que estou correndo um grande perigo de enlouquecer! Minha vida era tão tranquila, eu era tão feliz fazendo minhas demonstrações, sem ficar pensando e pensando... mas eu acho que estou conhecendo outro modo de felicidade. Vou continuar lendo.

Lá vem ele complicando tudo de novo. Esse Larrosa gosta de incomodar; estou começando a achar isso. Ele acaba de me dizer que a experiência é uma paixão. Eu nunca fui boa com esse negócio de paixão, perder o controle, se entregar, sofrer... e parece que essa experiência tem a ver com isso tudo. Mas essa paixão seria por quem?

Bom, depois de falar sobre a experiência e o sujeito da experiência ele começa a discutir sobre o saber da experiência que seria diferente dos quais a gente já ouviu dizer: o saber científico e o saber da informação. Esse saber da experiência acontece na relação que se estabelece entre conhecimento e vida, o que pra mim parece sensato pensar porque se a experiência é aquilo que me acontece durante a minha travessia, então esse saber seria o conjunto de conhecimentos que eu vou adquirindo durante a minha vida e isso tem um caráter muito particular, singular, pessoal. Mas não parece ser tão simples: ele coloca que seria preciso pensar de modo diferente a ideia de conhecimento e vida para conseguirmos entender melhor o saber da experiência. O conhecimento tal como o entendemos na nossa atual sociedade, carrega a ideia de algo exterior a nós, do qual nos apropriamos conforme ele nos é oferecido. Por exemplo, devemos conhecer os conteúdos que são trabalhados na escola, o saber científico. E nessa perspectiva ele seria tratado como uma mercadoria, uma moeda de troca. Quanto mais eu conheço, mais eu tenho poder para atingir meus objetivos. E a vida nada mais seria do que a satisfação de necessidades biológicas e sociais e nessa hora ele pega pesado dizendo que a nossa qualidade de vida seria “nada mais que a posse de uma série de cacarecos para uso e desfrute” (LARROSA, 2016, p.31). Essa doeu

na alma, principalmente quando olhei ao meu redor e me dei conta das bobagens que estão sobre minha mesa de estudos, no armário de minha sala, no meu guarda-roupa, enfim em quase todos os lugares da minha casa. Mas a questão é, como pensar diferente disso tudo? Desde criança eu saquei que para ter uma vida melhor do que a que meus pais tinham eu teria que estudar e isso se resumia a adquirir mais e mais conhecimentos, independente de sua utilidade para a minha vida, o que bastava era a sua utilidade imediata, ser aprovada ano a ano e ao final disso tudo a aprovação no vestibular. E essa vida melhor que eu desejava, e desejo ainda, está relacionada, principalmente, à aquisição de bens materiais, um carro, uma casa melhor, viagens... É claro que não é só isso, mas reconheço que isso é bastante importante.

Ele também diz que teríamos que pensar no saber da experiência como as nossas reações àquilo que nos acontece ao longo de nossa vida e ao sentido que atribuímos a essas situações. Acho que isso talvez seja uma forma de se colocar diante da vida, seria passar pelos acontecimentos que, às vezes, já foram projetados para nós, como frequentar a escola, ter um emprego, casar, ter filhos, mas se permitindo que tudo isso deixe marcas em nossa existência. Talvez seja um modo distinto de olhar para essas mesmas coisas, levando em consideração que elas têm um caráter pessoal e intransferível, uma vez que embora a mesma situação seja vivenciada por mais de uma pessoa, o sentido que cada um atribui ao mesmo fato nunca será o mesmo. Quando penso no contexto escolar isso se torna muito claro. O experimento pode ser o mesmo, a mesma escola, a mesma aula, o mesmo conteúdo, mas as experiências serão sempre distintas, produzimos saberes distintos em relação àquilo que vivenciamos juntos. E com isso faz todo o sentido pensar que o saber da experiência tem uma marca existencial, ele acontece ao longo da minha existência como sujeito da experiência, que se entrega, se doa, e vive sua vida. Então aquela paixão que ele fala seria por mim mesmo, pela minha vida. O saber da experiência reflete as marcas do que me permiti viver.

Nossa, eu acho que algo me aconteceu! São 4h30 da matina e eu nem vi a noite passar. Mas antes de deixá-lo aqui, uma última provocação... não me parece que esse Larrosa considera ser possível dizer o que me aconteceu ou não, o que foi ou não experiência. Me parece que, ao chamar a atenção para isso, ele tenta me colocar a pensar sobre o sentido das coisas e, então, à possibilidade de me abrir para experiências... não sei se é isso ou não, mas importa? Foi o que ele me provocou, parece que essa leitura foi feita para esse meu momento. E agora ao final do texto tenho informações sobre esse autor. Ele não é da Educação Matemática, mas eu consigo enxergar muito do que ele falou aqui no meu curso. Ele é doutor em Pedagogia e professor de Filosofia na Universidade de Barcelona. E agora eu quero ir lá para conhecê-lo! A Adriana deve ter outros textos dele, mas eu também posso buscar na internet, agora já tenho um nome para procurar.

Vou escrever para ela e falar o quanto eu gostei da leitura. Também vou aproveitar para perguntar sobre o que os alunos têm falado nas entrevistas.

Olá Professora Adriana

Eu fiz a leitura do texto do Jorge Larrosa, achei muito interessante, fui fazendo várias anotações ao longo do artigo, pois acho que enxerguei nele muita coisa que acontece aqui no curso, pelo menos eu fiz algumas relações. Estou escrevendo para agradecer sua indicação, foi muito bom mesmo. Ele escreve de um jeito muito diferente dos textos que eu costumo ler aqui no curso. Parecia que ele estava conversando comigo, foi até engraçado. Acho até que eu vou procurar mais algum texto dele na internet. O outro texto por enquanto não li, mas quero ler antes da próxima reunião do GELIMAT.

Outra coisa, eu vi que você falou no último e-mail que fez entrevistas com estudantes de cursos de Li-

cenciatura em Matemática de diferentes lugares do país e eu fiquei curiosa para saber o que eles falam. As histórias são parecidas com as nossas?

Abraço

Adriana

Agora eu preciso dormir e já vi que vou ter que faltar a aula hoje. Os primeiros tempos são de Cálculo, mas não tenho condições nenhuma de ir. A adrenalina diminuiu e o sono bateu.

(Re) Conhecendo percepções

Hoje teremos reunião do grupo de estágio no horário do almoço, ou melhor, teremos uma sessão de terapia. Apesar de ser bastante angustiante ouvir mais reclamações do que elogios, penso que esse também tem sido um momento importante para a nossa formação. Além de falarmos sobre as dificuldades que enfrentamos em sala de aula também discutimos sobre nossos planejamentos, então eu o vejo como uma oportunidade de estudarmos os conteúdos de Matemática da Educação básica. Mas eu ainda acho que tínhamos que problematizar mais as nossas impressões, desabafamos mais do que discutimos e não sei se estamos conseguindo perceber a escola de um modo diferente do que já conhecíamos. Se for para voltar para lá e continuar fazendo o que já sabíamos e que estamos revendo agora, não vejo sentido nessa formação e o que eu mais busco agora é sentido (substantivo e verbo) em tudo que eu faço. Acabou essa história de aceitar tudo!

A professora pediu para levarmos o diário de bordo para ela dar uma olhada e estou até com vergonha das minhas anotações. Elas são tão descritivas, parece até que eu não senti nada durante essas aulas. Quando folhee o caderno agora me lembrei do Larrosa, pois não parecia haver marcas naqueles pequenos textos, embora eu sinta o meu corpo tatuado pelo estágio. Será uma barreira em relação a escrita? Só eu sei como foram dias intensos; parece até um detalhe insignificante, mas ter sido chamada de professora, por um aluno, dentro de uma escola foi algo marcante. Parece que naquele momento eu me dei conta da minha responsabilidade.

Antes de sair vou olhar o e-mail e ver se a Adriana respondeu, até ontem à noite não vi nenhuma mensagem dela. Vamos lá.

Bom dia Adriana, tudo bem?

Que bom que você gostou da leitura, fico feliz em poder te apresentar a esse autor. Na internet você

conseguirá outros textos dele, mas caso precise tenho alguns e posso te enviar, sem problemas.

Quanto às outras entrevistas que fiz eu posso lhe enviá-las, pois seu uso já foi autorizado pelos participantes. Só peço que não compartilhe esses arquivos por enquanto, pois ainda não terminei o estudo deles. Eu diria que há muitos pontos comuns, tanto em relação aos elogios como às reclamações. No entanto, cada grupo apresenta suas particularidades, seus modos de lidar com as situações que vivenciam, alguns se deixam tocar pelos acontecimentos, outros parecem ficar imunes ao processo. Mas veja o que você sente ao ler essas narrativas. Podemos até discutir sobre suas observações, o que acha? De repente você me ajuda no trabalho de escuta desses estudantes.

Um abraço

Ainda hoje quero ler uma dessas narrativas. Eu vi que são muitas, sete³! Não posso esquecer que eu tenho um monte de coisas para estudar e me envolver só com essas leituras. Acho que vou começar pela menor, se eu achar sem graça, pelo menos não terei perdido muito tempo. Chego na universidade e já procuro o Diego para conversar.

— Oi, Diego, tudo bem? — Quero contar tudo que aconteceu!

— Oi, Dri, você faltou ontem, o que houve? — ele responde.

— Nem te conto! Aliás, estou louca para contar — respondo toda animada.

³ Para a publicação desse texto no formato digital foi preciso reduzir o número de narrativas que compõe o original. Ao todo foram realizadas onze entrevistas, porém para essa versão foram apresentadas apenas sete delas, visando atender ao número máximo de páginas do livro.

— Lá vem...

— Então, lembra que eu falei que iria pedir uns textos para a pesquisadora?

— Você ficou obcecada por isso, não? Só fala sobre isso! — ele zoa comigo.

— Fiquei mesmo, e daí? Mas deixa de ser chato e presta atenção no que vou contar. Ela me mandou dois textos, um que fala da formação matemática do professor de Matemática e outro que fala sobre experiência. Esse último ela disse que está usando para analisar as entrevistas que fez com os estudantes.

— Sei... — ele continua me irritando.

— Eu resolvi ler esse sobre experiência primeiro, porque ela tinha dito que eu estava tendo uma experiência, e ela destacou essa palavra como se fosse algo diferente. E então eu li, passei praticamente a noite toda lendo o texto, fazendo anotações, relendo, foi muito legal. Ele não fala de Educação Matemática, mas é tudo no contexto educacional, o autor é pedagogo e professor de filosofia — conto uma parte da história.

— Como você consegue passar uma noite lendo um texto? — pergunta ele.

— Você sabe que eu só funciono bem à noite. Quando eu percebi já estava amanhecendo, daí não tinha condições de vir à aula. Mas me deixa terminar de contar. Depois de ler o texto enviei uma mensagem à Adriana para contar que tinha gostado e para perguntar sobre as outras entrevistas que ela fez. Ela mencionou em um dos e-mails e eu fiquei curiosa. Daí ela me respondeu e me enviou as entrevistas, você acredita? — conto tudo com muita empolgação.

— Acredito — ele responde.

— Como você é uma pessoa sem-graça! Eu estou toda animada achando que você vai ficar curioso também e só fala isso? — me irrita.

— Ué, você perguntou se eu acreditava e eu respondi. Você leu as entrevistas? — ele pergunta.

— Ainda não. São sete arquivos! Acho que vou começar pela menor... mas eu acho que saber o que esses outros estudantes dizem pode ser legal para a discussão no nosso grupo. A gente poderia saber se o que acontece aqui também acontece em outros lugares, o que você acha? — tento extrair uma gota de ânimo dessa pessoa.

— É. Talvez. Não sei. De que adiantaria saber o que acontece em outros lugares? A gente mora é aqui — sem nenhuma animação ele responde.

— Para com isso, Diego. É claro que é interessante. Imagina se em todos os lugares que ela visitou os estudantes falarem que o que estudam na faculdade é distante do que eles vão trabalhar na escola, isso deixa de ser um problema pontual de um curso e passa a ser um problema muito maior — eu tento convencê-lo da importância do meu interesse.

— E problema grande é mais importante do que problema pequeno? Para mim tudo é problema — ele é irônico. Ou verdadeiro?

— Como você é uma pessoa difícil. É claro que tudo é problema, mas a questão é que essa regularidade nas falas indica que a situação é mais complexa, que é necessário realizar muitos estudos para discutí-la, pois assim teríamos várias perspectivas e posicionamentos teóricos que abordariam a situação de diferentes maneiras, nos fazendo pensar de modos distintos. Não é o caso pontual de um curso que, sei lá, trocando o livro usado na disciplina de Cálculo tudo será resolvido. Entende a diferença? E conhecer outras realidades pode nos ajudar a pensar na nossa. Saber o que o outro pensa sobre um mesmo assunto, conhecer suas estratégias e seus argumentos pode ser um caminho produtivo. Conhecer

as particularidades, outros pensamentos. Não digo que será a solução porque acho que não se trata disso, não é um problema matemático, embora envolva a Matemática. Eu quero é pensar, Diego, quero viver essa experiência, quero me envolver com a minha formação! Eu pelo menos vejo assim — tento convencê-lo.

A aula começa e a gente para o assunto. Mas bem que eu queria que ele tivesse se entusiasmado e se interessado em ler essas entrevistas. Paciência, cada um é cada um. Depois da reunião do estágio, almoçamos no RU e fui embora para casa, cheguei e já peguei uma das entrevistas para ler.

O encontro na Universidade Estadual do Pará

A Universidade Estadual do Pará foi a primeira instituição com a qual entrei em contato para a realização desse estudo. Quando decidi, juntamente com minha orientadora, realizar esse estudo em diferentes locais do país, ela estava de viagem marcada para Belém para participar de um encontro da REAMEC⁴. Como sua orientanda de doutorado do REAMEC, é professora na Universidade Estadual do Pará (UEPA) e atua no curso de Licenciatura em Matemática consegui contato com a coordenadora do referido curso e recebi resposta afirmativa para realizar a entrevista com alguns acadêmicos do curso.

Durante esse período de organização do encontro, de trocas de e-mails com a coordenadora do curso, sinalizei que a ideia seria reunir acadêmicos ingressantes e concluintes para que eu pudesse discutir tanto as impressões e experiências vivenciadas no curso quanto às expectativas

⁴ Associação em Rede (AR) de Instituições de Ensino Superior da Amazônia Legal Brasileira, intitulada Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática – REAMEC - destinada à formação de pesquisadores na área de Ciências e Matemática. Fonte: <http://www.ufmt.br/ufmt/un/ppgecem>

*Deve ser por isso
que ela comentou
que foi difícil
organizar o grupo*



em relação a ele. Embora possa parecer simples reunir um grupo de estudantes para realizar uma entrevista, essa tarefa se mostrou bastante complexa não só nesse local, como também em outros. Às vésperas do encontro, eu já estava em Belém e ainda tentava organizar o grupo, especificando o perfil dos estudantes e a quantidade de participantes.

*Ainda bem que eu
consegui reunir os
6 estudantes*



No dia 10 de Agosto de 2016, no Campus I da Universidade Estadual do Pará, em Belém, me reuni com três acadêmicas que estão cursando a segunda metade do curso de Licenciatura em Matemática, duas delas do terceiro e uma do último ano do curso. A expectativa era de um grupo de, pelo menos, seis estudantes, mas no final, diante das circunstâncias, a presença das três já foi o suficiente para me deixar bastante aliviada, embora deva dizer que inicialmente fiquei frustrada com a ausência dos outros estudantes que foram convidados. Dei início à nossa conversa com a presença de apenas duas delas: Mayara e Thais. A outra estudante, Desirée, avisou que iria se atrasar, pois estava em uma reunião do grupo de estudos. O local disponibilizado para o encontro foi o Laboratório de Matemática. Uma sala ampla com ar condicionado, carteiras, mesas, cadeiras, lousa, armários e muito mate-

*O que será que ela
falou de nós??*



rial de manipulação, característicos de um Laboratório de Ensino de Matemática. Tanto a coordenadora como as estudantes disseram que o local é pouco utilizado para as atividades do curso.

Três meninas simpáticas e apaixonadas pelo curso. Acredito que essa seja a melhor descrição. Duas delas muito falantes e desinibidas. A preocupação em elogiar o curso era evidente. Suas falas ressaltavam as oportunidades oferecidas pelo curso, em especial, as suas participações em grupos de pesquisa e projetos.

Mas basta de exposição dos fatos, deixo agora que elas mesmas façam suas apresentações e falem sobre suas impressões acerca do curso que vivenciaram até o momento.

Conhecendo as estudantes

Meu nome é **Mayara Grangeiro**, eu estou no terceiro ano do curso de Licenciatura em Matemática. Quando eu prestei vestibular, eu sempre quis Direito, era o sonho da minha vida e até hoje é, só que quando foi o ano do vestibular eu passei em três instituições públicas para Licenciatura em Matemática e eu pensei assim: por que não? Escolhi a UEPA, eu digo que fui abençoada no primeiro ano,

*Parece que estou
ouvindo a
Fernanda falar!*



porque a partir do momento em que eu entrei na Universidade eu comecei a fazer parte de projetos, eu comecei a escrever artigos logo no primeiro ano, fazer parte de seminários e isso foi me fazendo ficar envolvida dentro da Universidade e acabar gostando do curso. Eu não esperava que eu fosse chegar até o terceiro ano e eu fui me envolvendo, envolvendo e quando eu vi, eu já tinha criado amor pelo curso. Eu não quero ser professora, como eu falei no início eu sempre quis fazer Direito, sempre, então eu digo que quando eu terminar, quando eu tiver no último ano eu vou fazer o ENEM⁵ de novo e vou fazer a prova do mestrado e vou colocar nas mãos de Deus, em qual eu passar eu sigo. Mas não tenho nada contra, eu já disse que se eu começar a fazer o mestrado eu não vou parar enquanto eu não fizer o doutorado, porque se eu já estou aqui, se eu já comecei, eu vou levar e se for pra ser eu não tenho nenhum problema. Eu gosto muito de dar aula, gosto muito dos meus alunos, apesar desses conflitos que tem, mas quando chega a terça-feira ou então quando chega as minhas aulas particulares eu digo:

⁵ Exame Nacional do Ensino Médio

*Eu quero fazer
pesquisa!!!*



“Hoje eu vou dar aula”, compro pincel rosa, pincel laranja, sabe aquele tipo de professora que sai com o pincel rosa e todas as meninas ficam olhando? Gosto de conversar com eles, gosto de interagir com eles, não digo que é um plano para mim, ser professora de Matemática, mas se acontecer eu vou ser com muito orgulho porque eu estou me preparando pra isso. Eu estou entre professora de Ensino Fundamental e Ensino Superior, mas se for para ser professora de Ensino Superior eu quero trabalhar com essa parte de História e de Educação. Eu digo que o que me prendeu na UEPA e não me fez desistir foram as pesquisas que eu faço. Ir para esses interiores e pesquisar livros ou então ir para sala de aula e aplicar testes, pegar essas vivências. Eu digo que foi muito importante ter essa experiência de produzir, se não fosse essa produção, toda essa parte de se dedicar a isso talvez eu não estivesse aqui, então o que me prendeu muito foi essa produção, essa porta que a UEPA deixa para gente ir atrás e descobrir mais. Eu gosto, eu vou ser sempre grata por isso.

Meu nome é **Thaís Freitas**, quando eu prestei vestibular pela primeira vez eu tentei para Medicina, que era o sonho da minha mãe. Ela colocou na minha cabeça

*Eu já tava sacando
que esse curso era
diferente mesmo*



*Ué, então lá
começa com
bastante educação
e depois que vem
a matemática?*



que eu tinha que fazer Medicina, só que eu não passei. Então eu fui fazer cursinho e me lembrei de um professor que eu tinha que ele era muito bom em Matemática, ele me incentivava, me dava aquele gosto pela Matemática, então eu acabei seguindo o caminho que ele tinha me passado e cheguei aqui e eu esperava que eu fosse encontrar mais Cálculo do que Educação. Caminhei para o segundo ano e já melhorou um pouquinho, porque eu sou assim metade Educação e metade Cálculo, não sou inteiramente da área de Educação. Melhorou no segundo ano e agora no terceiro ano está ótimo! E eu gosto do meu curso. Eu pretendo fazer o mestrado assim como a Mayara, só que eu pretendo atuar numa área fora da Matemática em que eu possa criar, que eu tenha a liberdade de fazer isso, por exemplo, a Arquitetura que é uma coisa que eu amo demais ou outro curso que eu estou em mente, mas está em Stand-by ainda. Mas se eu passar no mestrado eu sigo, no caso eu quero o doutorado também, mas é uma coisa assim para ter mestrado e doutorado, não para ser professora, é pra pesquisar.

Meu nome é **Desirée**, eu sou concluinte do curso de Matemática e eu optei por Matemática porque eu sempre tive muita

afinidade, muito amor pela disciplina na escola, no Ensino Médio, no Ensino Fundamental. Mesmo que às vezes eu não conseguisse alcançar as melhores notas, mas eu sempre fui muito apaixonada pela Matemática. Eu confesso que eu acho que eu tive a ajuda de professores no Ensino Fundamental que eram muito próximos, que ensinavam mesmo com muito amor a disciplina. Aí eu acabei me apaixonando pela Matemática, desde o Ensino Fundamental sempre foi a minha matéria preferida e no Ensino Superior eu queria fazer algo relacionado à Matemática; isso era uma coisa clara que eu tinha na minha cabeça, eu tenho que fazer algo com números, não quero nada que não seja isso e foi quando eu escolhi o curso de Matemática. Foi uma surpresa muito grande porque pra Matemática tu tens que ler muito, estudar muito todas as coisas e por incrível que pareça quanto mais tu lês, mais tu estudas, mais tu te apaixonas, é uma ligação muito boa, de poder conhecer a fundo mesmo o curso, a História da Matemática, de tudo assim e eu quero ser professora.

Sobre a acolhida do curso

Mayara: A gente brinca na sala desde o primeiro ano que a UEPA é uma mãe. A gente chega aqui e eles acolhem a gen-

*Se todos fossem
assim...*



te. Eu lembro que quando eu estava no terceiro ano os meus professores diziam: “Olha, vocês estão brincando muito! Pensa que a Universidade é assim? É cada um por si!” E quando eu entrei na UEPA, com certeza, o professor faz a sua parte e nós temos que fazer a nossa, mas eles nos acolhem, como? Eles nos incentivam a fazer projeto, a escrever, a estudar, a correr atrás de coisas melhores, a ir à busca de algo mais e sair daquela mesmice de só ele passar o conteúdo, a gente escrever e ir pra casa. Eles sempre relatam as experiências deles, então é uma forma de influenciar, de dizer pra gente assim: “Vocês estão aqui, vocês conseguiram chegar aqui e vocês podem ir muito mais a frente, só isso aqui não precisa ser o suficiente, vocês têm capacidade de ir mais”.

Sobre os grupos de pesquisa, projetos e Estágios

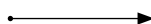
Mayara: Eu participo do grupo de pesquisa que funciona todas as sextas, nós discutimos trabalhos, teses e dissertações publicadas por outros professores que nos interessam. São vários professores conveniados ao grupo, então trabalhamos com diversas áreas, como informática e robótica, nós pegamos trabalhos de modo geral, só que a grande maioria é a parte da

- Educação, inclusive no grupo tem quatro pessoas que participam que são do mestrado daqui da UEPA, tem toda essa discussão do que seguir, onde tentar fazer a prova do mestrado, porque a UEPA, como eu falei, ela dá todo esse aparato pra gente, tanto é que tem o mestrado de Educação aqui na instituição, mas eles também sempre vão divulgando porque eles dizem que a gente tem capacidade de tentar mestrado pra fora, então tem todas essas discussões, eles preparam mesmo pra seguir essa linha de Educação, tem vários grupos dentro da Universidade e é bem livre pra gente participar do qual nós nos encaixarmos melhor. Eu participo só de um, porque a gente comenta que se a gente agarrar tudo não dá certo, inclusive agora no mês de julho eu fui apresentar dois trabalhos no ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) com a professora [REDACTED] Nós discutimos sobre o Teorema de Pitágoras no Ensino Fundamental, Análise de Erros e o outro com foco em História que nós trabalhamos sobre a instrução pública aqui no Pará.
- Thais:** Como a Mayara falou aqui nós temos uma prática profissional de professores de Matemática diferenciada, porque desde o começo a gente já começa a escrever artigos, ou seja, nós começamos a lidar
- Olha isso!* →
- Caraca, que legal!* →
- Totalmente diferenciada!* →

com práticas diferentes, prática de escrever e com o tempo nós vamos adaptando nossa escrita de acordo com aquilo que a gente mais gosta. Geralmente os grupos de pesquisa estão aqui para auxiliar a gente a seguir um caminho melhor no futuro como profissional, e isso é bem importante.

Desirée: Eu acho que o bacana da graduação aqui da UEPA, que eu gostei muito, é exatamente todo esse leque de oportunidades que a gente tem. Nós participamos dos grupos de Educação e dos grupos da área da História. Tem grupos também da Robótica, tem os grupos do professor de Estatística, tem grupos da área do Cálculo mesmo, quem quer ir estudar só Matemática Pura tem a oportunidade pra eles também. E eu sempre achei muito interessante, eu já fui ver uma reunião da Robótica, e não é isso que eu quero para mim. Tinha pessoas que gostavam mesmo e ficava admirando, eu fui uma vez e eu não queria mais voltar lá. Eu sou muito apaixonada pela docência porque meus Estágios, ano passado, graças ao grupo de pesquisa também, a gente teve a oportunidade de participar de um projeto⁶, aprender mais e era muito bom por-

*O Diego iria
adorar esse lugar.
Vou contar pra ele*



⁶ O projeto foi proposto por uma das professoras que também participa do Grupo de estudos e poderia ser contabilizado como o estágio obrigatório.

*Viu, por isso que
eu falei para o
Diego que seria
legal ver o que os
outros pensam*



que a gente tinha autonomia numa sala de aula. Eram alunos que queriam estudar, era uma coisa maravilhosa poder saber que tu estavas ajudando aquelas pessoas, elas estavam confiando em ti, pra ti ajudar, ensinar mesmo o conteúdo pra elas, a Matemática. E o melhor de tudo é tu fazer elas terem um certo interesse pela disciplina, então é uma coisa realmente gratificante. As pessoas sempre falam das condições de professores, que é muito ruim, só que quando a gente pensa esse lado a gente esquece. Na verdade, todo mundo fala que é tudo uma utopia de Universidade e todas as coisas somem quando tu vais para sala de aula, quando vira o teu trabalho, mas eu não sei, a gente ainda está esperando, eu estou fazendo o meu último ano do Estágio e eu gosto bastante. Realmente é uma realidade diferente, mas eu acho que a gente sempre pode fazer a diferença, fazer a nossa parte porque eu já li várias histórias de vários docentes que fizeram a diferença na sala de aula e ajudaram muitos alunos. Agora mesmo eu estava na reunião do grupo de História que eu estou participando agora, e o professor estava falando de um projeto que ele tinha com outro professor que levava alunos da graduação pra ensinar alunos da escola pública que quisessem

*Eu também gosto
de ajudar os que
querem, o meu
medo é de não
conseguir chegar
naqueles que não
querem*



participar. Ele falou que tinha uma aluna que vinha de muito longe só pra conseguir essas aulas com um professor de nível superior porque era uma coisa que ela não tinha e ele falou que esse ano ela ligou pra ele dizendo que ela tinha passado em Medicina na faculdade e foi muito emocionante. Essas histórias que me impulsionam, porque realmente eu não penso em exercer a Matemática como um trabalho, eu penso em exercer como uma maneira de ajudar as pessoas, os alunos realmente que querem, mas não podem ter acesso a esse contato maior com a disciplina.

*Super atual,
eu diria!!!!*



Esse ano, por exemplo, eu estou com outra professora, com a maneira de Estágio antiga, antiga não, a maneira de Estágio atual que tu só ficas olhando o professor falar. Só que tem professores que não deixam tu participar, como é o caso do meu professor da escola. Eu só fico lá do lado dele vendo o que ele está fazendo e ele ainda é um professor como se ele só tivesse dando aula porque ele tem que dar, então ele tem que cumprir o horário dele, porque realmente ele não fala com a turma, ele não tem a mínima relação, acho que ele não sabe o nome de ninguém. Na verdade, ele só sabe o nome dos mais inteligentes, tanto que eu fui no dia em

*Acho que esse é um
lado ruim que se
torna bom. A gente
observa e reflete
para não fazer
igual. Se bem que
eu nem precisaria
ir à escola para
isso, aqui no curso
eu já vejo o que eu
não quer ser*



que ele estava corrigindo prova e ele falou: “esse aqui é bom, esse menino aqui é muito bom”. Ele só fala isso na hora de corrigir a prova, falar mesmo com o aluno eu não via, nem com o bom, não via a mínima relação, ele chegava, dava a aula, passava o conteúdo, exercício e perguntava: “acabaram?” [os alunos]: “Não”... ele ia corrigir e pronto, era assim. Eu estou observando uma coisa que realmente eu não quero ser, eu quero muito conhecer os alunos.

Mayara: É engraçado que tu falas do projeto porque ano passado eram as turmas de segundo e terceiro ano que participavam do projeto, aí tu estavas no terceiro e eu estava no segundo. Pra gente não valeu como Estágio, nós fomos só porque nós fomos voluntários, quando a gente chegou a gente dava aula para o primeiro ano do Ensino Médio e era engraçado que quando eu cheguei em sala os meus alunos ficaram me olhando assim: “É você que vai dar aula?”

A primeira coisa que eles perguntam, sempre: Quantos anos eu tenho! E assim, acho que a primeiro modo eles não conseguem levar a sério que eu vou ser a professora deles, pela idade, pela aparência... a diretora, quando nós chegamos

na escola para nos apresentar, eu bati na porta e falei licença, ela falou assim: “Desculpa, é que eu estou esperando uns estagiários da UEPA, eles vão vir”. Eu olhei pro meu colega e nós rimos, aí ela falou assim: “São vocês?!” Eu falei: “sim senhora”, [e ela]: “Mas vocês são tão novinhos! Professores de Matemática, meu Deus!”

*Acho que eu
teria medo dessa
autonomia*



E foi muito bacana a experiência que eu tive com os meus alunos porque como a Desirêe falou era a aula que nós tínhamos autonomia em sala, nós íamos lá e poderia ter o problema que fosse, problema com prova aqui na UEPA, problema pessoal, mas quando nós chegávamos em sala que acontecia, eu com 19 anos na época e os meus alunos com 16 anos, “tia...” e eu ficava assim, maravilhada por estar ajudando aqueles jovens, eles vinham e me perguntavam: “A senhora tinha problema na sua idade com divisão?” “Eu tinha, mas acontece, não sei o quê...” ou então eles falavam assim: “Tia, a senhora entrou na Universidade com quantos anos?” Eu dizia: “17” [e eles]: “Poxa, tia, eu também queria entrar na Universidade com 17”. Então a gente vai influenciando esses meninos, dando esperança pra eles, eles falavam muito sobre ENEM, que eles tinham que passar na prova do ENEM pra fazer vestibular e

*Foi o que senti
quando ouvi
professora*



o tempo inteiro que eu estava dando aula pra eles que eu estava ensinando eu dizia: “olha vocês tem que se esforçar, comecem desde agora para ter a base”. E era uma autonomia, porque não tinha aquele negócio do professor ficar lá dando aula e a gente ficar só observando, nós íamos pra sala como professores de fato, com diário, com planejamento de aula, com tudo, se desse algum problema nós tínhamos que ser os responsáveis. Desde esse primeiro contato, porque antes eu não tinha esse contato como professora, faz com que a gente perceba o quanto esses jovens precisam da gente e o quanto a gente pode fazer por eles, dá aquela vontade de sempre estudar, sempre aprender mais para poder ajudar. A Desirée falando, ver eles assim, são jovens, são crianças que a gente sabe que tem potencial, que pode, só que às vezes não tem todo esse suporte, que é de certa forma triste você ver que eles querem e que eles podem, mas esse suporte as vezes eles não têm.

Desirée: Tanto que o projeto não era obrigatório, a escola não obrigava, não valia ponto, não valia nada, então só iam os alunos que realmente tinham interesse em aprender mais e realmente aprender mais é bacana. Esse projeto foi muito bom pra nossa docência... nossa gradua-

ção, porque a gente via o como eles chegavam realmente no Ensino Médio, sem saber as vezes o básico, sem saber as vezes multiplicar, eu tinha um aluno que não sabia multiplicar. A gente precisava de multiplicação e a gente falava: “Então vamos multiplicar, quanto é 3 vezes 3” e ele falava: “Seis”, eu falava: “Não, vamos 3 vezes o 3” aí ele falava: “seis”. Ele tinha certeza que era 6, eu ia explicar, fazia a soma devagar para ver se ele conseguia entender, mas isso era uma coisa que entristecia muito quando a gente ia pra sala de aula ver ser esses alunos.

Thais: Mas o melhor do projeto nesse sentido era perceber a dificuldade dos alunos e como professor tentar perceber isso e tentar sanar a dificuldade.

Desirée: E a gente também tinha uma relação mais próxima né, como eram alunos que queriam ir e era uma quantidade menor de alunos, só tinham dez alunos, então era uma coisa mais próxima.

*Assim deve ser
diferente mesmo.
Eu sabendo disso
posso até propor
para a nossa
professora do
estágio*

*Antes eu não tinha
nem ideia do que
fazer para ser
diferente*

Mayara: Antes de a gente ir pra sala de aula teve capacitações, nós aprendemos porque tem um livro do projeto, então nós tínhamos que saber como lidar com esse livro, a ensinar e tudo mais e sempre quando a gente colocava em pauta nas capacitações: “e se acontecer isso?” Tinha

*Olha que louco,
então se a Adriana
entrevistasse esses
outros estudantes
eles iriam dizer
isso pra ela! Então
não dá para pensar
no curso só pelo
ponto de vista de
um estudante, mas
quando ela vai
falar com os alunos
ela está interessada
NO CURSO ou
naquele curso que
esse aluno vivencia?
O que ele fala é
sobre o que ele
viveu e mesmo que
outros vivam, o
mesmo nunca vai
ser igual, olha o
Larrosa*

um professor que sempre ressaltava alguma coisa e quando nós fomos pra sala e tinha esses pontos assim, nós vínhamos e conversávamos com os nossos professores que estavam à frente, aí rolava essa troca de ideias entre a gente mesmo.

Desirée: E também na reunião final a gente ouviu várias experiências, ruins e boas também. Eu só abria a boca para falar coisas boas: “os meus alunos são maravilhosos, eu amo...” Todo mundo olhava assim pra mim... Metade da minha turma ficava com a professora [REDACTED] que era do meu Estágio e a outra metade ficava com um outro professor, aí eu chegava pra outra metade e falava: “ai gente, amanhã é o Estágio!” Aí eles falavam: “é horrível esse negócio! Pior coisa, ninguém quer nada, eu não quero ser professor, ninguém quer nada com nada” eu falava: “Mas como é o Estágio?” [eles] “a gente não faz nada, aqueles alunos, a sala inteira, só um quer estudar” eu falava: “então eu estou vivendo uma utopia porque os meus alunos são maravilhosos (risos)”.

Mayara: Agora no terceiro ano nós estamos dando aula no Colégio Ulysses Guimarães, como são muitos alunos, às vezes não tem como distribuir turma para todos, o que o professor fez? Tem

alunos que estão no Ensino Fundamental, mas tem outros que estão no Ensino Médio, no meu caso eu não estou acompanhando nenhum professor, eu estou dando aula no colégio, só que eu estou dando aula num projeto chamado Mundi A, é como se fosse o EJA⁷. Eu dou aula pra pessoas mais velhas e assim, eu pensei que eu fosse ter contato com o Ensino Fundamental e foi bem impactante tanto pra mim quanto pra eles. São alunos mais velhos do que eu, que sabem que são mais velhos do que eu e tem todo aquele problema, por eu ser mulher, por eu ser jovem, então eu tenho que tomar cuidado com tudo isso. Nós temos na Universidade a disciplina de Educação Especial e eu já percebi que no mínimo eu tenho três alunos com dislexia e quando eu vou preparar a aula, eu vou montar meu plano de aula eu penso em tudo isso porque tem os disléxicos, tem os hiperativos, tem aqueles que não querem saber de nada, que não saem do celular, tem aqueles que são os mais valentões, eu tenho esses quatro tipos de alunos na minha sala de aula, são dezessete alunos, na verdade são vinte, mas só que até agora foram dezessete. Então eu me preocupo

⁷ Educação de Jovens e Adultos

com tudo isso, como eu vou me portar na sala, como eu vou me vestir, o que eu vou levar pra sala de aula, como é que eu vou explicar, como eu vou chamar a atenção porque eles me veem assim: “é tão novinha!” E eu não tenho toda essa experiência em sala de aula, então tem tudo isso, quando eu fui pro Estágio, porque no terceiro ano é pra ser no Ensino Fundamental e no quarto é pra ser no Ensino Médio e quando eu me deparei com aquelas pessoas eu falei assim: “é agora!”. Me preparei e fui pra sala de aula, eu até estava comentando com os meninos que ontem no meu Estágio de terça feira, aconteceu uma situação que eu nunca pensei que eu ia passar. Um aluno meu pediu para sair de sala e eu deixei, ele pediu para ir ao banheiro, só que esse aluno quando ele pede para ir ao banheiro antes do intervalo ele só volta quando termina a aula para pegar as coisas dele. Para minha surpresa ele voltou pra sala e eu faço questão de lembrar dos nomes deles para eles se sentirem valorizados e eu gosto de chamar eles pro quadro pra ter essa interação, aí eu lembro que ele chegou na porta e eu falei: “não senta, não, fulano, que eu tenho um presente pra ti”, ele me olhou: “o quê, professora?” Tinha um colega dele no quadro ainda aí ele saiu e

*Caraca, que
situação!*



eu falei: “responde tal questão”, eu estava dando aula de coordenadas pra eles, aí ele pegou o meu pincel que eu tinha dado pra ele, olhou pro quadro, pegou o pincel e fez assim (ela faz o gesto de estar assooprando uma fumaça pela boca) “eu estou sem condições de resolver isso professora”. Ele tinha saído de sala pra fumar maconha e quando ele voltou ele fez isso na minha frente, eu nunca tive essa experiência, eu estou no terceiro ano da graduação, o que eu pensei? Eu respirei fundo e falei assim: “senta fulano, senta!” E ele foi sentar, eu não podia debater com ele, eu não podia fazer nada, porque eu não sei como ele é fora de sala, então deixei ele sentado, dei aula pra todo mundo, todo mundo já conhecia o jeito dele. No final da aula ele me pediu pra sair mais cedo e eu não posso liberar, ele teve que ficar lá até o final, então ele ficou toda hora reclamando, quando eu liberei a turma eu fui lá na direção e expliquei a situação que estava acontecendo. Mas assim, como eu falei anteriormente, são coisas que eu não estava preparada. Eu fui preparada para dar aulas pra crianças e me deparo com isso, não estou reclamando, eu tenho uma liberdade muito grande no projeto porque ao invés de eu estar acompanhando um professor eu sou a professora. Eu

fico sozinha na turma com eles, a priori eu fiquei nervosa porque são alunos mais velhos, são alunos de outras vivências, existem as piadinhas, as gracinhas, então eu ainda estou aprendendo como lidar com tudo isso sem desrespeitá-los e sem me desrespeitar também, é tudo diferente, então quando as meninas entram (as outras estagiárias) eu me sinto mais confortável porque eu penso “eu não estou só”. Eu creio que no final do ano, quando terminar a carga horária do Estágio, que voltamos para sala e conversaremos sobre isso, porque antes de nós irmos para sala teve toda uma preparação, teve as microaulas, teve as conversas, mas até agora nós ainda não tivemos esse retorno para a sala de aula aqui da Universidade para conversar.

Desirée: Eu só queria falar sobre essa experiência de Ensino Fundamental que eu tive essa oportunidade de lidar, estar em sala de aula do Ensino Fundamental também com as outras disciplinas pedagógicas, com a professora [REDACTED] e com a professora [REDACTED] que não eram professoras de Estágio, mas elas passavam algum trabalho de pesquisa que a gente tinha que fazer e procurar alguma escola de nível fundamental pra gente ir aplicar o nosso projeto, elas davam a carta

É exatamente o que eu penso. A gente vai ser professor e não matemático. E nem se estudar só matemática vai ser matemático porque o curso é licenciatura e não bacharelado. Será que é tão difícil assim entender isso?

Já estou começando a ficar com medo do próximo estágio, se no fundamental eu já estou assim, imagina no médio.

pedindo autorização para a gente poder entrar e até nisso, por exemplo, eu não tive oportunidade no Estágio, mas eu tive com essas outras professoras, justamente por causa dessa perspectiva de pesquisar, de nos tornar não só professores de Matemática, mas pesquisadores de Matemática. É essa a preocupação delas, de nos formar. E realmente é diferente, o aluno do nível médio, da escola pública, ele realmente não tá nem aí, ele não presta atenção, agora no nível fundamental tu vês muito mais alunos que querem estudar, mesmo na escola pública, tu vês muito mais alunos que estão interessados, tem aquele repetente, que é o mais velho, mas tu sabes que se tu deres algum conselho para aquele aluno do Ensino Fundamental talvez ele te escute, agora do nível médio, ele não vai te escutar, vai te ignorar. Na minha sala durante o Estágio eu vi um menino praticando bullying contra uma menina e eu fiquei... “o professor não fez nada”, e era uma menina do nível médio, sabe? a menina levantou e o menino começou a gritar: “esquisita, credo” começou a falar, humilhar a menina, ela levantou pra pegar a prova dela, aí ele começou e o professor não falou nada e eu não podia falar nada, não falei nada e eu fiquei muito mal, principalmente por-

que eu não pude falar nada, dizer nada, de ver aquela situação.

Sobre as disciplinas

Desirée: Então, a gente tem todas essas oportunidades e isso me deixa muito satisfeita com minha graduação, é exatamente todas essas oportunidades de ir pra todos os lugares e eu fico muito feliz de ter escolhido a UEPA, porque tem a Federal [UFPA]⁸, tem o IFPA⁹, tem as Instituições particulares. Eu tenho amigos que saíram da minha sala e foram pra Federal, por exemplo, eles falam que lá eles têm aula, que lá é muito mais Matemática que aqui, que lá é muito melhor, porque eles preferiram esse viés, mas quando a gente vai perguntar das disciplinas pedagógicas: “Não tem o professor de tal disciplina”. E como é que esse professor vai chegar na escola? Porque nós somos professores, nós não somos simplesmente matemáticos, somos professores de Matemática e que pra mim é o mais importante. Por que eu gostei de Matemática? Porque eu tive um professor de Matemática! Porque eu tinha uma

⁸ Universidade Federal do Pará

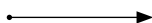
⁹ Instituto Federal do Pará

professora que sabia me ensinar, que sabia fazer esse conhecimento chegar até mim, que me exigia sim, que exigia que a turma fosse boa, mas que tinha uma maneira de ensinar que eu conseguia entender e a turma conseguia aprender. Porque não era uma coisa só comigo que gostava de Matemática, uma coisa com a turma inteira, então a turma tinha dificuldade, porque Matemática sempre tem dificuldade, mas era uma turma que conseguia aprender as coisas, até hoje eu sei que tudo começou na nossa base Matemática no Ensino Fundamental e um professor que não sabe ensinar é muito complicado. Eu quero saber ensinar, eu tenho muito essa preocupação. Como eu estou saindo agora da Universidade com essa preocupação, eu tenho que saber passar o conhecimento, não adianta eu ter e não saber transmitir ele para os meus alunos. É uma preocupação que eu vejo mais forte aqui, que eu vejo muito forte na UEPA, até os professores de Cálculo, professores da Matemática Pura, eles têm essa didática, uma coisa muito boa isso porque a gente não vê professores impessoais. Por exemplo, a professora de Teoria dos Números, ela passa o exercício no quadro, aí ela fica lá corrigindo, fazendo o exercício dela e esperando que a gente vá tirar dúvidas, mas se ela olhar

*Eu estou achando
que lá a maioria
dos professores
é da educação
matemática. A
gente falou disso,
de um grupo ter
mais força do
que o outro. Aqui
a situação é ao
contrário*



*Exatamente o que
eu disse lá atrás!!!!*



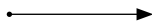
e ver alguém conversando ela fala: “Por que tu não estás fazendo o exercício?” uma professora de nível superior se preocupando! “Por que tu estás mexendo no seu celular?” E ela não está nem passando nada, ela só está resolvendo lá na mesa dela, mas ela está de olho, sempre prestando atenção se a turma está se esforçando. Isso é uma coisa que me encanta muito em todos os professores, o professor de Álgebra também, na aula agora todo mundo vai para o quadro, quem não for pro quadro não tem como tirar dúvida. Os meus professores de Álgebra sempre foram muito bons, as matérias de Matemática Pura também são beneficiadas por essa linha de pesquisa da Educação, por essa linha da UEPA que eu acho que é muito forte aqui, a Educação Matemática. Eu só tive um professor que era muito purista, inclusive a turma inteira tinha muita dificuldade porque ele nem escrevia no quadro, ele passava no slide, o livro e nem falava nada, ele só lia e a gente tinha que saber. A gente perguntava e ele falava assim: “Não, vão procurar saber!”. Ele sempre falava assim e ele não respondia as perguntas, ele passava prova e não tinha a mínima preocupação. Era uma disciplina bem ruim, esse curso todo mundo passou empurrando a barriga mesmo, foi muito difícil e a gente vê

*Bem que a Adriana
disse lá no começo
que elas eram
apaixonadas
pelo curso, mas
também... assim até
eu. Se bem que pra
quem quer estudar
só matemática deve
ser um porre esse
curso*



essa diferença de um Professor para um Educador Matemático. Aqui a gente vê o que a gente quer ser e o que a gente não quer ser! Acho que isso é muito importante, tanto que eu só tive um professor assim na UEPA. Eu acho interessante frisar essa preocupação que a UEPA tem em formar professores, em formar pessoas que saibam ensinar, eu acho que isso é o ponto mais importante. Realmente é o que mais me atrai na UEPA, é o ponto que mais me encanta e pra mim é o ponto crucial dessa graduação que prepara pessoas para ensinar Matemática, não simplesmente que saibam Matemática, até o aluno que tem menos desenvoltura vai saber como passar, eu tenho um amigo que a evolução dele foi incrível ao longo do ano, eu me lembro de que a gente fazia os trabalhos da Jucá, porque ela foi a primeira professora que começou a fazer a gente fazer seminários, fazer resenha, e eu me lembro de que ele até reprovou na matéria dela porque realmente ele tinha muita dificuldade, ele não conseguia falar direito, e hoje eu vejo o crescimento dele. Ontem a gente apresentou um trabalho lá na turma e vejo que ele tem aquele jeito dele mais parado, mais tímido, mas ele fala, ele consegue desenvolver, ele consegue concluir bem, coisas que realmente ele não conseguia antes, é um crescimen-

*Olha o nome
dessa disciplina!
Estou passada.*



to que eu vejo muito forte, ele é um aluno mais velho e era muito tímido, ver esse tipo de crescimento eu acho muito bacana e também nossa professora de Comunicação na Docência, no primeiro ano, é muito bacana essa matéria e a professora falava: “não, vamos lá!” Nos incentivava a falar e a tentar, foi muito importante. Tem outros professores das disciplinas pedagógicas, que por mais que os nossos amigos puristas falem: “não, isso não serve pra nada na minha vida, por que eu vou falar isso? por que eu vou falar de filósofo?” Mas é graças a essa disciplina que ele vai saber falar da Matemática, vai saber ensinar a Função, vai saber falar de Logaritmo, porque todo mundo na minha sala fala bem, tem uns, claro, que sempre se destacam na desenvoltura, no jeito de falar, mas todos vão sair sabendo ensinar realmente e eu acho que isso é devido ao preparo da universidade, sem dúvida, porque eu acompanhei alguns amigos meus e não tem nenhum aluno ali da minha sala que vai sair falando que o curso da outra universidade é melhor do que esse, porque realmente foi um curso que nos preparou, claro que teve suas falhas sim, teve essas falhas com algumas disciplinas, com alguns professores, mas se a gente for botar no geral todos vamos sair capacitados, mesmo que seja ten-

*Mas pelo que eu
estou vendo parece
que elas nem
deixaram marcas*



do que estudar o Logaritmo pra ensinar direitinho, mas tu já vais pensar numa maneira de ensinar, a gente tem essa possibilidade de ter essas várias maneiras de ensinar porque eu faço muito isso nas minhas aulas particulares, eu vejo que na minha cabeça tem várias coisas, várias ideias de tentar ensinar aquela aluna, de tentar fazer com que ela aprenda então eu acho que isso vai ser muito bom quando eu for trabalhar como professora, porque daí eu vou poder olhar para a minha turma e vou dizer assim: “Não, não está bom esse meu método”. Então é um processo de auto avaliação mesmo e de avaliação do meu trabalho, eu acho que tudo isso foi graças a essa graduação, todo esse processo de autoanálise e não só, eu acho que não só pro trabalho, mas também pra nossa vida mesmo, a gente consegue levar esse processo de avaliação, de auto avaliação nas nossas relações, na nossa família, a gente consegue abrir a nossa cabeça pra pensar na situação em geral e não só em mim, mas conseguir olhar o todo, não só o todo da sala de aula, não só o todo da escola, não só o todo do aluno, mas o todo das nossas relações pessoais também, algumas disciplinas foram essenciais e são, principalmente pra mim, eu uso muito o meu exemplo com as minhas relações, eu já aprendi a ser mais

tranquila também porque isso é muito importante. A gente tem que saber a Matemática do básico, as várias Matemáticas e eu acho que eu vou ter que estudar muito ainda, realmente tem coisas que estão muito superficiais na minha cabeça, e sempre foi muito complicado essa nossa disciplina de ser a disciplina básica, os fundamentos, foi assim, a pior disciplina que a gente teve, o professor fazia doutorado e acabava prejudicando as nossas aulas. Então muitas coisas a gente teve que fazer por fazer, entregando trabalho de Logaritmo, aprendendo a resolver todo o tipo de questão de Logaritmo porque ele realmente não tinha tempo porque ele tinha que viajar.

Mayara: Também fizemos com o mesmo professor. Inclusive acompanhando o professor que dá Fundamentos I na monitoria eu fico olhando e ele diz: “Tu aprendeste isso, Mayara?” [eu respondo] “Eu não tive isso, professor”, ele fala: “Mas como você não viu isso em Fundamentos”, eu falo: “se eu vi, eu realmente não me lembro, mas eu tenho certeza que eu não vi”. Esse professor, ele fazia doutorado em São Paulo e ele viajava muito pra lá e deixava na mão do monitor dele, então foi bem difícil e quando foi pra Fundamentos II, foi a mesma coisa, aquela parte

O problema é que a gente teve um ensino médio bem fraco, como é o meu caso. Aí tem que correr atrás ainda mais



da Trigonometria, eles [os alunos da monitoria] dizem: “Mayara, tu me explicas Trigonometria?”, eu disse: “deixa eu estudar, aí depois tu voltas aqui”. Todas essas partes mais importantes que nós vamos levar pra sala de aula, em princípio, estão falhas, não minto. A gente tem que sentar e estudar por si só e pedir ajuda para os colegas porque está superficial.

Thais: É porque Fundamentos é o que a gente mais vai ensinar, porque não dá pra ensinar Geometria Analítica aqui da Universidade e nem Álgebra Moderna. Justamente pra não ficar com essas lacunas a gente vai ter que estudar tudo de novo pra poder sanar o que a gente acabou não vendo.

Desirée: Na verdade, se a gente for prestar atenção o que a gente tem é o que a gente aprendeu no Ensino Médio. Eu, graças a Deus, tive uma boa formação no Ensino Médio e que me deu bastante suporte, me dá bastante suporte para as disciplinas de agora, pra ensinar também junto com as teorias, com as matérias pedagógicas, mas a Matemática, a que eu tenho, é a que eu aprendi com os meus professores do Ensino Médio. As greves também prejudicam muito a nossa graduação porque, por exemplo, o ano passado foi a primeira vez que teve greve

*Concordo
plenamente, saber
onde procurar já
é meio caminho
andado!*



[durante o meu curso]. Teve uma greve que já empurrou o curso de Cálculo II, a gente já vai ter que apresentar alguns trabalhos em tempos muito curtos, fazendo trabalhos de pesquisas grandes e às vezes a gente acaba fazendo por fazer, fazendo pra passar, fazendo dessa maneira mal feita. Só que é como uma vez o professor ■■■ falou no primeiro ano pra gente, ele era o professor de Geometria Analítica, ele falou assim: “Olha, vocês têm que entender que aqui a gente está estudando todo o assunto, vocês acham que vocês vão lembrar de tudo assim? Não, vocês não vão lembrar de tudo, mas agora é diferente, vocês já sabem como procurar, vocês já sabem como se aprofundar”. E é realmente isso que eu vejo no nosso curso porque não tem como a gente lembrar de tudo, eu já não lembro de algumas coisas, de muitas coisas do primeiro ano, que foi Geometria Analítica, de alguns filósofos que a gente estudou também, só que eu já sei onde procurar e o curso me deu esse suporte de saber onde procurar, de quando eu for olhar eu falar: “ah, eu vou lembrar daquela explicação, daquele jeito”, então eu já vou ter um norte pra me aprofundar.

A gente trabalha com os conteúdos de Ensino Fundamental, mas em traba-

Hoje no estágio a professora disse que teremos que fazer análise do livro que o professor utiliza



lhos, por exemplo, em Instrumentação, a gente teve que fazer a análise dos livros, então foi o trabalho que a gente tinha que saber os conteúdos do Ensino Fundamental, a gente teve que explicar os livros e dizer se aquilo era importante pra nossa prática, se aquilo seria interessante. A aula de Prática, por exemplo, que teve também as diversas maneiras de ensinar e foi muito interessante, tem coisas que tu vê ali que não dá pra fazer com o Ensino Médio, tem que fazer com o Ensino Fundamental, a professora se preocupava com isso, eram mais essas duas disciplinas que nos faziam estudar assuntos do Ensino Fundamental.

Thais: Só que nesse caso é só a primeira aula, vai expor para o professor e em seguida a gente vai para o Estágio, só que a gente só trabalha com o ensino médio. Eu acho que aqui na Universidade ela é mais voltada para o Ensino Médio do que para o Ensino Fundamental ou as séries iniciais, eu vejo mais essa questão do Ensino Médio, em aprender mais Função, essas coisas que são voltadas mais para esse nível de ensino do que mais para os pequenos aí acaba tendo esse problema de que a gente não sabe como lidar com eles.

Mayara: Com Teoria dos Números dá para estabelecer uma relação vaga com e

Educação básica, pelo menos para tentar, antes de começar a aula falar alguma coisa, agora Álgebra eu creio que não. A professora de Teoria tem essa preocupação.

Desirée: Ela tem essa preocupação, acho que o professor o [REDACTED] também fala de vez em quando: “Já pensou vocês ensinarem por aqui” só que a gente não consegue ver relação de Álgebra Moderna com as Séries... [risos] não tem número nessa matéria, como é que eu vou chegar e falar isso para as pobres das crianças. Em Álgebra I o professor sempre falava: “Vocês podiam começar a ensinar matriz assim, ensinar eles a fazerem a matriz pelo sistema” então acho que seria muito mais interessante, talvez fosse mais fácil para aprender e tal, então ele sempre falava isso, ele tinha essa preocupação. Agora o professor de Cálculo, não! Professor de Análise também não! Até porque Análise já é do Cálculo.

*Essa eu tenho
que contar para
o pessoal!!!*

• —————> **Mayara:** Análise do mal, não é nem Análise Real [risos]

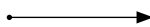
Desirée: Análise já é do Cálculo, acho mais complicado e o professor também não tem muita essa relação, o professor que dá Análise, que dá Cálculo, que era o mesmo que dava Cálculo II, ele é mais

purista, mas ele tem essa preocupação com a gente, que a gente aprenda o assunto, mas não de fazer ligação com o Ensino Médio, com a Educação Básica.

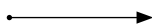
Sobre Professores

Desirée: A participação no projeto foi uma experiência muito boa e que eu vejo que também foi apoiada pelo grupo de pesquisa do qual eu participo desde o primeiro ano, de Educação Matemática, e esse grupo de pesquisa foi crucial na minha graduação porque, especialmente a professora [REDACTED] que foi ela quem nos impulsionou desde o começo a escrever, é nossa professora desde o primeiro ano, ela sempre pega o primeiro ano aqui na nossa graduação na UEPA. Ela é uma professora que sempre exigiu muito da gente, era uma coisa que sempre te impulsionou, tem aluno que não gosta, tem aluno que só quer estudar Matemática, só que não, ela mostrava que tu podias estudar Matemática e que tinha que saber escrever o que tu estavas fazendo, que tu tinhas que saber o porquê que tu estavas fazendo aquilo e isso foi muito importante pra mim na minha graduação. Ter esse apoio, saber que eu tinha alguém para me ajudar ali e que tinha alguém para me impulsionar e foi graças a ela mesmo que eu comecei a es-

Diego!!!!



Estou começando a entender a importância do primeiro ano do curso. Imagina o quanto ela não aproveitou mais o restante do curso por causa do suporte que teve no primeiro ano



crever artigos, eu tenho três ou quatro artigos, mas assim, eu sempre vou lembrar dela como a minha verdadeira impulsionaladora nessa área da minha graduação, hoje em dia, tanto que eu vou fazer o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) com ela, eu volto as minhas pesquisas para a História da Matemática, mas tudo em História lê muito, estuda muito, uma coisa que eu nunca gostei, sério, aliás, eu não gosto muito, mas que eu aprendi que é necessário, eu aprendi o quanto que a gente pode aprender e tudo começou no meu primeiro ano de graduação com essa experiência, com essa professora que é realmente quem me impulsionou até hoje no meu TCC final e ela também sempre foi muito exigente, só tinha que fazer coisas boas senão não passava [risos]. Eu acho que, realmente, pra formação de professores, a professora [REDACTED] foi a maior referência do curso e em segundo a professora [REDACTED] só que a gente começou a lidar com ela mais tarde. Então acho que é nesses primeiros anos que tu vê se tu vais querer ser professor mesmo.

Mayara: Todos os professores incentivam. Tem essa rixa dos professores mais puristas falarem que a gente está trabalhando muito com a Educação e esquecendo a Matemática e dos professores de

*Por isso que eu falo
que o problema não
é ficar estudando
muita matemática,
a questão é a forma
como isso é feito.
Tem que ter um
sentido!*



Educação falar que quem trabalha com Educação precisa saber Matemática tanto quanto o professor que trabalha só com essa parte pura. Só que dos dois lados há incentivos, o da Educação incentiva a gente ler e produzir e o da Matemática incentiva a gente sempre estar antenado e discutindo, fazendo exercícios e tudo mais, porque eles dizem pra gente que não basta ter todo esse conhecimento da Educação, quando nós formos pra sala de aula nós temos que ter conteúdo e isso é uma completa realidade. Então esse incentivo vem de ambos os lados, eles cobram mesmo, não importa se a gente está com um trabalho pra entregar aqui e uma prova aqui, não existe, eles dizem que nós temos que saber dividir o nosso tempo porque nós estamos na graduação pra ser professores, então nós temos que ter ciência disso, que nós temos que nos preparar para ensinar, para passar conteúdo, é uma coisa muito bacana.

Sobre atuar na Educação Básica

Desirée: E o mais interessante do curso da UEPA é que realmente ele não te prepara só para acabar a graduação e ir procurar um emprego, ele realmente é um curso que tu nem ouves falar esse tipo de

Engraçado, ir para a escola parece ser o contrário de conhecer mais



coisa [...] o professor já avisou pra gente olhar a inscrição do mestrado: “vamos nos inscrever, estudar pra fazer a prova!”. Então são professores que te ensinam realmente a continuar e isso pra mim é o mais importante, tanto que as pessoas saem, na verdade, não tem ninguém da minha sala que vai terminar o curso e vai falar assim: “Bem, agora eu vou procurar uma escola pra eu dar aula” está todo mundo querendo conhecer mais.

Viu só, para alguém como eu que não quer ir para a escola, uma fala dessa é uma ordem



Particularmente eu não vejo tanto esse lado de ir pra Educação Básica, assim... principalmente os professores de Educação falam que é necessário que a gente tenha essa experiência, só que sempre é assim: “Nunca fique ali”... como eu posso dizer... o professor ele vai ter o que contar quando ele viver, entendeu? é sempre isso, não exatamente vamos focar para a Educação Básica, porque realmente eu não vejo muito assim.

Nossa! Eu não imaginava que pudesse me identificar tanto com esses estudantes de outro lugar do país. Também não passava pela minha cabeça poder haver tanto envolvimento com a pesquisa dentro de um curso de graduação. A entrevista foi longa, mas valeu a pena. O que eu achei mais legal foi pensar que, ou melhor, confirmar o que eu já suspeitava. Parece que existem vários cursos dentro de um mesmo. Na entrevista eu já saquei isso quando não acreditei que a Fernanda estivesse falando do mesmo curso que eu fazia. Eram visões muito diferentes. Agora vendo a Desirée falar que os colegas dela têm outra visão do estágio porque o fazem com outra professora só confirmou a minha ideia. Parece que sempre volta naquele ponto que a gente falou: depende muito do professor.

E agora eu quero parar tudo que eu estou fazendo e ler essas entrevistas, mas como? Tenho muita matemática para estudar!

Um novo encontro do GELIMAT

Ainda bem que os últimos dias passaram rápido e esse encontro chegou! Eu nem consegui ler mais algumas entrevistas. Acho que para esse encontro já tenho algumas coisas para contar, mas para os próximos preciso ler todas, ou melhor, quero ler todas. Como ninguém sugeriu outro local, vamos nos encontrar à sombra da figueira novamente. Vou tentar chegar uns minutinhos antes, tomara que tenhamos mais colaboradores hoje. A Gislaïne mandou um *Whats* dizendo que não poderá participar desse encontro, mas que virá no próximo. Ainda bem que ela continua interessada; a sua fala foi bem legal da última vez.

Quando vou chegando ao local vejo um grupo grande e nele estão os rostinhos conhecidos: Marcelo, José, Fernanda, Maria, Diego, Larissa, Fabrício e Fabiana. Caraca, a Fabiana veio??? Que legal!

— Olá turminha da discussão! — já tento animar o pessoal. — Fabi, que legal que você veio! Senti sua falta no último.

— Oi, Dri — ela responde e tenta justificar sua ausência. — Como eu disse, eu estava muito envolvida com a minha campanha naqueles dias, agora que a eleição passou estou com mais tempo livre.

— É mesmo! E parabéns pela vitória, estamos contando com você para a nossa representatividade — já tento trazê-la para o grupo.

— Pode deixar. Já estou aqui! — Ela parece interessada em participar.

Vejo que há outros estudantes que não estiveram presentes na última reunião, acho que o boca-a-boca deu certo.

— Pessoal, já são 16h, vamos começar? — inicio a conversa.

Todos concordam e começo a fala pedindo para os novatos se apresentarem tal como no último encontro.

— Olá, meu nome é Ricardo e estou no segundo ano do curso. Eu escolhi a Licenciatura porque os meus pais são professores e desde sempre eu tive vontade de ensinar, de ter meus alunos, tal como eles. O meu pai é professor de Matemática, então a escolha pelo curso veio por influência dele, nunca tive dificuldades na escola com essa matéria porque ele sempre me ajudou muito. Estou gostando do curso, eu participo do PIBID junto com a Fernanda e a gente aproveita bastante o projeto.

Então é o PIBID mesmo que a Fernanda participa, nem precisei perguntar. Mas porque será que nunca ouvi falar desse projeto aqui no curso? Será que ouvi e não dei atenção? Estranho.

— Boa tarde, eu sou a Joana e estou no terceiro ano do curso. Matemática foi minha segunda opção, como não fui chamada na primeira, para Engenharia, resolvi fazer esse curso. Eu ainda penso em pedir transferência para a Engenharia, pois não estou animada com a ideia de ser professora, principalmente depois que começou o estágio. A escola é assustadora, estou com muito medo.

A Joana é da minha turma, mas a gente quase não conversa. Ela está fazendo estágio com a outra dupla de professoras e pelo jeito a situação é a mesma.

— Bem, acho que todos me conhecem, eu sou a Fabiana que passei esses dias de sala em sala fazendo campanha... Eu estou no terceiro ano do curso e escolhi Matemática porque eu acho que ser professor é exercer um papel importante na sociedade. Eu tenho intenção de atuar como professora na educação básica. Eu acho que o nosso curso é apoliticizado: está acontecendo um monte de coisas no nosso país em termos de educação e ninguém discute nada, parece que fica todo mundo alienado só fazendo contas. Acho que nós temos muito que discutir aqui.

De forma breve os participantes que estiveram presentes no último encontro se apresentam para os novatos e eu dou continuidade à reunião.

— Bem pessoal, obrigada pela presença. Eu não sei se vocês sabem como funciona a nossa dinâmica, mas a ideia é que cada um fale o que tiver vontade de falar sobre o curso, aqui é um espaço para discutirmos sobre a nossa formação. Porém, antes disso eu gostaria de dividir umas informações com vocês. Dias atrás eu entrei em contato com a Professora Adriana, a pesquisadora que esteve aqui e que motivou a criação desse grupo a partir do encontro que fizemos para sua pesquisa. Trocamos alguns e-mails e ela me disse que continuou fazendo a pesquisa dela por diferentes locais do país, entrevistando grupos de estudantes de cursos de licenciatura em Matemática. Daí eu perguntei a ela sobre as percepções dos outros estudantes, se eram próximas ou diferentes das nossas. E para minha surpresa ela me enviou as transcrições das entrevistas. Ela pediu para não divulgar o arquivo, pois ainda não concluiu o trabalho, mas eu posso compartilhar com vocês as impressões que tive dessas leituras.

— Que legal Dri, deve ser interesse saber o que um estudante da matemática de outra região pensa sobre o seu curso — afirmou o Marcelo.

— Eu gostei bastante, mas acho que podemos ir discutindo e conforme surgir o assunto ou eu me lembrar eu vou falando — acrescentei.

— Eu me lembro de que eu e a Gislaine começamos a falar que a maioria dos professores que atuam no nosso curso são bacharéis e não licenciados — disse o Zé.

— Isso é verdade. E eu acho que por conta dessa realidade que o nosso curso tem poucos projetos voltados para a formação de professores. Por exemplo, esse projeto que eu e a Fer participamos, o PIBID, é um programa de governo que visa incentivar os licenciandos a atuarem

como professores ao final do curso. Como nós temos apenas uma professora que decidiu abraçar o projeto, então nós temos poucas vagas. Mas mesmo que não fosse esse, há outros projetos que poderiam ser realizados caso houvesse mais docentes interessados nisso. Eu penso assim — colocou o Ricardo. Viu só como esses alunos que participam de projetos tem uma postura diferenciada. Ele falou super bem.

— Esse eu acho que é um ponto que não se discute aqui e isso para mim é política. É claro que temos uma luta de poderes aqui dentro. São duas áreas lutando por espaço e prestígio e isso deveria ser discutido de forma clara e não da forma como a gente vê, uns querendo boicotar os outros. Se o chefe do Departamento é da Matemática, o que acontece a maior parte do tempo porque eles são a maioria, ele só favorece esse grupo. Se a situação se inverte acontece o mesmo. Parecem crianças disputando brinquedos. O duro é que o brinquedo deles é a nossa formação e eu acho que isso tem eco lá na escola, quando saímos daqui despreparados e vamos atuar como professores. — Era certo que a Fabiana traria essa análise política para a situação. Eu acho ótimo isso, a participação dela nesse grupo é fundamental. Vou aproveitar o gancho e contar a história que li em uma das entrevistas.

— Então, nesse ponto eu li em uma das entrevistas com os estudantes da Licenciatura, inclusive um deles também era representante discente como você Fabi, ele contou que um dia em uma reunião de colegiado uma professora da Educação Matemática teve que implorar por uma vaga para um professor que atuasse na mesma linha que ela. Os outros professores queriam mais um matemático, independente de já haver uma porção deles. São muito estranhas essas situações.

— Bem, eu já deixei claro o meu interesse em atuar como matemático, desenvolver pesquisas e eu vejo que o único modo de conseguir isso é sendo professor em uma universidade e daí pode ser que eu atue tanto na Licenciatura como no Bacharelado. Mas o que eu gostaria de di-

zer é que eu estou cursando uma Licenciatura e com isso eu estou tendo a oportunidade de perceber o quão complexo é você pensar a formação de um professor. As disciplinas pedagógicas são eternamente mais difíceis do que as disciplinas de Matemática Pura; pelo menos para mim elas são terríveis. Então sinceramente, eu não vejo como que uma pessoa que fez só o Bacharelado se diz preparada para atuar na formação de professores. Eu tenho dúvidas em relação a isso. — Por isso que eu me dou bem com o Diego. Ele é sensato, apesar de ser chatinho, às vezes.

— Eu concordo com você, Diego — diz o Ricardo — mas eu já tive algumas experiências com professores que são bacharéis, mas que se preocupam e se interessam pela nossa formação. Eu conheci um professor que me disse que tem procurado aprender sobre formação de professores com alguns colegas que trabalham com ele. Por enquanto, ele tenta evitar essas disciplinas que trabalham mais a questão da Prática de Ensino, mas ele diz que está se preparando para esse tipo de trabalho. Então eu acho que...

— Depende do professor! — fazemos um coro e o Ricardo fica sem entender.

— É que na última reunião Ricardo chegamos a essa conclusão também, que quase tudo sempre depende do professor. Eu acho que a questão é como não ficarmos refém disso, de algo tão subjetivo, tão pessoal — tento explicar a situação para ele.

— A gente volta para a discussão política. É a mesma coisa, um modo de diminuir esse problema seria restringir as vagas de docentes para os cursos de Licenciaturas para apenas professores licenciados. Mas isso significa tirar oportunidades de trabalho dos bacharéis... — acrescenta a Fabiana.

— Eu não sei, mas eu acho que um problema está no fato de que muito dos professores bacharéis são doutores e não atuam no ramo da pesquisa. E com isso eles também não criam oportunidades para que os acadêmicos desenvolvam pesquisas durante o curso, mesmo que na linha da matemática pura. Isso não é um problema. O problema é nós não termos oportunidades porque o cara não quer ter trabalho de se envolver em projetos e tudo mais. Isso sim é um problema. — O Marcelo já parece se exaltar com a discussão. Ele gosta dessa linha da matemática e gostaria de pesquisar nessa área, mas o difícil é conseguir apoio. Ele acabou se envolvendo mais com professores da educação e agora pensa em ser professor.

— Eu já ouvi um professor dizer que pesquisador é quem faz pesquisa e não quem tem doutorado — diz a Joana.

— Nesse ponto eu gostaria de dizer que as estudantes da UEPA têm um contato muito bom com a pesquisa dentro do curso. Desde o primeiro ano, assim como você Fer, elas participam de projetos, eventos, escrevem artigos. Elas falaram muito de duas professoras que são da Educação Matemática e que trabalham com elas desde o primeiro ano. Eu fiquei de queixo caído lendo a entrevista delas. — Falo sobre outro ponto da minha leitura.

— Que legal, Dri — responde a Fernanda — eu acho que isso poderia acontecer em todos os cursos e mais, em todos os anos dentro de um curso. Isso não deveria ser uma postura de um ou outro professor, mas do grupo que trabalha com a Licenciatura. E eu nem acho que é preciso ser doutor para isso, eu penso que seja possível realizar vários tipos de projetos na universidade e na escola que possam atender a nossa formação, independente da titulação do docente.

— Só um ponto, Adriana: essa formação aí que você falou é para professor ou para pesquisador? — questiona o Ricardo. Não sei o que responder, ele me pegou de surpresa. Ainda bem que a Maria continuou

falando, acho que ela e os outros nem escutaram o que ele falou. Mas eu escutei e me fingi de surda! Porém, essa pergunta me pegou de jeito, então todo aquele trabalho que eu achei o máximo pode ser entendido dessa forma, como uma formação para pesquisador em Educação Matemática? Será que seria esse o propósito daqueles formadores? Se for, então pode ser que esses alunos partam para a pós-graduação, voltem para atuar na licenciatura e deem continuidade a esse ciclo. É isso? Exagerei um pouco, mas imagino que há grandes chances de isso acontecer. Eu preferiria não ter escutado, pois agora vou ter que pensar sobre isso também. Deixa eu voltar para a discussão.

— Eu também acho que poderia haver uma postura diferente entre os estudantes, no sentido de todos quererem participar das atividades do curso. A gente vê que o pessoal é bem desanimado e isso é ruim — coloca a Maria.

— Nesse ponto eu posso falar de outra leitura que eu fiz, Maria. Foi a pesquisadora que me indicou também — acrescento. — É um texto que fala bem isso que você está dizendo, a gente assumir uma postura de disponibilidade, entrega e envolvimento com as situações que somos confrontados. Seria uma maneira de nos deixar tocar pelos fatos e não simplesmente passar por eles como passamos por algumas disciplinas, sem que nada mude nossa forma de pensar e agir.

— Gente, eu me esqueci de contar, mas a nossa amiga Adriana está virando filósofa. — Todos riem. O Diego tinha de zombar de mim.

— Tudo bem Diego, pode zoar da minha cara que eu nem ligo. E esse negócio aí de eu virar filósofa pode ser verdade mesmo, estou pensando seriamente em fazer o curso de Filosofia, por que não? Se isso me ajudar a pensar mais sobre a vida e tudo que me acontece, não vejo melhor alternativa. — Esse Diego é dose.

Depois da gracinha do Diego foi difícil retomar a seriedade da discussão e logo o grupo se dispersou e fomos embora, mas acho que foi produtivo. Agora tenho pensado que todas as oportunidades de discussão podem ser aproveitadas por mais que sejam momentos breves, pois sempre fica algo para se pensar. Acho que vou para casa ler um pouco mais de entrevistas; estou curiosa se sempre irei me identificar nessas falas ou se haverá momentos de estranhamento também. Bem, só lendo para saber.

Estudei um pouco para álgebra, então acho que posso partir para as leituras sem me sentir culpada pois já recarreguei minha bateria de conhecimentos matemáticos tão significativos para minha formação (sqn!). Vamos lá, acho que vou ler a entrevista que ela fez na universidade dela, vamos ver o que acontece lá.

Santo de casa não faz milagre

O encontro na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Quando me encontrei com os estudantes da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 23 de fevereiro de 2016, eu ainda trabalhava com a proposta de constituir um grupo de discussão com esses estudantes e realizar vários encontros para que debatêssemos sobre questões relativas ao curso que fossem de interesse deles. E nessa proposta eu realizei dois encontros com esse grupo. Entrei em contato com esses estudantes, apresentei minha proposta e eles prontamente aceitaram meu convite. Nesse primeiro encontro me reuni com Leonardo, Joan e Gleyson; no segundo encontro, que aconteceu em 08 de março, além desses estudantes esteve presente outro colega de turma, o João.

De certa forma posso dizer que esses dois encontros me fizeram desistir da proposta de pesquisa que eu tinha naquele momento, não por conta dos estudantes, eles foram ótimos e, de fato, fizeram uma boa análise do curso que vivenciavam no

Será esse um
sentimento comum?



momento. A minha angústia surge justamente por sentir que aquelas histórias por eles contadas se pareciam muito com a história que eu poderia contar sobre esse curso, uma vez que sou egressa dele. Eu me sentia próxima demais daqueles relatos e continuava ansiando por ouvir outras histórias, por saber se em outros lugares poderia haver outros cenários, outras discussões. E então por alguns meses eu fiquei pensando sobre que rumo dar à minha pesquisa e depois de um tempo ela tomou a forma que tem hoje e que eu apresento nesses textos. Assim que recomencei o estudo mandei mensagem aos estudantes dizendo dos novos planos, agradecendo suas contribuições e avisando que não haveria outros encontros com eles.

Apesar de ter havido essa mudança no formato da pesquisa, vi que esses dois encontros poderiam ser considerados para esse novo estudo, pois a ideia da entrevista não foi diferente da que realizei em outros lugares. Aqui também pedi aos acadêmicos que falassem sobre seu curso de modo geral e não apresentei um roteiro de questões pré-estabelecido. A diferença é que não pedi no início da entrevista que eles fizessem aquela apresentação inicial e ao final delas havia a promessa de que

haveria novas oportunidades de discussão. Com relação a apresentação, como mantive contato com eles após esses encontros, posteriormente solicitei essa apresentação e eles me enviaram áudios, via *WhatsApp*, com uma apresentação pessoal e uma fala sobre os motivos que os levaram a escolha da Licenciatura.

Considereei mais produtivo realizar uma única textualização para as duas entrevistas por se tratar de ideias sobre um mesmo curso. Apenas para diferenciar que se trata de falas em momentos distintos, inseri uma marcação no texto.

Os estudantes

Meu nome é **Leonardo da Silva Lima**, eu sou atualmente graduando em Licenciatura em Matemática e estou no quarto ano. No início eu realmente não queria esse curso, eu queria uma Engenharia, mas acabei tendo nota somente para entrar na Matemática; conforme o tempo foi passando e depois de algumas experiências dando aulas particulares e trabalhando numa escola, num trabalho que eu fiz acho que no segundo ano, eu descobri o quanto eu gostava de dar aula e decidi que esse seria o meu curso, mesmo não concordando com a gran-

de quantidade de matérias difíceis que a gente tem. Eu entrei no curso não querendo ser professor, as pessoas falavam: “faz Matemática, você vai ser um bom professor” esses tipos de coisas e eu não queria muito, já com o estereótipo anterior de que ser professor é algo difícil, algo que não é bem recompensado, que não vai ser bem remunerado e tudo mais. Mas entrei e acabei gostando da ideia de ser um professor.

Eu sou o **Joan**, quando eu entrei para Matemática Licenciatura não era a primeira opção que eu tinha escolhido, eu queria cursar Engenharia Civil, mas como a minha nota no ENEM na época não dava para entrar para Engenharia Civil eu falei: “bom, vou fazer um semestre, um ano aqui de Matemática e depois eu tento mudar o curso pra Engenharia Civil” só que nesse um ano eu fui conhecendo o curso e fui conhecendo mais sobre Engenharia Civil e vi que eu estava me identificando mais com o curso de Matemática mesmo e esse foi o motivo para eu ter continuado e ter me formado¹⁰.

¹⁰ Como essa apresentação foi realizada pelos estudantes um tempo depois da entrevista Joan já havia se formado.

Meu nome é **Gleyson**, desde o início tive facilidade em aprender Matemática, sempre na presença de bons professores, mesmo em rede pública. Posso justificar por ter bom desempenho nas Olimpíadas¹¹, não cheguei a ser medalhista, mas consegui menções honrosas. No Ensino Médio tive um professor que inclusive é meu amigo, nos encontramos eventualmente. A proximidade que eu tive com esse professor me motivou muito na escolha do curso, por mais que a área de professor possa ter empecilhos que pesam em uma escolha de carreira, o que me encantava em estudar Matemática era que aquilo, de certa forma, era fácil para mim e não para os outros; isso de alguma maneira me tornava especial e isso é uma grande motivação. Em sala de aula, eu meio que fazia o papel de um monitor dos meus colegas, sempre que podia tirava dúvidas. No ENEM não obtive uma nota muito satisfatória, o motivo principal foi por conta do foco apenas em Matemática (minha maior nota), as outras foram muito medianas e por conta disso não tive uma média alta e fiquei sem muitas opções de escolha, até então eu não fazia ideia do que escolher, a não ser

¹¹ Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

a área de exatas. Refleti bastante durante aquela semana de inscrições do SISU¹², e acabei optando por Matemática. Não que fosse a última opção, lembro bem dos meus colegas dizendo que eu deveria me tornar professor de Matemática, pois eu explicava bem, tinha paciência entre outros fatores que contribuíam para essa profissão. Mesmo relutante inicialmente, eu tinha a opção de que se quisesse entrar em alguma Engenharia posteriormente poderia cortar matérias, já que as grades nos primeiros anos são parecidas.

Eu sou o **João** e o que mais me motivou a escolher Licenciatura foi trabalhar no ramo. Quando entrei no curso de Matemática eu não sabia ao certo se iria seguir até o fim ou não. Quando surgiu a oportunidade de emprego, já no segundo ano de curso, eu comecei a trabalhar como monitor de Matemática do Ensino Médio, também como professor substituto, e com os plantões de dúvidas, onde eu atendia individualmente as dificuldades dos alunos. A partir de então, fui me encontrando, me sentindo bem ali, ensinando, e colhendo frutos, recebendo elogios. Passei a trabalhar como profes-

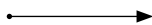
¹² Sistema de Seleção Unificada

sor particular, e buscando cada vez mais estudar e buscar meios de ensinar. Tive, e tenho, grandes colegas e amigos que muito me incentivaram, e me incentivam, a prosseguir, crescer, ir para um mestrado, doutorado, quem sabe... Eu penso em fazer mestrado e apesar de eu gostar bastante eu não faria na área de Educação. Apesar de querer ser professor também, mas assim, eu gosto muito de Filosofia, sempre gostei muito, tive professores que me instigaram muito nessas disciplinas e assim você parar, pensar, refletir, eu gosto bastante disso, mas estudar bases teóricas isso e aquilo, sei lá, não me desperta o interesse em fazer um mestrado nesse âmbito, quero ser professor da Educação Básica, não tenho ainda, por enquanto, interesse na universidade. Não vou falar que, quem sabe, mais para frente, porque não, quero fazer um mestrado para ter o título de mestre mas para dar aula em universidade, a priori, não.

Primeiras impressões sobre o curso

Leonardo: Ao entrar no curso de Matemática a gente se depara com um curso muito difícil, não tem uma expressão melhor para ele. Eu e o Gleyson, tivemos um

*O que seria
essa essência?*



*Acho que essa
pode ser uma das
conclusões mais
tristes em um curso
de licenciatura:
perceber que seu
foco nem sempre é
formar professores.
Mas daí eu me
pergunto: o que fez
o João continuar
se ele queria ser
professor?*



ensino somente em escolas públicas e viemos com uma capacidade de pensamento matemático ou de abstração muito baixa.

Gleyson: É como se fosse outra Matemática que a gente visse no curso, completamente diferente. Mas até que é uma parte boa porque a gente vai ver a essência, mas a gente não está necessariamente preparado.

João: a ideia que eu tinha de Licenciatura é que seria assim: o objetivo é formar professores para a Educação Básica, vou me aprofundar nisso, vou trabalhar em cima disso que vai ser o meu objeto de trabalho futuramente, era inclusive uma das motivações para eu continuar no curso. E fazendo o curso, começando a ter as outras disciplinas eu vi que não era bem assim que funcionava.

Disciplinas introdutórias

Leonardo: Ao entrar aqui você se depara com coisas que nunca viu, você entra com Introdução ao Cálculo, Introdução a Lógica, ao menos a nossa grade era assim. A Introdução a Lógica é um completo Latim para quem nunca tinha visto nada daquilo, agora que está sendo implementado nas escolas

*Será que os
professores do curso
imaginam que
os estudantes têm
essas percepções?*



e nós não viemos preparado para isso. Talvez mudando a estrutura do curso, poderíamos nos sentir mais preparados, mas acho que essa questão de mudar a estrutura do curso é muito mais no conceito de como está, de observar como está o curso, se esse é o certo.

*Ouvindo isso dá
até para pensar
no curso como
um aglomerado
de disciplinas
divididas em
quatro anos*



Gleyson: Introdução ao Cálculo é basicamente uma revisão do Ensino Médio até Trigonometria na circunferência. Ela ajuda muito, ainda mais pra mim que não tive um bom Ensino Médio. No primeiro ano é basicamente Função que a gente vê; só que não fui bem apresentado a isso, fui aprender Função aqui mesmo na faculdade, não sabia quase nada. Tem muita gente que não consegue associar Introdução a Lógica com o resto do curso, até mesmo no quarto ou terceiro ano. Por mais que tenha relações, pode ser a estrutura do curso que não relacionou. Não fez claro para os alunos.

Leonardo: Depois que você cria um pouquinho mais de experiência, você entende que a Lógica vai ser usada na Álgebra e que ela é uma base muito importante, mas ainda assim, pelo menos para mim, até hoje, muito daquele conteúdo não foi usado, não está sendo usado, ele foi simplesmente esquecido.

Sobre práticas docentes

Gleyson: Em Álgebra, por exemplo, talvez a professora possa ter ajudado um pouquinho, mas teve muita desistência nessa turma, fiz Álgebra I no primeiro semestre do segundo ano e teve uma desistência gigante.

Leonardo: Para você ter uma noção da desistência, se eu não me engano, estávamos inscritos 25 alunos, na primeira prova se fizeram 10 foram muitos. Depois da primeira prova 4 alunos assistiam à aula e desses só 3 eram da Matemática, então 3 alunos para uma matéria essencial dentro do atual currículo da Matemática assistindo essa aula, tem algo errado aí!

Tem algo muito errado!

Gleyson: Quando eu fui fazer Álgebra pela segunda vez, foi seguir o livro teorema por teorema, página por página. E a prova seria basicamente o que a professora passava de teorema.

Leonardo: Para a primeira professora fazia mais sentido, existia uma estrutura diferente para a passagem de Álgebra que não foi essa segunda que ele relatou, mas mesmo assim era um conteúdo bastante abstrato, nós entramos aqui e não estamos acostumados com essa abstração, característica da própria Álgebra. No pri-

E essa tarja? Ela está presente em quase todas as entrevistas. Será que não pode dizer o nome? Deve ser uma questão de ética... Se bem que se for por isso tinha que ter tarja era nas histórias bizarras que tenho lido. Para mim não há falta de ética maior do que o descaso com a formação de um professor!

Basta colocar aqui, sem seta, pois dá para entender do que se trata.

meiro ano, acredito que a matéria que era a responsável para te preparar para essa abstração era Introdução a Lógica, mas que não prepara tão bem.

Leonardo: Alguns professores, como por exemplo, o professor [REDACTED] passam o conteúdo até Introdução ao Cálculo e há comentários com o foco sobre como a gente ensinará isso...

Joan: no Ensino Médio ou no Ensino Fundamental.

Leonardo: Outros professores não. Outras matérias têm defasagem e assim por diante.

Joan: Em Álgebra a gente teve experiência com a professora [REDACTED] que muitas vezes é um pouco odiada pelos alunos. Primeiro a gente ficou meio chocado do jeito que ela dava aula, do jeito que ela conduzia, era diferente. Ela dava uma aula muito boa em Álgebra I e II e as vezes com enfoque para o Ensino Médio. Ela sempre trazia alguma coisa: “ah, isso aqui usa na olimpíada de Matemática lá da Alemanha”. Tudo bem que ela trazia umas coisas não muito fáceis, mas trazia as coisas que estavam na sala de aula e que estavam em outros lugares para mostrar para gente como era a realidade.

Leonardo: Para mim, a aula da [REDACTED] como explicação, no momento de transmitir o conteúdo, é uma das melhores, porque ela parte de uma premissa e vai analisando, vai construindo o pensamento, tentando tomar um pouco da participação das pessoas da sala, mas só tentando, porque muitas vezes não participam.

Gleyson: Uma das poucas que fazem isso.

*Relações difíceis,
porém necessárias!
Será?*



Leonardo: Exato, mas ela é a dona da sala com três pessoas!

*Não seria mais
fácil se tudo fosse
só o mundo da
Matemática? Ou
então só o mundo da
educação???Do que
estou falando? Quem
constrói mundos são
as pessoas, não áreas
de estudo. A vida
de um matemático
ou educador
matemático ou de
qualquer um tem
de tudo. É vida, é
mundo!*



Joan: Sim, isso é verdade. Ao mesmo tempo que ela tinha um ensino que era muito bom, mas era um ensino que você senta e escuta, mais tradicionalista; mas entre os professores que eu vejo hoje, ela era muito melhor assim, na maneira que ela falava, explicava o conteúdo, passava essa realidade do Ensino Médio, fazia essa ponte, coisa que em Álgebra III e Álgebra IV a gente não vê muito, eles ficam muito presos no mundo da ciência e esquecem o mundo do Ensino Médio.

*Dois agravantes ao
mesmo tempo*



Leonardo: Essa é a questão, eu não critico ela como aula, só como tratamento das pessoas no meio da aula. Pelo tratamento das pessoas que a turma ia se esvaziando e também por ser uma matéria difícil, meio complicada, os alunos vinham com difi-

*É perverso... Será
que garantir a
clareza dessa
estrutura é um
modo de manter
as regras fixas e
aumentar minhas
chances de, um
dia, estar em outra
posição às custas
da adaptação de
alguém?*



culdade e lá no momento ela nem sempre sanava essa dificuldade e ainda dizia: “se você não sabe essa dificuldade, que bom, seu lugar não é aqui”.

Joan: Mais ou menos assim, você assiste a aula se quer, se não quer...

Gleyson: Não é um problema, mas para o segundo ano, ter seis alunos inscritos numa matéria, três frequentes, durante um semestre inteiro...

Leonardo: Essa professora é lenda aqui, muitas pessoas conhecem de outras matérias. Ela aposentou, vá em paz! Ela era uma pessoa boa, fora de aula. No corredor ela era um amor de pessoa e tudo mais, o problema era dentro da sala de aula. Mas a [REDACTED] consegue ser mais tradicionalista ainda.

Gleyson: Até porque eu acho que ela não teve experiência com alunos do ensino regular.

Joan: Isso é uma coisa que acontece no nosso curso, que os professores que vão dar essas disciplinas de Cálculo, de Álgebra, são pessoas que são formadas no Bacharelado em Matemática. Então quando eles chegam aqui pensam que só têm que escrever e transmitir o conteúdo. Mui-

Eu ainda não sou professora, mas francamente, para fazer isso eu fui capacitada ainda na educação infantil!

É impressão minha ou há um certo tom de conformismo nessas falas? O que acontece para que isso ocorra? Seria esse um movimento de aprendizagem da velha expressão: tem que se adaptar?! O discurso da adaptação não seria arrogante a ponto de levantar suspeitas? Se tenho que me adaptar a algo é porque esse algo desconsidera a potência da minha presença... me coloca em posição inferior. Por que nos colocamos a nos adaptar legitimando essa ideia?

→ tos são assim: pegam o livro didático e copiam no quadro. Aí você não entende eles vão explicando.

Leonardo: Por exemplo, a [REDACTED] passa o conteúdo numa velocidade, de uma forma, como se fosse, pelo que parece, as vezes que a gente já foi na sala dela e que eu conversei com ela, que é a velocidade que ela estuda. A capacidade dela de abstração é diferente.

Gleyson: É isso que conta para ela, como se todos fossemos iguais.

Joan: Ela fala assim: “se você está com muita dúvida, então você tem que estudar mais. Se você não está entendendo o conteúdo é porque você tem que estudar mais”.

→ **Leonardo:** Não está necessariamente errado, mas às vezes a gente precisa de uma abordagem diferente. A gente vê isso nas Práticas, a abordagem é muito importante. No construtivismo a abordagem é uma coisa muito importante, porque o aluno ele constrói o seu conhecimento, mas se você vier com uma abordagem que dá a resposta para ele, seu método vai por água a baixo. Por exemplo, você tem alguns professores, o [REDACTED] é um bom foco, havia partes bem tradicionalista,

mas ele dá um enfoque, em vários momentos para questão do ensino. [REDACTED] também fez isso, tentou fazer isso com Cálculo I e Álgebra Linear.

Gleyson: Mas resumindo, não é a maioria!

Joan: Não é a maioria!

Leonardo: Não é a maioria, eu só consigo pensar neles, por exemplo, o professor de Lógica, em momento algum ele fala como vocês vão ensinar isso no Ensino Médio.

Joan: Eu fui monitor do professor de Lógica por um ano e eu pude ver que nesse um ano não se mudou tanta coisa sabe, mas eu vi que quando estava no outro semestre ele estava meio que com uma certa angústia de não conseguir passar o que ele quer para os alunos, os alunos não entenderem, os alunos todos irem mal. Aí ele até começou a tentar pensar em trabalhar com bloco lógico, esse tipo de coisa, foi um trabalho que ele não chegou a concretizar naquele semestre, mas ele já estava com o projeto de aplicar. Então, eu acho que tem professores que você pode falar dessas questões didáticas que eles não gostam e nem querem saber, mas tem professores, por exemplo, o [REDACTED] que eu acho que se interessaria se você desse formas diferentes para ele

Exatamente! Não dá para pensar que se trata só de um conteúdo difícil. Por outro lado, conteúdo e docente não são as únicas variáveis nessa discussão. Entre as inúmeras a serem consideradas está a Santa Ementa. Isso porque, em nome dela, são cometidas grandes violências! Quem pensa nisso é professor... não dá para pensar como professor quando se está a discutir, por exemplo, currículo? Às vezes penso que seria melhor ter menos conteúdos para aumentar a profundidade da discussão...

Ou seja, um fracasso total.

ensinar a matéria, formas que os alunos compreenderiam melhor. Uma coisa é um aluno e outro irem mal, outra coisa é, todo ano, ser de lei, todo mundo ir mal. É uma matéria que você chega como calouro e todo mundo já te fala: “olha, Lógica é uma matéria que ferra muita gente”.

Gleyson: Eu encontrei com o professor no corredor e ficamos conversando; ele disse que a Lógica seria como se fosse uma peneira para o cara que entra em Matemática ver o que ele vai enfrentar daqui para frente. Como se estivesse selecionando os que vão continuar no curso. Na nossa turma passaram 3 alunos na primeira vez de 60 inscritos mais os veteranos.

João: Já escutei muito que a universidade está com muito dinossauro e eu concordo um pouco com essa frase. Não vamos falar em questão de idade, tem professores mais novos que a gente teve aula e que foi aquele negócio. Cálculo I e Álgebra Linear. Vocês lembram?

Joan: Eu não sei o que você está defendendo, mas eu gosto do [REDACTED].

João: Não, enquanto pessoa, um professor muito gente boa, atencioso, beleza,

mas a gente não teve Cálculo I e Álgebra Linear. Em questão de conteúdo que era programado para essa disciplina não foi lá essas coisas, ele colocava o livro do Guidorizzi no quadro com todos os pontos.

Gleyson: Só para a senhora ter uma ideia, não sei se era a primeira turma que ele pegava com a gente, mas ele tinha uma proposta completamente diferente dos outros professores, até porque não teve muito conteúdo, mas o que ele passou era muito detalhado. Ele não chega e apresenta a definição e você aceita a definição, ele fica discutindo, só que a sala estava misturado Engenharia e Matemática. Álgebra Linear também ele deu aula e estava misturado a turma, tinha muito aluno, mas ele procurava sempre discutir, teve, por exemplo, para usar o escalonamento, ele não usou a definição do livro, ele escreveu com as palavras dele, ditou para gente o como ele resolveria, uma proposta completamente diferente que os outros professores não adotam, talvez seja a Educação.

Leonardo: Uma proposta diferente. Ele é da Educação a distância. Sobre Álgebra Linear eu acredito que não foi tão “satisfatório” porque ele não cumpriu com todo o currículo do curso, até aí ok, não

foi satisfatório, mas, por exemplo, vou colocar um exemplo de Cálculo I que não tinha texto ainda, ele perguntou em uma determinada questão o que é uma derivada? Você podia definir essa derivada.

Gleyson: Era para escrever o que você pensava, o que você entendia com base nas aulas anteriores.

Leonardo: Então, ele considerava. Então você considerar um conceito de pensamento do aluno não é uma coisa que acontece muito na Matemática, que as pessoas estão mais preocupadas em você conhecer o teorema, saber o resultado dele, saber a aplicação e não como o seu aluno está entendendo esse teorema. Uma pessoa que te pergunta o que é uma derivada e pede que você justifique sua resposta ele quer saber não só se você sabe, mas como você sabe e se você tem a capacidade de justificar isso e esse é um ponto importante, por mais que ele não tenha cumprido todo o seu conteúdo em Álgebra Linear, eu acho que em Cálculo I foi satisfatório.

*A importância de
conversar com o
outro e não só sobre
o outro.*



Gleyson: O método de avaliação dele não era por ponto na prova, ele olhava no geral sua prova e dava a sua nota, a que você merecia.

Joan: Nisso tem uma crítica que eu quero fazer relativa a aula dele e já com outros professores que eu estou tendo agora, digamos assim, a sala está com dificuldade numa certa coisa, só que essa certa coisa muitas vezes eu não estou com dificuldade, entendeu, aí o professor fica voltando a definição muitas vezes, explica de uma mesma forma e daí as pessoas que já estão entendendo elas tem que ficar parada, esperando todo mundo entender pra você poder prosseguir. Na aula de Álgebra Linear, por exemplo, eu ficava dormindo, daí o professor ficava fazendo pergunta e os cara não conseguia responder, aí eu acordava.

Leonardo: Eu acho que está certo que os professores têm que voltar, só que os professores só estão errados, não por voltarem, mas sim por explicar de uma mesma forma.

Joan: É verdade isso aí.

Leonardo: O [REDACTED], professor nosso em Cálculo I acho que foi satisfatório, inclusive porque ele não passou um método super complicado e confuso para resolução de exercícios, mas focou de um jeito que a gente acharia mais produtivo.

Gleyson: Ele não passava lista de exercícios.

Leonardo: Mas na matéria de Álgebra Linear que aconteceu o problema, que foi onde a gente não completou todo o conteúdo, que foi bem maçante para escalonamento.

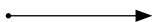
João: E o foco dele quando foi matrizes e sistemas não foi um foco assim de como ensinar, mas ele ficou em matrizes e sistemas, mais por causa do pessoal da Engenharia, porque nós da Matemática mesmo ali, a gente ficou como o Joan mesmo falou, a gente dormia na aula, não estou falando que o professor foi errado em parar e continuar.

Leonardo: É que foi demais!

Sobre possíveis relações entre o curso e a Educação Básica

Leonardo: Qual a necessidade de um estudo enorme na ciência, na Matemática, nas áreas mais abstratas e tudo mais, sendo que o nosso curso só nos capacita a darmos aula nos Ensinos Fundamental e Médio? Qual a necessidade disso? Por que convenhamos, essas matérias como Álgebra de I a IV, Análise I e II, Cálculo II e III, são matérias que você não estuda em momento algum no Ensino Médio, são matérias de um nível de capacidade de raciocínio e de abstração

*Parece que
o Leonardo
encontrou uma
justificativa que
não justifica nada!
A gente não pode
se conformar com
essa situação, mas
como reagir? Todo
mundo sabe que
aluno questionador
é aluno problema, é
aluno perseguido...*



muito superiores do que de um aluno do Ensino Médio. Mas mesmo assim nós temos que fazer aquela grade. Uma das coisas que me convenceu o pensamento, que me convenceu a acreditar que realmente é necessário esse conteúdo na nossa grade é que, por não haver um curso de Matemática Bacharelado aqui na Federal, a estrutura desse curso foi construída para que a Licenciatura seja um tipo de Matemática mista, um tipo de curso misto, onde a gente veja tanto a Licenciatura quanto o Bacharelado, com o foco bem grande também nessa parte. Então como conhecimento científico, como seremos ainda matemáticos, propriamente dito, depois de nos formarmos é relativamente válido o aprendizado disso, mas para a sua capacitação não é necessário.

Oi????



Gleyson: Ou a ideia desse tipo de conteúdo que é passado para a gente seria para o próprio graduando interligar os conteúdos do Ensino Médio com o que aprende, mas é difícil fazer isso.

Joan: Tanto Análise I quanto Análise II, uma coisa que eu estou vendo é o seguinte: a noção tanto de derivada como de integral eu não acho que seja uma coisa tão difícil assim para os alunos do Ensi-

no Médio. Eu acho que às vezes a gente tem muita mentalidade que o aluno do Ensino Médio é incompetente, que ele que não consegue, mas eu acho que ele consegue sim, o problema está na forma como você ensina isso, como você passa para os seus alunos.

Leonardo: Mas essa é a questão, não tem sido ensinado, isso é um problema do Ensino Médio. Aí você entra no curso da faculdade que eleva a dificuldade exponencialmente, e te capacita a um nível muito maior do que está sendo pedido.

*Essas falas chocam!
Eu as vejo como um
pedido de socorro.
Não se trata de
estudar menos,
ver coisas mais
fáceis... Se trata de
um querer tornar-
se professor, só
TUDO isso!*

→ Acredito que o curso poderia nos capacitar como professores melhores.

Joan: Isso com certeza. O que eu estou falando é o seguinte essas matérias como Álgebra e Análise eu acho que deve continuar é claro, mas eu acho que às vezes a forma como os professores ensinam tinha que ser mais voltado para o ensino.

Leonardo: Exatamente. O ensino é muito teórico, esse é o conteúdo, isto faz parte do seu currículo na Matemática e como matemático você tem que saber. Ao menos é assim que é apresentado boa parte do nosso conteúdo. Eu gostaria de colocar também que nós não vemos conteúdos vistos no Ensino Médio na área da Matemática. Análise Combinatória é um

*Qual é a lógica
disso? De fato, eu
queria entender!
O que eu aprendi
no Ensino Médio,
se aprendi, não foi
com o objetivo de
ensinar ninguém!
Uma das coisas que
aprendi lá, como
boa aluna que era,
é que, no máximo,
eu usaria aquilo
para enfrentar
o vestibular e o
ENEM!*



exemplo de matéria que a gente não vê em canto nenhum aqui.

Gleyson: Pelo que eu vi de Prática I até IV, que era passado para a gente, é que tecnicamente a gente deveria saber todo o conteúdo do Ensino Médio, não tinha muita coisa relacionada. Foi passado um trabalho para a gente fazer um jogo sobre Geometria Analítica e a gente tinha que usar o que aprendeu no Ensino Médio e usando por conta. A gente fez um jogo porque era o conhecimento que a gente tinha do Ensino Médio, era ver equação, calcular um ponto, só isso, mas se era um jogo didático... Tem até uma disciplina chamada Vetores e Geometria Analítica, só que pensando para o ensino não é algo que dá para aproveitar, pra você preparar alguma coisa diferente, algum tipo de jogo, alguma coisa para ensinar, é só teoria que a gente viu.

Leonardo: Utilizando como exemplo, todo o conteúdo de Geometria Analítica que a gente viu e que os alunos veem no Ensino Médio é passado em mais ou menos um mês, sendo que a gente tem quase seis meses para fazer toda a matéria. Em um mês não se passa uma base para você aprender todo aquele conteúdo, é simplesmente como se nós estudássemos sozinhos, não há um foco.

João: A gente não tem Matemática financeira, a gente não tem ensino de progressões, de sequências que eu falo, PA, PG e aí vai, entendeu? Você não tem o ensino de números complexos, a matéria em si, você vai ter função de uma variável complexa, mas os números complexos você não vai estudar. Você tem Álgebra, mas você vai estudar as estruturas, Trigonometria já é um pré-requisito! O professor vai lecionar Trigonometria no Ensino Médio e ele vai entrar na universidade, então se entende que a universidade vai dar recursos para ele poder lecionar essa disciplina, mas não, você está entrando na universidade e você vai ter que saber Trigonometria porque você vai fazer Cálculo I, II e III e as piores integrais que tem são as trigonométricas e se você não lembra de Trigonometria você vai ter que estudar em casa porque o professor de Cálculo não vai parar para te fazer relações trigonométricas, o professor não vai retomar e isso são coisas que você vai lecionar lá. Então eu vejo muito déficit nisso, na própria Análise combinatória, a gente não tem uma matéria que ensina PFC¹³, tanto é que foi uma das causas de problema na matéria de Probabilidade e

Jogo de cintura??

Como assim?

Se trata de uma

formação em

improviso? Isso

justifica a grana

que é investida

nesse curso? Acho

que eu não estou

entendendo mais

nada, isso sim.



Estatística, o professor dando probabilidade, e probabilidade você usa muito Análise combinatória, casos favoráveis, possíveis, a definição axiomática de probabilidade e daí você precisa ter um jogo de cintura nessa parte de contagem e quem não tem se perde no conteúdo. Eu até fui bem na primeira parte do curso porque eu já tinha essa noção de Análise combinatória, mas eu vou falar assim: eu trouxe isso do meu Ensino Médio? Não. Apreendi Análise combinatória no Ensino Médio? Apreendi, mas não aprendi para dar aula! Apreendi para fazer prova na época do Ensino Médio e a partir do momento em que eu precisei dar aula de Análise combinatória, aí eu tive que estudar. Então eu vejo que esse seria um papel do curso de Licenciatura, mas que eu estou fazendo por conta própria, pelo menos a meu ver. Não sendo tão técnico até, mas vamos voltar um pouco mais, no Ensino Fundamental a gente não teve nenhuma disciplina que falasse de potência e de raiz, potenciação, radiciação, polinômios, monômios, binômio de newton que daí você vai ver lá em combinações, coisas desse tipo que você vai lecionar lá na frente. Mas daí

¹³ Princípio Fundamental da Contagem

você fala assim: mas é básico o conteúdo! Qual o acadêmico de Matemática que não sabe propriedade de potência? Mas eu acho que falta a formalização do negócio... Foi discutido na aula passada com a professora [REDACTED] que, teoricamente, como está a estrutura do curso aqui, o papel disso é das Práticas, mas não está sendo bem feito. A gente já discutiu que tem práticas que não são satisfatórias, mas deixar toda essa gama de conteúdos, teoricamente simples, mas necessários, não cabe somente a prática ensinar. Conversando com os amigos sobre cursos, a gente falou que o nosso curso vai além da Licenciatura, mas não chega a ser um Bacharelado, assim bem hipoteticamente falando. Eu diria que, por exemplo, dá-se muita ênfase as disciplinas de âmbito acadêmico, universitário e esquece as disciplinas da Educação Básica. Se eu vou formar professores para trabalhar na Educação Básica meu objeto de trabalho vai ser os conteúdos da Educação Básica, não estou falando que eu vou privar um acadêmico do estudo de integral, de limite, só estou citando exemplos, eu não vou privá-lo disso, é claro que não, mas meu foco não é esse, meu foco é a Licenciatura, é o aluno dominar aqueles conteúdos

para quando ele sair dali ele ter todo o subsídio para lecionar aquilo. Ele estudou a fundo aquilo, desenvolveu projetos, fez trabalhos nas disciplinas de Prática, aprendeu a lecionar e a partir daí beleza, então meu foco é esse. Meu foco não são aqueles conteúdos de graduação, essa parte mais voltada para universidade, aí sim, se o meu aluno quer fazer um mestrado, agora o nosso foco é outro, então vamos ver outra parte, no doutorado o foco também é outro, mais abstração, pelo menos essa é a minha ideia, o que eu penso. Hoje eu vejo que no curso não acontece, estou indo para o quarto ano, já fiz mais da metade das disciplinas e não tive, a matéria de Prática que ficou incumbida de ver esses conteúdos, mas não teve e mesmo se tivesse, convenhamos que seria impossível. Eu lembro que a professora de Prática IV falou assim: “nós vamos estudar geometria espacial, geometria analítica e números complexos”, era isso, se não me engano. Se você for ver, para o Ensino Médio, vamos supor que o assunto é enxugado, que você não aprofunda com o aluno; Geometria espacial é um bimestre, eu acredito, para você ensinar tudo de Geometria espacial, para Ensino Médio. Daí mais um bimestre para Geo-

*Minha cabeça está dando um nó!
Agora eu já estou me perguntando se haveria uma situação ideal, em que tudo seria estudado e todas as dúvidas seriam sanadas?
Estou achando que um artigo adequado, lido com calma e criticidade, debatido e um projeto bem desenvolvido pudesse dar conta de boa parte dos problemas.
Ou não! E eu que só queria cursar uma faculdade... tinha que cair na mais complexa de todas???*



metria analítica, às vezes até mais de um bimestre dependendo de como o professor trabalha e números complexos mais um bimestre e daí você espera que a professora de Prática aprofunde cada conteúdo desses assuntos? Em uma aula por semana de 4 horas?! E daí, como foi nossa Prática: toma aí artigo, lê e depois vocês vão desenvolver um projeto.

Sobre a formação pedagógica

Joan: Eu vejo assim, eu aprendi bastante coisa na parte da Matemática durante o curso, mas eu vejo que para a minha formação como professor, profissional mesmo, eu aprendi pouca coisa. Tipo, se eu for dar aula eu não tenho um arsenal tão grande assim de possibilidades. Eu acho que eu não tive uma formação tão completa assim.

Leonardo: É de consenso nosso que as Práticas de I a IV não foram satisfatórias.

Joan: Com ênfase na III e IV. A I e a II eu acho até que foi melhorzinha, que o ponto crítico mesmo foi a III e a IV.

Gleyson: A I era para ensinar as operações básicas, a II... É que a III e a IV eram para o Ensino Médio e eu não me

lembro de muita coisa. Foi uma seleção de conteúdos para cada aluno, daí cada aluno apresentava uma coisa didática em relação a cada conteúdo que foi escolhido. Ficou para a gente elaborar tudo, não teve suporte.

Leonardo: Eu tirei 10 em um trabalho ao qual eu fiz um Super Trunfo com sólidos geométricos, no qual o intuito do jogo era você apontar características dos sólidos e ir verificando! Você olha e decora e mesmo assim foi um trabalho que mereceu 10. A gente fez de última hora, não tinha dado certo outras ideias. O trabalho não teve uma ênfase tão didática, simplesmente um material didático qualquer como todos os meus outros colegas fizeram, alguns se destacam com alguma proposta inovadora, mas nem todos. Eu falo que a minha proposta não era boa, era simplesmente para a fixação de conteúdo.

Joan: Em Prática V a gente aprendeu muito mais sobre como usar os softwares, o que significa você estar integrando os softwares e os jogos no conhecimento matemático. Aí que a gente foi tomar conhecimento de como era ruim aquelas coisas, aqueles jogos que a gente tinha feito e parece que a gente ficou perdendo tempo em Prática III e IV, fazendo jogos que não prestaram para nada.

Leonardo: Eu gostaria de fazer uma menção honrosa a disciplina de Didática de Ensino, nós estudávamos as várias formas de aprendizagem, teve até um trabalho final, dando uma aula, eu peguei uma aula de soma e transferi essa aula para o Ensino Superior, foi bem interessante, muito mais proveitosa. Então há algumas matérias de Práticas e Pedagógicas que são muito bem-feitas.

Gleyson: Essas matérias pedagógicas que a gente tem separadas das do Bacharelado¹⁴ que não são dadas por gente da área da Matemática, por exemplo, Psicologia era para conhecer os teóricos e decorar as ideias deles.

Joan: É verdade, a gente está estudando como é importante valorizar os diferentes tipos de cultura, só que o que acontece é que eles querem que você inclua uma Matemática que valorize todas as culturas, só que isso é muito difícil para gente que ainda não tem muito conhecimento e experiência. Se fosse alguém da área de Matemática que tivesse dando essa aula seria muito mais interessante.

¹⁴ Ele se refere as matérias de conteúdo matemático como matérias do Bacharelado, mesmo o curso sendo de Licenciatura.

*Mas pelo que eu estou
lendo aqui isso falta
até para os docentes
do curso!*

*A questão é ter mais
tempo de prática
efetiva nas escolas,
não é o discurso de
que o estágio é pouco
e continua sendo feito
NA escola e SOBRE o
professor!!!!*



Leonardo: Acho que em Políticas nenhum de nós teve muito interesse, parece que às vezes esse tipo de curso, não dá para dizer que é “facilitado”, mas assim, não sei, não há um incentivo muito grande.

Gleyson: Acho que Psicologia foi importante, porque usou muito os teóricos em Prática V, a gente via o tempo todo falando de Vygotsky e Piaget. Mas a gente praticamente não teve porque a professora não aparecia na aula, ela estava cheia de problemas. O que ela passava a gente fazia o resumo do texto e entregava, não teve uma prova. Se fosse para preparar uma aula hoje para amanhã, para assumir uma sala, eu não estaria preparado. Preparar a aula em si até nem tanto, saber o conteúdo é óbvio que a gente sabe, mas como passar para os alunos, o que esperar dos alunos, como me portar em sala...

Leonardo: Eu estaria preparado, mas eu acho que não seria o melhor professor do mundo. Acho que eu sinto algo parecido assim, eu compartilho do sentimento dele, comigo não acontece tanto, mas ter mais tempo em sala seria bom. Se você for calcular nós passamos e nós deveríamos passar, pelo menos, pelo curso inteiro, 40 aulas em sala dando aula. 40 horas-aulas não dá nem um bimestre, en-

tão por 4 anos de curso a gente não tem nenhum bimestre dando aula. Será que a gente está preparado mesmo?

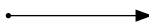
Joan: Mas eu acredito que a questão não se resume ao tanto de tempo que você vai dar de aula, mas de que metodologias que você aprende, de que tipos de didáticas que você aprende. Por exemplo, eu digo que se hoje eu fosse sair para uma escola, eu sei alguma coisa assim do construtivismo, mas eu ia acabar tendo que dar uma aula tradicional mesmo. Os professores falam muito: “não dê uma aula tradicional, não siga como eu”, mas a ferramenta que a gente tem para seguir com o novo é difícil, se eu quiser dar uma aula eu mesmo vou ter que pesquisar o trabalho de pessoas que fizeram, porque na minha formação acadêmica isso não foi muito bom.

Leonardo: Com as ferramentas e o tempo que a gente tem, a gente acaba caindo nessas aulas tradicionais mesmo. Talvez até por sermos novos, tentando colocar coisas novas, conseguimos construir algo construtivista ou coisa assim, mas em função da estrutura do ensino e do nosso preparo, puramente construtivista não dá. A gente pode tentar, mas não vai

ser 100%. Mas também acredito que isso é com o tempo, com a experiência, mas a gente podia ter um tratamento em sala melhor, não adianta a gente pegar a matéria de Didática do Ensino e você ter 7 formas didáticas diferentes de dar aula. A gente faz uma provinha no final do curso, faz uma aula com seus colegas, mas não é a mesma coisa! Onde está a interação?

Joan: Teve um momento assim, eu estava no meu segundo ano e estava pensando em largar o curso, eu não estava mal das matérias, mas ao mesmo tempo que eu estava fazendo matéria de Matemática, gostava e pensava: “bom, se for para eu fazer matéria de Matemática eu faço outra coisa, uma Engenharia ou uma outra coisa que eu quisesse fazer, se fosse só pela Matemática”. Porque a parte de ensino era uma coisa que estava truncado, eu não estou realmente sendo preparado para ser professor porque eu não estou gostando dessas matérias, entendeu? Eu estava fazendo Prática I, II, III, IV porque eu tinha que fazer. A Prática V veio como uma esperança, Aleluia! Uma matéria que realmente está me ensinando alguma coisa porque no meu segundo ano eu comecei a perceber que eu não estava sendo

*Essa e a minha
questão agora: por
que o Joan continuou?*



bem preparado para a parte didática, isso que eu estou fazendo em Matemática eu posso fazer em Engenharia. Eu continuei o curso, mas tem essas coisas.

João: Quando eu vou preparar aula, as vezes a maior dificuldade é saber como que eu vou começar, o que eu vou fazer, porque eu não gosto de chegar e dizer a definição. Eu não sou muito assim, eu acho que eu crio um ambiente favorável para eu modelar o pensamento do meu aluno e então eu concluo no quadro, eu gosto muito disso. Preparar o aluno dessa maneira, de como ensinar os conteúdos, eu acho que fica muito vago aqui no curso, porque como foi citado as disciplinas de Prática de Ensino, não sei se por causa do histórico, por causa do professor, não sei o motivo, não se dá os objetivos de ensinar o aluno como ensinar aquele conteúdo. Nós tivemos, se for olhar, entre as Práticas de I a IV, as melhores foram a I e a II, porque em Prática I a gente viu soma, subtração, multiplicação e divisão, as quatro operações básicas, a professora questionou: como nós vamos ensinar isso? Nós fizemos exemplos, montamos sapateiras, montamos ábacos, aprendemos como usar o soroban, a professora

passou, a gente construiu com sucata, foi uma aula em que a gente aprendeu como usar e como ensinar com aquilo ali, foi bem interessante nesse ponto, eu achei bem legal, por isso que eu falo que foi a melhor que teve. A partir da Prática II ficou aquele negócio de ler artigo, fazer um planejamento, fazer um material didático ou então dar uma aula expositiva, mas também não é aquela aula, porque você está dando aula para uma pessoa que já conhece aquilo que você está falando, então que dúvidas vão surgir? Não vai haver dúvidas, sua aula vai ser muito tranquila, vai ser cômodo para o professor, agora quero ver a hora em que ele começar a ensinar lá e o aluno falar: professor não entendi aquela primeira linha... Tem muita coisa que eu questiono, às vezes tem algumas teorias que eu escuto de professores que eu questiono, uma vez a professora falou a questão do instrucionismo e do construcionismo e daí eu escutei assim: “o construcionismo é a maneira ideal de se ensinar, é a maneira correta que todo professor tem que adotar”. Eu falei: “por quê?” e ela: “porque o aluno que vai construir, você é só o mediador e tal”. Aí eu falei: “e se o meu aluno não conseguir construir aquilo que eu espero que ele construa por “n” motivos, déficit de con-

teúdos antes, por problemas familiares, por problemas psicológicos, por problemas físicos, sei lá, e se ele não atinge o meu objetivo?” e ela: “mas daí você tem que trabalhar com ele para que ele atinja e tal” aí eu falei: “por que o instrucionismo não seria válido em uma determinada situação? Tudo é questão de você saber dosar as coisas e saber trabalhar”. Mas eu só estou citando um exemplo também, é que na questão de exercício de fixação e os exercícios de desenvolvimento, aqueles exercícios de faça, efetue, resolva, aí tem a letra a até z para o aluno fazer. Eu não sou contra exercícios de fixação, mas também não vou ficar só em exercício de fixação. O que eu quis dizer com tudo isso é a questão de ter maturidade para saber que horas você pode usar tal coisa e é claro, eu acho mais interessante o construcionismo do que o instrucionismo, na minha opinião, legal ver o aluno atingir aquilo que você esperava dele é legal, mas tem casos que às vezes você vai ter que dar um jogo de cintura ou até mesmo cair em uma outra teoria para poder ensinar ele, ninguém é igual a ninguém, a maneira que eu ensino um aluno aqui, como que vai ser a mesma que eu ensino outro ali? Às vezes você prepara a mesma aula, você entra no 7A e deu aula, a mesma

aula se você for dar no 7B às vezes você não cumpre o objetivo.

Sobre apontar os problemas do curso para os professores

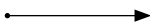
Leonardo: Primeiro que a coordenadora do curso era a professora das disciplinas de Prática III e IV que foram as disciplinas que a gente mais reclamou, então é um pouco complicado.

Joan: E eu lembro que de alguma forma as minhas reclamações chegaram ao ouvido dela, e então ela começou a falar: “algumas pessoas reclamam da minha matéria, mas eu estou aqui como diretora, às vezes eu não consigo preparar uma aula direito”. Sei lá, mas o que passou pela minha cabeça foi: então coloca outra pessoa para fazer isso, outra pessoa que possa estar fazendo a disciplina direito, mas a gente não pode estar sendo afetado porque ela não tem tempo, porque ela não pode dar aula, porque às vezes ela só vinha dar aula pra gente depois que assinava a lista de chamada, ou seja, só para dispensar todo mundo. Às vezes o menino que ficava era um mestrando dela e o cara não falava nada a aula inteira, então daí a gente ficava lá lendo os textos. Eu penso assim, se eu vou ficar na sala só

lendo texto eu vou para minha casa ler, eu não preciso ficar na universidade para fazer isso.

João: Já conversei abertamente com a [REDACTED] na disciplina de Prática VI e V também, mas não foi muito. Mas, eu já eu fui repreendido por professores porque o professor que dá Cálculo III você fala pra ele: “mas professor, isso daí, eu vou trabalhar na Educação Básica, pra que vai servir isso?” daí ele vai falar: “isso daqui é importante, se você quer ser professor você tem que saber tudo, você tem que entender isso daqui, isso daqui que é Matemática!” Eu já escutei isso de um professor: “aquilo que vocês aprenderam lá na Educação Básica aquilo não é Matemática, nós vamos aprender Matemática daqui pra frente”. Então assim, eu já escutei isso de professores e são coisas que as vezes deixam a gente meio assim...Estou querendo formar, o objetivo é modelar esse cara para dar aula lá na frente e eu estou repreendendo ele. Não estou dizendo que isso foi a maioria, foi a minoria de professores, mas isso a gente ainda tem. Então é nesse ponto que eu falo que ele é ainda um pouco dinossau-ro, ainda está naquele pensamento que

*Mas se é por causa
dela que a gente vem
para cá, como que
faz então??? Se ensina
A Matemática de
verdade enquanto se
ensina a ensinar uma
NÃO-Matemática?*



você tem que saber um pouco disso, disso e disso, impondo e impondo conteúdo e daí você fica assim... Eu não vou dar aula de integral no Ensino Médio, eu não vou dar aula de limite. Aí fala assim: “ah, mas tem vestibulares que cobram isso!”, beleza, eu preciso saber disso, não estou dizendo que eu não tenho que estudar integral ou limite e aí quando eu for trabalhar com um aluno que vai prestar um ITA ou algo desse tipo assim, do próprio IME que cai noções de limite de integral, aí beleza, vamos trabalhar, mas o meu aluno que quer fazer medicina, eu tenho que dar o suporte para ele passar em medicina e usar a Matemática no curso de medicina, então a coisa que eu estou querendo dizer com esses exemplos é, talvez um pouco confusos, mas é a questão do objeto do trabalho do professor na Educação Básica. Ah, mas eu não quero dar aula na Educação Básica, vou seguir para a universidade, beleza, mas a Licenciatura é para a Educação Básica. Como você quer seguir para a universidade, então você vai fazer a pós-graduação, vai fazer um mestrado e isso vai te preparar para tal, pelo menos essa era a ideia que eu tinha e pelo que eu vi, pelo menos, estão nos objetivos do curso.

Sobre o Estágio

Gleyson: O nosso Estágio, para mim, foi horrível. Já fizemos o Estágio I e II. O segundo até entendo, porque teve a tal da greve, as professoras não tiveram tempo para acompanhar, vão até compensar as aulas que a gente não teve tendo oficinas e apresentação de projetos, toda quinta-feira. Agora Estágio I foi difícil.

Leonardo: Eu não achei tão difícil, mas nenhuma professora assistiu minha aula, somente meu colega de Estágio e a professora responsável pela sala.

Gleyson: A gente, pelo menos, tem ideia de que a gente fez, a gente fez junto com a professora [REDACTED], teve um acompanhamento razoável na parte escrita, nos planejamentos e relatórios, mas na parte prática mesmo não teve acompanhamento. Por exemplo, você lembra de alguma crítica?

Leonardo: Nenhuma, simplesmente a gente entregou o planejamento.

Gleyson: E entregou o relatório, o importante eram as datas! Completou as datas você passa!

Joan: E fazer uma aula tradicionalista, porque se você não fizesse uma aula tradicionalista...

Leonardo: Não, depende, a minha não foi, não necessariamente. Tanto que no meu Estágio a professora pediu para fazer um acompanhamento de uma matéria diferente do próprio colégio, a professora da faculdade permitiu, então a gente fez.

Joan: Mas qual professora você está falando?

Leonardo: Ah, não sei se não era tradicionalista. o João que fez o planejamento, sei que a aula não era, foi a [REDACTED].

Joan: Então, se ele fez o planejamento provavelmente ele fez um planejamento tradicionalista. Vou falar o que aconteceu comigo, eu tinha feito um planejamento diferente, eu sentei com meus colegas e fiz um planejamento baseado no construtivismo, ensino de frações de uma forma diferente, até trazia um material para o pessoal, aí a professora não gostou do plano, ela falou: “não, os alunos não vão aprender desse jeito”, aí a gente sentou lá, acho que foi em 10 minutos.

Gleyson: Foi, eu estava com você.

Joan: Aí, a gente sentou em 10 minutos e fez um planejamento de aula deu pra ela e ela deu ok, tudo tradicionalista.

Gleyson: É que foi assim, a gente estava tendo Prática V na época, aquilo foi muito novo, todo mundo estava gostando da aula, realmente era uma Prática de Ensino que a gente estava aprendendo muito. Daí a gente queria aplicar isso no Estágio, aplicar o que estava aprendendo, a gente estava montando um plano de aula diferente, construtivista como ele estava falando, tentamos escrever isso, montamos, revisamos bastante, aí a gente entregou para a professora e ela não aceitou, acho que ela mal leu, a gente estava com ela na sala, acho que ela leu uma linha, a gente foi acompanhando com ela, aí ela falava: “aqui não faz sentido”, e a gente tentava explicar pra ela o que a gente queria propor, mas mesmo assim ela não aceitava e ela descartou completamente a ideia que a gente teve e falou pra gente remontar o plano de aula. A gente estava tipo em uma reunião, quase brigando, aí ela soltou uma frase assim: “Se fizer do jeito que eu quero vocês vão passar, então...” A gente ficou quieto e foi lá fazer o plano de aula do jeito que ela queria e esse foi o Estágio que a gente teve.

Joan: O que acontece professora, é que tem muita gente que está no curso e o que eles querem é fazer as coisas para passar, eles não estão nem aí se está erra-

do ou se está certo, entendeu? Eu quero seguir mais para a Matemática Aplicada, mas também dar aula em universidade, então eu vejo alguns professores e falo eu não quero ser assim, eu quero aprender alguma coisa, saber como ensinar.

Gleyson: A gente foi tendo esses questionamentos a pouco tempo, então foi mais uma construção, mas ainda bem que a gente pensa desse jeito.

Não sei bem o que pensar depois dessa leitura. Essas falas são do curso onde a Adriana atua, será que tudo isso que a motivou realizar essa pesquisa? Boa pergunta. Desconfio que sim. E o que será que ela faz por lá para mudar esse cenário, além de tomá-lo como objeto de estudo? Não sei, não... muita conversa e pouco conteúdo... pouco conteúdo?

O que eu vejo aqui é um grupo de colegas insatisfeitos com a formação que vivenciam, mas que persistem no curso, inclusive optam por ele em algum momento e então eu me pergunto o porquê disso. O que acontece para que eles permaneçam? Percebo que boa parte de suas angústias está relacionada ao fato de acreditarem que a sua formação não é suficiente para a futura atuação como professor. E então vem a questão: será que alguma formação daria conta disso? Seria possível, de fato, nos tornamos professores, capazes de exercer a docência na educação básica, em quatro anos de faculdade? Há momentos em que penso que o problema é estrutural, que uma reforma curricular poderia resolver a questão, mas daí eu caio naquilo que tenho lido aqui nessas entrevistas e que também constatamos no GELIMAT: tudo depende do professor! Se caímos na subjetividade humana não adianta pensar apenas na objetividade do projeto pedagógico, da legislação ou da grade curricular. E também já estou pensando que não depende só do professor não; essa conclusão é simplista diante da complexidade do problema. O buraco é mais embaixo, muito mais embaixo. Por ser mais natural pensar assim é que tornamos natural o processo de culpabilização do professor. Afinal, se tudo é sua responsabilidade, então tudo o que der errado é sua culpa!

Parece que conversar sobre tudo isso é a resposta mais imediata que podemos ter. Pelo menos estamos nos (re) conhecendo nesse processo. E ter a oportunidade de ler essas entrevistas talvez esteja sendo a minha maior experiência nesse curso; pelo menos até o momento tem sido. Conhecer outros estudantes sem conhecê-los. Aproximar-me de seus relatos não para compreender o que eles dizem e sim para olhar

para a minha realidade, talvez próxima das deles, porém, sempre marcada por minhas particularidades, meus fantasmas. Por vezes me pego olhando para aquilo que temos em comum e, quando vejo, já terminei a leitura. Sei que isso acontece com todo mundo, mas é essa suposição que tem me incomodado. Se eu leio o outro buscando o que há de comum a mim, eu efetivamente leio o outro? Não é esse, também, um modo de silenciar esse outro? Talvez o lance não seja ler ninguém e sim produzir com... Acho que essas anotações deveriam estar no caderninho verde, pois marcam muito mais minha formação do que os previsíveis registros de observação em sala de aula. Deveria haver o diário de bordo da formação, do primeiro dia de aula até o momento da formatura, isso sim faria sentido e não apenas um recorte de um período de estágio, onde quase tudo que acontece já aconteceu com quase todo mundo e possivelmente continuará acontecendo, pois, os fatos não são discutidos, as angústias não são problematizadas, são apenas registros burocráticos de uma formação burocrática e silenciada, são registros de um reconhecimento.

Acho que cansei demais hoje, estou sentindo até um certo mau humor e revolta; a melhor opção agora é dormir, pois amanhã a história se repete, embora eu já me sinta outra a cada nova leitura.

Uma leitura outra

Preciso voltar para a minha vida acadêmica, hoje quero conversar com o Diego sobre o grupo: aquele dia encerramos a reunião sem pensar no próximo encontro, tudo culpa da sua gracinha. Mas, apesar disso, ele é parceiro, suas observações sempre me fazem pensar. Além disso, preciso conversar com a Cris sobre o estágio: a gente precisa planejar nossas próximas aulas, a professora da escola quer que encerremos logo nosso período de regência porque ela precisa de mais aulas para dar conta do conteúdo; pelo menos foi o que ela nos disse. Então será que o que estamos fazendo não conta? Era só nos deixar trabalhar o conteúdo que ela quer e pronto, afinal em breve estaremos em sala de aula “pra valer”. Nessas horas que tenho a sensação de que esse estágio é um faz de conta e nas reuniões dos grupos tenho a impressão que os colegas pensam a mesma coisa, mas nem tudo pode ser dito, afinal estamos no “Palácio das Vaidades”¹⁵, mais conhecido como universidade.

Encontro com o Diego no terminal de ônibus e terminamos de chegar juntos à universidade. No caminho ele me dá uma notícia péssima: vai abandonar o curso.

— Como assim, Diego, você tá louco? — a minha vontade era de esganá-lo, mas ainda estávamos dentro do ônibus e não seria uma cena que todos iriam compreender.

— Não, Dri, não estou louco, pelo contrário, nunca me senti tão feliz como agora — disse ele com uma sinceridade difícil de não acreditar. Eu não queria, mas dava para ver nos seus olhos, eles não mentiam.

¹⁵ Essa expressão vem de uma fala do Professor Luiz Carlos Pais, no nosso primeiro dia de aula no curso de doutorado, ao nos dar boas-vindas ao Palácio das Vaidades.

— Diego, estamos no terceiro ano, mais da metade do curso. Você precisa ter uma profissão. Cadê toda aquela empolgação para se tornar um pesquisador em Matemática? — comecei a apelar. — E como você vai abandonar o nosso projeto de repensar a licenciatura? E o GELIMAT? E as nossas discussões?

— Calma — disse ele sorrindo. — A minha vontade de ser pesquisador continua, mas é menor do que essa oportunidade que estou tendo agora. Eu espero por isso há anos, Dri, não surgiu agora. Eu sei que é difícil de entender e nem exijo isso de você. Só quero que saiba que estou muito feliz, muito mesmo. Hoje vou conversar com os professores e me despedir, pois amanhã já não venho mais. Quanto ao grupo, você dá conta do recado. Além disso, o pessoal continua aqui, apenas eu vou partir.

— Diego, eu não tô acreditando. Eu nunca vou entender isso. É inaceitável. — Comecei a chorar como uma criança contrariada, que não consegue entender que existe vontade para além das suas.

E foi assim que decididamente o Diego abandonou o curso, e a mim, para seguir um outro caminho que para ele dava muito mais sentido à sua vida. Ninguém conseguiu entender direito, nem os professores, principalmente eles. Parece que tudo perdeu um pouco a graça: o Diego tinha aquele jeitão dele, mas a gente era próximo, desde o primeiro ano construímos uma amizade sincera. Vai ser difícil terminar o curso sem ele, o que me consola é saber que ele está bem, mas ainda estou longe de entender. No fundo acho que tenho um pouco de inveja de sua coragem em mudar de direção. Às vezes acho que o que mais fiz até então foi seguir o fluxo; agora que comecei com essa mania de questionar tudo que acontece. Maturidade? Necessidade? Bem, alguma coisa deve ser, mas acho também que nem tudo requer explicações, algumas coisas apenas acontecem. Talvez seja o momento de parar de pensar na causa das coi-

sas e começar a pensar no que as coisas produzem em mim e no que eu produzo com isso.

Não quero pensar em Matemática hoje, isso só faria eu pensar ainda mais no Diego. Acho que vou ler um daqueles textos que a Adriana me mandou esses dias, são tantos... deve ter algum interessante.

Leio todos os títulos e o que salta aos meus olhos é: “A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros ‘outros’”, de Carlos Skliar. Faço uma busca rápida no Google sobre o autor e logo vejo que ele não é da Educação Matemática e que tem publicações com o Jorge Larrosa, então já me preparo para uma leitura daquelas. Mas acho que hoje é o dia perfeito para ler esse texto: a notícia do Diego foi diversa demais para a minha cabecinha. Vamos lá.

A primeira questão que ele coloca já me assombra: “O que perguntamos, quando perguntamos sobre a educação?” (SKLIAR, 2003, p. 39). O que mais tenho feito ultimamente é perguntar sobre a minha educação, ou melhor, sobre a minha formação! Mas acho que aqui eu poderia até ler educação e formação como sinônimos. Será? Ele coloca também que essa questão é de natureza retórica. Bom, aí já me distancio um pouco, pois o que mais tenho buscado são respostas, claras e objetivas, se possível. Mas pelo que ele coloca é retórica porque não perguntamos pela educação e sim pelo que mais sabemos dela: suas mudanças e transformações e esses questionamentos nos levam a crer que estamos nos importando com a educação. Parece que é algo apenas para alimentar a ilusória preocupação com a educação de todos. Um novo tempo de velhos discursos. E eu acho que tem muita mudança mesmo, quando entrei aqui na universidade o meu curso havia acabado de mudar a grade curricular, estou no terceiro ano e já começaram a mexer nela novamente. Ou seja, não esperaram nem formar uma turma para ver se a mudança adiantou de alguma coisa e já mexeram de novo. E trata-se de uma mudança que retorna ao mesmo, disciplinas que somem por um tempo

e reaparecem camufladas, com novos rótulos, desfeitos travestidos de adequações curriculares. O que isso quer dizer? O que isso pode dizer de um curso? Agora eu me pergunto: alguém se interessou em saber se os alunos estavam satisfeitos com o curso? Se a mudança era necessária? Até hoje não, talvez amanhã! É bem isso que o autor disse, no fundo não se trata da educação, se trata de mudanças e essas muitas vezes são vazias de sentido, pois reafirmam o mesmo com um novo vocabulário. O que importa são os interesses que estão por trás de uma *mudança educativa*.

No caso do meu curso, por exemplo, a mudança que foi feita seguia as diretrizes que haviam sido estipuladas naquele momento, que aparentemente prezavam por uma atenção maior quanto à formação do professor nos cursos de licenciatura. Mas isso, no entendimento de muitos professores do curso, em especial, dos que se assumem como matemáticos, foi interpretado como uma facilitação do curso, ou seja, quanto mais se dedica tempo à formação pedagógica menos se estuda matemática e com isso o curso se torna mais fácil. Doce ilusão. Mas eu acho que no fundo isso é tudo balela, um discurso de convencimento, pois o que acontece mesmo é uma disputa por espaços, por representatividade. É a área da matemática pura contra a educação matemática e vice-versa. É a fixação de fronteiras, demarcação de territórios. Não há um entre-lugar, como o Skliar coloca em algum momento. Estar em um dos lados significa estar excluído do outro. A questão é que nós, enquanto alunos, temos que cruzar o arame farpado que separa os egos docentes e conviver com as cicatrizes, até pelo menos, sermos capturados de vez por um dos lados. Ou não! Talvez fosse muito mais interessante explorar o entre-lugar, ser um fora e um dentro, sem o princípio do terceiro excluído que tão bem aprendemos em nossas aulas de Lógica. Talvez fosse muito mais interessante habitar todos os espaços com o objetivo de ser *apenas* professor.

Voltando para o texto eu leio: “não temos, nunca, compreendido o outro” (SKLIAR, 2003, p. 39) e me lembro do propósito da minha

leitura. A carapuça se encaixa perfeitamente em mim nesse momento de desilusão com o outro, com o meu amigo que do nada resolveu me abandonar. Pelo título desse texto eu pensei mesmo que com sua leitura pudesse entender melhor esse meu desassossego. Comecei com essa intenção e já me vi discutindo o curso novamente. Será que vou conseguir as duas coisas ao mesmo tempo? Será que esse outro pode ser pensando dentro do meu curso? Será que somos “outros” quando somos tidos como invisíveis? Me lembrei de um filme que se chamava “Os outros”. Na história, os personagens que percebiam a presença de estranhos (outros) em sua casa eram, na verdade, eles mesmos os outros (estranhos) da história. Estou querendo olhar para esses outros, mas estou começando a desconfiar que sou um deles.

A palavra alteridade aparece por toda parte desse texto e como de praxe nessas leituras que tenho feito: nada de definição! Mas o bom e velho dicionário está aí para resolver problemas como esse e ele me conta que alteridade diz respeito à natureza ou condição do que é outro, do que é distinto. Seria então tudo que não sou eu? Tudo que é distinto de mim? Mas eu também sou outro para alguém, então eu também tenho a minha alteridade? Mas será que eu sou capaz de lidar com isso, com algo que não seja como eu, que seja apenas outro? Óbvio que não consigo, se conseguisse não estaria tão indignada com o Diego. Eu não enxergo a escolha dele, o que eu vejo é que sua escolha nunca passaria pela minha cabeça, simplesmente porque, para mim, ela é impensável. Eu o tomo como um espelho e assim não vejo nada além de mim, quando olho para ele. E por isso é tão difícil, tão dolorido. A gente sempre se entendeu tão bem. Ou será que ele nunca havia me contrariado?

O complexo é perceber a existência do outro, e mais que a sua existência, a sua alteridade. Acho que é isso que esse termo diz, pensar o outro é perceber que ele é algo diferente de mim, que é diverso, que possui a sua diferença por mais que se tente ignorá-la. Mas espera aí, parece

que começo a perceber a existência de dois outros, de duas alteridades: um Diego que eu conheço, que tenho clareza que não sou eu, mas que me é assimilável, governável e até amável; e um outro incompreensível, impensável e atormentador, um outro diferente. Volto para leitura e é isso mesmo que o Skliar me diz na sequência quando fala sobre alteridade radical, que ele aprendeu com outros autores, Baudrillard e Guillaume. Existe o outro próximo, que é o meu amigo Diego, e o outro radical, que é o Diego que decide ir embora, aquele de quem eu não gosto e não quero entender. Mas acho que, se próximo ou radical, isso é só uma questão de proximidade, de estreitamento da relação. O radical pode estar apenas adormecido. Ser próximo ou radical não é sempre uma discussão sobre a distância em relação ao que eu sou? Isso não é me manter como parâmetro e, portanto, exercer aquela arrogância que denunciei anteriormente? Por outro lado, haveria como pensar de algum lugar que não fosse eu? Talvez a questão não seja essa. Talvez a questão seja nos lembrar que o seu ponto de vista é um entre muitos e não há nada genericamente construído que diga que meu modo de ver é melhor que o do Diego...

Mas e agora pensando no curso, que tipo de outros existem aqui? Quem os professores enxergam quando nos olham? Se é que eles nos olham... Como ele bem diz no texto: “Não há relação com o outro se seu rosto é ignorado” (SKLIAR, 2003, p. 45), assim como não há conversa se ele é privado de sua voz, há apenas silenciamentos. Seguindo na leitura, ele se coloca a falar mais sobre a escola, mas penso que quase tudo poderia ser dito da mesma forma sobre a universidade, ou melhor, sobre o meu curso, ou sobre os cursos que estou conhecendo pelas narrativas dos estudantes: uma espacialidade que nem sempre propicia a constituição do professor, que às vezes parece mais afastá-lo desse lugar, uma vez que não problematiza sua profissão e nem o aproxima dela; uma temporalidade que classifica (o melhor aluno), que nega o outro (o aluno invisível), que tenta reduzi-lo ao padrão considerado ideal (apaga sua diferença).

O louco é pensar que o ideal, para muitos, é não se tornar professor da escola, sendo que esse é (ou deveria ser) o grande objetivo da licenciatura. Ele coloca a seguinte afirmação: “a mesmidade da escola proíbe a diferença do outro” (SKLIAR, 2003, p. 46) e eu diria que a mesmidade da universidade também proíbe a diferença do outro, pois vejo que a temporalidade nesses dois locais é vista da mesma forma: o mesmo e o outro não podendo ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. O aluno na escola ou o acadêmico no curso que não acompanha a norma não é querido e sim indesejável. Entretanto, vejo que a frase do Skliar não diz da proibição do outro e sim da proibição da sua diferença e isso faz todo o sentido, pois estou começando a achar que o outro pode se tratar de um “mal” necessário, pois a norma é criada por meio da criação do anormal. O acadêmico “fraco” precisa existir para que o “bom” tenha sentido. Eu estabeleço a minha identidade a partir do outro, o que eu não preciso é da sua diferença, daquilo que excede o seu papel de apenas outro. O curso precisa do aluno que não acompanha, pois ele garante o bem sucedido, ele é o parâmetro de exclusão, o que ele certamente não precisa e não faz questão é entender o porquê de esse aluno não acompanhar o curso, as suas particularidades, o seu histórico escolar, as suas dificuldades, o que diz a sua diferença e mais que isso, pensar o que pode ser feito em conjunto com esse outro para se chegar até ele. Afinal, mesmo na educação, a exclusão é do excluído, assim como a doença é do doente, a pobreza é do pobre e a deficiência do deficiente. E eu estou pensando só em aprendizagem, mas vejo que também há muitas outras diferenças proibidas por aqui: o outro questionador, o outro pedagogizado, o outro matematizado...E eu achando que a ideia de experiência do Larrosa já dizia muita coisa sobre tudo isso, era só a pontinha do iceberg. Mas vamos em frente!

E na sua leitura sobre modos de entender a pedagogia, Skliar acalenta meu coração ao falar de uma pedagogia de um tempo outro, que valorize as relações, o fazer junto, pensar junto, uma pedagogia que não

se acomoda em seu tempo, ou seja, que reverbera permanentemente. Porém se trata de um acalento provisório, que se desvanece quando me dou conta que amanhã irei para o estágio colocar em prática a pedagogia de sempre, que anula o outro ou que finge que o acolhe, ao supor sua inclusão. Esse é um outro termo que vem junto com o da adaptação... incluir alguém implica pensar que já há algo anterior a esse alguém, que esse algo não deixa de ser o que era para ser outra coisa. Mesmo assim, ainda penso que posso ser outra ao fazer o mesmo e com isso pode ser que eu faça outra coisa.

O texto acaba, mas não o meu interesse por ele e pelo Skliar. A leitura de sua escrita causa o mesmo desconforto confortante que vivi com o Larrosa e, por conta disso, já tenho em mãos outros textos seus. Um deles trata-se de uma entrevista que ele concedeu a duas pesquisadoras e foi publicada sob o título “Provocações para pensar em uma educação outra”. Como sempre, provocações!

Leio poucas linhas e já me identifico. Ao falar sobre sua formação — que em nada se assemelha à minha, pois ele constrói uma carreira acadêmica voltada para a área de Fonoaudiologia — ele coloca o que seria uma prática comum em uma faculdade: “sentar, estudar textos indicados pelos professores, sem nunca discutir nada!” (SKLIAR, 2012, p. 312). E então é isso, parece que pouco se discute mesmo. Aqui, nas poucas oportunidades que temos de leitura, raramente as discussões acontecem e quando essas se dão não percebo muito além do senso comum. Mas mesmo nas disciplinas específicas, onde a leitura se dá de outra forma, a discussão não existe. Calculamos e demonstramos, tudo sob a lei do silêncio.

Outro ponto que ele (me) toca é ao falar da importância das relações com o outro na nossa formação de modo geral. Eu insisto em olhar para o curso porque estou acadêmica no momento, então olho para as relações que aqui mantenho com professores e colegas (com o Diego!) e vejo o quanto sou afetada por todas elas. E não me restrinjo aos bons

encontros, as experiências desagradáveis também são experiências, logo também causam afecções. O quanto cada uma me permite ser outra, ser muitas ao mesmo tempo, embora essa metamorfose pareça não ser importante nesse espaço quando me lembro de sua temporalidade, comentada há pouco e reforçada por ele agora: “A academia tenta fazer de nós um sujeito só. E a educação também tenta fazer-nos um sujeito uniforme, coerente, consciente...” (SKLIAR, 2012, p. 313).

Além disso, como ele bem coloca, os cursos de formação de professores poderiam estar mais interessados em formar professores que leem e que escutam, pois estes são o princípio de qualquer relação educacional. Até hoje no curso eu não fui levada a ler nenhum livro, seja de matemática ou de educação. As poucas leituras que realizamos são textos “avulsos”, alguns até relevantes para a minha formação, consigo perceber detalhes importantes. Entretanto, pouca atenção é dada a esse tipo de atividade: quisera eu dedicar o mesmo tempo que gasto com a resolução de listas de cálculo à leitura. Além de não haver necessidade para um bom aproveitamento no curso, creio também que me falta disponibilidade para isso. Essas leituras aqui têm sido prazerosas, pois fazem sentido para mim nesse momento, mas nem todas são assim. E percebo que essa não é uma particularidade minha, o pessoal da minha turma parece se aproximar muito disso tudo. Só quero ver quando formos para a sala de aula, seja na escola ou outro lugar. Como iremos conversar com nossos alunos? Como iremos escutá-los? Estar disponíveis? Perceber as diferenças e respeitá-las? Conhecer o outro? Se aproximar dele? Será que só o fato de perceber essas coisas já me ajuda a agir diferente?

Bom, mais uma leitura como experiência que termina (?) com o começo de novos questionamentos, dúvidas, incertezas, inseguranças, mas principalmente, com o olhar mais alargado por novas lentes, embora ainda um tanto míope. A leitura se faz em mim, já não sou a mesma, sou com ela. E para testar o novo foco, acho que vou ler mais uma

entrevista. Tenho que estudar geometria, tenho que preparar aula para o estágio e agora ainda tenho que entender o Diego. Talvez seja esse o momento em que mais preciso dar sentido à minha formação e essas leituras têm sido o que mais me aproxima disso. Sem mais justificativas, passo a novos outros. Olha só, tenho até uma palavra nova, uma não, um monte delas e estou ansiosa para praticá-las!

O encontro na Universidade Federal de Mato Grosso

Em julho de 2016 participei do VII CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica que aconteceu em Cuiabá na Universidade Federal de Mato Grosso e então aproveitei minha estadia nessa cidade para também realizar a entrevista com os acadêmicos dessa instituição. Iniciei o planejamento deste encontro no mês de maio e para isso entrei em contato com a professora Gladys Denise Wielewski que prontamente atendeu meu pedido de ajuda e até nosso encontro em julho trocamos diversas mensagens para a organização da entrevista com os acadêmicos.

Agendei nosso encontro para o final da tarde do dia 18 de julho no departamento de Matemática da UFMT. A professora Gladys me disse que o coordenador do curso gostaria de me conhecer antes de eu realizar a entrevista com os acadêmicos e assim que cheguei ao local fomos diretamente conversar com ele. Ela me apresentou e eu comecei a falar sobre a ideia do meu trabalho, que seria ouvir o que os acadêmicos têm a dizer sobre seus cursos de Licenciatura, sem a pretensão de fazer comparações em relação a outros

cursos. Mas eu percebi que o coordenador estava interessado em saber se eu tinha algum roteiro de entrevista ou um questionário e logo entendi seu interesse. Eles estavam pensando em uma reestruturação do curso, mas queriam a opinião dos estudantes para realizar essas mudanças, o que me chamou muito a atenção, uma vez que nem sempre percebemos interesse por parte de docentes sobre a opinião dos acadêmicos em relação ao curso. E ali ficamos algum tempo conversando e percebendo que nossas realidades são bem parecidas: problemas com evasão e as dificuldades dos acadêmicos em acompanhar algumas disciplinas foram pontos comuns em nossas falas. Por fim, eu disse que poderia disponibilizar o conteúdo da entrevista, caso eles tivessem interesse em ouvir o que os acadêmicos disseram sobre o curso. Despedi-me dele e fui com a Professora Gladys até a sala onde estavam os acadêmicos que fariam parte da entrevista.

Reunimo-nos em uma sala com uma grande mesa e pudemos nos acomodar ao redor dela para a nossa conversa que durou duas horas e meia. O grupo de estudantes foi bastante receptivo e aproveitaram o espaço para discutir questões sobre o curso que consideravam importantes

por se tratar de um processo de formação de professores. Essa foi a primeira entrevista que realizei após redefinir minha pesquisa e abraçar a ideia de entrevistar estudantes da Licenciatura em Matemática de diferentes locais do país. Confesso que estava bastante ansiosa e nervosa para o encontro, porém o acolhimento do grupo me deixou bastante aliviada e tenho a impressão que tudo correu bem, pelo menos, a nossa conversa foi bem longa e animada.

Os estudantes

Eu sou **Raquel**, estou no sétimo semestre do curso. Quando eu entrei não queria continuar, mas confesso que nos últimos períodos do Ensino Médio eu me encontrei na área de exatas e queria fazer algo voltado nesse sentido. Quando eu fiz o vestibular para o ENEM o curso que eu consegui entrar aqui na Federal foi Matemática, entrei com muita vontade de conhecer mais e a partir do segundo semestre eu já comecei a me apaixonar pelo curso e nem tentei mais o ENEM. E estou conseguindo cumprir a grade certinha, tanto é que eu vou terminar nos quatro anos previstos de curso. Hoje eu me encontro num Estágio que eu gosto demais do meu curso,

*Já deu para
perceber o quanto
isso é importante
para ela. Ou então
o quanto isso pode
ser uma ideia
presente no curso...*



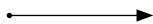
eu falo com muita alegria que é o curso de Licenciatura em Matemática, até mesmo para aquelas pessoas que fazem aquela cara de espanto: “Nossa! Matemática!” Porque a Matemática hoje em dia é tratada como um bicho papão para todo mundo, então eu falo com muito prazer que eu faço Matemática, que eu venho para a faculdade com alegria em estudar Matemática, me descobri dentro do curso. Até mesmo com alguns projetos que a gente faz aqui tornou mais prazeroso em vários aspectos, não só no curso, mas no convívio, porque todo projeto que a gente faz tem um convívio com a sala de aula e a gente tem aprendido muita coisa.

*O desejo genuíno
que parece menor
diante o que o
curso propõe: ou
se é professor ou
se é pesquisador.
Caixinhas!*



Meu nome é **Jeremias** e eu estou no nono semestre de oito e minha intenção, na verdade, não era ser professor, eu entrei por causa da Matemática, eu sempre quis estudar Matemática por si só, independente de aplicação, eu não queria ir para uma área, só que eu também não queria ensinar, eu queria ser um pesquisador. Na verdade, eu não tinha essa ideia de pesquisador, eu queria aprender Matemática quando eu entrei aqui. Eu estou no nono semestre porque eu não fiz as matérias pedagógicas com a intenção de sair um Bacharelado que provavelmente

*Olha o outro
aqui com a
sua diferença,
perturbando o
Jeremias!*



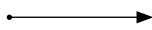
*Ser professor por
não poder ser
pesquisador? Mas
e daí, se ele for
atuar em uma
licenciatura será
que ele vai se ver
como formador
também? Ou vai
continuar sendo
um pesquisador
travestido de
professor?*



sairia naquela época e não saiu e daí que eu fiquei bem atrasado. Tenho intenção de continuar até o doutorado e planejo fazer curso de verão. Ir para o IMPA é a minha intenção, porque eu quero a Matemática. A experiência aqui é boa e até tive certo interesse pela área pedagógica do meio para o fim do curso, quando eu comecei a estudar as matérias pedagógicas. Para mim o desafio estava em aprender, desbravar aquilo, ver coisas novas só que quando eu fui tentar passar isso para outro eu vi que era um desafio talvez maior. Eu tinha facilidade (em aprender), mas eu não tinha facilidade de passar e as pessoas geralmente também não têm facilidade para aprender e aí eu vi um novo desafio. Eu não sei se até o fim das matérias pedagógicas eu me interessei em ser professor da Escola Básica, a minha intenção é de ser professor do nível superior até porque não tem muita área de pesquisa na Matemática Pura, pelo menos aqui no Brasil, então, geralmente tem que ser um professor universitário, e é isso, minha intenção é essa.

Eu sou o **Jonas**, tenho 27 anos. Eu sou do interior do Mato Grosso, de Tangará da Serra. Com 16 anos eu fui para o interior do estado de São Paulo, São Carlos, fazer cursinho e tentar entrar em alguma

E o desejo pessoal???



universidade lá. A preferência foi entrar nas que tinham ali, USP, UFSCar e isso basicamente por causa do meu pai. Ele estudou na Unesp e ele queria que a gente estudasse em uma grande universidade. Escolhemos São Carlos e a princípio eu queria fazer Engenharia da Computação; era um curso que não tinha em muitos lugares na época, isso há 10 anos e eu tentei uns 3 ou 4 anos entrar na USP, só que era muito concorrido. Então a falta de preparo e talvez motivação também para realmente querer entrar acabou fazendo eu desistir dessa ideia. E eu também morei com meninos que estudavam Engenharia da Computação na USP e eu acabei desistindo, eu perdi muito tempo nesse sentido, foram 4 ou 5 anos ali, então foi quando eu já estava estressado, cansado e então em 2009 para 2010 decidi vir para cá. Eu não tinha prestado vestibular aqui no estado ainda e eu escolhi a Matemática por já gostar dessa área, fiz mais de 10 anos de Kumon, mas nunca pensei em licenciar. Quando eu entrei aqui em 2010 eu ainda estava meio perdido no sentido de curso, os coordenadores chegavam e explicavam, mais ou menos, como era o curso e falavam que era um curso para lecionar no Ensino Médio e Fundamental. Era uma coisa que eu não me imaginava,

*A importância das
relações, das trocas,
da conversa*



então no primeiro semestre eu vinha, fazia as coisas, mas não sentia que ia fazer isso, eu pensei parar em alguns momentos, mas aí fui fazendo. Tive problemas de saúde durante o segundo e terceiro semestre e isso também foi me atrapalhando psicologicamente, então isso fez com que eu deixasse de vir na universidade e frequentasse pouco, não fazia as provas. As matérias, eu acho que nunca tive muita dificuldade em relação a isso, preferia até estudar em casa, se o professor deixasse e não contasse presença. Mas de um semestre para cá eu percebi que eu tenho que começar a vir mesmo, até pela questão da cabeça, para você conviver com eles, com outras pessoas também.

Eu vi que quando a gente assiste bem a uma aula é bem mais fácil depois estudar, você estuda em questão de pouco tempo, ao invés de tentar lá sozinho. Eu tive problemas de choque de matéria e aconteceu que eu acabei entrando com outro RGA, acredito que com esse semestre e mais dois eu consiga terminar. Eu não coloquei isso, mas eu acabei gostando de lecionar, acabei fazendo parte do PIBID e a gente acaba aprendendo algumas coisas, outros métodos ao invés daquele só quadro e o professor falando. Eu aprendi a gostar, não sei se eu vou seguir isso, mas

*Uma vez mais a
importância das
trocas! Se não há
um PIBID pela
frente será que ele
teria gostado de
lecionar em algum
momento?*



*Ela acabou de
começar o curso e
já não quer atuar
na escola. Por
que será que isso
acontece? É fato que
já conhecemos a
escola... resta saber
se irá acontecer
alguma coisa aí
nesse curso que a
faça pensar melhor
no assunto...*

*É necessário??
Começo a pensar
diferente... "Senão
não dá conta do
curso", mas e o
curso, dá conta da
nossa formação??
Ando muito mais
interessada é nisso!*

eu pretendo fazer mestrado e doutorado também, não sei se exatamente para essa mesma área, mas eu aprendi a gostar de lecionar, se for preciso sobreviver com isso eu posso fazer. Acho que é isso.

Meu nome é **Andreia** eu estou no primeiro semestre de Matemática. Depois de 23 anos fora da sala de aula eu resolvi fazer o ENEM, meu curso alvo era Engenharia Civil, mas a nota ficou abaixo. Matemática foi uma área que eu sempre desenvolvi bem desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio e resolvi vir para o curso porque passei e resolvi ficar até o final, fazer mestrado, fazer doutorado para lecionar mesmo, para faculdade. Não me interessa muito pela área de Fundamental nem de Ensino Médio, apesar de que a gente tem que passar por eles. Mas eu estou gostando do curso, já tenho as aptidões, já venho nas exatas. A princípio todo mundo assusta quando a gente chega: "Ai, a Matemática, olha o professor tal..." Mas você vai vendo que é necessário, o primeiro semestre é colocado muita coisa, mas é necessário porque senão você não dá conta do curso. Não sei ainda falar muito do curso porque a gente está iniciando, mas o básico a gente conhece e está indo conforme o esperado.

Meu nome é **Nadyne**, estou no sétimo semestre e eu não sou daqui de Cuiabá, sou do interior, de Jaciara. Para ser sincera nunca passou pela minha cabeça que eu ia fazer faculdade de Matemática e nem que eu iria ser professora na vida. Eu sempre pensei em Arquitetura e passei meu Ensino Médio inteiro falando que eu queria fazer Arquitetura, prestei o ENEM no primeiro, segundo e terceiro ano, que era para valer, e minha nota não deu. Minha ideia era entrar para Matemática para poder fazer transferência, só que daí foi passando, o primeiro semestre não podia porque não tinha histórico escolar, o segundo semestre não dava porque Matemática e Arquitetura não são cursos afins e na minha cabeça na época, nossa! Vai dar tudo certo! E aí não deu, foi passando o terceiro semestre não deu, fui fazendo o ENEM e não conseguia, até mesmo porque eu nem estava estudando para o ENEM e estava estudando mais para o curso. Então, por conta disso, o meu primeiro semestre eu não tinha motivação porque não era o curso que eu queria, então eu só estava fazendo para eu não reprovar e eu fiz largo, fiz por fazer, para passar. Mas daí eu entrei no PIBID, acho que foi a minha salvação dentro deste curso porque você

*Um click mais
conhecido como
experiência!!!! Foi
quando fez sentido
para você Nadyne!
Até então era só o
curso que você não
queria...*



vai entrando em crises, você não sabe se está escolhendo, se está indo no caminho certo, então no PIBID a proposta é muito bacana, quando eu entrei na sala de aula, foi até junto com a Raquel na monitoria, parece que foi um click na cabeça, é isso que eu quero! Então foi muito bom. Faz um ano que eu entrei, estava no quarto/quinto semestre, mais ou menos, então foi muito bom e a realidade de estar vivenciando a escola, os alunos, o trabalho que o professor tem e fora esse novo jeito de ensinar que o PIBID te ensina e todas as matérias de didática que a gente tem, mostra que não precisa ser só quadro e giz, e não é só professor e aluno, o aluno pode construir, você pode ir direcionando e ele vai construindo o conhecimento, então foi muito gratificante pra mim. E eu hoje quero ser professora, já desisti completamente da Arquitetura, quero ser professora, não tenho vontade nenhuma de sair e fazer mestrado e doutorado para dar aula em faculdade. Não me vejo dando aula em faculdade, eu me vejo dando aula em Fundamental e Médio porque eu quero ser mestre em Educação Matemática pra poder ensinar Matemática, mais a parte pedagógica.

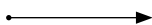
Meu nome é **Wesley**, eu tenho 47 anos, estou no primeiro semestre de Matemá-

Será que essa quase certeza de que seremos aprovados na seleção para a licenciatura em matemática tem relação com o modo como encaramos a profissão?



tica pela segunda vez. Na época eu tive que fazer uma opção social, eu era arrimo de família, eu tive um problema e aí ou eu estudava ou eu trabalhava e quando você precisa e outros dependem de você a opção óbvia é o trabalho. E o tempo passou e agora voltei para Matemática. Eu sempre tive vontade de fazer o curso, eu coloquei como segunda opção no ENEM porque eu queria saber se eu teria nota para passar no outro, eu realmente queria me avaliar. Eu era um bom aluno, mas eu não era um bom aluno em notas, eu sempre fui um aluno que prestei muita atenção, que não conversei muito em sala, mas as minhas notas elas não eram das melhores porque eu não tinha a condição para isso, o tempo que eu tinha para estudar era sempre restrito e aqui no primeiro semestre não está acontecendo nada de diferente. Eu me sinto muito feliz de ter esses professores tão gabaritados dando aula pra mim no primeiro semestre e com isso vai a responsabilidade de você conseguir oferecer pra ele o seu entendimento, a sua condição de absorver o que ele te passa, da melhor maneira possível, porque assim como o nível dele é alto a cobrança dele também é. Tenho sim o objetivo de lecionar, tenho objetivo de fazer mestrado, se for possível fazer

*Alguém pensando
que na escola tem
aluno, e mais,
que é preciso se
relacionar com ele!!!*



um doutorado, eu não sei se vai ser possível, existem outros fatores que limitam, mas a vontade eu tenho, quero lecionar. Eu quero conseguir incluir a Matemática e desenvolver uma forma mais amena de apresentar a matéria. Eu acho que primeiro fazer os alunos gostarem de mim, da minha pessoa porque se o aluno às vezes não gosta do professor a matéria não vai! Então assim, eu tenho esse interesse. Nós temos um problema social com a Educação muito grande e meu objetivo é dentro da Matemática e com a Matemática amenizar isso o quanto eu puder, eu acho que esse é um objetivo bem claro.

O susto e a acolhida inicial

Andreia: Bem, eu acho que o primeiro semestre para quem chega é um pouco assustador, dá até para pensar em desistir se você realmente não tiver focado, mesmo que seja para tentar um segundo curso. A gente tem Matemática Elementar no primeiro semestre, são seis módulos de uma matéria, fica sobrecarregado em exercícios, a gente tem um mês de aula e nós temos praticamente 500 exercícios para resolver de todos os módulos. Para quem passa o tempo todo estudando dá para acompanhar, mas para quem tem outros afazeres como família, trabalho, fica um

*Parece que o diálogo
está sendo colocado
em prática por aqui.
Estou gostando
desse lugar*



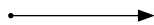
*Acho que se trata de
um acolhimento*



pouco carregado. Até a gente está conversando com o professor, e já é uma ideia do grupo de professores, de estar tentando dissolver um pouco esse primeiro semestre para os alunos. O curso assusta por essa quantidade de matéria. Para mim que estava fora da sala de aula está um pouco difícil porque tenho que me lembrar de detalhezinhas senão a conta não sai do papel, não sai do lugar, mas os professores que a gente pegou agora do primeiro semestre são excelentes, tanto na parte teórica como na parte humana. Eles têm ajudado bastante, eles têm incentivado, tem colocado para nós não desistirmos do curso se nós entramos com o objetivo da Matemática porque alguns entram com objetivo de mudança de curso. Então eles falam para gente não desistir, que o curso é maravilhoso, que você vai se apaixonar pelo curso no segundo semestre. Para mim a nossa turma é muito boa, os professores são de excelente qualidade e o curso, a princípio, é o que eu esperava.

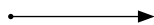
Raquel: No primeiro semestre a gente tem um baque muito grande, porque realmente a Matemática Elementar ela é quase que uma revisão do que a gente aprendeu de Matemática a vida inteira, então a gente (re) olha tudo isso em um sentido *The Flash*. Legal o que você falou

É que eu acho que alguns precisam de uma ajudinha para isso e se ela não existe fica mais difícil!



em relação a turma; a nossa foi uma das que pode falar assim, a gente passou em quinze semestre passado, falavam que poucos passavam da Elementar. A nossa turma tem uma união boa, então quando um está mais ou menos ou então dá aquele grito: “olha, não estou entendendo, me ajuda aí!” Tem aquele socorro. E às vezes eu costumo dizer assim, a Matemática é uma escada. Se você não constrói o próximo degrau para você subir fica cada vez mais difícil e se você não vai formando esses degraus fica impossível de você subir essa escada. E eu acredito que a Matemática tem esse grande embate de ser um problema justamente por causa disso, às vezes as pessoas não conseguem enxergar esse objetivo, então assim, o legal foi que a gente encontrou isso e às vezes a gente senta junto e estuda, vai concluindo e vai dando certo, mas até lá é difícil, muitos desafios que a gente encontra, mas é legal.

É dessas relações que falo, isso é parte da formação também, não pode ser visto como um bônus. Essa bem poderia ser a regra, mas a vejo como exceção



Andreia: Para gente tem sido uma experiência de turma mesmo, muito boa, um ajuda o outro porque todo mundo já entendeu que a Matemática é isso, é esse suporte de um para o outro para que a gente possa construir um curso melhor. Para nós tem sido prazerosa a relação com os professores. As dificuldades que a gente tem levado, eles têm nos ajudado, tanto

em questão de matéria como em questão de Campus. E sobre o curso a gente está vendo também nos professores uma necessidade de melhorar, eles são muito bons.

Wesley: Os veteranos também receberam muito bem a gente, conversam e se colocam a disposição para ajudar, então isso foi algo que eu não esperava que fosse acontecer por causa desse social que a gente vê aí fora. Então assim, isso foi uma coisa que realmente toca fundo a gente.

Andreia: O nosso primeiro contato com a faculdade, a forma como os veteranos nos recebeu, foi muito positiva, porque a gente chegou na faculdade e eles mostraram quando foram falando a respeito das coordenações, foram falando a respeito dos professores, fizeram uma dinâmica muito legal com a gente, muito bacana. Então a princípio aquele medo de como a gente vai ser recebido, será que a gente chega e consegue já se inteirar com o pessoal do curso? O que a gente vê é que o pessoal que está lá na frente está preocupado também em ter uma interação com esse curso, entender que todos fazem parte do mesmo objetivo. Isso ficou bem

claro para nós no primeiro semestre, tanto é que a gente já chegou meio que querendo participar de tudo também, participar das coisas que estão acontecendo dentro da faculdade para poder também se inteirar de como vai funcionar esse processo até o final.

Algumas visões sobre o ensino de Matemática

Jeremias: Diferente deles, quando eu cheguei, na minha época, não passava quase ninguém e na Matemática Elementar tinha uma desistência muito grande, da minha turma que entrou aqui acho que só tem quatro alunos. E eu me apeguei muito aos professores da área da Matemática mesmo, que era o que eu queria, e criei uma certa aversão aos professores da área Pedagógica e tinha umas críticas muito absurda em relação a eles, preconceito na verdade, e que ainda permanece um pouco. Eu agora vou tentando mudar, por mais que há uma divisão entre as duas áreas, são duas áreas querendo ganhar espaço e, é claro, se eu sou de uma área eu quero que o meu aluno se interesse por ela, então ficam puxando. Mas não é uma coisa pessoal, é meio que natural e eu fui me apegando a esses professores e

*Até nossos afetos
são rotulados*



*Não Jeremias, não
é natural, nós é que
naturaliza-mos
essas atitudes e
passamos a achar
que tudo bem, que
é assim mesmo que
as coisas acontecem.
A gente precisa
reagir, acordar!*



Isso também não é natural! Será que o curso percebeu o que estava acontecendo com esse estudante? Ou ele apenas entrou na estatística dos desinteressados? Isso pra mim é um grito de socorro. Uma ausência perturbadora. E para os professores, o que será?

Não conheço a situação, posso estar equivocada na minha leitura, mas fala sério, o que escuto do Jeremias é a descrição de um abismo entre ele e alguns professores. To lembrando do Skrilar falar sobre a importância da conversa, da escuta. Do Larroa apontar a necessidade de uma língua para conversação. Tudo isso me faz crer que eu habito um mundo de surdos ouvintes e mudos falantes.

Será que isso foi problematizado em algum momento?

fui deixando de lado essas matérias pedagógicas, às vezes eu matriculava e ia. Outra coisa, diferente da maioria, eu não tenho dificuldade com a Matemática, tanto é que as matérias que eu mais gostei do curso foi Análise, Álgebra, eu achava extremamente fácil aquilo e não é porque eu era inteligente, ao contrário, as matérias pedagógicas que eu quebrava a cabeça mesmo e geralmente eu desistia porque eu não dava conta. Os professores reclamavam que eu não levava a sério a disciplina deles e isso me fazia criar um preconceito ainda maior com o pessoal da área pedagógica. Tive a infelicidade de ter uns professores ruins nessa área, posso dizer que ainda bem que eram contratados e já não estão mais aqui, a culpa foi minha de ter esse preconceito, mas eles contribuíram muito com isso. Eu estudei várias vezes em escola rural, em muitas escolas, meu pai mudava muito, então eu vim de um sistema educacional caótico e eu cheguei aqui, o impacto que eu tive quando eu vi os professores que davam aula de Matemática, eles chegavam e era incrível, e além de saber tudo isso ainda se importa em ensinar e daí tinha um contraste, quando eu ia na área pedagógica eu via eles falando sobre uma escola que não existia para mim, uma escola que eu não vim dela, um con-

A fala dele me faz pensar que a licenciatura seria o melhor lugar para discutir essas questões, talvez o único curso onde ele pudesse, de fato, compreender o que aconteceu com ele, com sua história com a escola, mas pelo visto...



texto utópico e eu não aceitava aquilo. Eu vinha com uma ideia que a Matemática do Ensino Básico deveria ser opcional e menor, reduzir o máximo e aí eu ficava falando para os professores da área pedagógica: “Por que é que eles têm que aprender fórmula de Báskara? Por que eles têm que aprender isso? Por que eu tenho que dar todo esse conteúdo? Geralmente a ideia deles era aumentar o conteúdo, eles até estavam falando que tinha que voltar o Cálculo, porque nos livros antigos tinha Cálculo diferencial no Ensino Básico, e com toda essa discussão eu falava: “não, eu não quero ser professor! Não quero!” Eu fui criando essa aversão, por isso que a educação que eu tive foi ruim, porque eles não estavam olhando para o mundo de onde eu vim, eles criaram um mundo que talvez aqui funcione. Enfim, quando foi chegando ao final do curso e não saiu o Bacharelado eu vi que se eu quisesse sair daqui um dia eu teria que fazer essas matérias, então eu comecei. Matriculava, começava, desistia e brigava com os professores, mas com o tempo foi mudando, eu tive ótimos professores da área pedagógica, fui conhecendo professores que mostravam uma visão diferente e mostravam que era um problema complexo e que não é que o sistema educacional é

Cara, olha a simplicidade dessa resposta e o quanto ela foi significativa! Não se trata de dar respostas, de inventar teorias, de criar um mundo ideal. Trata-se de entender que o outro precisa ser escutado e então conversar, simples assim! Parece que ele não queria respostas e sim entender a experiência que viveu na escola

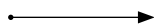
Esse outro sempre complicando a nossa vida!

ruim porque eu não me importo, não! É porque eles olhavam para aquele sistema e falavam: “poxa vida, o que eu posso fazer?” Aí eles devolviam a pergunta para mim: “eu não sei o que fazer, você sabe? Você tem uma ideia melhor?” E eu comecei a ver que não, que o problema é muito complicado mesmo, não é um descaso deles, a situação é complexa e daí comecei a me interessar. Sobre o que eu falei no começo, que o desafio de ensinar foi um desafio maior que aprender, eu agora estou me preparando para ir para o IMPA no final do ano e eu estou estudando alguns conteúdos de mestrado em grupo. Daí eu olho pra aquele negócio e isso aí é muito bom! Que legal e tal e daí eu olho para os outros e: “eu não entendi, explica aí” e aí está a dificuldade: como é que eu vou falar? Um professor que está me ajudando já falou: “olha, quando você for resolver um exercício, escreve!” e aí está a dificuldade! eu sei que é aquilo, sei como demonstrar aquele negócio, mas como é que eu vou escrever isso para que outro entenda? Eu não quero dar aula no Ensino Básico, eu já tive algumas experiências substituindo professores e não gostei nem um pouco e aí já vejo uma grande hipocrisia da minha parte por criticar o sistema educacional que no final das con-

Exatamente Jeremias, me vejo como você! O que eu mais sei da escola é que não quero ir pra lá e nisso o meu estágio também foi decisivo. Mas tem um lance sinistro aqui: a gente assusta com a escola, como se não soubéssemos o que acontece lá, sendo que passamos boa parte de nossa vida nela. E então a gente volta e quase cai de costas, o que deveria ser bom né, afinal estou olhando pra ela com outros olhos (talvez de professor?), mas e daí, onde entra o curso nesse momento? Qual é o amparo que ele me dá? Como ele problematiza a minha decepção? Como ele me ajuda a entender isso e me incentiva a continuar? Como? Como a pesquisa em Educação Matemática se inscreve na profissão da Educação Matemática?

→ tas eu não estou nem um pouco a fim de mudar. Estou fazendo o Estágio II que foi uma matéria que me ajudou a mostrar isso... eu comecei a ver a questão, acho que o problema está mais na raiz, porque como é que eu vou ensinar coisas básicas? Eu tento defender as ideias que eu tenho querendo que alguém contraponha com uma ideia melhor, porque eu também não sei se a minha funcionaria, mas eu sempre tento defender que deveria reduzir essa quantidade. Para mim a criança não precisa aprender o algoritmo da divisão, ela precisa simplesmente aprender a fazer isso no celular e ela precisa aprender mais sobre a teoria daquilo e menos a prática, menos exercício. Talvez seja um pouco de preguiça porque eu não gosto de fazer exercício e então eu seja motivado por essa ideia que eu defendo que não deve ser ensinado essas coisas para a criança. Geralmente o contra-argumento para essa minha ideia é: “Mas daí você vai criar uma pessoa dependente do celular”, mas olha só, se eu sei fazer o algoritmo da divisão eu sou dependente, no mínimo, de um lugar para eu escrever, um papel e se eu fizer uma pesquisa geral é mais fácil achar uma pessoa com um celular e calculadora do que com uma caneta, então, a dependência não é um con-

*Mas isso não é o
que garante a nossa
fama de inteligente?
Não é o discurso
educacional que
justifica o estudo
da matemática?
Resolver
problemas!!! Acho
que muitos que
velejam com a
gente ainda têm
esse pensamento
Jeremias....*

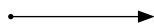


tra-argumento. E também para gente quebrar essa ideia de que Matemática é resolver alguma coisa, não, isso aí talvez seja Engenharia ou outra coisa. Na minha cabeça Matemática é reconhecer esses padrões que vão fazer alguém resolver alguma coisa, pode ser eu ou não, porque eu como matemático me interesso mais pela área pura, não tenho nenhum interesse nisso. Então a minha ideia sobre ensinar Matemática é, não sei como, mostrar a Matemática que faz o aluno tentar formular o problema, se ele quiser resolver o problema ele usa o computador ou o celular, mas que ele consiga formular um problema, olhar pra uma situação e fazer aquilo virar números. Como eu tenho certo preconceito pedagógico é muito fácil que essa minha ideologia seja muito infundada porque eu tenho muito pouco conhecimento nessa área. Porém, já contra-argumento dizendo que por eu ter pouco conhecimento eu talvez não esteja abitolado no que todos aqueles autores dizem, que as pessoas sempre leem. Mas agora eu me interesso sim pela área pedagógica, mas nessa minha visão de tentar ver um novo método, até para contrapor esse modelo que eu sempre vivi. Eu sempre fui prejudicado em fazer exercícios, sempre fui prejudicado por não copiar e

*Cara, o lance da
experiência é forte
mesmo! O que ele
viveu na escola
foi tão marcante
que parece ser
determinante em
suas escolhas e
objetivos*



*Não se trata
só de aprender
né... o negócio é
entender como o
jogo funciona...
infelizmente*



eu queria fazer uma coisa diferente porque apesar de eu ser prejudicado por tudo isso eu conhecia, eu aprendia as coisas, e eu ficava: “Puxa, olha, a parte que é realmente a Educação, o que teoricamente vai me fazer evoluir eu consigo, agora a parte burocrática eu não dou conta” e por causa disso os que vão seguir a parte burocrática me superam, passam na minha frente e isso me deixava um pouco revoltado. Então, por exemplo, no segundo ano - eu também fiquei alguns anos sem estudar porque eu tive que trabalhar e estudar a noite e eu não consegui dividir meu tempo - eu tive uma professora e eu comecei a questionar essas coisas com ela porque eu tinha que ter o que mostrar pra ela no caderno, não tinha notas, não tinha prova. E isso ainda em Matemática que era a matéria que não precisava disso, normalmente minha nota de Matemática vinha de prova, não vinha de um texto, ou resolver exercício ou um resumo, normalmente tem muito disso, e daí a professora queria que eu tivesse as coisas, que eu fizesse o exercício porque ela não passava prova, aí começou a piorar e foi quando eu fiquei um tempo fora da escola. Quando eu voltei, graças a Deus, tive um final do Ensino Médio numa escola boa, que é a escola em que o PIBID atua,

*Fora da escola por
não se encaixar,
por não seguir
o fluxo, por não
possuir a docilidade
necessária à
escolarização*



eu fui um dos que participou de várias oficinas deles. Aqui também, mas na área pedagógica, tive a infelicidade de ter professores que pediam resenha, era muita coisa, eu sei que os professores, provavelmente você, da área pedagógica... tem um autor, por causa disso eu não lia, mas ainda quero ler, que é Ubiratan D'Ambrósio, eu criei uma aversão a esse homem porque a professora dava isso como sendo a bíblia dela e questionar era como se fosse a maior ignorância do mundo. Isso me deixava muito revoltado e me fazia ficar ainda mais contra e era ignorância né, poxa vida, o que custava. Então, ainda pretendo ler ele.

Wesley: eu vejo que a Matemática, principalmente no Ensino Médio, para que um aluno de sétimo ano precisa aprender fórmula de Bháskara? Ele vai lidar muito mais com dinheiro na vida dele do que com a fórmula de Bháskara, então porque não se ensina Matemática financeira ao invés de ficar ensinando um monte de matéria que a pessoa não vai usar. Uma grande dificuldade que eu vejo nas pessoas quando estão aprendendo Matemática é porque não sabem ler, então aquela parte dos problemas que tem escrito nos cadernos eu não sei fazer, mas não é que não sabe fazer a conta, não sabem interpretar o que o problema pediu.

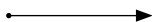
Por quê?

*E nós, sabemos ler?
Aprendemos a ler esses
problemas, mas e quando
a leitura que nos cabe
agora? Como lemos nossa
formação? Como lemos
nossa formação? Como
lemos a escola? Como
lemos o outro?*

Um olhar sobre o curso

Nadyne: Eu tenho algumas críticas a fazer em relação ao curso, mas também tenho muita coisa boa para falar e essas críticas foram construídas por eu me interessar mais pela área da Educação. Começando lá do primeiro semestre que a gente vai fazendo uma construção. Quando eu optei na segunda opção por Matemática eu pensei: nossa, que legal! Matemática, o que eu vou aprender lá? E outra, na frente do nome do curso: Licenciatura Plena em Matemática. Então eu vou entrar e vou aprender coisas para eu poder dar aula no ensino básico. Aí chega aqui Matemática elementar. A Matemática elementar para mim não foi um choque, não foi difícil porque eu tive a oportunidade de fazer um excelente Ensino Médio, então não foi aquele bicho de sete cabeças para mim. Certamente é muito corrido, mas em relação as matérias eu não tive muita dificuldade, o que me deixou assim foi o seguinte: esses seis módulos da Matemática elementar são basicamente tudo que você vai ensinar no Ensino Médio, então se eu estou num curso de Licenciatura plena porque que esses seis módulos são todos grudados em uma matéria só? Se você, a princípio, vai

*Se a única questão
da licenciatura for
ensinar conteúdos,
Nadyne tem toda
a razão! É uma
perda de tempo e de
dinheiro público, no
nosso caso.*



ser um professor, você precisa ver aquilo profundamente, o porquê que aquilo funciona desse jeito para você poder ensinar. Quando eu estava no primeiro semestre eu cheguei a querer desistir, porque para que eu vou fazer quatro anos para me tornar professora se qualquer um que tenha aptidão por Matemática pode pegar um livro e ele vai saber dar aula! Por que era isso o primeiro semestre, aquela Matemática elementar estava me passando essa visão! Passada a Matemática elementar, essa passagem de primeiro semestre para segundo semestre parece que é uma ponte que tem um buraco no meio e você tem que pular, porque é uma visão totalmente diferente, primeiro semestre você está no Ensino Médio, no segundo semestre você entra no Ensino Superior, então nessa passagem de primeiro e segundo semestre foi um choque porque você sai de uma coisa que você está habituada, tirando quem fica muito tempo fora da escola, e pula para coisa que você: “gente, o que é isso, eu não estou entendendo nada!” Então é um salto muito grande e eu acho que deveria ter no primeiro semestre preparação para fazer isso. E outra crítica, isso eu até já conversei com um professor nosso aqui: “professor, se isso é um curso de Licenciatura,

por que não pega essas matérias da Matemática elementar e ensina um módulo desse em cada semestre!” Porque eu achava... como exemplo, vou pegar funções, eu vou aprender funções: como é que faz isso? Por que é isso? De onde que vem? Qual que é a história? Mas não! É tipo cuspidor para você, essa é uma das críticas. Continuando, é um curso de Licenciatura, mas nós temos muita matéria que, a meu ver - eu posso estar totalmente errada no que eu estou falando - não tem necessidade nenhuma de ter num curso de Licenciatura. Por exemplo, Álgebra, Álgebra I até que vai, mas Álgebra II eu não vejo necessidade de ser num curso de Licenciatura, nem Análise I e nem Análise II, enfim matérias que eu estou fazendo porque eu tenho que sair daqui e tenho que terminar o curso. Se eu quisesse fazer essas matérias eu tinha escolhido um Bacharelado, mas aí vem outra coisa, aqui não tem bacharel, vem o que o Jeremias falou, isso não vai acontecer de uma hora para outra, isso é complicado, tem muitas coisas para poder separar um curso de Licenciatura e um curso de Bacharel. Então eu acho que o que a UFMT fez foi para não ficar Licenciatura e Bacharel, eles falaram: “Ah, vamos fazer uma misturinha das duas?” Só que eu acho que eles não

*Por que será?
Por que será que
esse discurso é
tão impregnado
em nós? Tão
inquestionável?
Por que ficamos
tão seguros ao
dizer isso? Por
que estamos tão
satisfeitos com essa
condição? Por que
isso é um problema?*

souberam fazer essa mistura direito porque o que acontece, eu vou falar de experiência, as matérias que são da Matemática são muito difíceis, requer tempo de estudo pra você fazer exercício e as matérias de Educação são muito importantes só que o horário das matérias de Educação geralmente é a noite¹⁶, então eu já deixei muitas vezes de lado, de não ir na matéria de Educação porque tinha prova, porque tinha que entregar exercício e deixava de dar importância, mas eu ficava com a consciência pesada porque eu gostava muito, mas é porque não me deixavam, porque o tanto de coisa que tinha que fazer eu ficava meio perdida! Eu não estou dando conta de aprofundar num assunto que eu gosto por causa de outra coisa que eu não estou nem aí, que eu não quero. Querem fazer a grade curricular desse jeito, não vejo problema nenhum. O que acontece e que eu vou falar, não é nem responsabilidade dos professores. A gente tem que saber sim as disciplinas de Matemática, vou fazer Licenciatura plena em Matemática e eu só vou estudar a Educação? Não! A gente tem que aprender sim a Matemática também, só que o

¹⁶ O curso de Licenciatura em Matemática da UFMT acontece nos períodos vespertino e noturno.

que acontece? Não é feito um link dessa matéria que eu estou estudando aqui no Ensino Superior lá na Educação Básica, então para mim fica vago. Não que o professor é ruim, o professor é ótimo, tanto é que ele explica de várias formas, acho que é um bloqueio meu isso, mas se às vezes ele fizesse um link: “olha, isso daqui você vai...” fazer um link com a Educação Básica, puxar para Licenciatura, acho que eu aceitaria mais, agora eu não sei te falar o porquê que eu não vejo a necessidade de estudar algumas disciplinas, seria por conta disso. Por eu gostar tanto de Estágio, acho que deveria ter Estágio desde o primeiro semestre porque o aluno pode estar colocando em prática, vivenciando aquilo que ele está aprendendo, aí chega lá no final ele está com uma carga tão grande que não tem aquele medo de terminar a faculdade e dar aula. Estágio é uma coisa magnífica! Eu tive a felicidade, nós (referindo-se aos outros colegas que também são do PIBID), o PIBID é mais que um Estágio, mas não são todas as pessoas que têm a oportunidade de entrar no PIBID, então quando que eles vão conhecer? Só lá no Estágio? Mas o Estágio não vai te mostrar as diferentes realidades de escola que, às vezes, um projeto de extensão, de qualquer coisa, ia te possibilitar. E

as matérias de Educação, confesso que tive um pouco de receio, justamente por causa da professora. Educação Matemática I era mais textos, fazer resenha de pensamentos da pedagogia, história, eu não estava habituada com aquele assunto, porque era uma coisa nova. Daí, passando à Educação II, ele já começou a mostrar para gente as diferentes formas de ensinar, diferentes pensamentos, os diferentes materiais, então foi uma coisa que foi me puxando. Em Educação III, didática, foi muito bom porque daí a professora: “Ah, vai dar aula simulada”. Você ia lá à frente e no Estágio agora está sendo muito importante porque mesmo que as escolas estão em greve a gente está fazendo trabalho aqui e a gente vai dar aula e a professora vai te dando dica de como você se comportar e aí a gente vê a realidade do que o Jeremias falou, você sabe pra você, o desafio é você ensinar! Então aqui está na hora de aprender, claro que você não vai sair daqui pronto para dar aula, porque isso aí você vai aprendendo trabalhando, só que, quais métodos eu poderia usar para que a Matemática não fosse esse bicho de sete cabeças que é para as crianças? Eu tenho uma coisa muito forte na minha cabeça, eu tenho um plano de, quando eu sair do mestrado, voltar

*A questão é pensar
no como o curso nos
instrumentaliza
para isso e se isso é
uma preocupação
aqui dentro*



pra Jaciara, de fazer uma coisa nova. Pode ser uma utopia enorme, posso cair do meu cavalo, bater de cara, mas eu quero lutar por isso, mas isso eu não vou conseguir de um ano para o outro, vai demorar um pouco. Para começar eu coloquei que isso tem que começar dentro da minha sala de aula: os alunos não são iguais. Você não pode ensinar da forma que você quer, da forma que é mais confortável para você se tem um aluno que não está entendendo nada do que você está falando. Então você tem que se preparar e ter artifícios a sua disposição para tentar atingir o máximo de alunos dentro da sua sala de aula. Se há um aluno que não gosta de copiar, de fazer exercícios, o que é que custa fazer uma coisa para esse aluno? Ensinar da forma que ele gosta, se não é papel, pegar jogos, ter articulações para poder atingir isso.

A Matemática estudada na Licenciatura

Jeremias: Eu queria Bacharelado porque eu acho que essas disciplinas da Matemática, elas ficam como se fosse num limbo, como se fosse num meio termo. Eu venho para Licenciatura, aprendo e vou ensinar no Ensino Médio. E tem a Matemática do Ensino Superior que eu vou fazer pes-

Essa fala do Jeremias me diz mais do silêncio que impera nesse curso e nos outros, e no meu... Não se diz sobre o que se faz, apenas aperta-se o parafuso

Ao negar o seu objetivo maior, o que ele afirma?

E essa possibilidade surge apenas em uma atividade externa ao curso. Isso diz da espacialidade desse lugar: nega-se a possível fala do outro, autoriza-se apenas que ele fale do mesmo. O Skliar está me ajudando muito a escutar esses colegas

Falar a mesma língua seria o princípio básico de uma conversa... Mas se o interesse não está na conversa, então...

quisa. E essas matérias aqui no curso de Licenciatura só servem para eu aprender aqui e voltar pra dar aula aqui, ou seja, eu criei um ciclo porque eu não vou ensiná-las no Ensino Médio e se eu for dar ela aqui vou ter que voltar a estudar. Se eu for fazer um mestrado eu vou ter que aprendê-las de novo, então elas ficaram meio que no vácuo, para uma pessoa que vai pra lá Ensino Básico não vai usar e quem vai pra cima vai aprender de novo, ficou meio que redundante, mas como ela falou, acho que a intenção era justamente essa de juntar, que é o argumento de não terem o Bacharel. O Bacharelado era justamente porque eles não queriam reduzir o curso, reduzir essa quantidade de matéria e ficar mais pedagógica.

Nadyne: Então, a meu ver, atualmente o curso aqui está sendo preparatório para professores darem aula na faculdade. Não é preparatório para professores da Educação Básica. Enfim, chega de crítica, vamos lá... Nossa, eu tenho essas coisas para dizer desde o primeiro semestre que eu fiquei revoltada quando eu entrei aqui.

Jonas: Quando a gente fala Matemática a gente tem que entender que é uma língua como qualquer outra, então ela tem que ser ensinada também como essas línguas.

Eu acho que falta perceber que a Matemática, toda matéria, não começou da forma básica para superior, não teve uma ordem, principalmente a Matemática abstrata. Existem coisas que foram feitas há séculos e que não tinha utilidade nenhuma e que a gente utiliza hoje, por exemplo, os números binários na computação. Eles foram feitos numa época que não tinha motivo para ser feito e agora a gente utiliza. Então a gente tem que entender que é uma linguagem. E quem vai se tornar matemático, usar esse termo é até complexo porque a gente fala engenheiro, arquiteto, matemático, mas a gente não precisa falar que é matemático porque matemático seria um pesquisador, geralmente eles são bem privilegiados de QI, então são pouquíssimas pessoas que são matemáticos. O Brasil recentemente ganhou a medalha Fields, o Artur Avila, então para você ter uma ideia o Brasil não era nem reconhecido nessa área de Matemática. Por que a gente não tem um curso de Bacharelado? É porque também falta professor nessa área. O curso de Matemática é o mais antigo, fez 50 anos esse ano, se não me engano a UFMT tem 60. Então um dos primeiros cursos daqui e para você ver como é complexo, parece que não evoluiu. Não é isso, é que real-

*E se eu não
vou para a
universidade eu
faço mesmo o que
com o que a escola
me ensinou???*



mente é um processo difícil, são poucas pessoas que se interessam pela Matemática. Como vocês falaram da quantidade de alunos que passaram no primeiro semestre, quando eu entrei acho que fui o único que passou direto dessa Matemática Elementar e no semestre anterior só dois passaram, então é realmente uma coisa complicada, você tem que entender que a Matemática é uma língua. Então para você ensinar uma língua ela tem que ser ensinada desde a base, a forma que é ensinada hoje é completamente errado. Você estuda doze anos para chegar ao final e tem essa prova que é o vestibular, então o que você aprende ali basicamente serve para isso, no fundo não significa praticamente nada em termos de conhecimento para o indivíduo. Não sei se mudar por interesse o Ensino Médio, conforme tem em outros países como nos Estados Unidos, se não me engano é dividido por área de aptidão. Então tem uma série de coisas que tem que ser realmente questionadas e que a Matemática mesmo, ela é realmente complexa.

Por que mesmo?



Raquel: Eu tenho uma certa aversão a Matemática Pura desde a primeira matéria. Eu vejo que é importante numa classificação Ensino Superior. Se a gente for analisar as construções que foram feitas

na aplicada saíram dela, mas assim, para mim, ali dentro tem coisas muito abstratas. Na Teoria dos números tem aquela entradinha nesse mundo e tem coisas lá dentro que são o meu bloqueio, acho que os meninos aqui talvez não tenham, mas eu tenho essa dificuldade muito grande com essa questão da Matemática pura, por ser tão abstrata. Agora, terminando o curso, que eu estou começando a me acostumar! A gente vem do Ensino Médio, a gente olha para a Matemática, onde eu aplico? O que eu faço? Onde eu vou solucionar o problema? Qual é o x da questão? Literalmente, né? Então assim, por exemplo, o caso da Análise, ela não é mais uma questão a solucionar o x , encontrar um resultado, e sim o que está acontecendo dentro daquela função? Qual é o processo? O que fez você sair desse lugar e chegar até aquele outro? Então assim, a gente sai daquele mundo de resolver, aplicar, que a gente está acostumada desde quando a gente começa e agora a gente está numa outra visão, então é difícil arrancar aquele costume de aplicar.

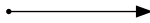
Sobre os professores

Raquel: A gente encontra professores muito bons, que se preocupam com a gente, que nos ajudam sempre e isso é

muito legal, é bacana e não tenho o que reclamar em relação a isso.

Nadyne: Eu gostaria de ressaltar isso que a Raquel falou. No Ensino Médio eu escutava: “aproveita, que quando você entrar na faculdade o professor não está nem aí pra você” e quando eu entrei aqui esse argumento caiu por água porque eu não tenho o que reclamar desse departamento de Matemática em relação aos professores. Eles se preocupam com você, quem entra aqui não é mais um no curso, é alguém, é seu colega, é o seu futuro colega de trabalho, não é mais alguém no curso só pra somar a quantidade.

Que contraste com tudo que já foi dito



É louco pensar que isso pode ser impactante, não deveria ser o usual?



Jeremias: Isso foi o que eu acho que mais me impactou quando eu entrei aqui. Você ir à sala do professor e ele te dar atenção. Eu tive uns problemas com insônia no segundo semestre e tinha o professor tanto de Cálculo como o de VGA, os dois me ajudaram pra caramba, chegou a ponto de na hora da prova ele falar se eu não queria fazer outro dia. Isso foi muito bom porque era uma coisa estranha, eu chegava na hora da prova, eu olhava, eu sabia, mas eu não conseguia, era complicado e eles entendiam isso, isso é um diferencial.

Jonas: Isso que eu ia falar. Como eu morei em outros lugares, eu cheguei a participar de algumas aulas na USP e eu via que a relação com os professores era fria. Quando eu entrei aqui, principalmente eu que tive ao longo do tempo vários problemas, vários professores conversavam comigo e entendiam o que estava acontecendo. Eles conversavam muito comigo, me ajudavam, teve professores que me levaram até para conhecer algumas religiões. Então a gente fica falando dessas questões de universidade e que eu vi, eu queria lá, queria entrar nessas grandes universidades e quando eu entrei aqui eu senti esse afeto.

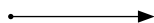
Andreia: Para nós do primeiro semestre a gente já entendeu que qualquer dificuldade que a gente tiver eles estão prontos para nos ajudar. Até na primeira semana eu falei: “ah não, eu vou desistir do curso, não vou conseguir fazer” o professor falou: “não, não desiste não, eu fui aprender Matemática quando eu fiz o meu mestrado, nos três primeiros meses encaixou tudo e hoje estou aqui, tenho mestrado e tenho doutorado, não se preocupe”. Uma palavra positiva numa hora que realmente o negócio estava assustando, eu falei: “não, vamos tentar mais um pouco”.

*E por não esperar
esse acolhimento
ele se torna o
algo a mais, o
surpreendente, o
diferencial. Será
que é o que faz
valer a pena?*



Wesley: Esse positivismo contagiante do pessoal do curso de Matemática e aí eu incluo os professores, os colegas, os veteranos, isso foi uma coisa que contribuiu para gente se sentir bem no curso porque eu não esperava ser bem recebido como eu fui, eu não esperava que os professores fossem dar a atenção que eles dão, eu não esperava que fosse assim. Hoje mesmo teve um professor que falou: “a turma está diminuindo, né? Tomara que tenha ido para outro curso”. Eu acho os professores excelentes, todas as dúvidas, tudo que a gente pergunta eles respondem, não tem aquela história de fazer cara feia ou virar para você e falar assim: “puxa, você ainda não sabe isso?”. Eu tive que falar para o professor: “professor, me ensina isso daqui, é básico, eu fiz na calculadora deu certo, mas eu não sei como fazer” e ele teve toda a paciência de me chamar no particular e explicar: “está vendo esse passo, por isso que deu isso, entendeu? Aprendeu?” Aí que eu fui realmente entender. Então embora eles sejam doutores, eles estão preocupados se a gente está enxergando o contexto, o conteúdo, onde estão as falhas e quando eles identificam eles se dispõem a ajudar.

*O que significa
afinal ser doutor?*



Mais uma leitura!

Eu tenho observado bastante a questão das relações entre professores e alunos nessas minhas leituras e sempre tenho tido a impressão de que o afeto está em falta. Entretanto, aqui vejo que esses estudantes estão recebendo um bônus nesse quesito! Até me animei! Porém, para minha tristeza, parece que ainda é preciso mais que isso. Oferecer uma formação em que o estudante se sinta preparado para atuar na escola também é acolher e nesse ponto a impressão que tenho é que as coisas precisam melhorar. E daí eu vejo também que não dá para dizer que um aspecto é mais importante que o outro. Não dá para valorar. Tudo caminha junto.

Entretanto, o que guardo dessa narrativa para talvez discutir no GELIMAT é a fala do Jeremias. Um estudante que experienciou a escola como um lugar de exclusão, onde a sua diferença e a sua particularidade no modo de vivenciar o processo sempre foi motivo de recusa. Seus crimes: não copiar, não gostar de resolver exercícios, não registrar as informações. Subversões indesejadas no contexto escolar. Mas a questão que me coloco é como esse curso enfrenta essa situação. Não digo desconstruir essas imagens e sim problematizá-las. Desconstruir talvez a escola, pois ando desconfiada que ela não seja aquilo tudo que eu pensava, tenho desconfiado de suas intenções a ponto de começar a diferenciar o que antes para mim eram sinônimos: escolarização e educação. Mas mesmo que para desconstruí-la precisamos dela nos aproximar e só o período do estágio parece estar sendo insuficiente para isso. Aqui mesmo eu vi isso no modo como o PIBID é considerado um suprimento dessa falta. Aliás, quase sempre ele é visto como o salvador da pátria.

O que eu tiro dessa leitura é: precisamos (re)conhecer a escola para além da observação do seu cotidiano. E para isso o estágio não é ruim e nem bom, ele é pouco! Insuficiente para aquilo que poderia ser sua intenção: nos (re)aproximar da escola para que possamos compreendê-la na sua diferença. E, como não poderia deixar de ser, carecemos de atenção;

carregamos uma história com o nosso futuro local de trabalho que não pode ser ignorada, uma vez que ela pode ser decisiva em nossas ações.

Acho que estou ficando confusa com todas essas leituras: o que elas me dizem, afinal? O que eu consigo escutar nessas falas que seja diferente de mim, do que eu já penso sobre a minha formação? Parece que só consigo pensar no mesmo! Percebo algumas coisas, mas quando tento formular um raciocínio sinto ainda falar as mesmas coisas. Nessa última leitura tentei assinalar alguns pontos, mas ainda tenho dúvidas. E estou percebendo que acabamos discutindo no GELIMAT praticamente as mesmas coisas que leio aqui, mas deve ter algo além disso. Será que é só uma questão de foco? Acho que talvez eu tenha que pensar sobre o que eu gostaria de ver e ouvir nessas discussões sobre a nossa formação. Pensar sobre a minha percepção como acadêmica. Respostas eu não tenho, mas acho que consigo formular algumas questões que podem me ajudar nesse exercício: O que se diz ao dizer que há dicotomias no curso: matemática x educação? O que se diz ao dizer que o estágio não contribui para a formação? O que se diz ao dizer que não se estuda matemática para ensiná-la na escola? O que se diz ao dizer que o curso não forma professor?

Não que eu esteja querendo encontrar o que há por trás dessas falas, algo que seja a essência do problema. Já nem sei mais se tudo isso é um problema, problema para quem? O que eu estou desconfiando é que talvez tudo isso seja apenas aquilo que está na superfície, onde mesmo aqueles que não estão diretamente envolvidos no processo conseguem perceber e até opinar sobre o assunto sem grandes esforços. Talvez falte profundidade sobre essas discussões, talvez seja preciso parar, olhar melhor, escutar melhor, sentir mais.

Bom, enquanto a resposta não chega vou me aventurar novamente em outra leitura.

O encontro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

No dia 12 de setembro de 2016 estabeleci meu primeiro contato com o Professor Marcus Vinicius de Azevedo Bassus para negociar a possibilidade de realizar minha pesquisa com os alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cheguei ao professor Marcus por indicação de minha orientadora e, coincidentemente, ele também era o coordenador do curso de Licenciatura em Matemática dessa instituição naquele momento. No dia em que enviei o e-mail, de imediato, obtive uma resposta afirmativa e receptiva. Dessa ocasião até o nosso encontro, no dia 18 de novembro de 2016, foram diversas trocas de e-mail e negociação de dia, horário e local. Às vésperas do encontro eu já estava conversando diretamente com o acadêmico João Marcos que foi indicado pelo professor Marcus para organizar nossa conversa.

Nosso encontro ocorreu no Campus do Vale da UFRGS que fica em uma região afastada do centro de Porto Alegre. Nesse local está situado o prédio do Instituto de Matemática e Estatística, onde ocorre parte das disciplinas do curso de Licenciatura em Matemática. Gentilmente, o

professor Marcus me deu uma carona até o Campus do Vale, nos encontramos no prédio da Faculdade de Educação que fica no centro de Porto Alegre e até nosso destino fizemos um trajeto de, aproximadamente, 40 minutos de carro. O pouco que conheci desse Campus me encantou: há muita área verde no local e apaixonada como sou pela natureza, isso já foi o suficiente para me encantar. Assim que chegamos fui levada até a sala do laboratório de informática, o espaço disponibilizado para a entrevista. Uma sala ampla, com ar-condicionado e muitos computadores, um típico laboratório de informática. Afastei alguns computadores e liberei um espaço na bancada para que nos sentássemos ao redor dela. Organizei tudo e logo os estudantes chegaram. Iniciamos então uma conversa que durou, aproximadamente, 1h30min. Tive a felicidade de me encontrar com um grupo de amigos comprometidos com a ideia de se tornarem professores. Bastante críticos em relação ao curso e muito conectados, por vezes um terminava a fala do outro, falavam ao mesmo tempo, discutiam, concordavam, discordavam. Posso dizer que fazer essa transcrição foi um desafio prazeroso, pois a empolgação do grupo era contagiante.

O grupo de colegas

*Parece que esse
universo a motivou,
vamos ver como
isso aconteceu*



Meu nome é **Kristine**, eu tenho 24 anos, entrei na UFRGS em 2012/1, então são cinco anos cursando, acho que se tudo der certo me formo no final do ano que vem. A minha primeira opção foi fazer o curso de Física, Licenciatura também, só que acabou que eu não gostei muito porque eu sempre gostei mais da Matemática e aí acabei entrando na UFRGS, mas eu acho que eu nunca escolhi por ser Licenciatura, eu entrei mais porque eu queria fazer Matemática. Eu sabia que Licenciatura era para quem viria se tornar professor, mas não conhecia todo o universo da educação que existe por trás disso e é por isso que eu estou fazendo. E quero ser professora.

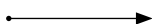
Eu sou o **João**, tenho 27 anos, entrei em 2012/2, estou cursando o nono semestre e também pretendo me formar no final do ano que vem. Eu morei no campo até os 17 anos e eu não gostava, não queria ficar lá. Então eu pensava: “só tem uma forma, fazendo faculdade”, as referências que eu tinha, ou tu fazias Veterinária ou Agronomia, ou tu eras professor, era o que tinha lá. Então desde criança eu pensava: “ah, eu quero ser professor, eu não quero ser veterinário”, e eu sempre

*Por mais que se
tenha o desejo
genuíno quanto
a profissão, as
condições de
trabalho podem ser
determinantes!*



gostei de Matemática, sempre alimentei aquela coisa que eu gostava e que queria ser professor e achava que seria de Matemática. Eu pensava em várias coisas, cheguei a pensar em outros cursos, mas enfim, quando eu terminei o Ensino Médio eu fui fazer numa universidade particular um semestre de Matemática, Licenciatura, porque antes da Matemática eu tinha vontade de ser professor. Só que a referência que eu tinha eram os professores do estado e aí eu pensava: “o estado paga muito pouco e se eu quiser de fato sair do interior, sair do campo, não depender mais dos meus pais eu não posso receber isso”. Eu pensei em trocar de curso, fiz outra faculdade, que eu não gostei, atuo muito pouco, praticamente não atuo. Eu fiz cosmetologia, você trabalha com cosmecêuticos, com ácidos para tratamentos estéticos, para tratamento de acne, de manchas, tratamentos dermatológicos. Enfim, quando eu terminei pensei que quando eu fiz o primeiro semestre de Matemática eu gostei muito. Eu gostava de Matemática já em função do meu avô que tinha toda uma história na Matemática, então eu vi que eu também gostei disso e quando eu terminei a minha outra faculdade eu falei: “eu não quero mais nada, eu quero ser professor”. Eu

*Será que essa
postura afeta o
modo como o
estudante olha para
o curso?*



*Mais uma que
começa a gostar do
curso durante seu
desenvolvimento,
acho que as
coisas aqui
devem funcionar,
vamos ver*

fiz o vestibular para a UFRGS e estou na Matemática e quero ser professor, dou aula e gosto de dar aula, às vezes eu penso: “quem sabe eu não aproveito e faço Engenharia para ganhar um pouquinho mais” (risos), mas como eu não quero fazer outro curso de novo...

Meu nome é **Bruna**, eu tenho 23 anos, estou mais entre o quarto período e oitavo. Na verdade, não tinha escolhido Licenciatura em Matemática, eu queria fazer Arquitetura e no fim eu acabei fazendo vestibular para Matemática. E até meu segundo e terceiro semestre, mais ou menos, eu não curtia fazer, não gostava. E aí eu iniciei uma prática que foi o Laboratório e o PIBID, subprojeto da Matemática, então a partir disso que eu comecei a gostar da Licenciatura em Matemática, que eu comecei a ter um encanto pela Matemática pelo fato de dar aula, foi a partir disso e eu acho que eu estou no caminho certo porque eu gosto muito de fazer. Estou no PIBID faz já um ano e meio, eu acho, e é bem legal, a gente trabalha com a escola pública, que é o Instituto de Educação. É muito bacana ter esse contato com os alunos antes de a gente se formar porque a gente tem uma experiência bem bacana. Com certeza quero ser professora!

Eu sou o **Gilberto**, eu estou no segundo semestre e eu entrei na Matemática no ano passado, mas eu estou na UFRGS desde 2013. Eu fazia Engenharia Física antes, mas meio com aquela pressão familiar, não ficava feliz com nada, nem com os colegas, nem com a matéria, nem com nada, não via perspectiva de trabalhar assim. Eu resolvi parar um ano para pensar na vida, eu fui para um cursinho e lá foi que eu decidi: é Matemática que eu quero fazer. Até o último dia de se inscrever no vestibular era para eu fazer Física, eu tinha um professor que me ajudava muito: “não, faz Matemática, vai te dar bem, faz, faz, faz, faz”. Aí eu escolhi Matemática, e foi assim, eu me dou bem com todo mundo e é outra cabeça, e eu acho que é isso, estou muito a fim de começar a dar aula, sou muito fã desse pessoal do PIBID, são sempre felizes [risos].

Eu sou o **Guilherme**, tenho 22 anos, eu estou entre o sexto e o sétimo semestre do curso noturno. Eu caí na Matemática não por acaso, quando eu entrei na faculdade eu não tinha exatamente certeza do que eu queria fazer, porque eu estava dividido entre fazer três Licenciaturas: ou Letras, ou História ou Matemática, mas como eu gostava muito das aulas da minha professora do Ensino Médio de Matemática acabei optando por Matemática. Poderia

*Olha a memória
escolar afetiva*



*Mais um! Tem algo
diferente por aqui*



hoje estar fazendo Licenciatura em História, talvez eu queira fazer também no futuro. E muito parecido com a Kris, eu não entrei muito pensando... Claro que eu sabia o que era Licenciatura, mas eu com 17 anos não pensava muito em Educação enquanto teoria e tudo mais. Quando eu entrei na faculdade eu gostava muito das disciplinas do Instituto (Instituto de Matemática), disciplinas de demonstração e as cadeiras da FACED (Faculdade de Educação), embora eu gostasse, eu gostava mais das disciplinas do Instituto. Conforme foram aparecendo os Laboratórios e as outras disciplinas de prática e muita conversa com outros colegas eu fui pegando mais gosto também pela parte teórica, pensar a Educação e tudo mais e a partir disso eu me sinto mais motivado em ser professor, apesar de as práticas dentro das disciplinas não ter assim muito...trabalhei com Estágio, dentro da minha bolsa eu fui professor, mas é diferente e enfim, nunca entrei numa escola para assumir uma turma ainda.

Meu nome é **Isadora**, eu tenho 22 anos e eu estou entre o sexto e oitavo semestre. Eu sempre quis ser psicóloga e daí no terceiro ano eu comecei a pensar sobre ser professora e eu fiquei naquela dúvida. E eu também pensava em Letras e

*Diferente é, a
questão é como
entender essa
diferença*



Matemática e eu tinha essas três opções: Letras, Matemática ou Psicologia e eu optei por Matemática. Dentre Letras e Matemática, ainda tinha dúvida quanto as duas, quando eu fui me inscrever eu queria testar o vestibular, ver como que era o vestibular da UFRGS e como Matemática era mais fácil para entrar eu optei por Matemática para testar e eu passei e decidi por mim. Eu entrei e vi que aquilo era o que eu queria mesmo, no início para mim, pelo menos, foi bem assustador. O curso de Matemática era bem diferente do que eu imaginava até a gente começar a fazer as práticas. Depois também eu entrei no PIBID, faz três anos que eu estou nele e daí tu descobres que é isso mesmo. Quando tu entras na sala e tem o contato com os alunos, tem essa relação fora da faculdade, a relação da gente com a escola, que é bem diferente do que a gente tem só nas cadeiras da FAGED, por exemplo, porque a gente aprende, mas a gente não tem aquela experiência e aí foi quando eu realmente queria ser professora, mas eu ainda penso em fazer Psicologia também para ajudar, quem sabe, e a gente tem um professor que ele estuda bastante isso e daí...

O susto inicial

Kristine: Eu entrei junto com a Isadora e a gente seguiu fazendo várias cadeiras juntas e ainda fazemos, e acho que no nosso quinto semestre de UFRGS que a gente fez a cadeira que nos liberou para a primeira cadeira de prática. Quando a gente entrou no curso a gente fez uma cadeira no primeiro semestre com uma professora que assustou bastante, o nome é Fundamentos de Matemática I onde a gente vê a parte de demonstração. Na verdade, eu acho que tudo depende, nos primeiros semestres que tu entras na universidade, dos professores que dão aula para essas cadeiras porque a gente insistiu muito para chegar hoje aqui porque de sessenta alunos que entraram com a gente cinco já se formaram e acho que tem uns quatro que ainda continuam. E a gente teve que fazer cinco semestres para conseguir se liberar de uma cadeira para fazer a primeira prática sendo que no currículo ela está prevista no terceiro semestre, então só no nosso sexto semestre de universidade, são três anos que tu ficas insistindo.

Isadora: Eu acho que é nessa cadeira que dá esse susto quando tu entras na faculdade porque, pelo menos, no nosso primeiro semestre essa cadeira foi como

*Parece que o lance
não é exatamente o
que está acontecendo
no curso, mas o
tempo em que isso é
feito! Acho que isso
tem relação com o
que o Skliar fala
sobre o tempo do
outro. Há o tempo
que foi inventado,
ordenado... (o tempo
da escolarização)
e esse tempo que
a Bruna coloca
é o tempo que é
irreconhecível,
indefinível,
ingovernável... (o
tempo do outro)*

se tu já tivesses um embasamento que tu não tens de coisas que teoricamente era para ter visto no Ensino Médio, só que a gente não viu. Então tem a linguagem Matemática que já é cobrada e que a gente nunca ouviu falar, daí começam as demonstrações também que a gente nunca tinha visto na vida. Então eu acho que isso é que mais assusta porque é um mundo completamente diferente daquele que tu estás acostumado.

Bruna: É, tu tens que te adaptar num período de tempo muito curto para várias coisas e tu tens que construir um certo pensamento matemático que tu não tiveste anteriormente.

Guilherme: É, exato, eles te cobram uma escrita e uma linguagem Matemática com a qual tu não foste apresentado antes e se tu não sabes...

João: É que no Ensino Médio a gente até aprende algumas coisas, algumas das coisas que a gente viu ali, mas não da forma como que a gente...

Bruna: É cobrado.

João: Com aquele olhar.

Guilherme: A gente sabe que é um teorema aquilo lá, mas, por exemplo,

provar que no triângulo equilátero a perpendicular que baixa a base divide o triângulo em duas partes iguais, essas coisas dessa forma...

Bruna: Intuitivamente a gente sabe, mas por que isso realmente é válido...

Guilherme: E essa coisa era muito cobrada de uma forma que a gente não conhecia e a gente penou, eu particularmente penei um pouco para aprender a escrever matematicamente.

João: E eu penso também que esses professores dessas disciplinas tenham uma tendência a assustar, eles gostam de assustar, porque hoje quando eu olho para a disciplina de Fundamentos I eu acho que não era tudo aquilo que eu achava que era. Tu olhas as demonstrações, claro, já alguns anos fazendo várias demonstrações e adaptado com a linguagem, mas quando tu chegas lá pensando que Matemática é aquilo que tu viste no Ensino Médio e é uma coisa totalmente diferente, uma exigência totalmente diferente, uma rigorosidade tanto ali na avaliação quanto na própria aula... “Isso aqui vocês têm que saber”, coisas que a gente não percebe... “ah, isso aqui é trivial!” Trivial para quem? Então eu passei no vestibular e passou a ser trivial para mim, é isso?

Não importa quem você é! Você está aqui e isso quer dizer que você deve saber algumas coisas. O sujeito é apagado/silenciado e o que existe é a figura irreal/inventada de um estudante de matemática! Absurdo, entramos no curso e devemos nos tornar avatares de matemáticos. De fato, é um susto inicial mesmo!



Isadora: Essa disciplina é pré-requisito para uma disciplina do segundo semestre, Fundamentos de Aritmética e Fundamentos de Aritmética é pré-requisito para essa cadeira de Laboratório que é a da prática. E essa de Fundamentos da Aritmética é anual, então se tu perdeste, ela é sempre no segundo semestre, é só no outro ano e aí por isso a gente acabou fazendo no quinto semestre.

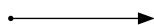
Sobre a formação e a prática dos docentes

Isadora: A gente tem vários professores que são formados no Bacharelado e não na Licenciatura, isso é uma coisa que a gente conversa bastante, a gente está sendo formado para ser professor e a gente tem um currículo para isso e o Bacharel é um currículo diferente que não é para ser professor e daí a gente questiona o quanto, não que eles não saibam dar aula, mas o quanto eles foram preparados pra isso?

*Como se discutir
fosse algo
dispensável dentro
de um curso! Todas
as disciplinas
deveriam
possibilitar isso,
é o mínimo.*

Kristine: Nas cadeiras que a gente tem possibilidade de discutir, como de Laboratório, a gente tem duas partes, a parte da discussão que a gente tem aula com o nosso professor aqui que possibilita essas discussões e uma parte de aplicação que a gente dá aula, que no caso é no colégio

*Incoerência que
deixa ainda mais
claro o modelo de
formação binária:
matemática X
educação*



de aplicação da UFRGS, para os alunos do Ensino Fundamental. Então todas as dificuldades que a gente tem ou na construção das aulas que a gente vai dar lá ou outros assuntos de educação que a gente acha viável discutir na aula, a gente discute nessas aulas. Mas eu acho que a gente desenvolveu essa forma de pensamento crítico sobre essas coisas por causa desse professor que deu essa cadeira para a gente, eu acho que se tivesse sido outro professor que tivesse dado a cadeira de Laboratório I teria sido de uma maneira diferente, eu acho assim.

João: Eu acho que uma das maiores incoerências do curso e é o que incomoda muito a gente aqui, é que enquanto a gente faz as disciplinas práticas, as disciplinas de educação e a gente pensa educação, pensa avaliação, pensa dessa forma, a gente gasta um tempo e ao mesmo tempo os nossos professores do Instituto eles não aplicam nada disso. Eles aplicam ali uma coisa totalmente diferente daquilo que a gente aprende, então assim, a gente pensa educação num modelo totalmente diferente do que a gente vivencia. Então eu acho que isso reflete lá na sala de aula porque tu passas cinco anos com todo um discurso, lendo texto e discutindo, mas vivenciando outra coisa. Tu vais

*Legítima a ideia
de que saber
o conteúdo é
suficiente para
ensinar*

• —> chegar lá com um discurso de educação e vai continuar aplicando a mesma coisa porque a universidade só vai legitimando isso, só vai passando, por isso que a gente vê um discurso dos colegas: “ah, entender de educação para quê? Gastar tempo lendo texto?” É sempre a mesma coisa, tem que aprender Matemática e ensinar, por quê? Porque o curso é assim! Porque o curso ele não coloca em prática aquilo que a gente discute.

*Como eu
desconfiava: não
se trata de títulos/
rótulos/currículo...*

• —> **Bruna:** Nem todos os professores que são pesquisadores na área de Educação tentam fazer de alguma forma diferente.

Kristine: É, eu acho que um exemplo disso é a professora [REDACTED] que a gente fez a cadeira de Geometria II com ela e ela chegava e passava os conteúdos e dava a aula dela e explicava e ponto. E ela também é uma dessas professoras que dá a cadeira de Laboratório e que tenta seguir, mais ou menos, eu acho, que é a forma como o Prof. [REDACTED] dá, que é quem deu essa cadeira de Laboratório I para a gente, que é de possibilitar essas discussões.

Guilherme: É que eu acho que o ponto talvez seja a questão do currículo e como que as coisas são. Como o currículo e o plano de ensino das disciplinas se apresentam, porque muitas disciplinas

*Faz sentido
a análise do
Guilherme de
fato o currículo
engessa e nem
sempren apenas
a boa vontade do
docente é suficiente,
acima dele há uma
instituição com
regras, prazos,
tempos...*



tem uma lista de conteúdos gigante e o cronograma é um empecilho quando tu queres um foco de discussão. Por exemplo, como tu poderias trabalhar Geometria Espacial com seus alunos quando tu tens uma hora e meia para ficar discutindo paralelismo e perpendicularidade de retas e como que tu demonstras que uma reta é perpendicular a um plano quando tu sabes que tu tens que vencer um plano de ensino? Porque senão o professor pode levar processo de um aluno porque não cumpriste o plano de ensino que exige uma série de conteúdos muito grande digamos assim, e o professor que às vezes repensa a educação ele fica num impasse porque no momento que ele pensa diferente ele é obrigado a fazer da forma que a universidade coloca porque enfim, existem regras, existe currículo, existe tempo, existem diversas coisas que impedem essa forma diferente de pensar as aulas dentro do curso, eu acho assim.

*Mas isso é a
regra, não?*



João: A gente pensa toda uma horizontalidade no ensino e daí a gente chega nas disciplinas e não é assim, mas é bem isso, é o currículo que impõe porque a gente tem professores que estudam... Enfim, que dão as disciplinas de Laboratório, a [REDACTED] por exemplo, ela dá a disciplina de Laboratório e a avaliação não é

*Assim sendo,
quando formos
para escola a
avaliação será só
prova? Porque
se nem aqui
repensamos essa
prática, imagina
lá na escola. Como
disse o João a
Universidade só vai
legitimando...*



uma prova, é a discussão de textos, então tu tens que fazer resenha, tu tens que aplicar aula, fazer plano de ensino, então são as discussões, é toda uma vivência ali que vai montando essa avaliação, mas automaticamente quando ela vai dar Combinatória, tem que ser duas provas valendo dez e pronto. Será que ela pode fazer outro método de avaliação? Não sei se ela quer ou não, mas mesmo que ela quisesse, eu acho que o currículo é tão duro que não deixa...

Possíveis mudanças no curso

*Faz sentido, já que
a maioria nesse
grupo queria ser
professor*



Guilherme: Mas uma coisa que eu acho que foi comum no discurso de todo mundo foi a questão de que começou a gostar mais da Licenciatura quando começaram as disciplinas de prática. E eu acho que isso é uma coisa que está mudando no sentido da nova reforma que é para ser implantada no início do ano que vem que vão ter disciplinas de debate de ensino de Matemática desde os primeiros semestres e a disciplina, essa de Fundamentos, ela vai ser dividida em mais disciplinas para que não fique tão sobrecarregado naqueles quatro créditos..

Kristine: Vão ser duas disciplinas de três créditos cada uma.

*Isso é um
diferencial
do grupo*

Bruna: E outra, também vai surgir a disciplina de História da Educação Matemática que é uma linha de pesquisa e nos era apresentado, mais ou menos, numa disciplina que era Tendências em Educação Matemática.

Guilherme: Mas em uma semana tu vias alguns autores.

Bruna: E alguma coisinha, agora vai ter uma disciplina dedicada, pelo menos eu me interessei muito.

Guilherme: É muito diferente da História da Matemática, por exemplo.

Bruna: A gente participou das discussões desse novo currículo.

Kristine: Teve um debate, aquele dia foi do currículo, aquela reunião...

João: É, mas só teve aquela reunião... agora foi uma reunião já apresentando as ideias, mas anteriormente teve, acho que teve alguma coisa, eu lembro de alguma coisa.

Isadora: A gente até tinha comentado nessa disciplina de Laboratório com o professor [REDACTED] sobre essas questões de o quanto que as pessoas desistiam do curso, ele falava que a taxa de desistência

*A princípio,
os alunos*



*Me parece que é
o primeiro lugar
que vejo essa
preocupação em
saber o que o aluno
pensa, mesmo que
por meio de uma
enquete...*



*O que reforça o
caráter político da
situação, fica até
parecendo que essa
consulta foi feita
só para disfarçar:
vamos deixar eles
pensarem que são
ouvidos...*



do curso era muito alta e a gente conversava sobre o porquê de isso acontecer. Chegava em Fundamentos, por exemplo, era uma cadeira que tinha um alto índice de reprovação, então tem algum problema ali ou só os alunos são o problema, o que está acontecendo? E daí foi quando estavam começando a pensar nessa mudança do currículo, essa questão de ele falar: “a gente vai conversar, vai ver o que os alunos estão falando e reclamando sobre isso” e eu acho que eles chegaram a abrir uma enquete para perguntar algumas coisas que os alunos achavam que poderia melhorar no curso e uma dessas coisas foi essa cadeira de Fundamentos que foi dividida.

Bruna: Mas mesmo assim, através dessa pesquisa e alguns debates que a gente teve, essas horas que esse novo currículo vai ter já foram divididas, tantas vai ser para Matemática, tantas vai ser para ensino. A maior carga ainda foi para a Matemática, não foi para o ensino, para a área de Educação, mesmo tendo esse debate não teve muito que se fazer.

Kristine: A mesma coisa é a cadeira de Organização da Escola Básica que trata da LDB e tudo mais, ela é do primeiro semestre no currículo atual.

Bruna: Eu acho que ela é muito pesada para um primeiro semestre, ela é maravilhosa, acho que se ela fosse tratada hoje, eu iria aproveitar muito mais porque antes eu dormia na sala.

Kristine: Exatamente, tanto que foi uma das críticas que eu fiz porque eu sou da comissão da COMGRAD¹⁷, sou representante discente e aí eles apresentaram o currículo antes de ser dada a aprovação final para abordar para o MEC e eu consegui convencer eles de trocar para o segundo semestre essa cadeira, porque ela é um conteúdo muito importante. Tu entra na universidade e tu nem sabes direito se tu queres fazer Licenciatura, daí tu vais na FAGED que é a Educação e aqui é a Matemática e aí te botam fazer uma cadeira que fica tratando de questões mais técnicas, burocráticas da escola e que não fazem sentido nenhum para ti.

Por que será João???
Tirando o fato de
que aluno bom
é aluno que sabe
matemática, não
vejo nenhum outro!

Bruna: É que tu estás totalmente imaturo.

João: É que você não quer saber de LDB, você só quer conseguir passar de Fundamentos e Geometria.

¹⁷ Comissão de Graduação é um órgão responsável pelo ensino de graduação na UFRGS.

Guilherme: Vai entrar por uma orelha e sair pela outra, hoje eu já não sei mais a LDB.

Kristine: Não, poucas coisas eu sei no caso, mas assim, de estudar depois.

O desejo de discutir a prática docente

João: Todo mundo que se inscreve no vestibular, para esse curso de Licenciatura, sabe que vai ser professor.

Guilherme: Isso, que é para um curso de formação de professores.

Júlia: E desde o começo já tem disciplinas que discute prática?

Todos: Não.

Kristine: Tem teoria.

Guilherme: LDB... Não que isso seja ruim, mas às vezes eu acho que deveria acontecer é a discussão do ensino de Matemática, não só a questão da estruturação da História do ensino no Brasil, mas sim repensar, discutir práticas de sala de aula. Parecia que era: FAGED fala do ensino e o Instituto de Matemática fala de Matemática, o aluno junta os dois.

João: E é muito difícil fazer isso.

*O problema não é o
que estudamos, mas
como estudamos!
Precisamos ampliar
o nosso repertório
de verbos que se
limita a: resolver,
demonstrar, verificar.
Queremos repensar,
discutir, conversar,
desconstruir,
reinventar...
Care-cemos ser
chacoalhados,
balançados, provocados
para que possamos
perceber a mesmice
de nossas práticas e
quem sabe fazer
algo diferente*



*Chega a ser
coerente, são
distantes em
todos os aspectos!
Distantes nas
ideias, nos espaços,
dos alunos...*

Guilherme: É porque a intersecção gera novas coisas, novas discussões.

João: E outra coisa, tem uma distância física que eu acho que ajuda, Educação lá no centro, Matemática aqui¹⁸. Aqui uma cadeira de Fundamentos vai falar alguma coisa de Educação? Não! É Matemática. Uma cadeira do Instituto não vai falar de teoria da Educação, aqui é isso e lá é outra coisa.

Guilherme: Tem professores que são da Matemática, mas que estão alocados dentro da faculdade de Educação mas, por exemplo, no primeiro semestre a gente tem professores que são doutores em Biologia, Química, tem formação também em Educação, Psicologia, Filosofia, e parece que fica meio distante, a gente fala da História da Psicologia no Brasil, Educação na infância e quando a gente pensa isso nas disciplinas de Matemática a gente não pensa como é que a gente poderia, por exemplo, pensar esse conteúdo dentro de uma sala de aula.

Isadora: Na FAGED tem Tendências em Educação Matemática, as professoras são

¹⁸ O encontro foi realizado no Campus do Vale que fica numa região afastada do centro de Porto Alegre

*Quase que
uma discussão
em termos de
pesquisa... Estou
com a impressão
que sempre
que a Educação
Matemática
aparece está
envolvida com a
pesquisa. Será que
isso é um problema?*

formadas em Matemática, é onde a gente discute a Matemática.

Kristine: Mas na verdade, não se discute propriamente a formação do professor.

Guilherme: Digamos que são teorias, são vertentes em Educação Matemática.

Bruna: Modelagem Matemática.

Kristine: História da Matemática, História da Educação Matemática.

Guilherme: Etnomatemática.

João: A Resolução de Problemas.

Guilherme: Tu não repensas essas práticas, tu conheces essas práticas.

Bruna: Exatamente.

Isadora: Aí tu vêes com qual tu te identificas mais.

Guilherme: Eu acho que as disciplinas que a gente tem essa junção, digamos de Educação e Matemática são as disciplinas de Laboratório e de Estágio que acontecem no terceiro, quarto e quinto semestre. O aluno do segundo semestre que não está gostando do curso não vai ter oportunidade de talvez começar a gostar mais do curso porque ele não chega a conhecer essas disciplinas.

*A eterna afirmação
do mesmo... “A
mesmidade da
universidade
proíbe a diferença”,
não é Skliar?*

*Não chega porque
antes ele passa na
peneira do curso, que é
a matemática. Não que
se a peneira fosse da
Educação Matemática
tudo estaria bem. Eu
acho é que tinha que
jogar fora todas as
peneiras possíveis
porque para quem
fica tudo bem, mas e
o outro que vaza pelo
buraco? Vai direto
para a escola?*

Kristine: É, e se tiver a dificuldade que a gente teve, vai desistir antes, tanto que a maioria desistiu.

João: Sim, tem gente que está há anos aí e não chegou em Laboratório.

Bruna: E tem uma outra questão que na verdade o curso de Licenciatura em Matemática pra ti entrar na UFRGS é baixo o índice de pessoas por vaga, tem vezes que não chega nem a uma, eu não sei, quando eu entrei era 1,3, então tem muita gente que usa esses cursos que o índice de ingresso é baixo só para poder entrar na universidade para depois pensar no que realmente quer fazer e ver a possibilidade de trocar de curso, então um dos motivos da desistência dos alunos do nosso curso é esse também.

Sobre projetos

João: Eu acho que isso é um problema também porque a gente só conhece os projetos depois da metade do curso e outra coisa, por que a gente aqui faz um monte de projeto? Porque a gente se conhece! E porque a gente vai indicando um para o outro e é isso.

Bruna: Ou se tu fazes disciplina com algum professor que é do projeto, não tem uma divulgação!

O que evidencia a falta de recursos para cursos como o nosso. Afinal, é necessário investir muito na formação de um professor?

João: Nem um incentivo.

Guilherme: Eu acho que uma coisa me incomodou muito quando eu entrei na faculdade, eu tinha muita vontade de fazer pesquisa e eu conhecia muitos amigos meus que faziam Química, faziam Engenharia, no primeiro mês eles tinham bolsa de Iniciação Científica. E no curso de Matemática parecia uma caça ao tesouro, foi surgir uma possibilidade de uma bolsa de Iniciação no terceiro semestre porque eu estava cursando uma disciplina e a professora divulgou uma vaga na sala de aula, mas muitas vezes o que acontece é que os professores perguntam para os colegas de departamento sobre alunos que eles conhecem e que eles acham que poderiam ser bolsistas deles, então vira uma coisa meio que fechada, os alunos não têm acesso a pesquisa. Eu acho que é importante fazer pesquisa, claro que quando tu repensas as tuas práticas tu estás fazendo pesquisa, experimentando, mas a oportunidade de ter bolsa de pesquisa eu acho que é importante, tem pouquíssimos alunos da Licenciatura que fazem pesquisa dentro da universidade.

Kristine: Pouquíssimos.

Júlia: Mas vocês têm grupos de pesquisa aqui, grupos de estudos que vocês participam?

João: A gente se organiza.

Bruna: Propriamente dito não, como a gente disse, esses daqui, fora ele (Gilberto), a gente fez a disciplina de Laboratório I juntos.

Kristine: É um grupo que se conhece e a gente acaba se ajudando e fazendo coisas juntas, por exemplo, tu (João), a Kauane, a Bruna e o Gui fizeram aquele artigo.

Guilherme: A gente fez três artigos, o primeiro foi de Lab 1 o projeto das lojas virtuais com o Excel e aí depois a gente pensou em criar o Grupo Matemática Crítica que é um grupo de colegas que querem repensar a Educação Matemática.

João: Mas a gente que se juntou e fez um grupo, a gente propõe leituras para gente mesmo como a gente pode, a gente que discute. Essa questão dos artigos que a gente escreveu, a gente escreveu por quê?

Porque um dia a gente olhou pra professora e falou: “professora, a gente quer participar de evento da Educação” ela: “ah, tem um tal...” [nós]: “o que a gente faz para participar?” [ela]: “bom, vocês teriam que escrever um artigo” [nós]: “então vamos escrever!” A gente se juntou e escreveu. “Professora, a gente quer partici-

A contrapartida no processo de formação: alunos interessados e bastante autônomos. E eles nem precisaram passar pela pesquisa para criar o grupo! Parece que eles movimentam os professores, devem dar trabalho ou prazer

par mais, a gente gostou, vamos escrever” e aí a gente começou a escrever e a incentivar os outros a escrever e a gente vai chamando, vai chamando, vamos escrever um artigo, a gente pode ir para um evento, pode conseguir verba daqui, mas assim, é um movimento nosso.

Júlia: Mas tem professor orientando, ajudando na leitura?

*Afeto! Tão raro,
tão lindo!*

→ **Bruna:** Tem o professor [REDACTED] que normalmente ele é o nosso orientador em tudo.

→ **Kristine:** Ele é um paizão.

Isadora: E ele é o coordenador da COMGRAD também.

→ **João:** E ele é nosso amigo.

Kristine: COMGRAD é comissão de graduação e realmente ele tem essa função de orientar os alunos da graduação.

João: Mas ele faz muito mais do que isso.

Bruna: É como foi dito, ele é um paizão para nós, e ele não é só um professor. Bah, é nosso amigão!

Kristine: Ele foi nosso professor de laboratório I e a gente se identificou

*O quanto a
disponibilidade
docente é
importante! Não
se diz sobre o que
o professor faz,
propõe ou deixa
de fazer. O que é
valioso é ele topa!*

*Pensar para além
do currículo como
uma possibilidade
de atravessamentos.
É bem isso! eu
tenho sentido
na pele esses
atravessamentos,
aliás, já nem sei se
ainda resta algo de
mim por aqui*

bastante com ele, a nossa primeira reunião do grupo Matemática Crítica foi na casa dele.

João: E ele é assim, a gente liga, a gente tem umas ideias loucas: “vamos fazer um artigo para não sei o que...?” [ele]: “vamos!”, [nós]: “Vamos fazer um projeto?” [ele]: “vamos!”

Bruna: Tudo ele topa, tudo ele topa.

João: Tem isso, eu acho que a gente está muito nessa pegada de fazer as coisas, independente do currículo ou do curso, tudo que a gente faz é por nossa conta porque tem ele, ele topa tudo.

Isadora: E a gente tem que contar também que a gente tem uma intimidade com ele, mas que muitos alunos não têm. Então esses alunos não têm essa noção e não sabem que existem eventos que eles podem participar, que eles podem escrever artigo.

Bruna: E que há outras leituras que não são propostas no nosso curso, por exemplo, sobre Educação Popular, sobre n coisas que a gente não tem no nosso currículo e que a gente acaba a partir dele tendo esses atravessamentos.

Isadora: Eu conheci os eventos por causa

do PIBID, a gente acaba participando de eventos porque o PIBID organiza, a gente vai se inscrevendo, vai aprendendo a fazer na marra, porque a gente nunca fez um artigo na faculdade, no curso. Agora tem uma disciplina até que eu fiz um artigo, no Edumatec¹⁹, mas que antes disso é no final do curso. Então antes a gente nunca aprendeu a escrever.

João: Não, e essa disciplina é muito engraçada porque a gente nunca faz nada de escrever aí a gente chega lá no sexto semestre e você tem três semanas para escrever um artigo.

Guilherme: O que eu percebo e que acho que talvez seja consenso é que o curso não tem incentivo à pesquisa e à escrita. A gente aprende na marra porque muitos alunos aprendem a escrever talvez quando vão fazer o TCC.

Kristine: A Licenciatura não tem esse incentivo, mas o Bacharel tem, a maioria dos alunos que faz pesquisa é do bacharel, exatamente porque é o campo de trabalho deles, eles têm um currículo diferente.

¹⁹ Educação Matemática e Tecnologia Informática

Guilherme: Sim, é diferente Licenciatura de Bacharel nesse sentido, porque eles são incentivados a fazer pesquisa e eles têm um maior número, eu acredito, de bolsas de pesquisa também.

Kristine: Isso, porque eles têm mais contato com os professores que fazem a pesquisa porque são professores deles, tem vários professores que são professores do Bacharel que não são da Licenciatura e então eu acho que isso também possibilita deles fazerem mais.

Bruna: Sabe o que eu acho também, professores do ensino têm quantos no instituto?

Kristine: Uns doze no máximo.

Guilherme: Eu não sei se chega a tudo isso.

Bruna: Chega tudo isso? Então, são poucos professores que fazem pesquisas relacionadas ao ensino, que é onde a gente gostaria de atuar. Veja, doze professores para não sei lá quantos alunos.

Guilherme: Sim, eu sou bolsista da [REDACTED] que foi citada antes, ela tem um bolsista e quando ela tentou o segundo teve cortes de verbas. Então sou só eu de novo, houve corte de verbas e ela

*A questão é: será
que pensar e
escrever sobre a
educação é um
objetivo no curso?*



não pode aumentar o número de bolsistas, então suponhamos que num mundo imaginário fossem 30 bolsistas, quantos alunos têm dentro do curso de Matemática? Talvez 30 privilegiados que tem acesso à pesquisa e todos os outros escrevem e repensam a educação quando?

Kristine: Por exemplo, desde que eu entrei na UFRGS eu consegui uma bolsa no CPD que é um setor que cuida da informática da universidade, eu nunca tive bolsa de iniciação, eu nunca tive bolsa de monitoria. É bolsa administrativa e nunca tive acesso a outras bolsas porque eu não quis na verdade, poderia ter largado aquela bolsa e feito o PIBID ou outras, mas eu fiquei lá também pela questão financeira, isso também influencia bastante.

Guilherme: Sim, claro, porque as bolsas têm um valor baixo.

Bruna: Porque querendo ou não, de certa forma, as nossas bolsas meio que nos sustentam, não são todos que moram com os pais.

João: É tudo isso, por exemplo, de todas essas coisas que a gente faz, eu acho que ele (Gilberto) está sabendo hoje.

*Não cria
oportunidades de
conversa, interação,
será que isso
completa a
frase dele?*

Gilberto: É.

João: Porque ele já nos conhece, porque o curso não..., eu não sei, eu acho que tu poderias falar um pouco, você conhece essas coisas todas, esses projetos?

Gilberto: Não, eu conheço só o PIBID, a gente não sabe realmente quem que faz parte, então a gente não sabe com quem a gente pode trocar uma ideia. As pesquisas, por exemplo, a gente conhece a pesquisa por nome, mas a gente não sabe em quem chegar para: “Bah, como é que funciona?” Eu conheço mais o pessoal do noturno que falou de Lab, esses caras tão meio cansados, eu imagino que o noturno deve ser mais difícil para a FACED, então quase sempre quem dá monitoria para nós é o pessoal do noturno, a gente pergunta: “como é que é a tal cadeira da FACED?”, eles falam: “Bah, é horrível, eu ia na FACED só para dormir, eu ia no Lab e o cara me mandava escrever um monte de coisa”. No final das contas até a nossa monitoria acaba meio que mimando, eu estou meio que pelo pessoal que conheço que está formado e que está trabalhando, que é um pessoal que curte muito, não pelas cadeiras porque as cadeiras do primeiro semestre são bem... eu nunca tinha pensado assim que eles nos

largam uma coisa de Educação, nos largam outra da Matemática e a gente tem que fazer um link, é impossível assim, tipo é bem nesse momento que eu estou.

Bruna: E mais tardar algum professor larga no meio de uma aula: “olha talvez vocês possam fazer dessa forma para apresentar para os seus alunos” é um em um milhão.

Gilberto: Uma professora que eu tive que é totalmente diferente das professoras, a [REDACTED].

Bruna: Ah, a [REDACTED]!

Gilberto: Porque quando ela faz tua avaliação, ela faz: “Bah, tu podes fazer assim com teu aluno”, ela fez um trabalho conosco e ela falou: “Bah, vocês podem ver isso na sala de aula”, ela dá um exemplo no quadro, tipo em Fundamentos II que é uma matéria que eu acho bem importante. Aí trocou pra [REDACTED] agora e eu acho que ela é uma ótima professora, mas ela não faz link algum, ela dá a aula dela ali e escreve três quadros, tipo aprendeu, aprendeu, não aprendeu, não aprendeu.

Bruna: Vou ser sincera contigo, às vezes eu não consigo fazer os links, sabe, depois

eu penso: “como é que eu vou passar isso para o meu aluno?”

Conteúdos da Educação Básica x conteúdos do Ensino Superior

Kristine: Se tu vais ver a gente não aprende aqui os conteúdos que são do Fundamental e Médio, a gente aprende quando tem que preparar aula para dar no colégio de aplicação, igual quando aprende no PIBID e tal. Muitas vezes tu acabas reestudando por ti aqueles conteúdos quando tu precisas ensinar para alguém.

Guilherme: Quando tu precisas ensinar... Exatamente.

Kristine: A gente está fazendo Laboratório III agora e teve uma aula sobre Logaritmo, nunca mais tinha visto Logaritmo na minha vida e daí a gente teve que se programar e estudar para dar aula.

Guilherme: E o Logaritmo não é uma coisa assim, tem que saber! São funções, tem translamento, tem transformações que é interessante a gente pensar e fazer esses links que não são apresentados para a gente e eu não vou chegar e: “hoje alunos, vamos aprender extensões algébricas”, que é uma coisa que a gente

aprendeu em Álgebra por exemplo. Eu adoraria fazer Álgebra II com a [REDACTED] mas é uma coisa que se tu não fores pensar em fazer pesquisa ou fazer um mestrado, um doutorado, não é uma coisa que vai aparecer na tua vivência de professor do Ensino Fundamental.

Mas o que não faz sentido? A abordagem, o conteúdo? OU os dois?

• → **Kristine:** É a mesma coisa que Análise I, não faz sentido nenhum tu pensares aquilo ali para dar para um aluno de Ensino Médio.

João: Quando a gente começa a ir pra sala de aula, chega lá e vê que tu tens que fazer um plano de aula, tu começa a pensar e aí tu percebes foi super importante e tal.

De novo esse discurso de que é óbvio estudar essas matérias, precisamos desmistificar isso! Como? Não sei, mas só o fato de começar a perceber isso já estou feliz

• → **João:** E eu acho que a gente gasta um monte de tempo, acho que é super importante a gente estudar Análise, óbvio, a gente faz Matemática, a gente tem que estudar Análise, tem que estudar Cálculo, tem que estudar Álgebra, mas eu acho que como é um curso de Licenciatura a gente poderia sim pensar relações disso tudo.

Guilherme: Exatamente.

Bruna: Uma das mudanças agora do currículo é uma cadeira de Combinatória, ela era de quatro créditos e agora tem um quinto crédito e se esse quinto crédito fos-

*Horas a mais para
serem preenchidas...*

*Dá até para
imaginar um
diálogo:*

*—Horas a mais
para quê?*

*—Isso não importa,
depois a gente vê
o que faz, agora
precisamos cumprir
a legislação.*

*Muda o nome por
enquanto, depois
pensamos no
que fazer.*

*Isso até me lembra
aquelas escutas
telefônicas ...*

se justamente usado para esse espaço de discutir essas relações, de fazer... Porque é uma disciplina que vai estar no Ensino Médio, a gente vai precisar utilizar.

Kristine: Só fazendo um adendo a isso, a ideia desses créditos a mais dessas disciplinas é para serem atividades à distância, para serem estudos dirigidos à distância.

João: Só não sabemos se ele vai ser contabilizado como isso.

Guilherme: Como hora de curso, porque tem 400 horas a mais e eles precisam preencher a hora em alguns lugares.

João: Mas é daquele jeito, muda o nome das coisas e está resolvido o problema.

Isadora: Mas daí a gente precisaria ter professores preparados para isso também porque alguns dos professores que nos dão Combinatória não são formados na Educação para saber e conseguir fazer esse link.

Guilherme: Ainda que eu ache que Combinatória é uma das disciplinas que ainda tem muita contextualização... Suponhamos que eu vou colocar 9 pessoas em rodas, quantas possibilidades.... É uma realidade inventada, é difícil às

*Se não é possível
atribuir um
sentido ao que é
feito continuamos
a passar pelas
situações sem
atravessarmos
Bruna, como você
mesmo disse a
pouco. Passamos
na disciplina,
passamos de ano,
passamos pelo
curso... sempre
imunes, intactos,
incapazes de
experenciar
o processo*

vezes tu consegues pensar, fazer links com as coisas que tu já viste antes, claro que são críticas mais profundas aos conteúdos das disciplinas, mas combinatória, nesse sentido, ainda é mais interessante.

Bruna: É mais palpável digamos assim.

Guilherme: É, porque tem cadeiras que às vezes você fica... Física Geral II é uma disciplina que tipo... Eu vou aceitar isso.

Bruna: Pega na mão de Deus e ...

Guilherme: É, vou decorar isso aqui e é verdade, pronto, passei e nunca mais. Mas você sabe essa coisa de tu precisares passar sem às vezes não aprender nada nas disciplinas? Acontece. É aprovado porque tu atingiste uma nota, porque a tua capacidade de armazenar conteúdos foi ok, legal, mas se tu compreendesses o conceito de alguma coisa, se tu soubesses o que é aquilo, entendeste o que é e não é só uma fórmula que tu decoraste...

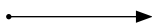
Bruna: Mas eu acho que talvez falte isso também nas nossas aulas, simplesmente eles jogam um conteúdo no quadro, mas não existe uma construção, por isso que eu acho que a gente não aproveita tanto a disciplina. O que a professora tentava fazer conosco era essa construção nas aulas de Geometria Analítica, a partir do que a

gente ia discutindo montar conceitos, enfim, talvez falte isso também. A gente tenta buscar nas nossas aulas de Laboratório, nas nossas práticas, com os nossos alunos, a partir de algum pequeno objeto eles construirão os seus conceitos e a gente percebeu que faz muito efeito, digamos assim, porque no final do ano a gente faz uma autoavaliação deles e eles falam muita coisa e que talvez uma aula como a gente tem aqui que é conteúdo no quadro eles não iriam fazer essas relações e a gente também, falta um pouco disso nas nossas aulas.

João: Eu acho que tem outras coisas que faltam.

Isadora: Eu lembro que quando eu fiz a primeira vez, quando eu me matriculei em Cálculo, eu tentei mudar de turma por causa dos horários e eu assisti a uma aula de manhã e assisti a uma aula de noite e eu não entendi nada da aula de manhã e a aula de noite foi igual, só que sem a linguagem Matemática e aí foi tudo tão simples. Mas que só a linguagem daquela Matemática que eu não estava entendendo nada do que ele estava falando porque tinha que associar e tinha que usar aquelas palavras bonitas e que eu não conhecia e depois o outro professor falando numa linguagem tão mais infor-

*Eu vejo essa
situação como um
possível exemplo de
atenção ao outro,
uma mudança na
linguagem pode
ser um movimento
nesse sentido*



mal e foi tão simples, então eu acho que isso faz muita diferença e esse negócio do aluno construir, ele vai construir com as palavras que ele conhece e ele acha mais adequada para criar o conceito dele, daí eu acho que é mais fácil do que eu dizer.

João: Lógico que vai interferir, por exemplo, em ele construir o raciocínio matemático.

Guilherme: Da ideia de conceito, do que aquilo é, se alguma palavra diferente, formal, vai dizer mais ou não.

Bruna: E daí também és tu construir, não é outro dizer é isso, tu percebeste, tu chegaste aquilo, tu criaste aquela verdade, não foi alguém que te disse: “é isso”.

Posturas frente a Matemática

João: E coisas que eu percebo é: se a gente for olhar para os nossos alunos de hoje de Matemática, me assusta um pouco perceber que existe uma separação entre os nossos colegas, existe um grupo que é muito conservador, no sentido de que a aula de Matemática é isso, como assim eu vou discutir outra coisa na aula de Matemática, como assim? A Matemática é isso! Só que aí eu fico pensando, as pessoas estão sempre falando: “eu detes-

*Será um possível
reflexo das práticas
vivenciadas?*



A licenciatura não deveria ser um momento de quebra de paradigmas como esse? Uma oportunidade de resignificação de crenças? Pela fala do João e do Guilherme parece que ainda há uma longa travessia nesse processo...

Exatamente!

to Matemática, não consigo passar em Matemática”, tem todo aquele discurso sobre Matemática, aquele preconceito. Só que é assim, tem todo esse discurso e parece que é bonito falar: “nós somos aqueles que gostamos de Matemática”, aprendemos Matemática então a gente tem que continuar ensinando Matemática da mesma forma, a gente vai passando isso adiante, a Matemática dessa forma porque são raros aqueles que...

Bruna: Enquanto que a gente pode estar dando uma exceção a aprender com aquele método, não quer dizer que todos vão aprender com aquele método.

Guilherme: Quem aprende daquela forma é o matemático, é o inteligente, é o que tem o tratamento de prestígio, porque eles entenderam a Matemática. Ser bom em Matemática tem certo prestígio, é elogiado, é bem visto e quem não aprende com aquele método não quer dizer que ele não saiba ou que ele não poderia aprender de outra forma, é visto como burro.

João: E eu acho que o curso deveria discutir mais isso.

Isadora: A gente aprendeu sempre no ensino, que eu acho que todo mundo

O princípio de que não há temporalidades e espacialidades diferentes das minhas. O Skliar fala exatamente isso em um outro texto dele, vou até registrar aqui: “o outro deve sempre coincidir com o que inventamos e esperamos dele e se isso não ocorre, a espera e a invenção se tornam mais destrutivas, violentas...”  *Somos ignorados ao não acompanhar o ritmo, ao pensar diferente do que é dado, ao pensar... E o que me deixa ainda mais perplexa é quando isso acontece na minha turma, entre os meus colegas. Entre mim e o Diego!*

A imagem que ela possui em relação aos alunos está tão sedimentada que não é possível aceitar que possa existir outra representação possível. Como aprendi com o Skliar, todo ato de exclusão/inclusão é violento, pois tira-se do outro o poder de sua linguagem, ele é silenciado. 

A situação é péssima, mas me parece que seria perfeita para uma discussão sobre práticas dentro do curso. Até que ponto nos distanciamos de posturas como essa? O quanto o discurso do bom aluno é excludente? 

aqui teve o mesmo tipo de ensino e se eu aprendi desse jeito e eu consegui por que eu vou mudar? Então eu acho que esse é o problema que os nossos colegas, alguns colegas, pensam dessa maneira: “Mas bah, funcionou esse ensino tradicional e eu vou continuar nesse ensino tradicional, eu não preciso buscar, eu não preciso trabalhar mais, pensar mais e fazer coisas diferentes, porque funciona!”.

Bruna: Um grande exemplo que eu posso dar, eu faço PIBID no Instituto de Educação e num dos períodos que a gente assumiu uma turma do sexto ano, essa professora, que é a nossa supervisora, ela cedeu esse período para nós trabalharmos com eles Geometria e ela fica abismada com o relato que a gente traz dos alunos, porque ela diz: “não, não é a mesma turma! Eles não são assim, eles são...”, querendo ou não ela fala: “eles são burros, não pensantes”, enfim, essas coisas todas.

Guilherme: Que os alunos não pensam.

Bruna: Não pensam.

Isadora: Isso também é assustador para quem é formado em Licenciatura falar essas coisas, ser professor e falar.

*Ele fala de uma
situação vivida
na escola, mas eu
já li coisas bem
semelhantes nessas
entrevistas*

Bruna: Exatamente, “cognitivamente lesados”, ela falou isso. E ela fica impressionada com esses relatos que a gente traz, porque os alunos dentro das nossas aulas são totalmente diferentes, porque a gente fica instigando eles: “por que está acontecendo isso? O que está havendo?” E eles respondem! E no final a gente sempre faz umas perguntinhas para retomar tudo que a gente teve durante a aula e eles respondem e ela diz que na hora, com ela, eles não são assim.

Guilherme: Claro, quando tu matas o discurso em sala de aula, depois tu queres que o aluno responda alguma coisa? Quando tu só da oportunidade de discurso, de fala, quando tu queres ouvir determinada resposta do aluno...

João: E a própria avaliação despreza todo esse processo, se o aluno não falava e agora fala, agora pergunta, agora por mais que ele percebeu alguma coisa errada, ele levantou alguma coisa, o outro discutiu, tem toda uma avaliação.

Bruna: E quando, por exemplo, a gente está explicando uma coisa no quadro, a gente está fazendo o desenho ou alguma coisa, o outro vê e: “Se a gente fizer assim, o colega vai entender melhor”, é muito bacana isso.

Isadora: E isso está ligado à relação que vocês criaram com eles também.

Bruna: Claro, a gente criou uma relação toda diferente, querendo ou não, existe essa relação, eu sou a professora, tu és o aluno, mas a gente tenta diminuir essa distância, então a gente os traz lá para frente, a gente tenta conversar, discutir, que provavelmente não tenha na aula dela.

Isadora: Eles ficam à vontade.

Guilherme: Eles não são reprimidos de exprimir a opinião deles.

Bruna: Exato, exato!

Guilherme: Como é que um aluno não vai ter medo de dar uma resposta errada dentro da sala de aula...

Bruna: Essa professora se tu deste uma resposta errada ou se tu fizeste uma pergunta que na perspectiva dela é idiota, ela vai te dizer: “que pergunta idiota! Para com isso!” E ela vai dizer isso na tua cara e, por exemplo, professores lá do Instituto de Educação que falam para os seus alunos: “não sonhem!” Não ficam elogiando os alunos, “isso aqui não está bom!”. Eles ficam o tempo todo botando o aluno para baixo, os alunos nessa fase já têm autoestima, normalmente, não são todos os casos, mais baixa, então vai lá um profes-

*O que acabei de
dizer. O que não
é comum é essa
análise crítica que
você faz João*

sor que talvez tu tomes como exemplo e faz assim: “não! Está errado! Isso não está bom! Tu não terás futuro!”.

•————→ **João:** E isso acontece com a gente aqui dentro.

Júlia: E vocês trazem essas discussões para cá? Para o professor coordenador daqui?

Bruna: Sim, nós trazemos para o [REDACTED] principalmente, como eu disse ele é um paizão, ele é o cara que ...

Júlia: Ele é o coordenador do PIBID?

Isadora: Não.

Guilherme: É que a gente se sente à vontade com ele.

Bruna: A gente se sente à vontade com ele. Do PIBID a gente até tenta trazer, mas é que tem outros impasses, enfim...

Guilherme: Divergências.

Bruna: Não é bem divergência, é que a nossa professora coordenadora, ela não quer, ela já disse várias vezes para a gente: “ah, vocês têm que escolher as batalhas que vocês querem lutar...” só que quando uma coisa persiste e essa pessoa não toma uma atitude para tentar mudar isso, a gente também fica ...

João: Nem discutir?

Bruna: Nem discutir! “Olha fulana, vamos tentar fazer diferente...”.

Guilherme: Não está aberta a diálogos.

Sobre o acolhimento no curso

Guilherme: Acho que não existe a mínima.

João: Ele só existe porque a gente conhece o [REDACTED].

Bruna: O [REDACTED], ele é um professor que além de ele estar na colocação que ele está aqui, ele é o coordenador do curso, ele tem já esse olhar, a gente sabe se o aluno vai lá e ele precisa de alguma coisa, ele está sempre disposto a ajudar, mas é o professor [REDACTED], entendeu? Não tem outro professor para ti, eu talvez não conheça, não sei...

Isadora: É, eu lembro, por exemplo, no primeiro semestre eu tive aquele choque de realidade com parte dos professores, porque não tinha aquela relação que tinha na escola com teus professores, tu não tens intimidade, tu não tens nada e se teu professor sabe teu nome, meu Deus, tu ficas...

*O quanto
um modelo
arquitetônico pode
ser visto como a
materialização de
formas de poder.
Engraçado o
quanto isso pode
ser reforçado por
outras situações
em paralelo...*



Bruna: Nossa! tu já chegaste a entrar em uma outra sala de aula que não seja o laboratório?

Isadora: Não.

Bruna: Elas têm tipo um palquinho para o professor, então ele já está acima, tu já se sentes inferior a ele.

Isadora: E daí eu lembro no primeiro semestre que tu ias tirar uma dúvida e tem monitorias, pelo menos tinha bastante antes, agora diminuiu, e daí tem as monitorias das disciplinas que são alunos que já fizeram em semestres anteriores aquela cadeira e aí tu ias perguntar alguma coisa para o professor e ele falava: “a monitoria é para isso!” Ou seja, ele não pode conversar contigo, não tem essa relação.

Guilherme: Não pode estabelecer nenhum tipo de vínculo.

Bruna: Eu sempre me lembro de uma professora que dizia assim: “nós alunos não nos fazemos apenas na sala de aula, tu te fazes extra classe, tu deves pesquisar”, aí eu sempre levei isso comigo e de alguma forma eu tento também estudar fora de casa, fora da sala de aula e um dia eu estava fazendo uma disciplina, semestre passado, de Álgebra e surgiu lá um

termo que eu não entendi e, supostamente, era daquela disciplina, mas a professora não estava entrando naquele assunto e eu fui perguntar para ela: “Professora, e tal coisa, o que é, o que significa e tal?” E ela disse: “não, porque nesse curso a gente não vai trabalhar isso e eu não vou falar contigo sobre isso entendeu...” Como assim? Ela se negou a me dar uma informação, porque se ela me indicasse, eu até disse para ela: tu podes me indicar alguma leitura talvez?” e não, ela não quis, entendeu?

O incentivo à docência

Bruna: Ah, eu não sei se existe um incentivo.

João: Ah, eu acho que não tem incentivo para nada.

Bruna: Para nada.

Júlia: Nem para academia, nem para ir para a escola?

João: A escola pública ninguém nem fala aqui!

Isadora: Eu lembro que eu fiz a cadeira Educação Contemporânea e eu fiz de noite e a professora trouxe professores formados que davam aulas nas escolas

públicas para conversar com a gente e a gente fez um debate e tinha acho que sete professores que vieram conversar e cinco falaram que não era para a gente ser professor. Sério, eu saí de lá chorando porque eu fiquei impressionada, mas eles não falavam não sejam professores, eles falavam porque eles estavam falando aquilo, e eles diziam sejam professores se vocês quiserem mesmo, vocês têm que ter muito amor, e eles começavam a falar as coisas e eu ficava chocada, e ela concordava, porque é a realidade da escola pública e a gente ficava assim, sério... Foi um choque e depois quando tu começa a ir pra escola pública tu começa a perceber essas coisas, que é verdade e que aquilo acontece.

Bruna: Ali tu és super desvalorizado, em todos os âmbitos, eu digo escola pública no geral, eu posso falar talvez de algumas escolas aqui no Rio Grande do Sul que a gente conhece.

Guilherme: Eu penso que mesmo que não exista um incentivo a pesquisa, como eu particularmente pude ver a pesquisa dentro da faculdade meio que glamourizada, não sei como que eu posso dizer isso... As pessoas que fazem pesquisa, não necessariamente elas, mas a pesquisa é

Parece que aqui há uma relação com a pesquisa que é distante daquela da UEPA. Lá a pesquisa é venerada, aqui, embora o Guilherme sinta falta de haver mais oportunidades de pesquisa, ele apresenta uma criticidade em relação a isso que me parece sensata. Agora sim, está dando um nó na minha cabecinha, eu estava certa que a pesquisa era a saída, agora já não sei mais o que pensar!

muito vista como uma coisa superior...
Às vezes fazer pesquisa ou querer fazer pesquisa é visto com bons olhos digamos assim, não que tu vais aprender e discutir, não é que tu vais te tornar pesquisador, tu vais... Dentro deste status eu acho que existe uma certa...

João: Eu não quero ser só um professor...

Guilherme: É, tu vais ser professor pesquisador, não é mais só professor digamos assim, não que um professor em sala de aula não faça pesquisa, é esse glamour, essa elevação acaba fazendo um incentivo indireto digamos assim, não vai chegar um professor e dizer: “faça pesquisa”, mas quando tu vês que o meio de pesquisa é visto com esses olhos de estar num altar eu acho que existe um incentivo indireto, no meu ponto de vista, eu acho que existe, não vai ninguém te chegar e falar faça pesquisa, ninguém te diz mas tu sentes, está presente sim.

Incentivo a pós-graduação

Guilherme: Incentivo à pós-graduação e mestrado existe.

Júlia: Mais para pura?

Bruna: Não, até para o próprio ensino.

Guilherme: É, os professores de ensino meio que puxam a brasa para a sua sardinha, para o seu peixe, falam bem do mestrado, enfim, da pesquisa em Educação Matemática.

Júlia: E vocês pretendem fazer mestrado?

Bruna: Sim, com certeza.

João: Sim

Júlia: Mas para vir para a universidade ou ficar na escola?

João: Eu penso em dar aula na escola pública, mas eu também quero dar aula na universidade porque eu quero ver se a gente ajuda. É porque você pode abranger muito sendo professor, tu podes ser professor da escola e tu podes ser professor de outros professores, mas eu não vejo muito sentido a gente ter toda uma causa da escola pública e não dar aula para a escola pública.

O bom do curso

Bruna: Eu acho que essas disciplinas de Prática, porque o que a gente vê das outras Licenciaturas em Física, Química, enfim, eles não têm tanta prática como a gente tem.

Mas quando penso que essa é, aparentemente, a menor parte do curso, fica complicado



*Acho que você
está falando em
experianciar a
universidade, João!*

*A conversa como
ponto de partida.
E é isso mesmo, foi
por meio de uma
roda de conversa,
como a Adriana se
referiu a entrevista
no e-mail, que tudo
começou... acho
que essa é uma
possibilidade de
produção de novos
significados sobre
a nossa formação e
talvez, muito além
disso, sobre a
nossa vida*

João: E a gente tem três laboratórios de prática para depois ter mais três Estágios.

Guilherme: E, são 24 créditos.

João: E agora vão ser mais, vai ter mais prática ainda.

Gilberto: Parece que a tendência vai ser dividir em três cadeiras.

João: Que vai ter uma ideia de pensar a prática. O que eu acho legal é o fato de a universidade ter várias oportunidades, a gente tem que catar, a gente tem que correr atrás, depois que a gente conhece os caminhos tem muita coisa legal, muita oportunidade legal, só que é assim...

Guilherme: Depois de muito tempo penar e parece que muito escondido tu encontra a mina de ouro.

Júlia: Legal, vocês gostariam de falar mais alguma coisa? Mais algum ponto para discutir?

Guilherme: Não me passa pela cabeça não, acho que eu falei tudo que tinha em mente.

Bruna: É, também não.

João: A gente gosta de criticar, a gente gosta de bater papo...

Novas discussões

Acabo de chegar na universidade e encontro com a coordenadora do curso no corredor, acho que desde a organização da entrevista eu não a havia encontrado mais.

— Olá, Adriana, tudo bem? — diz ela.

— Oi, professora, tudo bem e você? — respondo.

— Um passarinho me contou que você e seus colegas têm se reunido para discutir sobre o curso — ela afirmou.

— Sim, é verdade. Desde que participamos daquela entrevista com a pesquisadora que tivemos essa ideia e devo dizer que tem sido um processo muito interessante. Estamos percebendo que há muito o que se discutir sobre a nossa formação, de modo geral. — Já aproveito para dar uma direta.

— Eu imagino que sim; várias vezes eu já disse nas reuniões do Departamento que seria muito interessante ampliarmos o diálogo entre nós professores e vocês — diz ela.

— Olha, professora, eu acho que se houvesse um diálogo já seria bom, porque sentimos que não há nenhum. Mas eu acho que em algum momento pode ser que iremos procurá-los para isso. Até o momento só fizemos duas reuniões do grupo... — respondi. Pelo menos essa é minha intenção, não sei se os colegas pensam o mesmo, mas de alguma forma eu vou fazer nossas discussões chegarem até esse departamento.

— Bem, tenho que ir para a aula. Até mais. — Ela se despede com cara de quem não gostou muito da nossa conversa. Paciência, eu também não tenho gostado de um monte de coisa que acontece por aqui. Conti-

nuo meu caminho em direção à sala de aula; hoje tenho aula de Educação Especial. Acho que essa é uma das disciplinas mais curtas do curso, tem apenas 51 horas, será esse o tempo suficiente para que façamos leituras, discussões e desconstruções de nossos pré-conceitos? Até parece. Em compensação temos 306 horas de Cálculo. Qual das duas pode contribuir mais com a minha formação como professora? Eu gostaria que as duas contribuíssem!

Chego na sala e o professor já está com o karaokê ligado, mais conhecido como aula com slides. Nada contra esse recurso, é o modo como ele é empregado normalmente que me faz odiá-lo. Vejo que a discussão é sobre como podemos identificar um aluno com necessidades especiais de acordo com os sintomas apresentados e me dou conta do quanto estamos longe de pensar sobre o outro tal como o Skliar propõe em seus textos. Ainda focamos na ideia de representá-lo, construí-lo e identificá-lo, ao invés de nos aproximarmos dele para conhecê-lo e ouvi-lo. Enfim, mais uma disciplina para o meu currículo e não para a minha formação.

A aula termina e vamos almoçar no RU. Aproveito o momento para movimentar uma nova reunião do grupo.

— Pessoal, já tem um tempo que fizemos a última reunião do grupo, o que acham de marcarmos a próxima? — pergunto.

— Acho uma boa ideia, Dri — responde a Fabiana.

— Também concordo — responde o Marcelo.

Os outros que estavam por ali e já tinham participado também demonstraram interesse em participar.

— Eu tenho lido as entrevistas e uns textos que me têm feito pensar algumas coisas e gostaria de dividir essas angústias com vocês. Agora que o Diego foi embora perdi meu principal interlocutor! O que acham

de ser na sexta-feira no final da tarde? Também acho que poderíamos mudar o local do encontro, que tal irmos para aquele boteco que tem aqui perto, talvez sair desse ambiente nos inspire a repensá-lo. Topam?

Todos concordam e então faremos o próximo encontro daqui 3 dias. Até lá tenho tempo de ler mais alguma coisa. Terminamos o almoço e fomos procurar uma sala de aula vazia para estudarmos.

Hoje o dia foi puxado, apresentamos um trabalho na disciplina de Prática e a Cris teve uma avaliação não muito positiva da professora, o que acabou com ela. Eu nunca imaginei que ela pudesse ficar tão balançada com isso, pois seu maior interesse sempre foi pela área de matemática pura, pelo menos era o que eu pensava, tanto é que ela não demonstrou nenhuma vontade em participar das nossas discussões. Mas para minha surpresa ela até chorou! Disse que de nada adiantaria saber tanta matemática se não fosse capaz de ensinar outra pessoa, que ela estava ali para se tornar uma professora, reclamou que a avaliação só apontou suas fragilidades e não sinalizou possíveis mudanças. De fato, foi isso mesmo que aconteceu. Tivemos que conversar muito com ela para acalmá-la. A situação foi triste, mas serviu para que eu revisse mais uma das verdades que já havia construído: quem gosta de estudar muita matemática não se preocupa com a formação para professor. A Cris talvez fosse a própria demonstração desse teorema, mas hoje vi que ela é, na verdade, um ótimo contraexemplo.

Depois do almoço tivemos uma reunião com a orientadora do estágio, ela pediu que fossemos buscar o caderno de bordo, no meu caso o meu caderninho verde, pois ela já havia feito a leitura dos mesmos. Fomos lá eu e Cris, que já não estava vivendo um bom dia, e a outra dupla. Para nossa surpresa, quando pegamos nossos cadernos percebemos que não havia nenhum comentário, observação, correção ou qualquer tipo

de rabisco sobre nossos escritos. Tudo estava exatamente da mesma maneira que lá deixamos. Não havia questionamentos ou provocações, nem nada que nos fizesse pensar sobre nossas anotações. Trocamos olhares e então eu pensei: qual o sentido da escrita desse caderno e da leitura dessa professora? A escrita pela escrita? Respirei fundo e na tentativa de entender a situação imaginei que as reuniões de estágio pudessem ter tido o papel principal de discutir as nossas ações e observações em relação à escola, mas quando me lembrei delas só as vi como sessões de desabafo, onde cada um colocava suas angústias e frustrações. Não havia problematizações em relação ao ocorrido, não revíamos nossas atitudes, assim como não pensávamos em alternativas possíveis. Eram descrições orais dos relatos escritos. Era a fala pela fala.

Após folhear algumas páginas tive que perguntar:

— Professora, a senhora não fez nenhuma observação, não há nada o que dizer sobre o que escrevi?

— Então, Adriana, acho que as discussões que realizamos nas reuniões já tenham servido para que vocês repensem suas anotações, não? — disse ela. Como eu imaginava! Aquelas reuniões sem objetivo, onde todo mundo falava e ninguém era ouvido. Ela só pode estar de brincadeira, pensei, mas não pude deixar de falar.

— Não estou certa disso, professora. Aquelas reuniões, para mim, serviram apenas para reforçar o que eu já havia anotado neste caderno: as aulas dos professores são tradicionais, os alunos são bagunceiros e não sabem matemática, os professores se incomodam com nossa presença... — respondi, ou melhor, explodi.

— Eu não vejo dessa forma, Adriana — ela retrucou e continuou — além disso, tenho ouvido comentários aqui pelo Departamento de que você tem demonstrado muita insatisfação em relação ao curso e às práti-

cas de muitos professores. Acho que está tendo muito tempo livre para se dedicar a isso. Talvez seja melhor se ater às discussões que lhe cabem, pois ainda precisa percorrer um longo caminho até a conclusão do seu curso.

Engoli seco. Peguei meu caderno, o resto da minha dignidade e fui embora. Ali eu percebi que estava ferrada. O encontro com a coordenadora dias antes teve consequências e agora o único sentimento que tenho é medo. Onde eu estava com a cabeça quando inventei tudo isso? Será que era realmente necessário eu me expor tanto? Pensei que estivesse buscando possibilidades, mas agora vejo que só fechei algumas portas. Sai dali e fui me sentar à sombra da figueira. Sem chances de assistir aula. Só não vou embora porque hoje é o dia do encontro do GELIMAT e eu irei nem que seja apenas para encerrar a discussão.

Passei a tarde ali, pensando em tudo que aconteceu nos últimos meses e o quanto isso me deslocou no curso, do papel de boa aluna passei àquela que causa incômodo. Lembrei-me do primeiro ano, quando eu, o Diego e outros colegas tachávamos o pessoal que ficava envolvido com o DCE como alunos desinteressados pelo curso, que não gostavam de estudar. De fato, suas notas não eram as melhores, mas agora penso que talvez eles já percebessem todas essas coisas que só agora me dei conta e então fosse mais difícil estudar só para passar. A questão é que minha mudança não tem volta e eu preciso concluir esse curso, então terei que estudar muito e não só Matemática, mas tudo que envolve a minha formação para que eu não fique calada diante das intimidações que ainda terei de enfrentar. Já está quase no horário da reunião, acho melhor eu ir logo. Não sei se haverá muitos hoje; poucos se manifestaram no grupo do *Whats*, também estamos perto do período de prova, final de semestre, é momento de estudar.

Chego no boteco e encontro o Marcelo e o José.

— Oi, meninos, tudo bem? — pergunto.

— Oi, Dri, tudo bem e você? Animada como sempre? — pergunta o José.

— Como sempre não, mas ainda tem um restinho de animação, sim — respondo já quase chorando.

Aproveito que os outros ainda não chegaram e conto toda a situação com a professora do estágio. O Marcelo também aproveitou e contou que uma vez também se desentendeu com um professor porque questionou a correção de sua prova; ele disse que teve que estudar muito mais para conseguir ser aprovado na disciplina, pois sofreu muita perseguição.

— Mas eu acho que a gente precisa continuar com essas discussões, eles querendo ou não. Essa é a única oportunidade que temos de conversar sobre a nossa formação, então vamos aproveitar e fazer barulho sim, para que eles percebam e fiquem incomodados, só isso já é uma conquista — argumentou o José.

Enquanto isso chegam mais alguns colegas: Fabiana, Fernanda, Maria e Gislaine. Juntamos algumas mesas e aumentamos a nossa roda. Já estávamos começando nossa conversa quando, para minha surpresa, a Cris chegou. Eu sempre comentava com ela sobre as reuniões: como fazemos o estágio juntas, sempre estamos nos encontrando para planejar e tudo mais e ela tem acompanhado as minhas inquietações, mas nunca manifestou nenhum interesse em participar do grupo e eu também jamais forcei a barra. Acho que os acontecimentos do dia a fizeram pensar melhor.

— Cris! Que bom que você veio. Senta aí que a gente já vai começar — tentei acolhê-la.

Já passam alguns minutos das 17h e então resolvo começar a falar.

— Olá pessoal, que bom que vocês vieram. Acredito que o encon-

tro de hoje será bastante produtivo. Acho que a única novata é a Cristiane, o restante todos já se conhecem. Cris, você poderia começar se apresentando ao grupo e dizendo em qual período está e porque decidiu cursar a Licenciatura em Matemática, tudo bem?

— Sim, sem problemas. Meu nome é Cristiane, tenho 20 anos, estou no terceiro ano e decidi cursar a licenciatura porque gosto muito de matemática, nunca tive dificuldades com esse conteúdo na escola e, além disso, porque tenho vontade de ser professora, pois tive excelentes professores na escola e gostaria de um dia poder ser como eles. Eu já sabia dessas reuniões, mas não tinha me interessado porque não via necessidade de discutir sobre a minha formação, mas hoje aconteceu uma situação na aula que me tocou demais. A professora fez uma avaliação negativa da minha apresentação do trabalho, mas o problema maior foi que ela não se importou em conversar comigo, me mostrar outras possibilidades, foi simplesmente uma nota ruim, como se isso fosse suficiente para eu me tornar uma professora, como se com essa nota eu saberia o que fazer para melhorar, como se o único papel dela fosse esse. Bem, isso foi o que aconteceu hoje e como eu sabia que teria a reunião senti vontade de participar.

— Bem, Cris, acho que você não foi a única a ter um dia ruim, você viu que acabei batendo de frente com a professora do estágio, mas enfim, vamos conversar! — tentei consolá-la com a minha frustração.

Aproveito e já continuo falando.

— Pessoal, eu estive pensando sobre as discussões que realizamos nos nossos encontros e gostaria de levantar alguns questionamentos. Como eu já comentei com vocês, eu tenho lido as narrativas de estudantes de outros cursos de Licenciatura em Matemática que consegui com a pesquisadora que esteve aqui e alguns textos que ela me enviou. São leituras que têm mexido muito comigo, me fazendo repensar algu-

mas ideias que eu tinha como verdades em relação à nossa formação. Por isso, eu gostaria de compartilhar com vocês essas angústias para que possamos pensar juntos e para que vocês também me digam se eu estou ficando louca, pois em muitos momentos tenho ficado com essa descon-fiança — foi quase um desabafo.

— Então diga o que você tem pensado porque já fiquei curiosa — disse a Fabiana.

— Pois bem, eu fiz uma espécie de levantamento dos assuntos que já discutimos aqui no GELIMAT e na entrevista com a pesquisadora e então queria tentar problematizar tudo que já discutimos, meio que virando do avesso nossas ideias — tento explicar.

— Então você quer propor um desafio para nós? Bem que o Diego disse que você estava virando filósofa... — acrescenta o José.

— É isso mesmo, Zé! A ideia é fugir desses discursos homogêneos que agora percebo tanto nas nossas falas como, em alguns momentos, nas dos outros estudantes. Acho que a gente precisa tentar entender o que todas essas situações que vivemos aqui dizem da nossa formação. Precisamos pensar nessa questão: o que aprendemos quando pensamos estar apenas estudando matemática? E para começar, vocês percebem os silenciamentos que existem dentro do nosso curso? Acho que esse ponto abarca quase tudo que podemos discutir.

— Silêncio? Como assim? — pergunta a Maria.

— Do nosso silêncio, você diz? — questiona a Gislaine.

— Também, Gislaine! Você percebe o quanto somos silenciados? — Ela também percebeu, que ótimo, um interlocutor.

— Eu sempre percebi Adriana, é por isso que estou aqui. O tempo todo somos silenciados: nas disciplinas que ignoram que iremos atuar

como professores, nos estágios que não ressignificam as práticas que conhecemos, nos projetos que nem sempre podemos participar por falta de vagas, nas reuniões que nunca somos convidados e em tantas outras situações. Em todos os aspectos somos tomados como expectadores de nossa formação. Há um modelo pronto a nossa espera e o que nos cabe é que passemos por ele com boas notas — explica a Gislaïne.

— Exatamente, boas notas, mesmo que isso aconteça sem que nada nos aconteça, ou seja, podemos entrar e sair do curso com as mesmas concepções sobre o que seja ser um professor. Não somos confrontados com a nossa futura profissão. Voltamos para a escola e apenas em raras exceções somos levados a pensar sobre ela, de modo geral, trata-se apenas de um reencontro com o mesmo. O susto que tomamos ao voltar para a escola poderia ser um grande disparador de discussões aqui no curso, pois esse estranhamento nem faria sentido porque conhecemos muito bem aquele local, afinal ficamos por lá por mais de dez anos de nossas vidas, mas não, nos assustamos e mesmo assim somos ignorados. Não nos ajudam a interpretar esse choque como algo positivo, como um caminho para repensar a escola que conhecemos, as práticas que vivenciamos. Nada disso acontece. Simplesmente assustamos e desistimos de atuar na educação básica, pelo menos é o que aconteceu comigo. — Acho que falei demais. Termino de falar e ninguém abre a boca. Será que os silencieiei também? Depois de alguns minutos a Cris começa a falar.

— Bem pessoal, eu não participei das outras reuniões, então não sei ao certo o que já foi dito, mas me parece que essa ideia de silenciamentos faz sentido, pois se não há conversa só pode haver silêncio. Vou voltar ao que vivi hoje. Eu recebi uma avaliação em forma de sentença. Não cabia uma discussão sobre o assunto, o meu papel ali era de ouvinte e isso estava muito claro para todos, não só para mim. Pensando bem, acredito que nem de ouvinte, pois nada me foi dito além do veredicto. Deveria ele falar por si? Não seria eu, aluna, digna de um outro tipo de

resposta? Eu não entendo como essa possa ser uma forma de avaliar um futuro professor. Sem diálogo, sem troca, sem saber o que eu penso, sem se importar se eu compreendi o que foi dito, pois daqui uns dias eu estarei nesse papel, avaliando outras pessoas e então como irei proceder? Repetindo as mesmas coisas? E sinceramente eu tenho muito medo disso acontecer, pois não sei pensar outros modos, ao menos por enquanto me sinto limitada. Vou ter que aprender sozinha? Na prática? Com meus futuros colegas de profissão? Mas esse aqui não é o momento para isso? E olha que estou pensando apenas nessa avaliação que foi durante a apresentação de um trabalho. Quando penso nas avaliações escritas o cenário é ainda pior, pois não há nem a sentença falada, apenas uma nota exata, capaz de medir o meu conhecimento em casas decimais. Eu reproduzo demonstrações de teoremas e consigo notas espetaculares. Quando sou obrigada a falar o que penso, com as minhas palavras, sou humilhada diante de todos. E então eu me pergunto: em quais dessas situações a Cristiane de fato aparece? Estou muito decepcionada. — Nossa, conheço a Cris desde o primeiro ano e nunca pensei que ela pudesse enxergar as coisas dessa forma. Eu tinha uma imagem dela totalmente diferente. Me lembrei do Skliar (2003, p.71) quando ele diz que “o nosso olhar acaba por sentenciar como somos nós e como são os outros”. Ainda bem que ela está aqui, para confirmar ainda mais a minha ideia de que é conversando que a gente se entende e se conhece.

— Bem, eu fico meio perdido ouvindo tudo isso, mas se for para pensarmos diferente, acho que não dá para pensar nesse modelo de curso que temos, onde não há espaço para além do espaço disciplinar. Nesse formato não temos tempo para pensar, ele não propicia isso. Pensar não faz parte da formação, estamos aqui para cumprir um currículo e nos adequarmos às práticas dos professores. Se for para radicalizar, vamos brigar por uma nova estrutura — coloca o Marcelo.

— Também não é assim, Marcelo — diz a Fabiana. — Temos que ter os pés no chão, discutir possibilidades e não utopias. Não se muda uma estrutura curricular da noite para o dia, mas penso que podemos causar pequenas fissuras nela que já podem ter um impacto considerável em nossa formação. E eu acho que podemos fazer isso mudando a nossa atitude enquanto estudantes. Como? Incomodando os professores, questionando suas práticas, lutando por nosso direito de voz, participando mais de todos os espaços, vivendo o curso de forma intensa e não só assistindo aulas. Temos que nos dar conta que somos parte importante desse processo, sem alunos não há curso, então eles também precisam de nós, a gente só precisa deixar isso evidente.

— Isso mesmo, Fabi! Não dá para passar quatro anos, ou mais, aqui e sairmos com a mesma visão que tínhamos antes. E para isso temos que estar abertos a experiências, boas ou ruins. É preciso sentir o que nos acontece, pois só assim podemos produzir algo novo, só assim podemos ser outros ao sair daqui — acrescento.

— Mas o que mais você percebeu em relação às leituras que fez Dri? E os outros estudantes, como agem? — perguntou o José.

— Olha, Zé, até agora eu li quatro entrevistas, ainda faltam três, e percebo situações próximas, mas nem tanto. Por exemplo, na UEPA fica claro que as estudantes que foram entrevistadas falam de um curso que parece formar pesquisadores. A princípio eu até me encantei com a discussão, achei que seria a solução! Mas na última reunião o Fabrício falou algo nesse sentido e então eu parei para pensar um pouco. Tudo bem que a pesquisa pode contribuir com a nossa formação, mas não sei, me parece que as vezes ela é usada para o recrutamento de novos soldados da Educação Matemática ou da Matemática Pura. Pode ser que eu esteja totalmente equivocada, mas o que eu quero é tencionar essas situações para podermos pensar sobre elas.

— Não sei, Dri, como vocês sabem eu participo de vários projetos e isso tem me ajudado muito, não sei como a pesquisa pode ser algo ruim — comentou a Fernanda.

— Mas não é, Fer, não é isso que estou dizendo. Eu acho que aquelas meninas estão tendo uma formação certa, o que eu coloco para a gente pensar é se isso é formar um professor de Matemática para atuar na Educação Básica. Mas nem sei o que é também, nem adianta me perguntar. Acho que a questão aqui é aproximar esses dois mundos: a escola e a pesquisa, esse poderia ser o objetivo da pesquisa em um curso de licenciatura. E se esse fosse o interesse, seria interessante que abrangesse todos os alunos e não um ou outro. Olha aqui no nosso curso, quantos mais tem essa visão que você tem? Um, dois? Não dá para escolher uma minoria para formar “bem” e o restante nem saber do que se trata. Do jeito como está, a pesquisa fica como um bônus na nossa formação e então ela perde o sentido. Não sei, estou vendo assim agora. — Tento explicar a minha posição, mas não sei se fui clara. Não quero queimar a ideia da pesquisa, até mesmo porque tenho muito interesse em participar desses projetos. O que eu quero é entender o que eles fazem com a gente quando nos colocam a ler artigos, participar de eventos e grupos de pesquisa. Quero saber se isso nos aproxima ou afasta de vez da ideia de ser professor na escola.

— Bem, continuando as minhas impressões, parece haver lugares em que a licenciatura parece ser um espaço de exclusão para os alunos que querem se tornar professores. O importante lá é estudar matemática. E o engraçado é que nenhum deles falou que não gosta de matemática, e é claro que a gente gosta, né? Ou então porque estaríamos aqui? Muitos até desistem de trocar de curso. Então o problema não é estudar matemática, o problema é acharem que só devemos fazer isso e ainda do jeito que é feito, um milhão de disciplinas em um curto espaço de tempo. Acabamos não produzindo nada, apenas repetindo discursos que nos são apresentados.

— Isso é verdade — diz o José. — Eu sempre estudei muita matemática, até pela influência do meu pai, então estudar o conteúdo nunca foi um problema para mim aqui no curso. O que me deixa triste é o modo como as coisas acontecem. Eu estudo matemática, mas com o objetivo de ser professor e não o contrário. Apesar de serem quatro anos o tempo é insuficiente ou então é mal administrado. Como sempre dizem, menos é mais, e acho que isso caberia perfeitamente aqui. Se estudássemos menos conteúdos, com maiores aprofundamentos, com discussões que nos colocassem em movimento, avaliações mais significativas e não tal como a Cris colocou, talvez pudéssemos ter melhores resultados a longo prazo.

—Exatamente, Zé, temos um problema de metodologia nesses cursos. Há locais em que os alunos reclamam da falta de acolhimento e isso para mim já extrapola a discussão binária de Educação e Matemática, e me mostra que as relações pessoais têm um papel central na nossa formação, elas são determinantes e a gente precisa falar sobre isso! Precisamos conversar, nos conhecer, nos aproximar. Entramos aqui e não paramos nossa vida, continuamos vivendo e seria muito interessante se todos que aqui estão pensassem o ensino como vidas que se cruzam e que se vivem e não apenas como um currículo a ser colocado em prática (CONTRE-RAS, 2016, p.18). E isso ficou ainda mais evidente quando li na entrevista da UFMT que esse é um aspecto valorizado pelos estudantes de lá. Eles sentem esse acolhimento desde o primeiro ano do curso e isso foi muito marcante em suas falas, mas mesmo assim ainda apontam situações indesejáveis. E o pior é que eu acho que se falarmos isso com os professores daqui é capaz que muitos vão achar que queremos regalias, mão na cabeça e essa ideia de acolhimento não tem nada a ver com isso. Eu penso que só o fato de haver um professor que prepare sua aula pensando na minha formação, no quanto isso pode me ajudar a um dia também ser professora, com discussões que me façam repensar algumas concepções, com avaliações inteligentes, esses já seriam grandes gestos acolhedores.

— A questão, Adriana, é que muitos professores só enxergam aqueles alunos que possuem um bom rendimento dentro do curso, os outros, e eu sempre me encaixei nessa segunda categoria, não são nem lembrados, somos apenas alguns nomes a mais na lista de presença — acrescentou a Gislaine.

— Essa é uma discussão que me chamou a atenção em uma das entrevistas que li, os alunos parecem concordar que a atenção do professor é consequência do interesse do aluno. Ou seja, se o aluno é interessado, então o professor lhe dará a atenção necessária. E eu acho esse raciocínio muito estranho, pois o interessante é saber porque há alunos desinteressados, isso sim — coloquei.

— Eu concordo. Muitas vezes eu pensei em desistir do curso por não estar conseguindo levar as disciplinas. Eu sempre tive que trabalhar, então às vezes era muito complicado e eu não tinha liberdade para chegar e conversar com o professor, pois ele nem sabia quem eu era. E eu nunca senti que o meu distanciamento foi um incômodo para o curso, ninguém nunca perguntou o porquê de minhas faltas e notas baixas e durante todo esse tempo eu já estava sendo professora. Meu trabalho era com aulas particulares do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. O que eu digo hoje é que estou aqui em busca de uma certificação para continuar o meu trabalho de forma legal, agora que estou para concluir o curso já trabalho em uma escola particular, pois pouco do que vi aqui levo comigo para a sala de aula. Aliás, levo sim, busco ser outro tipo de profissional, converso com meus alunos, me interesso por suas vidas, seus sonhos, sua aprendizagem. Procuro acolhê-los mesmo nos momentos em que preciso ser séria e cobrar disciplina. Não sou unanimidade entre eles, mas temos um bom relacionamento — complementa a Gislaine.

— Então, eu já tinha percebido isso, de que os professores dão mais atenção aos alunos que os procuram, mas sabem o que eu também tenho percebido? Que os alunos também acabam excluindo aqueles que

não acompanham bem o curso. A gente forma uma panelinha e não se importa muito em ajudar os outros — coloca a Maria.

— É verdade, Maria, eu também vejo isso. Eu acho que de modo geral a gente tem muita dificuldade em entender o outro, a sua diferença, principalmente quando ela nos afeta. E penso que aqui no curso uma diferença maléfica é aquele que não consegue acompanhar as disciplinas, em especial, as de matemática porque são elas que balizam o nosso conhecimento, a nossa competência aqui dentro. É como se por conta desses estudantes, o curso, ou melhor, alguns professores e estudantes, não conseguissem atingir a tão sonhada identidade de matemáticos. É claro que nem todos pensam assim, a gente sabe disso, mas no limite acho que a ideia que persiste é essa. E um dos modos de lidar com essa diferença é silenciá-la, excluí-la, pois desse modo ela se torna menos visível, incomoda menos. Então quanto menos discussões houver entre nós estudantes ou entre o curso e nós, essas situações serão apagadas. Na UFRGS os alunos falaram sobre isso, que eles têm raras oportunidades de conversas, no entanto eles assumiram uma postura autônoma e fizeram um grupo, assim como nós, só que para discutir Educação Matemática. Então acho que essa é uma saída. — Tento trazer o que tenho lido tanto nos textos como nas entrevistas, parece mesmo que essas leituras estão me ajudando a entender a situação. Olho no relógio e vejo que já deu meu horário, preciso encerrar.

— Então, pessoal, a conversa está boa, mas acho que eu vou perder o meu ônibus se a gente continuar e isso vai ser um pesadelo ainda maior do que esse curso na minha vida! — tento descontraír um pouco porque o clima ficou meio pesado depois desses desabafos.

— Tudo bem, Dri. Também preciso ir, mas eu acho que a discussão hoje foi produtiva, não sei, eu gostei. Acho que precisamos continuar — diz o Marcelo.

— Eu também acho — acrescenta a Fabiana — vamos tentar articular alguma coisa com o DCE para alcançar mais companheiros para nossa empreitada!

Todos riem e então nos despedimos. Vou para o ponto de ônibus sozinha, afinal meu companheiro abandonou o barco. Será que algum dia vou superar essa perda?

Últimas leituras

Estamos caminhando para o final do semestre e com isso as provas finais já começam a me assombrar. O pior é que agora não tenho apenas isso para pensar: além de estudar o conteúdo, fico martelando se a avaliação, do modo como é feita, faz algum sentido para a minha formação. O que me conforta é que não sou a única, vejo que alguns colegas também começaram a ficar incomodados com o nosso processo de formação: contraí uma doença contagiosa! Ou será que o contágio é da percepção da existência de uma doença anterior já naturalizada e, por isso, não notada e, por isso, não tratada?

Por enquanto vejo que será muito difícil marcar outra reunião do GELIMAT, pois estamos no momento de estudar matemática! Mesmo assim vou me organizar para conseguir terminar as minhas leituras: o intervalo de descanso dos estudos será ótimo para isso. Ainda faltam três, será que a Adriana não exagerou na quantidade de entrevistas? Se ela colocar todo esse material na sua tese talvez ela perca a interlocução, tudo isso junto é muita coisa para ler! Mas isso é com o leitor, como autora, se sua ideia era ouvir esses estudantes, não vejo outra maneira de lidar com a situação. Se é para escutar, então temos que escutar tudo...

O encontro na Universidade Federal de Rondônia

No dia 15 de agosto de 2016 realizei meu encontro com o grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) em Porto Velho. Essa foi a última instituição visitada no roteiro pelo norte do país. Quando comecei a pesquisar sobre o corpo docente desse curso para estabelecer contato para minha pesquisa descobri que a professora Kátia Farias, que eu conhecia, fazia parte dessa equipe e então não hesitei em procurá-la e solicitar seu apoio. Enquanto eu aguardava sua resposta também entrei em contato com a professora Marizete Nink, chefe do Departamento de Matemática da UNIR. Após receber uma resposta afirmativa das duas professoras, agradei a disponibilidade da Professora Marizete e passei a me corresponder regularmente com a professora Kátia para a organização do grupo de estudantes até a data do encontro.

Cheguei a Porto Velho na noite do dia 12 de agosto, vindo de Manaus. Organizei a viagem de modo que fosse possível passar o final de semana em Porto Velho para visitar uma amiga. Nesse período pude conhecer um pouco a cidade e

apreciar um lindo pôr do sol em passeio de barco pelo rio Madeira. Pesquisar e turistar, acho que fiz uma escolha muito produtiva. Ainda em Manaus, me comuniquei com a professora Katia e ela me passou o contato da aluna Augislane que foi extremamente solícita e com ela consegui finalizar os últimos detalhes do encontro: a escolha do local e definição do horário que pudéssemos reunir todo o grupo. Combinamos nossa conversa para a tarde do dia 15 de agosto em uma sala de aula do campus da UNIR e conforme o esperado estiveram presentes seis estudantes de diferentes períodos do curso: quarto, sexto e oitavo semestres.

Em uma ampla sala de aula climatizada, nos reunimos em círculo e conversamos por aproximadamente duas horas. Um grupo heterogêneo, meninas falantes e meninos mais reservados, alguns determinados a serem professores, outros ainda indecisos. Um cenário que gerou uma conversa bastante produtiva, que abarcou diversos aspectos da formação que estão experienciando. Os estudantes relataram suas vivências no curso, suas relações com os colegas e professores e suas expectativas com a profissão. Muitas de suas falas sinalizaram um descontentamento no que diz respeito à formação

para atuarem como professores de Matemática na Educação Básica.

Os estudantes

Meu nome é **Vanderlei**, estou cursando o sexto período de Matemática e estou aqui porque meu irmão me matriculou no curso errado, era Geografia que eu queria fazer, mas eu gostei do curso e estou fazendo até hoje.

Meu nome é **Bruno**, estou cursando o quarto período de Matemática e eu vim para cá por causa da Matemática que foi o que eu consegui me identificar mais no Ensino Médio. Acabei gostando da Educação e acabei achando na Matemática uma forma de fazer algo pela educação e graças a Deus estou gostando do curso, estou desenvolvendo umas atividades também na área de Educação.

Meu nome é **Tharyolaene**, eu curso o sexto período. Sou do Nordeste, a princípio a ideia não era estudar aqui. Tinham duas áreas que eram minhas opções: Engenharia ou Matemática, pois sempre gostei de áreas de Cálculo. Gosto muito dos números e da parte da Educação eu gosto também, mas não gosto tanto quanto dos números. Também gosto do curso, da forma como a gente tem uma

*Normalmente
filhos de médicos
e/ou advogados
seguem a profissão
dos pais, não é
regra, mas é tão
comum como essa
fala. Acho que isso
diz tanta coisa
da profissão que
escolhi! Eu a leio
como: cuidado!
Zona de risco.*

visão aberta quando entra na universidade. Eu quero ser professora, mas não de Fundamental. O meu pai sabia que eu gostava da área de Engenharia e falou pra eu entrar em outra faculdade, aí eu entrei e estou nas duas, mas por causa do incentivo do meu pai, mas trocar de curso eu acho que eu não cheguei a querer não. Eu pretendo me tornar engenheira, eu não quero entrar na área de obra, eu quero a parte da estrutura e tal, a parte do Cálculo da engenharia, projetar.

Meu nome é **Augislane**, estou no meu oitavo período e se Deus quiser termino esse ano. Sou muito suspeita para falar de educação porque sou filha de professores: meu pai é professor de Matemática e minha mãe é pedagoga. Esse não era o curso que eu queria e nem meus pais queriam isso. Eu prestei para Direito, casei, fui embora para o Acre, lá comecei Matemática, só que depois eu passei em Economia e continuei. Quando vim embora para Porto Velho e fui terminar Economia aqui, não me identifiquei. Eu já vivia da Matemática, eu dou aula de reforço desde os 13 anos de idade para ganhar um extra, como eu estava tentando Direito e não passava então meu ex-marido chegou para mim e falou bem assim: “porque tu não oficializas tua relação com

O quanto separamos em nossa fala, mesmo em um contexto de formação de professores, a matemática do seu ensino. Como se em Pedagogia não houvesse o estudo de nenhum conteúdo em específico, como se ela se resumisse a uma reunião de formas de ensinar. Mas de onde surgem esses discursos? Alguma sugestão?!

Talvez tivéssemos que começar a problematizar esses passos... O que entendemos por isso... A necessidade de estar a frente pode me impedir de caminhar junto. Essa visão pode ser uma justificativa (do curso?) para o aprofundamento em determinados conteúdos e o completo negligenciamento de outros. Acho que ele diz sobre uma postura docente: o que importa é que eu saiba coisas que o meu aluno não sabe, mesmo que não tenhamos uma língua em comum

a Matemática, já que tu vives dela?”. Eu já gostava da Educação, já era apaixonada por ela, então resolvi fazer. Quando fui fazer falei: “esse curso eu vou terminar!”, então assim, eu já trabalho na área, trabalho num projeto com crianças carentes, no ciclo da Matemática. A Matemática te instiga muito, a ciência exata é totalmente diferente de uma humana, se formos ler um texto aqui vai haver três visões diferentes, nós vamos resolver uma conta e só vai ter um valor, entendeu? Ela exige uma dedicação maior porque ela exige muitos pré-requisitos. Uma coisa que a gente fala no projeto é que quem domina a Matemática domina qualquer outra área porque ela exige muita dedicação, para você conseguir alguma coisa dela é preciso horas de estudo, então isso para mim me enriqueceu muito na época, despertou esse lado da docência, da pesquisa e inclusive me despertou para a Pedagogia. Eu não sabia que eu tinha esse lado, eu achava que eu era Matemática, mas eu sou mais pedagoga porque eu gosto mais da metodologia, da forma de ensinar, eu me preocupo muito com essa parte e quero ser professora.

Meu nome é **Elizabeth** e também estou no oitavo período. A princípio a minha opção não era Matemática, era Engenha-

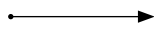
ria, mas como o curso não estava aberto, o meio mais fácil de conseguir Engenharia era Matemática. Matriculei-me e quando estava, mais ou menos, no sexto período consegui Engenharia, mas eu já estava apaixonada pela Matemática e então eu preferi continuar e estou até hoje.

Eu me chamo **Emerson**, eu não estou em nenhum período, era para eu formar em fevereiro e eu ainda estou pagando disciplina no oitavo período. Eu quis fazer Matemática por conta que eu tinha muita dificuldade no Ensino Fundamental, mas no Ensino Médio eu me saí muito bem e eu gostei muito de um professor que me deu aula, então eu passei a gostar, me inscrevi e passei. Eu não sei se quero ser professor, se eu quiser é de Ensino Fundamental, Ensino Médio não.

O desabafo inicial

Tharyolaene: Vou começar com algo que eu sempre tive vontade de falar: a minha indignação. Indignação é uma palavra muito forte, mas o ponto negativo que eu acho é que nós estudamos algo muito grande, muito além, os Cálculos diferenciais que a gente não vai usar lá na frente, todas as teorias que a gente tem que estudar no curso e as matérias didáti-

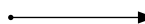
De novo!



cas que a gente aprende aqui nos dão um panorama muito alto para gente ir para uma sala de aula e aplicar só o básico que a gente mal vê no primeiro período. A minha indignação com o curso é a forma que ele é visto lá fora, como área de trabalho. Eu também sou filha de professores, na minha família todos são professores, só que eles não querem que eu vá direto para sala de aula, eles querem que eu faça um concurso, alguma coisa, por causa dessa visão, porque sabe que a gente estuda muito pra não ser bem remunerado lá na frente.

Augislane: A minha indignação nesse ponto é o descompasso entre o que nos é ensinado e o que a gente vai ensinar lá fora. Nosso procedimento é de Licenciatura, mas as matérias que nos são dadas são voltadas para Bacharelado. Está certo que o professor tem que estar um passo ou dois à frente do seu aluno, mas a gente vê aqui Análise, Cálculo III, algo totalmente voltado para Bacharelado. A matéria de sala de aula a gente só vê no primeiro período, aquela revisão básica, a gente vê o Ensino Médio inteiro em um semestre e é uma matéria que leva um tempo para estudar. A Geometria euclidiana e a espacial, nós demoramos de quatro a cinco anos para ver isso, todo

*E então vai fazer
o quê? A minha
bandeira não é
que a gente precisa
aprender só o que
vai ensinar! A
questão é que isso
tinha que ser uma
parte intrínseca
do processo. Eu
quero aprender
toda a Matemática
do mundo, se for
possível, mas a que
eu vou ensinar é
trivial! É o ponto
de partida*



esse processo, e aqui a gente vê em um semestre e meio! É muito rápido, como é que quer que a gente desperte o interesse? Aquela pergunta que o aluno tinha: “para que isso?” a gente chega lá de novo e não sabe responder! A gente foi aluno, saímos da escola e fomos estudar para ser professor, a gente volta para lá e não sabe responder porque a gente chega aqui na mesma situação, a gente olha Cálculo III, olha Análise e a gente fala: “para quê?”. Depois do segundo, terceiro e quarto semestres você não vê mais nada que você vai usar, nem no Ensino Fundamental, nem no Ensino Médio. Então fica desenganchado, vai ter gente que vai se formar e não vai saber o que vai ensinar em sala de aula, não vai saber, não vai! Os nossos professores são todos bacharéis, nós temos professores de fora do país, são professores maravilhosos, de alto nível, só que eles não têm uma visão voltada para a Licenciatura, que é a sala de aula. A gente vai ter essa visão com a professora [REDACTED] que é professora de Estágio, Didática e de Metodologia. Só que como é que ela vai cobrar uma matéria de Ensino Médio se a gente não está tendo essa visão de Ensino Médio, da função de primeiro grau, da função de segundo grau, da Análise combinatória, a gente não está tendo e a

Depois de tantas entrevistas começo a pensar: será que o problema está em nós? Em pensarmos que a nossa formação iria nos capacitar para nosso trabalho? Ou será que essa é uma das intenções do curso: jogar a responsabilidade nas nossas costas e pronto. O discurso neoliberal do sujeito responsável pelo seu desenvolvimento?

gente passa o primeiro e o segundo período assim.

Elizabeth: Mesmo as disciplinas de Didática, a maioria que eu fiz, o jeito que a gente é ensinado nunca é para lidar com alunos de Ensino Fundamental e Médio. Você não aprende a ir para sala de aula, você vê as didáticas, a legislação, você é preparado para fazer um concurso e ser aprovado, não para lidar com certas situações que você vai encontrar. Sem contar a parte de Cálculo, se você for fazer uma ligação de um conteúdo com o modelo de demonstração básica de uma equação você vai ver que os alunos vão ficar perdidos, não vão ter noção do que é aquilo e para que serve. Se você for trabalhar só no Ensino Médio, por exemplo, é um tempo perdido porque isso tem que ser trabalhado desde o começo, então a gente não consegue levar o que aprende na faculdade para sala de aula, de forma alguma, não tem como! A gente sempre questiona como que a gente vai trabalhar. Tem um professor que sempre critica a gente porque nós não sabemos a Matemática básica, ai a gente fala: “professor, a gente não sabe Matemática básica, a gente fez um vestibular para entrar na faculdade para aprender!” e ele: “não! isso você aprende no Ensino Médio!” e nós: “mas

Acho que a questão não é bem a aplicabilidade da coisa Augislaine e sim o modo como essa coisa acontece: eu não questiono (só um pouco...) a análise que eu vou estudar ano que vem, eu quero é saber como ela me ajuda a entender o estudo de funções lá no primeiro ano do Ensino Médio, nem que esse entendimento caiba só a mim e eu não precise discuti-lo com meu aluno

Isso só deixa mais evidente a ideia de que não se pensa a formação como um todo. Ela não passa de um estudo disciplinar onde cada "dono" de disciplina atribui a importância devida ao seu trabalho

a gente não conseguiu aprender aqui!" e ele: "não, aqui vocês vão aprender a dar um passo na frente dos seus alunos..." Então a gente vai estar sempre um passo na frente dos nossos alunos, mas nunca vamos caminhar junto com eles. Estamos um passo a frente deles, a gente sabe muito mais, mas quem dá aula de reforço tem dificuldade. É uma realidade, muitas coisas a gente têm que aprender sozinho porque a gente precisa.

Augislaine: Na Engenharia o engenheiro vai construir então o que ele aprender ele vai aplicar! Assim como um arquiteto e um médico. Na Licenciatura em Matemática o que nós aprendemos a gente não vai conseguir aplicar de fato. Por exemplo, a maioria de nós aqui trabalha: eu, o Vanderlei e o Bruno, mas o que você aprendeu na faculdade, você conseguiu aplicar? Em Cálculo III e Álgebra você consegue ter uma visão além, ver as demonstrações e de onde surgiram as propriedades. A gente só vai ter Resolução de Problemas agora no sétimo período e é muito pouco, e o professor disse que essa matéria é de fundamental importância, como que é de fundamental importância e a gente só tem uma e no penúltimo período?

*Precisamos fugir
desse discurso, pois
ele silencia o que
está acontecendo
na nossa formação!
Vamos discutir
o que estamos
aprendendo e
cobrar do curso
uma resposta para
essas escolhas,
exigir que nos
digam porque
estudamos essas
matérias. É isso
que tenho que
aprender? Então tá,
agora me explique
teoricamente a
importância disso
para a minha
formação enquanto
professor de
matemática da
educação básica*

Tharyolaene: A gente estuda muito para não aplicar o que a gente estuda dentro de sala, porque para um curso de Licenciatura em Matemática tem a sala de aula ou então você faz o concurso público, o que mais tem para o curso? O que eu lhe pergunto é em que área eu vou usar todas essas teorias que a gente está aprendendo? No meu caso, eu estou fazendo Engenharia Civil também, então eu procuro associar com a Engenharia, eu tenho esse refúgio, mas se for só Matemática eu não consigo ver como se fosse um leque de opções, não consigo ver esse leque!

A estrutura do curso

Augislane: A nossa grade já devia ter sido mudada, nós somos ainda um dos poucos cursos que não tem Libras, enquanto Pedagogia e Ciências Sociais, que são cursos muito mais novos que a gente, tem. Filosofia também tem. Para um curso de Licenciatura nós temos uma grade de Bacharelado. As matérias que nós temos no primeiro período são: Sociologia, Filosofia, Matemática I, Lógica, Português e Geometria. No segundo período nós vamos ter Psicologia da Educação. No terceiro período Didática Geral, no quarto Didática da Matemática, no quinto Metodologia da Matemática,

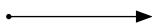
*Eu arrisco dizer que
essa é a resposta
que o curso espera
do aluno diante da
estrutura que ela me
apresentou, onde fica
muito evidente o saber
considerado essencial
nesse local. Eu ainda
acho que ao invés
de falta de respeito
estamos falando
de uma questão
de sobrevivência,
infelizmente!*

*Mais uma evidência
do ensino disciplinar!
Estuda-se disciplinas,
logo a ordem não
importa, não há
relações entre elas!
É cada um por si e a
formação contra todos*

*E vai indo para
a escola...*

Metodologia do Ensino, História da Matemática, depois começam os Estágios, só isso no didático. O pessoal falta com respeito nas matérias de Didática porque elas não são pré-requisitos umas das outras. Acontece muito isso, a matéria difícil que a pessoa se mata de estudar é porque ela tem pré-requisito, ela te tranca e a de Didática não. Eu acho que o que falta na faculdade é mais intervenção, aprender aqui na teoria e praticar. E em relação a metodologia eu percebo pelo comportamento do pessoal que fala: “eu faço semestre que vem...” por que? Porque não te prende na faculdade! o pessoal se mata em Cálculo II porque se você reprovar tranca o teu curso todinho, mas e a Didática da Matemática? O que acontece muito é que vão fazer Estágio e não fizeram nenhuma matéria de Didática, como é que vai chegar ao Estágio se você não sabe de Didática da Matemática e não sabe Didática Geral? Mas sabe por que fazem isso? Porque a universidade dá essa brecha e é uma brecha feia para um curso de Licenciatura! Gera um desinteresse justamente porque eles vão pulando o sistema porque ele tem essa falha, e o pessoal vai passando essa falha, vai para o Estágio sem saber nada e vai terminando o curso...

*Uai, agora fiquei
em dúvida: ele está
falando dos colegas
ou dos professores??
Aiiiii eu não posso
generalizar, mas
assim fica difícil
né, poxa vida!*



Vanderlei: Acaba que são poucos que se interessam pela área da Educação e alguns vão só para ganhar o salário de professor porque não têm o preparo.

Augislane: E outra coisa que é pouco são as 200 horas extras que se pede e a nossa grade também não atende as nossas necessidades. Por exemplo, ele (Bruno) montou um projeto legal para dar aula de reforço numa escola, mas a nossa hora extra só vai agregar 50h por ano e isso desvaloriza. Em outros países, como nos Estados Unidos, para você poder se formar ou até adentrar a uma universidade você tem que ter 1000 horas de atividades extracurriculares, o que acontece muito é que eles passam disso. Então assim, no curso de Licenciatura a gente fala muito pouco sobre esse formato, estudar é interessante, é muito bom, mas tinha que falar mais em ensinar, e na parte da pedagogia eu acho que a gente tinha que ter muito mais prática, vamos teorizar aqui, mas vamos praticar aqui! A gente fica muito na teoria, prática a gente só vai ver no Estágio e tudo pormenorizado, porque o Estágio de observação só olha, no Estágio II a gente vai fazer um projeto junto com o professor de regência, e no quarto regência de novo, só que pro Ensino Médio. A professora [REDACTED]

está reorganizando o departamento; tem muitas coisas erradas que a gente via ali e que agora não está acontecendo mais, injustiças... Ela está fazendo o que é certo, vai melhorar muito, ela é sangue novo, está querendo trabalhar. Quem é de 2013 para cá viu muita coisa errada, eles vão chegar em TCC I e não vão saber fazer um projeto de pesquisa, nem foram a campo aprender fazer uma escala, nada disso, por quê? Porque o professor não ensinou direito, eles não tiveram nem aula. Por exemplo, uma coisa que aconteceu comigo e eu fiquei muito indignada, quem veio me dar metodologia em TCC I? Foi uma pessoa da Enfermagem, não entende nada de Educação, como é que uma pessoa que vai me dar TCC I²⁰ não entende nada de Educação? Pela minha lógica era para ser alguém da Educação, agora vem uma pessoa da Enfermagem, o que ela vai dizer?

Elizabeth: Eu tive aula de TCC II e ela só deixava a teoria de como montar um projeto.

Augislane: Sim, mas não pode ser só isso. O que acontece é que muitos alunos

²⁰ Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 1 que é preparatória para a realização do TCC ao final do curso. Ao todo são três disciplinas: TCC1, TCC2 e TCC3

chegam ao oitavo período e não terminam porque não têm seu TCC.

Elizabeth: No caso da minha turma, a maioria concluiu todas as didáticas e agora que estão começando a fazer as defesas porque um orientador está ajudando. No meu caso o meu orientador mesmo me ajudou, mas outros tiveram que pagar alguém para ajudar porque o orientador abraçou o mundo e não tinha tempo e outros ficaram sozinhos.

*O que mais falta
acontecer por aqui?*



Augislane: Então é assim, tanto que nosso curso corre o risco de ser cancelado porque é o segundo ano que tira nota inferior na avaliação. Esse curso começou em 82 ou 83, é um curso antigo, acho que é o terceiro ou quarto curso da UNIR, se eu não me engano. Agora nós esperamos com a professora [REDACTED]...

Emerson: Ela já conseguiu colocar Libras na grade para o próximo período.

Augislane: Ela está tentando trazer projetos para o curso, ela está tentando parcerias.

Elizabeth: Agora vamos ver se a gente consegue o tão sonhado laboratório, pois o departamento de Matemática não tem nenhum.

Augislane: E nenhum professor que

trabalhe nessa perspectiva. Nós também não temos projeto de extensão. A professora [REDACTED] está tentando voltar com ele, a [REDACTED] que se aposentou a pouco, ela tinha.

Elizabeth: Ela era do PIBID. Eu participei no segundo ano, mas logo o PIBID acabou. A minha turma ainda participou e a gente teve uma base boa por causa disso, agora os outros que entraram depois já não tiveram.

Ou seja, é necessário aprender a lidar com o outro, pois não se ensina para as carteiras e paredes da sala de aula. Haverá alguém lá quando você chegar e a ideia é que ele não seja um aluno abstrato, tal como somos tomados por aqui...

O momento do Estágio

Emerson: Eu tive um choque no meu Estágio, mas só que fui levando. Eu fiz com a Augislane e ela me ajudou demais, aprendi demais com ela a questão de saber lidar com os alunos. O que eu vejo muito é que aqui no curso é mais demonstração, lá na escola ensina de uma forma e aqui já é mais avançado, mas só que isso se contrapõe. A pessoa vai ter que estudar fora, ver vídeos em casa, não é só na faculdade, é assim mesmo...

Vanderlei: Eu estou estagiando numa escola perto de casa, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e, muitas vezes, ocorre a desvalorização dos professores. Professor explicando e aluno conversando, ele fala, o aluno não obe-

*Ou seja, estudar
matemática não é
um problema para
mim, a questão é:
para além
disso, o que eu
consigo fazer?*



dece e ele continua dando aula como se o aluno não existisse mais. Então, tanto da parte do professor quanto do aluno alguma coisa tem que mudar, porque se continuar assim... Em relação ao conteúdo eu me sinto preparado, o curso não me deu essas condições, mas ele me proporcionou aprender mais fácil que antes. Se eu pegar um conteúdo de Fundamental, do sexto ao Ensino Médio, eu agora consigo desenvolver sozinho, antes eu não conseguia, mas em relação à metodologia acho que não.

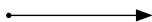
Elizabeth: Eu já fiz uns quatro Estágios, os dois primeiros com um professor e os dois últimos com outro. A gente teve muita dificuldade com os primeiros Estágios, essa questão de preparar uma aula e saber como fazer. Em meu último Estágio, que foi com a professora [REDACTED] não tem como não falar, ela deu uma base, foi ótimo. Hoje, depois desse Estágio, eu me sinto preparada para ir para uma sala de aula, mas quando eu comecei os dois primeiros Estágios eu cheguei ao ponto de querer trancar a faculdade porque eu não tinha preparação nenhuma: saber como montar uma aula, um conteúdo, saber instigar os meus alunos a querer aprender, ter domínio da turma. A gente tem um pouquinho mais de facilidade

Nós não somos alienados! Sabemos reconhecer o que pode ou não contribuir para a nossa formação. Por que não somos chamados para essa discussão? Por que nos tomam como incapazes de opinar, debater, conversar? Até quando vamos nos calar, seguir o fluxo das disciplinas e nos contentar com os poucos que fazem o seu trabalho de formador de forma responsável e comprometida?

com o domínio do conteúdo, mas conseguir fazer com que esses alunos prestem atenção, buscar a curiosidade deles para Matemática, fazer um adolescente prestar atenção é muito difícil!

Augislane: Quem entra nessa parte do antes da professora [REDACTED] é a Elizabeth, ela é minha veterana, mas eu sei devido a comentários dos outros e o que eles falavam era que no Estágio, chegavam ao último dia e entregavam o relatório de qualquer jeito, não era passada uma metodologia. Eu já entrei com a professora [REDACTED] e com ela tem três encontros na escola e um aqui que é para recolher suas experiências e ela passar algum método de intervenção, pois ela não gosta que a gente vá sem fazer nada. Ela visita todas as escolas, com os outros não tinha essa fiscalização. Ela vai assistir às aulas para ver com o professor o que pode acrescentar, até sugerir mudar de escola caso ela veja que não está tendo um bom clima, então ela é muito preocupada. Ela trouxe uma visão diferente, ela é da Pedagogia nem é da Matemática. Eu fiz todos os Estágios com ela, estou fazendo agora o Estágio IV, ela cobra muito, mas a gente consegue ir para sala de aula e ver nisso planejamento, e a gente chega lá e sabe o que vai fazer. A gente vê que muitos

Como vai
acompanhar se não
há interação com
a escola?



professores não se preparam e o aluno também percebe quando o professor está preparado e quando ele não está. A questão do mau comportamento está geral, até a desvalorização. Eu acho que isso tem um pouco a ver com o fato de que nós estamos presos numa época, nós continuamos dando aula igual na década de 1800, e os alunos hoje são nativos digitais, então nós temos que aprender a dar aula para essa nova geração. O que acontece é que a nossa faculdade não acompanha, para mim tinha que ter uma intervenção tecnológica, ensinar os alunos usarem um tablet, ensinar usar uma plataforma de chat. A gente só tem aula de informática na Matemática que é para usar o Geogebra. Eu estou fazendo o projeto com a professora [REDACTED] de usar o *Whats* para tirar dúvidas entre os meus alunos e funcionou legal. Comecei com Matemática, agora já estou com História, Geografia, Química, estão utilizando entre eles, mandam áudio uns pros outros, eles estão fazendo um grupo que está se espalhando pela escola, então já é usando a tecnologia para encurtar a distância e compartilhar conhecimento.

Elizabeth: É como a Augi falou, na escola que eu fazia Estágio o professor usava essa técnica e funcionava porque eles têm

que mandar o conteúdo para os alunos, eles já tinham como uma base, querendo ou não são poucos que interagem, mas quem se interessava já chegava na sala de aula e tinha aquela interação, alunos já vinham com dúvidas. Você via que tinha um rendimento que era favorável. Um amigo meu fez o Estágio e o professor estava dando aula de Geometria, havia a lousa digital, mas o professor de Matemática, formado aqui na universidade, não era apto a usar. Na escola que a gente fez o Estágio IV tinha tecnologias: o quadro, lousa digital, sala de vídeo, várias outras coisas e o laboratório. A gente fez um projeto com turmas do terceiro ano do ENEM, foi até bacana, a gente conseguiu trabalhar um pouquinho com tecnologia, ajudou bastante, mas não porque veio da universidade, a gente falou para o professor: “a gente vai fazer porque a escola tem, os alunos já têm o hábito de usar e a gente vai trabalhar junto”, então funcionou assim.

As disciplinas específicas para formação de professores

Vanderlei: O curso deveria ter mais matérias voltadas para a formação dos professores, tem Matemática I e II nos primeiros períodos, depois tem Resolução

de Problemas, mas fica distante uma da outra, no início e no final, não tem como você ser um bom professor na área de Fundamental até o Médio com esse tipo de curso.

Augislane: Quando a professora [REDACTED] começou com a gente ela entrou em Metodologia e só passou as normas da ABNT porque ela presumiu que a gente já tinha aprendido outras coisas em metodologia científica.

Elizabeth: Quando ela foi dar Estágio a gente falou: “professora, tudo que a senhora imaginar sobre Didática, tudinho, a gente não sabe nada!”, no primeiro ano de Estágio ela praticamente deu uma aula de Didática. Tudo que a gente deveria ter aprendido em Didática Geral, Didática da Matemática e Metodologia, foi ela que passou para gente.

Augislane: Em Didática Geral quem vem dar aula para gente são pedagogos, mas eles estudam Vygotsky, Skinner, Piaget, essas discussões. Didática da Matemática eu vi com a professora [REDACTED] o meu já foi diferente, nós vimos o Ubiratan D’Ambrósio, nós realmente já vimos em Educação Matemática, jogos, nós fizemos um projeto didático.

Tharyolaene: O que mais me marcou em alguma das didáticas foi um projeto que a gente fez semestre passado. A gente tinha que pegar um conteúdo, fazer um plano de aula e apresentar para os alunos da turma. Tinha que ser um projeto sobre Etnomatemática ou então jogos, mas com intervenção. A gente usou um jogo para ensinar Matemática, as quatro operações e esse projeto de intervenção a gente vai aplicar no Estágio II. A gente começou a trabalhar com uns textos, mas no final eu gostei dessa parte da prática e finalizou com esse trabalho que foi o que me marcou da Didática.

Augislane: A única pedagoga que nós tínhamos conosco era a [REDACTED] ela tinha aquele projeto de extensão, mas ela se aposentou e acabou, aí vinha a professora [REDACTED] que era emprestada da Pedagogia, só que ela é só uma!

Elizabeth: Eu fiz a Didática Geral com uma pedagoga e como ela gostava muito de Matemática a gente teve bastante facilidade, apesar de ela ser pedagoga ela tinha muita afinidade com a Matemática, então deu para trabalhar legal. Agora os outros professores que vem da Pedagogia eles falam que não gostam de Matemática, que Matemática é só uma coisa que

veio pra dificultar, então fica muito na teoria e você não consegue relacionar essa Didática com a Matemática.

Augislane: É o que ela falou, é maçante para a gente. E o que a Thary falou marcou para ela justamente porque ela pegou uma coisa e transformou isso numa prática em sala de aula, inclusive que ela vai usar agora, e isso é o que você fala linkar, você consegue linkar o que você está aprendendo na faculdade, na academia, com algo que você vai utilizar. Em Didática Geral foi ensinado como a gente montar o ábaco, cada grupo montou uma aula, teve uma galera da sapateira, das casas decimais. Em Didática da Matemática a gente também avaliou livro e foi com base nisso que a gente montou o nosso projeto didático, a gente pegava uma matéria e via o que englobava. Sobre avaliação isso aí já é uma perspectiva de cada um. Eu sigo a avaliação continuada porque eu não acredito que o aluno é só nota de prova, a gente sabe que tem nervosismo, tem um monte de coisa, aí eu trabalho mais com a percepção, o que se passa em sala de aula, o que ele faz, o que ele não faz e tal.

Bruno: Eu tive isso em Didática no semestre passado, a professora só falou:

*Se eu considerar
que muitos de nós
saem daqui sem
saber o que fazer
na escola, então
a universidade
também se encaixa
no perfil de
certificadora*



“você têm que saber mais como trabalhar esse tipo de coisa em avaliação em sala de aula” e passou os tipos de avaliação, mas bem superficial, bem pincelado.

Elizabeth: No caso a gente tem que se interessar e pesquisar sobre o assunto, ver quais são os autores que abordam e buscar por necessidade própria porque, querendo ou não, a gente tem essa necessidade porque chegar numa sala de aula e aplicar uma prova de cinco ou seis questões, isso nunca vai funcionar bem.

Augislane: É por isso que os alunos somem porque é o mesmo padrão de 100 anos atrás, a escola é só certificadora e não dá para ser assim. Tem aluno que não gosta de falar, mas de produção é maravilhoso; tem aluno que gosta de falar, então ele vai se sair melhor. A gente não tem esse trabalho psicológico, tinha que ter mais psicologia para lidar com eles.

Sobre atividades extracurriculares

Augislane: Como é que a gente vai participar de eventos se são só 200 horas e não há divulgação. Teve o Enep aqui que foi o Encontro Nacional da Pedagogia e não houve uma divulgação, um incentivo, era em semana de aula e não foi incentiva-

do para a gente participar, os professores não comentaram, era como se fosse uma coisa totalmente isolada.

Elizabeth: Uma amiga minha tem um colega na Pedagogia e ele foi explicar mais ou menos como que era. Independente de o curso ser de Matemática, a discussão era do nosso interesse também, só que ninguém sabia sobre o que tratava, as meninas vieram aqui falar.

Augislane: Só que não houve um reforço.

As relações entre colegas

Elizabeth: Uma coisa que a gente aprende entrando na faculdade é que you não vai se manter aqui sozinho. Você tem que rever os seus padrões, ou você revê esses conceitos e começa a interagir ou você sabe que você não vai sobreviver aqui sozinho, essa é uma das coisas que a gente aprendeu por aqui. Você nunca trabalha sozinho, principalmente na Matemática a gente nunca consegue fazer nada sozinho, às vezes você está ali resolvendo alguma questão e não consegue enxergar o teu erro e quando você está trabalhando em grupo fica mais fácil, você consegue enxergar, a discussão faz você abrir a sua mente, abrir os teus olhos, você consegue perceber, então é mais ou menos alguns pontos positivos.

Tharyolaene: Nos primeiros períodos a turma é toda unida, é tudo maravilha, mas conforme vai saindo gente acaba desmotivando, por exemplo, nosso período tem pouca gente, só que ficaram pessoas que tem mais afinidade. As vezes tem aquela pessoa que não faz nada: “me dá aquela questão?” mas não quer nem aprender, só quer a resposta, então as vezes te dá raiva passar isso: “me manda por e-mail o teu trabalho, quero dar uma olhada” mas não é uma olhada de querer entender, é uma olhada de querer copiar, então acho que é isso, mas no primeiro período tudo é maravilha, depois realmente você fica com quem você tem mais afinidade, com quem você se entende mais.

Augislane: Você começa a ficar seletivo, é como eu disse, a Matemática exige horas de estudo, horas para gente aprender a fazer Cálculo III, não é um dia antes da prova, é uma semana, são duas semanas, é um mês, e é o que ela falou: “me manda a questão aí” “tira a foto da questão aí”.

Emerson: “Manda o exercício prontinho aí”.

Augislane: Tem muito disso, tem gente que entra nesse curso achando que vai le-

Acho que esse sentimento não contribui em nada com a situação, mas o considero uma saída bem menos problemática porque ele só silencia o verdadeiro problema que é o fato de o estudante não saber nada!



var na barriga, entendeu? Às vezes acaba levando mesmo, infelizmente acaba levando porque o professor fica com pena que a pessoa reprovou 3 ou 4 vezes e acaba aprovando a pessoa sem saber nada. Mas acontece muito isso daí a turma começa linda com 45, no terceiro período já vive uns 20.

Acho que o verbo que ela escolheu diz muito: o quanto a Licenciatura tem matado!



A evasão no curso

Tharyolaene: Acho que o maior medo do curso, o alto nível de desistência é por causa do mercado de trabalho.

Augislane: Não só do mercado de trabalho, mas também pelo fato de que eles entram aqui e querem fazer outro curso, a maioria das pessoas entra em Matemática tranquilinho, aí eles acham que por ser fácil de entrar eles também julgam que é fácil de sair, mas não é, entendeu? Não é!

A pós-graduação

Augislane: Aqui só tem mestrado em Educação e mestrado em Gestão de Educação, que eu saiba são só essas duas linhas, agora de ciências tem que ir para fora, tem que sair.

Elizabeth: Aqui a única especialização que tem é a universidade profissiona-

lizante, que é o PROFMAT, mas não é daqui, ele é do IMPA, ele é oferecido nacionalmente, mas ninguém quer fazer.

Augislane: Não é que não quer fazer, eu estava nessa discussão com a professora [REDACTED]. Ele é voltado para Matemática e eu não sou tão apaixonada por Matemática assim não, eu sou mais apaixonada pela parte da Pedagogia, do ensinar. Eu gosto de números, quando eu pego para estudar! Quem estuda Matemática sabe que a gente dedica horas de estudo e é quase um êxtase quando a gente consegue fazer um negócio que está difícil, mas a Pedagogia, a forma de ensinar eu acho muito interessante, eu quero fazer isso, só que eu queria voltar para minha universidade, eu queria voltar para Matemática para poder ser professora, só que para entrar você tem que fazer o PROFMAT, e o acesso não é por meio de um projeto, é uma prova de 35 a 40 questões difíceis, de nível alto e são só 3 vagas abertas para ampla concorrência e o restante é para os professores do estado.

Sobre atuar na escola

Elizabeth: É o que eu sempre falo, assim que eu terminar a faculdade eu vou pra sala de aula porque eu estou me formando

*Mas pela sua
fala ao longo da
entrevista me
parece que você vai
bem nas disciplinas
de matemática.
Ah!!! Então tá
tudo bem, né
formação? Se ela
sabe o conteúdo...
o restante é
perfumaria!*

para isso, é um curso de Licenciatura, mas o meu objetivo não é mais esse, não quero trabalhar com Ensino Fundamental e Médio, a não ser que a situação mude radicalmente, porque do jeito que está não tem como trabalhar com Ensino Fundamental, principalmente Ensino Médio. O objetivo é ir para o Ensino Superior, mas atuar como professor mesmo.

Tharyolaene: Eu tenho um pouco de receio de ir para sala de aula por causa do comportamento dos alunos, quando você vai numa escola é: “o professor não sabe dar aula, o professor é aquilo...”, tenho medo da reação que alguns vão ter. Você está na sala de aula, você quer encontrar a melhor forma de explicar, a melhor forma para fazer com que os alunos entendam e corram atrás para entender, porque eu acho que a maior ajuda de um professor é quando um aluno está interessado e vai até você: “não professora, não entendi isso, como é que eu posso usar?”.

Augislane: A escola virou um órgão certificador, esse é o grande problema. Além de dar aula na escola pública e estar no projeto, eu também dou aula de reforço, então eu estou nesse contato direto com eles e é muito difícil. Enquanto a gente for repetindo essa sala de aula:

quadro e pincel, eles não vão, não adianta. O Emerson estagiou comigo, não é fácil. A docência é algo complicado, tem que tentar, mas só que ser professor é batalha. Esse projeto que eu participo eu tropecei nele, na verdade. O professor chefe do nosso departamento entrou de férias e o professor [REDACTED] viu um e-mail sobre esse projeto, mas ele não sabia como funcionava, só divulgou que estavam selecionando estudantes. Ele comentou que a bolsa era boa e que tinha que ter inglês, fixou o cartaz em cada canto da sala e pediu para enviar currículo. O projeto já tinha começado em Porto Velho, mas não tinha dado certo devido a certos problemas com as pessoas daqui, então foi aberta uma vaga eu me inscrevi e fui selecionada. É um projeto do Instituto Tim que agrega o país inteiro, envolvendo Matemática com técnicas americanas. Eu atuo numa escola. Os idealizadores do projeto são professores da universidade de Harvard, o Bob tem 73 anos e a Elen tem 72, esse projeto já tem mais de 30 anos e é só para a Matemática e para ensinar crianças carentes. Para ensinar Matemática você só precisa gostar de Matemática, você pode ser Químico, Físico, Pedagogo, o pré-requisito é gostar da Matemática.

Por exemplo, as crianças aqui do Brasil só começam a aprender números negativos com 12 anos de idade, as crianças dos Estados Unidos aprendem com 6 anos. Então uma coisa que nós aprendemos é instigar isso do número negativo numa criança, de como trabalhar reta numérica, de como trabalhar probabilidade, as possibilidades. Os americanos valorizam a abstração, isso é inclusive uma coisa que eu trouxe aqui para os professores da UNIR, eu fui conversar com eles e eles concordam. O brasileiro valoriza o concreto, em detrimento do abstrato, mas nós sabemos que o abstrato para a Matemática é muito mais importante, e esse projeto valoriza o abstrato, é a criança raciocinar por ela, eu não dou respostas. Uma das técnicas é não dar resposta para criança, tem que pegar o errado dela e ver o que você pode fazer, eu fiquei muito apaixonada pela Pedagogia quando peguei esse projeto porque é muito bonito. Esse é meu segundo ano de atuação, é muito bonito quando ele vai ensinar, ele fala: “a gente tem que ter paciência, você vai se desapontar, você tem que aprender a instigar seus alunos”. Ele ensinando assim, às vezes, a gente até se pergunta se ele não é de outro planeta porque com 73 anos

*Imagino que não
por querer...*

• → ele ainda quer ensinar, e a gente chega aqui no Brasil um professor de 73 anos está esclerosado, não quer mais saber de sala de aula, está depressivo, com desgaste emocional muito grande.

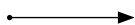
*O que fazer com
discursos como
esses? O que ele nos
diz em um contexto
de formação de
professores de
matemática?*

• → **Elizabeth:** Tem uma professora que fala assim: “o aluno que aprende Matemática pode aprender tudo”. A gente não vê muito o básico, mas conforme a gente estuda aquela área mais difícil a gente sente que é mais fácil aprender o fácil. Em relação a sala de aula, o meu gostar da Licenciatura é que quando eu aprendo eu quero passar para outra pessoa, mas para outra pessoa que quer aprender porque a teoria já está pronta, você não vai fazer uma teoria, você vai entender e entender uma teoria é difícil, por isso quando eu aprendo uma teoria eu quero ensinar, por isso que a gente fala que dar aula é mais fácil porque é a pessoa que vem até você, não é você que vai até a pessoa.

*Será? Então a gente
precisa discutir
os meios possíveis
para que os alunos
cheguem até nós
e, da minha parte,
para que a gente
também chegue
até eles...*

• → **Tharyolaene:** Eu amo também a parte de dar aula, mas eu tenho medo de me posicionar. No Estágio o professor está na sala, eu estou lá, mas a cobertura está com ele, mas imaginas quando eu estiver sozinha? O meu medo de entrar no Ensino Médio e Ensino Fundamental é não ter mais respeito dos alunos, eles podem

E então o relato anterior vai ficando mais compreensível... Entrar em Banco, como assim??? Mas eu já ouvi uma professora aqui dizer que o curso formava poucos, mas formava bem: um gerente de banco, um pró-reitor...



falar o que quiser de você: a forma que você está vestida, o jeito que você fala, se você é feia, se você é bonita. Acho que é por isso que existe aquele receio de chegar, entrar e tomar conta daquela sala, tomar a frente. A professora [REDACTED] falou hoje que as primeiras aulas é o que faz a diferença para o professor, então eu estou começando a ter medo daquelas primeiras aulas, de como chegar lá e ter a postura de que você é o chefe da turma. A gente tem uma mania de que professor dá medo, mas não é que dá medo, é receio, mas eu quero ensinar que o aluno pode chegar até a mim. Eu tive professores de Ensino Médio que eu tinha medo de chegar neles porque se você errasse eles espalhavam para sala toda: “não, você não entendeu? Já falei que é assim!”. Então, vendo a postura dos professores que eu tive, os bons e alguns não tão bons, eu tenho esse receio de chegar em sala de aula, mas gostar de ensinar eu gosto.

A relação com os professores

Vanderlei: São poucos os professores que se preocupam com os que saem.

Tharyolaene: Tem professores que desmotivam, falam para gente fazer concurso pra entrar num banco e procurar

*Nada disso justifica
suas atitudes!
Se licenciado,
se bacharel, se
experiente na
escola, não quero
saber! Atua na
licenciatura é
formador.*

uma área porque não querem ver a gente dessa forma, falam pra não ser professor.

Augislane: Porque a maioria deles, como eu falei, eles não são licenciados, são bacharéis. São professores, mas eles não deram aula na escola, eles não foram para sala de aula de Ensino Fundamental e Médio, se nós temos aqui são dois ou três que foram para essa parte realmente da docência. Então, a visão de mundo deles é diferente da nossa, nós vamos entrar, nós somos a linha de frente, é por isso que às vezes a gente até brinca falando que eles são Jurassic Park porque os professores são bem antigos, entendeu? Eu falo que a professora [REDACTED] foi uma grande aquisição do curso porque os meninos agora estão sendo privilegiados, porque estão pegando matéria que está cobrando metodologia, ela está mostrando como é que a gente deve fazer, ensinar e questionar, mas antes não era assim, eram uns professorzinhos aí que vou te contar...

Tharyolaene: Ela falou assim, mas eles são professores que abriram muito a minha mente. Teve um professor que deu Cálculo I, II e III para gente e Cálculo I foi uma das melhores matérias que eu tive até hoje no curso inteiro, é que eu sou meio desligada, eu não sabia que ele

era da parte da Engenharia, mas quando ele dava aula ele ficava: “na Matemática vocês não usam muito isso porque é da área de Engenharia”. Ele foi um dos meus melhores professores, apesar de o Cálculo ser algo pesado e não tão Matemática de sala de aula.

Augislane: Mas assim, a questão do carinho, a professora [REDACTED], o [REDACTED] eles se preocupam, mandam mensagem.

Vanderlei: O [REDACTED] também é gente muito boa.

Augislane: Ele chega e pergunta: “por que você está chegando atrasado assim?”.

Elizabeth: A gente se sente feliz na aula dele.

Augislane: O [REDACTED], por mais que ele tenha um jeitinho bruto, ele só briga com quem ele gosta. Ele quer que você esteja presente, que você venha para aula, que você assista aula, eu acho que só esses.

Vanderlei: São poucos que se preocupam com o ensinar e nesse se preocupar eles instigam os alunos também.

Augislane: Tem que estimular porque não é um curso fácil, a minha turma é

Seja para ensinar Matemática ou metodologia, antes disso é preciso construir uma relação e quanto melhor ela seja, mais produtiva será. Isso não é novidade nenhuma, certo?



uma das maiores que chegou até o final. Eu sempre falei desde o início, é uma tecla que eu bati muito, nós não somos só professores, meus pais falam isso, nós somos formadores de sonhos, mas ao mesmo tempo nós somos destruidores. Quando eu vou para sala de aula eu me volto para esse lugar, eu sou uma formadora de sonhos assim como eu posso ser destruidora de alguns, então quando os professores pegavam meio pesado na matéria, eles cobravam num nível muito alto que minha turma só ia passar dois, eu chegava lá, conversava e falava: “professor, o senhor tem que analisar, o pessoal é do EJA, estão a mais de 20, 30 anos sem estudar, o senhor tem como analisar isso? Ele sempre falava: “Augislane, você tem que ver que se eu fizer isso e tal...”, aí eu conversava, conversava, conversava até que ele cedia e ele dava mais uma chance para as turmas, por causa de mim. Cálculo II, na minha sala, só iam passar 3, conversei com [REDACTED] e ele passou um trabalho para ajudar o pessoal e no final ainda passaram 11. O [REDACTED] era outro que fazia a limpa, não estava nem aí, passava um com ele, mas passava um! De tanto conversar com ele foi baixando a guarda, hoje está alegre, mas ele era amarrado.

Elizabeth: Eles começaram a rever a didática deles porque não adianta nada eles cobrarem uma coisa que a gente não tem preparação. Quando a gente sai do Ensino Médio hoje e entra na faculdade de Matemática tem uma dificuldade, porque lá você vê aqueles Cálculos básicos. No meu Estágio o professor foi demonstrar a fórmula de Báskara e simplesmente nenhum aluno fazia a mínima ideia de onde aquilo surgiu. Querendo ou não o professor da universidade tem que entender, é a situação que a gente está vivendo. Não é simplesmente passar os alunos como a gente vê alguns professores aqui que pedem um artigo e o aluno faz todo troncho e errado, aquele Ctrl c e Ctrl v, não, não é isso! Mas você saber que ele tem dificuldade e sanar essa dificuldade, porque querendo ou não ele vai concluir, em quatro anos, em cinco, e esses mesmos erros vão continuar, o acadêmico vai se formar, vai estar errado, vai para o Ensino Médio e vai continuar ensinando errado.

Augislane: Uma coisa que eu reparei e foi um confronto para mim que me fez desistir da Economia aqui é que quando eu cheguei os professores eram carnicheiros, não estavam nem aí, eu cheguei e fiquei assustada. Aqui no curso de Matemática, primeiro dia de aula um soltou

*Não dá mais para
aceitar os baixos
índices de aprovação
justificados pelo
discurso do: forma
pouco, mas forma
bem. Forma pouco
porque pouco se
faz nesse sentido.
Porque falta
responsabilidade
social*

*O silêncio
mais gritante,
ensurdecedor!*

uma frase: “acostumem-se a perder seus amigos, essa turma grande que vocês estão vendo não irá acompanhar vocês até o final, a batalha de vocês é sozinho, acostumem-se e quem for inteligente não fica na Matemática” foi a minha primeira semana de aula na Matemática, isso eu não me esqueço e a maioria dos meus amigos também, se você fosse entrevistá-los eles iam dizer a mesma coisa. Eu acho que falta muito o professor fazer esse trabalho: “vem cá fulano, vamos montar um grupo de estudo, você gosta dessa matéria...”. No IMPA quando tem um aluno que se destaca em determinada área o professor pega esse aluno e trabalha com ele na área que ele se identificou, Cálculo, Álgebra, aqui a gente não tem isso, como é que vai haver produção científica se não há esse estímulo para o aluno se descobrir? Eu estou batendo muito na tecla nas aulas de Estágio com a professora [REDACTED] principalmente nessa questão das horas extras, eu acho que é gasto muito dinheiro com o acadêmico, para um retorno que a gente não dá pra sociedade, nós estamos pagando de certa forma os impostos, é muito caro para estar aqui. Não há um diálogo com os professores das disciplinas de Matemática, é só aula, a gente vem para universidade para aula. Agora eu estou no oitavo período e estou sendo a

Ela vem pouco a aula porque está se preparando para o futuro próximo como professora! É isso mesmo ou eu que estou entendendo errado? É a total negação do espaço acadêmico como um espaço de formação. Esse é um espaço de “ter aulas”, de fazer disciplinas... que tristeza!

Eles não se colocam abertos a viver experiências, pelo menos não àquelas que os alunos gostariam. A mesmidade lhes é suficiente. Mais um sinal do abismo que há entre alunos e docentes

fugitiva, só chego para pegar presença. A gente já está desgastado porque eu sei que o que me espera ano que vem é dar aula. Eu estou me preparando espiritualmente para pegar uma sala de aula com 30 ou 40 alunos, onde o moleque vai querer botar fogo na sala, eu estou me preparando para isso, mas que estímulo que eu tenho, que preparo psicológico? Não tem.

Elizabeth: A gente vê aqui também que a maioria dos professores têm muitos anos que estão dando aula e eles não se abrem ao diálogo, eles não aceitam mudar e não aceitam ver que as coisas estão mudando. Eles também não conhecem a realidade, a visão que eles têm de uma sala de aula é aquela de quando eles eram alunos, não é essa que a gente vai pegar. Se você falar alguma coisa eles não vão acreditar, teve uma situação na nossa turma de a gente falar: “professor, a gente não funciona em tal turma e tal escola” e ele não acreditou, achou que a gente estava com preguiça de fazer, então existe essa barreira entre o que está acontecendo e o que aconteceu com eles.

A curiosidade sobre outros cursos

Augislane: Mas eu ia perguntar, nas outras universidades tem grupos de estudo, como é que funciona?

*Depois de tanto ler
eu já nem vejo esse
detalhe como sendo
uma vantagem...
Tudo isso que se
passa está muito
além da formação
dos professores,
diz do humano, da
política, da ética, do
respeito pelo outro,
diz tantas coisas...*

*Mas espero que
veja que isso
também é um
problema!*

Júlia: São realidades bem diferentes, tem universidades, por exemplo, em Belém que tem um trabalho muito forte em questão de pesquisa, então o pessoal participa de grupos de pesquisa desde o primeiro ano, eles vão para evento, produzem artigos.

Augislane: Eu verifiquei com os meus amigos que tem grupo de *WhatsApp*, só eu de Porto Velho, o restante Manaus, Belém, a professora [REDACTED] falou que todo mundo estava num evento nacional da Educação Matemática. Todos eles estavam lá, eles guardaram dinheiro para ir, e não tinha ninguém do estado de Rondônia, só tinha a professora [REDACTED], é um absurdo.

Júlia: Mas está muito ligada à formação do grupo de professores que atua no curso. Lá em Belém tem um grupo muito grande da Educação Matemática, então é até mais fácil para eles trabalharem, formarem grupos. Por exemplo, se a [REDACTED] quiser montar um grupo aqui com outro docente já vai ser um pouco mais difícil porque eles não conversam tanto, então quando no corpo docente tem um grupo maior, essas atividades acabam surgindo naturalmente, um projeto de extensão, grupo de pesquisa, laboratório de Matemática, então eu estou vendo que está dependendo muito do corpo docente da instituição.

O encontro na Universidade Federal de Santa Catarina

O Encontro em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina, aconteceu no dia 21 de novembro de 2016. Meu contato nessa instituição foi o professor David Costa. Após algumas trocas de e-mails estabeleci contato com uma das estudantes e ela me ajudou na organização do grupo criando um canal de comunicação via *WhatsApp*. Para a realização do encontro nos foi oferecida uma sala de reunião bastante ampla. Nosso encontro teve a duração de uma hora e quarenta minutos. Os estudantes se mostraram bastante críticos em relação ao curso e dispostos a debater suas percepções.

Os Estudantes

Meu nome é **Guilherme**, eu sou formando em Matemática, decidi fazer o curso de Licenciatura quando eu estava na quinta série porque o meu desejo de ser professor já é de longa data. Sempre foi uma coisa que eu já tinha certeza em fazer, então as minhas aspirações sempre foram: ter uma formação boa em Matemática e uma boa formação enquanto professor.

Meu nome é **Elídio**, a princípio eu não pensava em ser professor, sou técnico em edificações. Quando eu resolvi fazer o vestibular a minha ideia inicial era fazer Engenharia, mas eu optei por Licenciatura porque tinha no horário noturno. Aquilo ali seria uma segunda opção de carreira, não seria a principal, só que o ramo de telecomunicações no país está cada dia pior, então vai acabar virando a primeira opção. Eu tinha outras aspirações quando eu era mais novo e não tinha nada a ver com ser professor. De um tempo pra cá eu comecei a me preocupar mais com a minha formação, eu estou ainda em dúvida em relação a algumas coisas do curso, se é realmente isso que eu pretendo ser, até que ponto eu pretendo realmente seguir isso porque eu já estou com uma certa idade e não estou muito a fim de me aventurar por uma coisa que eu não sei se eu vou ter o retorno que eu esperava, então é tudo isso que eu estou pensando.

Meu nome é **Emanuella**, eu estou na quarta fase do curso, na metade, teoricamente, e eu não queria dar aula até o meu terceiro ano do Ensino Médio, mas então eu tive uma professora de Física, daqui da Federal, e ela foi quem me abriu os olhos para como dar aula pode ser gratificante. Eu não sei se eu vou terminar o curso, eu

não sei se eu quero mesmo, mas vou continuar na medida do possível até eu decidir se eu quero ou não, talvez eu termine e não saiba se eu quero ou não.

Eu sou a **Gabriela**, estou na penúltima fase, se Deus quiser é a penúltima e eu decidi ser professora pelas influências que eu tive de muitos professores bons. Eu via que aquilo era gratificante e escolhi a Matemática justamente porque o professor que mais me influenciou foi da Matemática. A partir da quinta série eu via que o professor não é só o professor de passar o conteúdo, a gente tinha relações, eu sou de cidade pequena então as relações são mais íntimas ainda, eu via que era muito legal e eu pensava que eu queria isso para mim também, então eu quis ser professora por influência, boas influências de bons professores.

Meu nome é **Lara**, eu estou na quarta fase do curso também, eu quero na verdade fazer Matemática e depois Economia porque a minha maior inspiração é trabalhar no mercado financeiro. Eu penso que tendo a lógica Matemática e fazendo Economia eu vou conseguir atingir melhor o meu objetivo, mas eu quero muito ser professora durante um tempo da minha vida também porque eu acho muito

linda a profissão de um professor. Eu no Ensino Médio, no primeiro ano, detestava Matemática, me dava super mal, mas eu tinha ótimos professores de várias matérias. No segundo ano entrou um professor fantástico de Matemática e eu comecei a entender tudo, quebrei aquele paradigma de que a Matemática é muito difícil, que é o que a grande maioria dos alunos tem. Eu acho que eu quero ser professora para conseguir ajudar as pessoas a quebrar esse paradigma de que a Matemática é um monstro, e ela não é, e tentar ajudar também a escolher o que elas querem para a vida delas. Eu sei que a Matemática foi muito essencial para eu passar no vestibular e conseguir entrar na faculdade e eu sei que eu só consegui isso porque eu tive um bom professor de Matemática, então eu quero ajudar as pessoas a atingir o objetivo delas que seja entrar na faculdade não para fazer Matemática, mas pra fazer qualquer curso que elas querem, então acho que é por isso que eu escolhi.

Que responsabilidade, não?

Eu sou a **Franciele**, estou na nona fase, ainda estou fazendo Cálculos, Estágio e aí eu me formo em um ano e meio se eu não reprovar mais em nada, eu tenho que fazer o TCC²¹ também. Eu escolhi Matemática porque me parecia a opção

mais legal na época que eu fiz o vestibular, mas agora se eu fizesse um vestibular eu faria para outra coisa, eu gosto do curso, mas não sei se eu quero trabalhar com Matemática, eu só não me vejo trabalhando com a Matemática em si, como professora talvez, a parte da Educação me interessa mais do que a parte da Matemática. Eu poderia ser professora de outra coisa, eu tenho vontade de fazer História ou Biologia, por exemplo, então eu gostaria de trabalhar com essas outras áreas também, não Matemática em si. Eu gosto da parte da Educação, a docência ainda é outra coisa que eu estou trabalhando, eu tenho algumas questões que eu tenho que trabalhar mais, mas eu acho interessante.

Um curso de Licenciatura ou Bacharelado?

Gabriela: Sinceramente eu acho que a gente não sai formado para Licenciatura, a gente sai formado para Matemática na atual situação.

Lara: É que na real não tem nenhum incentivo; a gente vem pra aula e a gente estuda para passar das matérias. A gente não tem incentivos para sermos professores na

*Então porque será
que se trata de uma
licenciatura?*



²¹ Trabalho de Conclusão de Curso

Do mesmo jeito que a gente estuda na escola para passar de ano...

verdade, esse assunto quase não é tocado durante o curso, a gente tem umas matérias e estuda para passar, não é uma coisa que as pessoas incentivam a gente a fazer, pelo menos não passei por isso até agora.

Diante da realidade do curso, ser professor passa a ser visto como ser só professor e ter a graduação como só ter a graduação. Que loucura é essa?

Emanuella: O que eu mais ouvi até agora foi professores durante as aulas falando assim: “Ah, quem sabe vocês façam um mestrado na Matemática!”, sempre puxam a sardinha para a Matemática, claro, esse é o propósito do curso, acredito eu. Mas a Licenciatura deveria também incentivar ir para a educação, quem quer fazer um mestrado, quem entra aqui com o intuito de ser só professor e ter só a graduação eu acredito que não saia convicto de que é um professor, o curso é bem voltado para isso: “vamos fazer uma pós em Matemática!”.

Júlia: Aqui vocês têm Licenciatura e Bacharelado?

Elídio: Isso, separado desde o início.

Gabriela: Agora eu acho que vai entrar um currículo novo e estão colocando algumas propostas.

Elídio: Algumas matérias básicas para os dois cursos e depois lá na frente separa, vai começar e separar, depois cada

um escolhe, eu não sei se já escolhe no começo ou se...

Emanuella: Escolhe no começo, Licenciatura ou Bacharelado, mas se você entrou na Licenciatura e você quer fazer o Bacharel, você pode fazer e vai ser bem mais simples se formar nos dois, esse é o propósito.

Gabriela: Agora, por exemplo, a gente tem a Licenciatura, se for para formar em Licenciatura e fazer o Bacharel tem que fazer o curso praticamente de novo e assim eles vão ministrar algumas matérias essenciais.

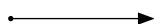
Elídio: Uma coisa que a gente nota é que a maioria dos professores do departamento são Bacharéis, tem alguns que não são, são poucos, bem poucos que fizeram a Licenciatura. Então eles orientam ou conversam com os alunos justamente isso, é quase que um convite a pensar na possibilidade de fazer uma extensão na área de pesquisa, entendeu? Então a maioria dos professores, exceto alguns que já tive que fizeram Licenciatura, é que realmente se preocupam com esse aluno que está fazendo o curso, sobre como que ele vai agir depois de formado, como que vai ser a atuação dele na área, então são poucos professores. A maioria já convi-

Parece que a licenciatura se restringe a um nome para o curso... Mas se há o curso de bacharelado, o que acontece então?



da: “oh, quem quer fazer um mestrado ou doutorado depois é importante fazer algumas outras disciplinas para ajudar lá na frente”, então não tem nada que incentive a gente, ninguém diz assim: “oh, já que vocês vão ser professores de Matemática porque vocês não procuram alguma coisa voltada para educação?”. Não tem essa linha de raciocínio entre os professores; a maioria é voltada mesmo para a área de pesquisa em Matemática.

A licenciatura que se dá nas margens...

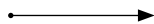


Guilherme: A minha formação de professor é uma formação que eu tive por fora do curso. Em geral, a gente tem uma formação para professor nas disciplinas de Metodologia de ensino e de Estágio porque as outras disciplinas dadas pela CED²² são muito mais teóricas do que propriamente da formação de professor. Vamos pegar um ponto que são os PCC²³, dependendo do professor, muitas vezes os PCC são utilizados como forma de melhorar a nota, mas isso não é tanto culpa do professor justamente porque o nosso curso está num departamento de Matemática e tem como fins últimos justamente a pesquisa na Matemática.

²² Centro de Ciências da Educação

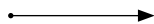
²³ Prática como Componente Curricular

*Talvez o problema
seja o modo como a
pesquisa é tomada*

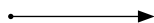


Não faz sentido a gente ter um curso que é voltado para a Educação Básica, para a formação de professores, vinculado totalmente a um departamento que é voltado para a pesquisa. Esse também é um outro problema, o curso de graduação de Matemática, todos os dois, eles têm de alguma forma, alguma conversa com o programa de pós-graduação da Matemática, agora com o programa de pós-graduação em Educação, mais especificamente o PP-GECT²⁴ essa conversa é praticamente inexistente, ocorre somente, unicamente, quando o estudante vai atrás e às vezes nem quando vai atrás consegue. Nosso curso é um curso de Licenciatura que tem uma formação técnica muito forte e uma formação pedagógica bastante fraca e, além disso, tem a questão de que existe uma cultura, que é uma cultura propagada pelos professores mais antigos do departamento de Matemática, que é a ideia de que quem vai seguir a área de Educação é quem não tem uma formação Matemática boa, coisa de quem não conseguiu um bom desempenho matemático, tanto é que esse é um dos motivos pelos quais eu me formei no PAM²⁵, para

3+ 1!



*A Educação como
a incapacidade
de discutir
Matemática em
pleno século XXI*



²⁴ Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica

*O vínculo que
precisa ser
quebrado é com as
ideias Guilherme, e
isso me parece ser o
mais difícil!*



dar na cara dos caras. O PAM é um dos cursos oferecido pelo departamento para a universidade toda como Matemática mais elevado do que o Bacharel, aí eu disse: “beleza, é isso? Eu vou sair daqui para a área de Educação, mas eu vou fazer o PAM e vou dar na cara de vocês”. Eu fiz isso, mas eu saí do PAM e tive mais certeza ainda de que o que eu queria seria a área de Educação. Então tem um monte de problema, o primeiro ponto para mim é de alguma forma desvincular totalmente o curso de Licenciatura do departamento de Matemática, ou seja, tem que ter alguma conversa entre os dois departamentos. O currículo é feito pelo departamento de Matemática porque o nosso projeto de curso é formado majoritariamente por professores do departamento de Matemática, então obviamente que lá dentro as forças políticas vão puxar a sardinha para o departamento de Matemática. Tem que repensar tudo, tanto é que essa união dos dois currículos é uma demanda estudantil, foi uma proposta que a gente cobrou dos professores para que eles fizessem, primeiro para derrubar essa cultura de que a Licenciatura é mais

²⁵ Programa Avançado de Matemática

fraca que a Matemática, segundo porque como tem toda uma influência para você seguir a área de pesquisa em Matemática, caso o estudante de Licenciatura também quisesse de alguma forma seguir essa área ele não conseguiria se não tivesse essa união de currículos. Então, apesar de a gente ter uma demanda interna dos estudantes para que se faça uma união entre os dois, parece que a formação geral não deveria seguir isso, é uma contradição interna que a gente tem no curso, que é uma contradição justamente por a gente não saber a diferença entre Licenciatura e Bacharelado, que é um dos grandes problemas de quem entra no curso.

*Não sabem porque
ela não existe, pelo
menos não aqui...*

➔ **Júlia:** Esse programa de pós em educação é em educação Matemática ou em ensino de ciências?

Guilherme: Educação científica e tecnológica que tem como uma linha de pesquisa Educação Matemática.

Júlia: E tem muitos professores que dão aula na Licenciatura e que atuam aqui na pós?

Guilherme: Só das disciplinas de Metodologia de ensino e Estágio.

Gabriela: Tanto é que a gente é apresentado para o Estágio só na quinta fase. Começa o Estágio I e tem a Metodologia, então só na quinta fase que a gente é apresentado a professores dessa área da Educação Matemática. Antes, como o Gui falou, é o pessoal do CED, então é aquela coisa teórica.

Lara: E é uma matéria por semestre só.

Júlia: Então não são professores da Matemática, são da Educação.

Emanuella: Alguns até são licenciados em Matemática e aí voltaram sua pós para a Educação e foram para lá. A gente pode pegar disciplina de qualquer outro curso se não encaixar o horário com a da Matemática. O professor é formado em Biologia, ele tá dando aula para a turma de Biologia, mas alguém da Matemática vai lá fazer, acaba tendo um conflito, eu não acho isso certo.

Gabriela: Aí a coisa do curso a gente começa a ver só na quinta fase e no Estágio I, que é só para ir para escola e observar como funciona, a gente não atua como docente ainda, só faz observação.

A Prática como Componente Curricular (PCC)

Emanuella: O professor passa uma atividade para o aluno resolver e apresentar para a turma, como se fosse dando uma aula, resolvendo um exercício para turma, explicar o porquê disso, o porquê daquilo.

Gabriela: Depende do professor, aí tem Análise do livro didático, essas coisas assim.

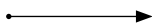
Elídio: São bem pontuais porque nem todos os professores adotam isso.

Gabriela: Não é toda matéria que tem também, eu acho.

Emanuella: A matéria tem, mas o professor manda tu fazer o resumo de um livro qualquer, que não tem nada a ver com o conteúdo dele e isso é o seu PCC, isso é uma nota que vai agregar, não é nem nota, as vezes eles falam: “ah, vai valer um ponto na prova”, aí ele faz a prova valendo nove e aquilo valendo um ponto e eu, claro, isso ajuda muito a gente a passar na disciplina, mas eu não acho que isso seja o correto, não é esse o propósito da PCC.

Elídio: Até porque tem professores também que usam a PCC como resolução de

Como se, de alguma forma, não soubéssemos o que acontece na escola. Isso é ignorar os mais de 10 anos que vivemos nesse ambiente



exercícios, então não é nem voltado para isso, entendeu? Ele seleciona alguns exercícios e então vocês têm que fazer isso daqui, como ela mesma falou, isso daí ajuda em nota de prova, então não seria prática, seria meramente uma resolução de lista de exercício.

Emanuella: Não é uma prática pedagógica, porque fazer um resumo ou fazer uma lista de exercício não é prática pedagógica, é prática de exercício.

Lara: E mesmo nas matérias de educação, eu estou fazendo uma agora, Organização Escolar, e a gente tem PCC de 18 horas e então ela dá 18 horas pra gente ir na escola ver como é que funciona, só que a gente não faz absolutamente nada além de olhar a escola e perguntar para os docentes de lá como é que funciona, para o diretor... a gente não tem contato com os alunos e não tem nenhuma prática mesmo, tipo vê como que funciona só que de perto, então é isso, isso mesmo em matérias da educação, a gente não tem.

Discussões sobre conteúdos da Educação Básica

Guilherme: Há, Dependendo do professor e da metodologia.

*Uma formação que
depende da sorte???*



Gabriela: Depende do professor, eu, o Gui e o Elídio tivemos a sorte de fazer com uma professora que colocou isso em discussão, então a nossa metodologia eu considero que foi muito boa, mas tem casos de colegas meus que fizeram antes com alguns professores que não foi. Era aquela coisa: apresenta a metodologia, a história da Matemática é uma metodologia, vamos ver como é que funciona isso daqui. Mas nós tivemos a sorte de fazer com um bom professor que apresentou, mas só nessa matéria também porque as outras matérias que eu fiz da Educação, no caso que cai para Matemática aqui que são os Estágios, é como se eu tivesse entrado e saído e não tivesse acontecido coisa nenhuma.

Elídio: Exceto o meu caso também que eu fiz Laboratório de Matemática II com uma professora que era licenciada e ela pegou todo o Laboratório para fazer Análise de livro didático.

Gabriela: Então é assim, tem muito do professor que você vai pegar.

Guilherme: É que a proposta do Laboratório II foi criada por um professor que era o esposo da [REDACTED], a ideia era de você naquele momento abordar projetos de ensino da História da Matemá-

O compromisso é com a formação do outro ou com a carga horária, senhor professor??

Acho que a questão nem é ter uma unicidade Guilherme, o que de certa forma é bom porque pode ser uma forma de tentar atender a demanda da turma... O que falta, para mim, é a clareza de que o contexto é de formação de professores para a educação básica

tica. Só que era só ele e ele morreu e a disciplina continuou.

Elídio: É, a única que manteve foi a [REDACTED] depois disso mais ninguém porque tem professor que está usando o Laboratório para completar horas. Eu não estou dizendo que está fácil, eu estou dizendo que tem gente utilizando isso para dar reforço, é quase que uma introdução para Cálculo, então foge totalmente do escopo da disciplina.

Lara: A gente teve a disciplina de Laboratório que tem bastante isso, que a gente pega questões do Ensino Médio e resolve na sala de aula e depois começa estudar lógica, mas antes disso só questões de Ensino Médio que a gente resolve, ela é uma disciplina pra você aprender a como resolver questões do modo certo, como você escreve questões de Matemática, então eu acho que só isso.

Guilherme: Eu acho com o que a gente está falando de Laboratório que a gente percebe que essa disciplina não tem uma unicidade, apesar de ter uma ementa.

Emanuella: Não tem base, o professor chega e faz o que quer, cada professor tem uma interpretação diferente do que deve ser aquilo ali e cada um faz o que

Exatamente o que eu acabei de comentar! A Álgebra tem clareza porque é a Álgebra pela Álgebra. Agora Laboratório, para que serve mesmo??

quer, então não é igual uma Álgebra que tem que passar do começo ao fim, agora Laboratório não, é meio que vago.

Sobre práticas docentes

Isso é vergonhoso! Não vejo possibilidades de usar as denominações de professor ou pesquisador em situações como essa

Guilherme: Tem muito professor que não quer ser professor e quer ser pesquisador e usa a disciplina de Laboratório para completar horas de ensino.

Elídio: Sim.

Um ato de violência! Uma forma de silenciar o outro. Ignorar sua presença

Gabriela: E deixa bem claro isso para gente no início do ano, no início do semestre. A gente tem que escutar essas coisas aqui, por exemplo, eu também já estudei com um professor que ele falou que não sabia porque que tinha aluno na universidade, que ele queria ficar na sala dele fazendo pesquisa. Para alunos da Licenciatura, num curso de Licenciatura? Se eu tivesse na matéria de um Bacharel até ia, tudo bem, mas assim, eu estou aqui para ser professor também e é isso que eu estou escutando de um professor?

Não Gabriela, nem nessa situação isso seria aceitável, uma vez que essa fala vem de um docente e esse cargo só existe porque há alunos na universidade

Emanuella: Acho que o que mais intriga é que tem muito professor que é formado em Bacharelado e voltado para pesquisa e vem dar aula para Licenciatura e ele não quer dar aula, ele não vai me ensinar a

*Precisamos de
professores, de
profissionais éticos,
comprometidos e
responsáveis*



dar aula. Eu preciso de professores licenciados que me ensinem a dar aula e que me dêem exemplo; o exemplo que a gente tem é isso aí, um professor que chega e: “Ah, hoje eu não vou fazer nada!” Fica olhando três aulas para cara dos alunos sem fazer nada!

Gabriela: São exemplos que a gente não quer ser.

Elídio: Tem exemplo muito bom, mas tem exemplos muito ruins também.

Lara: A gente tem professores que são fantásticos, a gente fala: “nossa, eu quero muito ser como esse professor”.

Gabriela: Eu quero ser professor porque eu quero ser assim!

Lara: Mas tem uns que são desanimadores, você ainda tem que ir na aula do cara porque ele vai cobrar presença e você tem que ficar lá assistindo uma coisa que mais te atrapalha do que te ajuda.

Elídio: Eu já mudei minha grade de horário por causa de professor que eu não queria de jeito nenhum ter aula com ele.

*Isso significa abrir
mão de um tempo
da nossa vida,
não se trata de
só cancelar uma
disciplina*



Guilherme: Eu já pedi para cancelar disciplina por causa de professor.

*Parece que essa é
a vida para além
dos muros da
universidade, ele
não fala sobre como
isso é discutido
dentro do curso,
se é que há essa
discussão...*



Sobre a profissão professor

Elídio: É que na verdade eu acho assim, uma coisa que esbarra, que está todo mundo meio pensativo e pensando no futuro é que a profissão de professor hoje em dia não é atrativa. Ninguém se forma aqui achando que vai ter reconhecimento; se for trabalhar na rede pública vai pegar escolas com péssima manutenção, com falta de tudo que possa imaginar, salário baixo, governo aí querendo enfiar uma PEC que vai congelar o investimento em educação por 20 anos, então tudo isso afeta diretamente as perspectivas que cada um tem aqui dentro do curso. Eu vou me formar professor, vou atuar numa área que primeiro não é reconhecida, professor é sempre o culpado, não tem retorno financeiro, não sei o que vai acontecer no futuro. Todo mundo pelo menos espera, quando se formar, quando vier trabalhar, ao longo da carreira ir galgando alguns degraus e com isso ter reconhecimento e a remuneração devida, mas a maioria da gente aqui não sabe se isso vai acontecer, então acho que isso também afeta diretamente. É o que eu falei, quando eu fiz vestibular, professor era uma segunda opção, trabalhar durante o dia e de repente a noite

dar aula, então eu acho que muita gente pensa nisso também, tem essa preocupação porque não sabe como que vai ficar, o que vai ser da profissão de professor daqui para frente.

Guilherme: “Você trabalha ou só da aula?”.

Lara: E outra coisa muito complicada aqui no curso é que a galera da Matemática, muita gente entrou porque não passou em outro curso e a Matemática é muito fácil de passar, então a galera vem para cá totalmente desvalorizando o curso e isso acaba influenciando muito todo mundo que está ao redor. A pessoa não faz nada pelo curso, não está absolutamente nem aí com os professores que tem; é um des-caso total com o curso e acho que isso acaba influenciando até os professores que não estão totalmente focados em dar aula. Na primeira fase tem muita gente e a partir dela que passa uma peneira no curso e acaba restando as outras pessoas e eles têm muito mais interesse em pegar matérias nas fases mais avançadas do curso do que no começo porque no começo tem muita gente que não está nem aí para o curso e isso é muito complicado. Acho que é no começo que você mais precisa de incentivo para continuar porque é um curso muito difícil de continuar.

Gabriela: Eu não sei como que eu continuei.

Elídio: É o que todo mundo fala, a Matemática é relativamente fácil de entrar, mas muito difícil de concluir.

Os momentos iniciais

Gabriela: A gente chega e dá um baque, Ensino Médio é uma coisa aí você chega aqui... nossa! eu lembro a primeira prova que eu fiz, eu estava achando que tinha arrasado e foi três, eu achei que eu tinha estudado muito.

Mas porque a gente tende a aceitar essa situação como um padrão? O que a gente faz para mudar isso?

→ **Emanuella:** Mas é com todo mundo assim, é um padrão!

Gabriela: Então não tem esse apoio sabe. Quando a gente entrou teve o pessoal do PET, eles foram falar com a gente, mas eu não sei, a gente chega aqui imaginando uma coisa e é totalmente outra, eu sofri muito no meu primeiro semestre, agora eu fico pensando não sei como que eu continuei, passei nas matérias! Passei, mas passei daquele jeito.

Depois de ouvir tantas histórias também fico me perguntando sobre isso. O que acontece que a gente não desiste? Mas eu acho que tem muita gente que desiste sim, só que eles não estão mais aqui para contar...

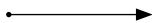
→ **Lara:** Não me lembro de nada da teoria.

Gabriela: Não, alguma coisa a gente lembra, mas os semestres seguintes vão passando, vão passando e gente vai, meu

Deus, a gente só estuda e a gente está aqui na universidade, a gente só faz o curso de Matemática, a gente não consegue fazer nada além disso, se eu pegar uma matéria de fora eu não vou dar conta das daqui de dentro, então eu estou aqui na universidade presa no curso. Eu já deveria ter me formado no início do ano e não consegui fazendo matéria só de Matemática. Eu não consegui aproveitar o resto das coisas da universidade, então eu não sei, a gente está aqui fazendo o quê, né? A universidade oferece muita coisa para gente, querendo ou não, oferece.

Guilherme: Esbarra num outro problema, na verdade não esbarra tanto, mas é meu, eu chamo o discurso do FI, ditadura do FI, porque eu sou alguém que eu odeio estar em sala de aula. FI é frequência insuficiente, reprova e ganha zero porque não foi na aula. Quem estuda comigo sabe que eu não vou a aula, mas eu chego e faço a prova. Era constante: “eu vou te reprovar por FI, se você não vier na aula vou te reprovar, porque você tem que vir na aula”, aí chegava no colegiado de curso tinha esse discurso: “esse pessoal que não vai para as aulas não está utilizando o espaço da universidade, o que a universidade oferece”, mas estava eu lá fazendo dois grupos de pesquisa, fazendo

As discussões que envolvem nossa formação vão além do saber/gostar de matemática



atividade de extensão, fazendo um monte de coisa enquanto alguns diziam que era para eu estar na sala de aula, ou seja, tem toda uma questão assim de que é totalmente centralizado em sala de aula. A gente entra no curso e a gente não aprende a estudar porque a aula é para você assistir aula, agora estudar é outra coisa, a primeira fase do curso é aquela fase que você vai ter que aprender, praticamente sozinho, como é que tu vais estudar dali em diante. Eu tive o meu primeiro dois em Geometria porque eu fui lá na festa e tomei um porre, foi aquele dois e: meu Deus, O que eu vou fazer aqui agora? Eu falei não, vou sentar e vou começar a estudar, não fui mais para aula porque não me ajudava, parei de ir na aula e passei, fiz recuperação de Fundamentos e tirei 8,5, passei em Geometria com 8 e 9, então não fez mais sentido ir em sala de aula. A questão é que em um curso de Matemática em algum momento você tem que aprender a ser autodidata porque senão você não consegue passar.

Porque parece que não há um entendimento nem sobre ser autônomo e nem sobre o que é aula!



Elídio: E os professores pregam isso, que você tem que ser autônomo.

Guilherme: Isso, e se é para ser autônomo porque a gente vai para aula?

Sobre a infraestrutura da universidade

Emanuella: É uma coisa que a gente sempre fala é da estrutura precária de uma escola pública e a gente vai ter que lidar com isso, mas olha o nosso prédio, olha o que os nossos professores têm que fazer para lidar com isso aqui! Tudo bem, a maioria das aulas são no FI e lá é melhor.

Gabriela e Elídio: Agora!

Emanuella: Agora, até não sei quanto tempo atrás o curso era todo aqui e meu Deus, olha essa sala²⁶, então começa aqui o problema na estrutura, assim como na rede pública o problema é a estrutura, como é que um professor vai dar aula para um aluno que não pode ir de bermuda e short num calor de 40° sem nenhum ventilador na sala de aula? Isso para mim é impossível, eu não consigo conciliar, e aqui não foge muito disso, o ar condicionado se você liga, você não consegue dar aula de tanto barulho.

Elídio: E quando chove é a pingadeira.

Emanuella: É, quando chove, chove

E as condições de trabalho? Ela cita o incômodo do aluno, com toda razão, mas e o professor? Ele também sente calor!!! Os dois não conseguem concentrar desse jeito

²⁶ A sala que estávamos tinha muitos mofos pela parede e devido ao barulho emitido pelo aparelho de ar condicionado era impossível deixá-lo ligado durante nossa conversa.

dentro das salas, os corredores ficam todos alagados.

Guilherme: Quando chove, chove mais dentro do CFM²⁷ do que fora.

Emanuella: A gente pega mais chuva aqui dentro, fora que a noite meu Deus!

Lara: É medonho.

Emanuella: Parece que você está numa cadeia, porque você olha para um lado é uma grade, você olha para o outro é fio para fora, não sei, começa aqui o problema.

Gabriela: E aí parte para administração também porque em muitos outros cursos, por exemplo, acabaram de construir um prédio aqui do centro de comunicação e expressão, negócio 3D e não sei o quê, gente eles compraram até grama para colocar, eu fiquei chocada! É caro grama! Está tudo decorado, tem até coqueiro e a gente está aqui; tem sala que não tem nem mesa direito, as mesas dos professores estão quebradas.

Emanuella: E uma coisa também, os professores daqui não se importam muito; o CED parou há um tempo porque eles estavam reclamando do prédio deles.

²⁷ Centro de Ciências Físicas e Matemáticas

*Alienação. É isso
que também se
ensina quando
eles pensam estar
ensinando apenas
matemática*



O nosso nem é prédio porque ele é todo térreo e eles estavam reclamando do deles e eu falei: meu Deus, eles estão reclamando do quê?

Gabriela: Lá é precário também.

Elídio: Lá é precário também, mas eu estou te falando que acontece que eles lá são mobilizados, aqui o pessoal da Matemática...

Emanuella: Isso que eu estou falando, o pessoal da Matemática é só muito: vamos estudar, vamos estudar, vamos estudar que tem que se formar e virar mestre em Matemática e fazer pesquisa e não sei o quê! E ninguém pensa nisso, ninguém pensa que hoje é a gente aqui, mas sei lá, daqui a vinte anos pode ser o meu filho vindo para cá.

Gabriela: E pode estar esse prédio ainda.

Emanuella: Vai estar esse prédio aqui ainda.

Elídio: Esse prédio do curso de Matemática foi feito como um prédio provisório até construir um próximo.

Emanuella: É, e ele existe desde que a UFSC foi fundada.

Elídio: Um pouco depois, ele deve ter uns 40 anos. A UFSC está com 53 anos, então deve ter uns 40 anos esse curso.

Emanuella: Era provisório! Então, para 50 anos isso aqui devia ser demais, mas hoje em dia não acompanhou a evolução das coisas.

Elídio: É, tem uma grande vantagem, a gente pode modelar uma função e calcular a população de mofo que está crescendo!

Sobre projetos

Lara: Tem PIBID, tem PIBIC, tem PET, tem LEMAT²⁸, tem um monte de coisa na verdade, mas... eu fiz o PIBID.

Gabriela: Eu participei do PIBID e eu era também da Olimpíada regional de Matemática e do PET. A olimpíada é uma parte da Matemática diferente, muito legal, o aprendizado fica muito bom, a convivência com os outros colegas ajuda muito. Agora o PIBID, para mim, no modelo que está aqui no curso de Matemática é um dinheiro público jogado fora. O modelo é de você ir para escola e ficar lá sentado durante 8 horas semanais, então

*Não se trata
de apenas ter o
projeto, o PIBIC
não se faz apenas
pela verba que é
investida nele*



²⁸ Laboratório de Estudos de Matemática e Tecnologias

• você vai hoje 4 horas e depois 4 horas e fica a cargo da escola, eu trabalhei numa escola, num período que eu realmente ficava junto com os alunos, aquele semestre valeu a pena, os outros não, eu só ficava lá as minhas horas e no final do mês o dinheiro entrava.

Emanuella: É tipo um atendimento, um apoio, você vai lá e fica disponível e o aluno vai quando ele tem dúvida, a maioria dos colégios é assim e os alunos não vão.

Gabriela: Esse que os alunos iam era porque eles eram obrigados, porque pegava realmente quem precisava e eles tinham que ir, eles iam ganhar uma nota no final, tudo é questão de trocas.

Emanuella: E o maior problema dessa coisa de ser obrigado é porque o aluno vai sem querer fazer nada: obrigado a gente não gosta de fazer as coisas.

Franciele: O coordenador do PIBID até motiva os alunos a fazer: “você estão indo para a escola e não estão fazendo nada! Então vão lá e criam um projeto qualquer!”, mas as pessoas não se interessam e ele também não, ele não ajuda, o último projeto que ele fez agora é um projeto de leitura que você tem que ler, resumir um livro e apresentar.

*O interesse também
precisa existir de
todas as partes:
professores e alunos*



Gabriela: E ele nem dá aula também.

Lara: Não tem muita moral para dizer o que a gente deve fazer.

Franciele: Ele não vai às apresentações, não é um projeto que está ligado com a escola, é uma coisa inútil para mim, eu também percebo assim o PIBID.

Elídio: A minha experiência foi diferente do pessoal, na escola que eu fui eu era o único representante da UFSC lá do PIBID e eu tive apoio total, a diretora de lá foi professora aqui, formada aqui na UFSC. Os alunos iam de boa vontade, não eram obrigados a ir, então assim, foi uma relação muito boa com os alunos e o pessoal da escola sentiu que os alunos aproveitaram bastante o período que eu estava lá. Mas o meu caso foi um caso a parte, porque eu ia para lá e eu não tinha tempo para nada! Da hora que eu chegava até a hora que eu saía eu tinha aluno, saía um grupo e entrava outro, sempre tinha aluno disponível com vontade de estudar, não eram muitos, mas sempre tinha um grupinho de alunos dispostos a estudar.

Guilherme: O meu caso também pode ser considerado exceção, porque eu ia no PIBID do colégio militar e lá a demanda é muito grande, só que a questão é o se-

guinte, não era apenas o nosso supervisor do PIBID que me ajudava, ajudavam também a coordenação do colégio, a orientação profissional, a supervisora do colégio, tinha reunião com o diretor, ou seja, um monte de coisa assim e lá a gente desenvolveu um projeto de recuperação de estudos, de como é que a gente conseguiria recuperar os estudos da sala de aula de uma maneira diferente nesse ambiente de contra turno, mas assim, foi lá, não teve apoio nenhum do coordenador.

Gabriela: Tem que ter apoio dos dois lados, aqui a gente não tem apoio, aí chega numa escola que não tem apoio também e tu não sabes nem pra onde ir. Eu fui bem recebida nas escolas que fui, mas tem casos que tu não podes nem ficar na sala do professor, porque o professor não quer! Então você não tem nem onde ficar, você fica lá sentado num canto enquanto espera, ou eles abrem uma sala para tu ficar lá esperando seus alunos para monitoria. Então se não tem motivação de um lado e não tem de outro, mas no final vai cair o dinheiro para todo mundo, para o coordenador aqui, para mim e para o coordenador de lá, está tudo certo, ninguém se incomoda e está tudo bem.

*É triste, mas
ela pareceu bem
sincera*



Emanuella: Eu estou no segundo colégio do PIBID e no primeiro foi extremamente estressante porque o diretor que também é formado aqui em Matemática, é o coordenador, ele é uma pessoa que ele tem que arranjar alguém para culpar.

Lara: A gente fazia junto, inclusive.

Emanuella: Eu falava: “professor, um aluno me desrespeitou!” e ele: “eu não posso cuidar disso, eu tenho 500 alunos” e saía, como se eu tivesse que resolver! Bom, eu não tenho o salário dele e eu não sou paga para resolver problema de aluno mal-educado. O que mais acontecia era isso, eu fiquei um ano e meio mais ou menos lá e foi estressante, foi o pior período da minha vida.

Lara: E a gente tinha uma carga horária que era muito maior que o tempo normal, a gente tinha que fazer 4 listas de exercícios por semana para uma turma, daí para outra você tinha que fazer mais 4 e a gente pegava turma do Fundamental I e era pior ainda porque a gente tinha que inventar jogos, comprar coisas com o nosso dinheiro...

Então ele coordena
o quê?

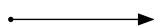


Emanuella: O coordenador daqui não se envolve no que tu fazes dentro do colégio, ele te manda para o colégio.

Gabriela: Só no final do ano que ele te pede um relatório.

Emanuella: No final do ano ele obriga a gente a fazer um relatório, aí se você não vai ao PIBID o ano todo e o seu supervisor do colégio não o avisa, ele não sabe, então é basicamente isso, teve casos já.

*Pelo menos eles não
desistiram de fazer
as reuniões*



Guilherme: E teve caso que a gente marcou reunião para ele ir e ele não foi, então agora a partir desse momento a gente vai fazendo reunião só entre a gente na escola. É que o PIBID se tornou a bolsa de permanência no curso de Matemática, principalmente porque o nosso curso tem uma evasão muito alta e como a universidade não oferece essas bolsas... Então as bolsas se tornaram uma coisa para pessoa não precisar trabalhar, mesmo eu com bolsa tive que trabalhar para me sustentar, minhas turmas eram de 80h para dar conta de tudo.

Júlia: E as atividades que são desenvolvidas no PET, são voltadas pra Licenciatura também?

Lara: Para os dois, eles dão aula no Gauss, é um cursinho que tem aqui, preparam atividades para as Olimpíadas, é mais para a Licenciatura do que para o Bacharel.

Guilherme: É tudo interno, Iniciação Científica, Seminário.

Gabriela: É tudo interno, só para quem participa de lá, eles promovem toda semana uma palestra com algum professor que a gente até pode ir, mas quem vai é quem está no PET porque é um horário ruim, por exemplo, meio dia. Então quem vai é só quem está lá e é obrigado a ir. Às vezes, se é um professor que tu gostas e o assunto te interessa você faz muita força e vai, mas eu só ia quando precisava mesmo, depois de lá nunca mais fui.

Lara: Eu já fui a uma palestra lá.

Elídio: Eu já fui, mas em poucas também.

Júlia: Vocês falaram que tem o Lemat, é um laboratório de ensino de Matemática?

Lara: Mas eu não sei o que eles fazem direito lá não, sei que é uma biblioteca cheia de livros.

Emanuella: É o mesmo coordenador do PIBID, só para deixar claro.

Gabriela: A ideia é ser um espaço para as escolas virem para cá, por exemplo, tem jogos, tem figuras geométricas e vários materiais, eu acho que quem está lá tem que preparar algumas oficinas. É para

*Parece que o fluxo
sempre acontece
mais nesse sentido
da universidade
para escola*

escola vir pra cá, o contrário do PIBID, acho que também tem dois bolsistas, no máximo, mas do tempo que eu estou aqui não sei quantas escolas vieram.

Elídio: Na maioria das vezes eles levam os jogos daqui, ao invés de trazer para cá, poucas vezes eu vi trazendo alunos para cá, na maioria das vezes vi o pessoal daqui levando coisas para as escolas.

Emanuella: Eu acho que devia ter mais divulgação quando o colégio vem, se a escola está vindo vamos chamar alguns alunos para interagir com as crianças, acho isso importante.

Júlia: E além do Lemat, que você falou que é pouco divulgado, o PIBID, o PET, essas coisas tem uma divulgação amplamente no curso?

Lara: O PIBID e o PET têm porque muita gente faz parte, mas o PIBIC, por exemplo, eu conheço uma bolsista do PIBIC no curso inteiro.

Emanuella: Eu nem sabia que tinha PIBIC.

Franciele: Às vezes tem alguma vaga que aparece no mural, vaga de PIBIC para tal área com tal professor.

*Se não há o diálogo
é difícil imaginar
que possa haver
qualquer outro tipo
de relação*



Lara: E o PIBID também é de um dia para o outro que você tem que se inscrever, em todos os editais que teve até agora, eu já estou há quatro semestres aqui, todos abrem uns 4 dias antes e eles só mandam no fórum da graduação um dia antes.

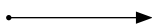
A relação com os docentes

Lara: Com os professores não tem relação nenhuma, a gente não dialoga nada com eles, tipo nada, nada, nada!

Emanuella: Salvo exceções que são os professores que viraram nossos amigos fora de sala de aula.

Lara: Fora isso a gente chega até ter um medinho de falar com professor, de tirar dúvida e o professor chegar e falar tipo assim: “Você não sabe isso? Como tu estavas na minha aula há muito tempo?”.

*Acho que o medo
é um dos piores
sentimentos em
uma relação
de ensino e
aprendizagem, pois
ele te paralisa*



Gabriela: Vai muito da pessoa, tem pessoas que são mais fechadas e tal, mas eu tive boas experiências com professores, tanto que a gente morava para o mesmo lado e ia pra casa junto, conversando sobre outras coisas que não tinham nada a ver com o que estava aqui dentro, mas acho que a maioria dos professores colocam um medinho na gente.

Guilherme: Todas as vezes que eu fui falar com um professor fui bem recebido e todas essas vezes foram poucas porque justamente com alguns eu não queria falar nada.

Gabriela: É que tu tens medo de chegar e de repente falar alguma coisa que tu não sabes o que tu vais receber, eu prefiro ficar com a dúvida às vezes do que ir lá e a pessoa me responder assim: “ah, isso é trivial”.

Mais violência!

•————→ **Emanuella:** Teve professor que riu da cara de um aluno na aula porque ele perguntou um negócio bem do início do conteúdo daquele dia e ele não tinha entendido e o professor começou a rir da cara do aluno na sala! E eu pensei: “qual é a tua? tu és professor! Tem que tirar a minha dúvida, se eu tiver dúvida na continha de mais e menos você tem que me explicar”, acho que os professores aqui são muito nariz empinado, a grande maioria, uma dúvida é básica para eles com o que eles têm de conteúdo, mas pra gente não é.

Gabriela: Mas isso se propaga aqui, por exemplo, a gente discutiu muito isso em Metodologia com a nossa professora porque a gente fala assim: “ah, eu faço Matemática!”. Mas isso não é ser mais do que qualquer outra pessoa. A Fran falou que

queria fazer História, coloca uma pessoa de História e aí você fala que faz Matemática: “ah, Matemática!”. Então isso vai se propagando e a gente olha aquilo no professor, acha feio, mas a gente leva para nossas vidas em relações com as outras pessoas também, não do jeito que eles fazem, mas a gente leva, é real.

Sobre o acolhimento

Júlia: E vocês acham que tem algum trabalho em termos de acolhimento porque há uma evasão grande, como todos os cursos de Licenciatura, mas vocês percebem algum trabalho dos professores em relação a isso, para auxiliar os alunos?

Lara: Dos professores não.

Elídio: Isso aí eu acho que é particularizado, cada professor tem um jeito, mas são alguns professores que tem essa preocupação de acolher o aluno e tentar ser mais agradável, tentar melhorar. Alguns professores já mudaram até a conduta deles em sala de aula, já estão mais flexíveis, são mais comunicativos, estão tentando melhorar e mudar alguma coisa na aula para se tornar mais atrativa. Então eu vejo que tem alguns professores que estão com essa proposta, estão tentando fazer isso, mas são poucos.

Mesmo sendo poucos, acho que o importante é que exista esse tipo de atitude.



Franciele: Eu tive um na primeira fase que ele só estava preocupado com a pesquisa dele, dava aula porque era obrigado, a aula era horrível, eu passei, mas...

Emanuella: A gente tem bastante relato de professor que se coloca no lugar do aluno, nesse caso esse professor se formou aqui e fala na primeira aula: “olha galera, eu já estive no lugar de vocês, eu tirei nota baixa na minha primeira prova, mas eu não desisti, eu continuei”. Isso até tem, não sei se o professor se põe mesmo no lugar porque ele passou por isso. Tem professor que já chegou a universidade e que era um crânio, que sabia tudo, que nunca teve dificuldade e que nunca tirou nota baixa, então acho que esses professores que fizeram universidade aqui e que tiveram essa dificuldade no começo, esses se põem bastante no nosso lugar, eles tentam, não desistem.

Gabriela: Mas acho assim, os alunos tentam motivar, a gente tenta fazer com que as pessoas permaneçam apesar de alguns não terem muito contato. Eu, por exemplo, não conheço meus calouros, o que eu conheço do pessoal que entrou depois é por causa do PIBID. Então acaba meio que por si só, tu estudas sozinho ou com teu amigo.

Elídio: Uma coisa que eu também noto no curso aqui, que é diferente da Engenharia, é que o pessoal da Matemática, nesse ponto, é mais unido, não tem aquela disputa de ser melhor. Tem alguns que são assim, que querem disputar, parece que vão ganhar uma estrelinha no final do curso. Tem alguns que vão por essa linha, mas a maioria dos alunos acho que se apoiam, se ajudam.

Gabriela: Trocam materiais, acho que isso é bacana.

Elídio: A Matemática tem essa coisa boa dos alunos.

Emanuella: Eu acho que o mais bacana é quem já está aqui passar a experiência para quem está entrando, porque quando eu era caloura não tive nenhum veterano que chegou e... O que mais ajudou foi o Gui.

Lara: Que era presidente do CA²⁹.

Emanuella: Eu e a Lara, a gente já teve uma proposta diferente, vamos ajudar quem está entrando depois da gente. A gente se ferrou quando entrou, mas não é por isso que a gente vai deixar

²⁹ Centro Acadêmico

eles se ferrarem e até hoje eu ouço eles falando que eles querem fazer isso com os calouros deles, então eu espero que isso continue porque ninguém aqui está sozinho, está todo mundo no mesmo barco.

Elídio: O problema é que você chega a determinada fase e não tem mais contato com o pessoal, com os calouros, os horários são completamente diferentes, então fica difícil de encontrar. Outro dia eu passei na sala, fui a secretaria, eu olhei e falei: “não conheço ninguém”

Gabriela: Eu não frequento CA, não por questão de não gostar é que quando eu entrei já fui trabalhar no PET, então a gente cria outro vínculo. O pessoal do PET é muito só eles, tem essas divisões, apesar de a gente ser unido a gente é desunido, que o pessoal do PET é o pessoal mais inteligente...

Lara: Tem o pessoal do Cálculo e da Análise.

Gabriela: Tem o pessoal do CA que todo mundo fica falando que quem vai para o CA não estuda e agora tem da Atlética também.

Sobre discussões políticas

Franciele: Eu acho que o curso é bastante despolitizado, não é um ponto positivo, eu acho que não tem discussão.

Júlia: Como está essa questão das ocupações aqui?

Franciele: É por isso que eu estou falando isso, porque eu estou em sala de aula e algumas vezes eu ouço um aluno fazendo um comentário: “ah, esse pessoal que está aí fazendo baderna”.

Lara: Esse pessoal de Humanas.

Franciele: Falam que isso aí é besteira, que a gente tem que se preocupar em estudar, que a gente está aqui firme e forte estudando, não está fazendo baderna como esses, pessoal reclamando que não consegue ter aula, um monte de coisa assim. E eu acho que isso falta bastante, acaba não tendo essas discussões na sala, professor não incentiva porque ele só está interessado em passar a matéria dele, aluno também não se interessa por isso porque está muito ocupado estudando, estudando pra passar.

Acho que essa é a política do curso: estudar para passar. Só não entendo qual o sentido disso...



Elídio: A carga horária dos alunos da Matemática é muito puxada.

Franciele: Acaba que você não tem nem tempo para pensar nessas coisas e aí passam os anos e a pessoa acaba não se interessando mesmo, esquece que existe uma realidade lá fora e se preocupa só com o próprio curso mesmo.

Júlia: Os alunos da Matemática de nenhum período estão participando?

Franciele: Eu estou em outras ali, no CCE³⁰, no CED³¹, às vezes eu vou porque aqui não tem discussão sobre isso.

Lara: A gente até sabe quem são os alunos que são politizados dentro do curso, porque são muitos poucos.

Franciele: Às vezes até os próprios da educação não debatem essas questões, são só coisas mais teóricas sobre a educação e não levam essas discussões para sala.

Guilherme: Quando o estudante se pronuncia ele é intimidado pelos professores, tem intimidação, tanto é que em 2013 que foi um ano que eu também estava no CA, a gente fez um monte de coisa e dê-lhe intimidação de professor para cima de estudantes que estavam envolvi-

³⁰ Centro de Comunicação e Expressão

³¹ Centro de Ciências da Educação

*Usar a autoridade
para calar é uma
forma de fazer
política, não?*

dos, teve até nota aberta de professores contra alunos.

Gabriela: Eu vi, briga de dependurar a carta na parede, um escrevia a carta e colocava e ia respondendo na parede, ridículo!

Guilherme: Teve uma hora que a gente disse: “não, a gente não vai mais fazer isso, vamos parar de responder o professor”, porque pelo amor de Deus!

Emanuella: É porque no fundo é a gente que sofre, querendo ou não quem é da chapa, do centro acadêmico, se o professor é contra aquilo, ele pode chegar em sala e prejudicar o aluno. Ele não diferencia que o aluno fora da sala de aula não é aluno, então isso é pesado e a gente não tem força, imagina a gente discutir com professor, a gente vai reprovar e a gente depende disso.

Guilherme: Eu já levei porta na cara de discutir com professor, já tive ameaça de professor assim e querendo ou não quando você se envolve com essas coisas tem gente do departamento que vem pra cima de ti, eu sabia o que vinha, então eu já esperava, pra mim vindo ou não vindo eu enfrentava e ele ia embora, porque eu não me deixava intimidar, não me deixava ameaçar, não deixava

*Obrigada pela aula,
de história e de
postura, Guilherme!*



de fazer coisa nenhuma. Só que outros não, outros vão ficar com medo nessas situações, depende bastante da pessoa. Isso também é um fato dentro da comunidade dos matemáticos brasileiros, não tem uma cultura democrática, a SBM é a única que quis se posicionar a favor da MPE, o IMPA foi o único instituto nacional que não foi fechado durante a ditadura e apoiou deliberadamente o ditador, então a comunidade de matemáticos do país é uma comunidade absolutamente conservadora, ela não tem uma cultura de democracia.

*Mas acho que não
precisaria haver
uma aula fora
da Matemática
para levantar essa
discussão, a gente
é levado a pensar
que há um mundo
da Matemática e
ele é imune a nossa
realidade. Que
loucura que é isso!*



Franciele: É feche os ouvidos e segue.

Gabriela: Essa PEC influencia tudo que a gente vai viver daqui para frente, nós como professores e ninguém fala nada, tudo bem que a única matéria que é fora da Matemática que eu estou fazendo é Estágio, mas mesmo se eu tivesse em sala eu não sei se ele conversaria sobre isso. Então o que a gente faz aqui, eu leio e tiro as minhas conclusões, tenho prós e contras ou fico no meio que é tranquilo pra mim, mas chego a isso só pelo que eu pensei e discuti com pessoas aleatórias, não de discussão daqui da gente que está vivendo, que vai viver isso daqui pra frente.

Sobre o Estágio

*A escola tomada
como um lugar de
passagem, como
se ela não fosse o
nosso principal
destino*



Gabriela: O Estágio se divide em 3, o primeiro é só observação; tu podes escolher no Ensino Médio ou Fundamental, o segundo é Ensino Fundamental e o terceiro é Médio. Um semestre para cada um, daí nesse semestre a gente tem que fazer uns quatro meses de observação da turma, ver como que funciona a escola, os alunos, se preparar para a docência, os planos e tal, estudar o conteúdo também e aí dar aula. Geralmente são umas doze aulas e depois fazer um relatório, um para cada Estágio. Só que esse relatório não volta para escola, a gente faz aquilo lá, dá nota para os alunos e tchau, e é isso. Os Estágios que eu fiz não foram muito fortes no sentido de que eu fui bem desacompanhada do professor daqui, porque a gente prepara aula e chega lá, se foi ruim o professor malha. O professor da escola até ajuda, o professor daqui quem fala foi ruim ou foi bom. Ele assiste algumas aulas, mas também não dá o apoio porque quando a gente vai para observação a gente não tem mais contato com ele aqui, por exemplo, os encontros que eram semanais não existem, então tu conversas por e-mail e coisa assim, mas não é a mesma coisa, tu vais planejando

a aula. O planejamento passa pelo professor daqui e pelo professor de lá, tem que passar pelos dois, mas o da escola é mais tranquilo.

Elídio: Mas também depende do professor do estágio, eu vou descrever o que eu conheço, uma professora que age um pouco diferente, ela acompanha todo o semestre, os outros professores não fazem isso.

Franciele: A professora que eu peguei, em particular, ela me acompanhou bastante. Depois que terminou o Estágio a gente conversou, eu fiz as minhas avaliações, ela fez avaliação para mim, ela deu um retorno para professora também, foi ótimo nesse sentido, mas foi porque foi uma pessoa em particular, nem todos os professores são assim.

*Por mais
professores assim!*



Elídio: É como ela falou, até o primeiro ano dela, ela detestava Matemática e por força de um professor muda tudo.

Gabriela: Essa coisa de Estágio incomoda, eu não estou contente com o que eu vivi, essa experiência, hoje eu terminei os Estágios, terminei um agora inclusive, eu saí da aula detestando o que eu passei porque às vezes depende do professor que você pega e tem alguma ideia. Eu,

*Com que direito
eles acham que
podem nos privar
dessas discussões?
Até quando Skliar,
seremos vistos como
o outro maléfico, a
ameaça eterna que
deve ser contida,
massacrada e
colonizada, dentro
do nosso próprio
espaço de formação!*

*Nessas condições, só
se ele fosse o Super
Homem!!! É rir
para não chorar*

por exemplo, não gosto muito daquela coisa de só passar o conteúdo no quadro e todo mundo copia e vamos fazer exercício e acabou, mas tem professores que tem que ser assim, se tu pensas uma coisa diferente não vai muito. Agora teve mudança no currículo que era a nossa esperança de alguma mudança, mas como falaram é majoritariamente o pessoal do departamento de Matemática, então as matérias de educação continuaram as mesmas, não teve mudança nenhuma.

Júlia: E vocês participaram da discussão desse novo currículo?

Elídio: Não.

Franciele: Teve aquela vez que a gente tentou levar uma carta para o colegiado e eles negaram a participação dos alunos na discussão.

Emanuella: Teve professor em prol disso, dessa mudança para o aluno sair daqui realmente como professor, mas era um professor no meio de 70 no nosso departamento? Sem voz nenhuma e os professores ficavam: “o que você está falando? Fica quieto!”.

Gabriela: É a gente que tem que dar opinião disso, do nosso Estágio, porque é

uma correria, eu tive uma aula e eu consegui assistir uma aula do professor e na semana seguinte eu já tive que entrar em sala, então é uma semana para preparar as coisas e chegar lá e cair de paraquedas, é claro que fica uma aula ruim, tu não tens nem tempo de estudar direito o conteúdo, não é porque eu faço Matemática que eu tenho que conhecer, quando a gente vai ser professor, se quer ser realmente um professor, tem que conhecer o conteúdo para ver o que eles vão te responder também, e foi ridículo. Sem falar que tu és obrigada a fazer uma avaliação escrita, por exemplo, se eu não gosto de avaliação escrita, então tem que dar, enfim eu sou obrigada, eu tive que dar uma avaliação escrita e dar a nota.

Emanuella: Eu estou fazendo o Estágio 1 que é só observação e a gente faz o diário de bordo, a gente tem que fazer depois de cada observação, relatar o que observou, só que a professora não falou nada sobre os diários enquanto a gente estava nesse período e quando a gente voltou ela deu uma nota pelos diários de bordo e falou: “ah, você podia ter feito isso, podia ter feito aquilo...” e eu: “por que você não falou isso no meio do semestre?” Porque se eu faço uma coisa errada e ela me corrige eu passo a fazer certo e ela não me corrigiu,

eu fui fazendo os diários considerando o que eu penso porque a gente não sabia o que tinha que fazer.

Júlia: Aqui vocês têm um colégio de aplicação, é onde acontece todos os Estágios?

Elídio: Alguns Estágios.

Gabriela: Só para os mais práticos funciona ali.

Elídio: Tem alguns professores que são mais práticos, tem outros que querem bagunçar um pouco, aí vão para fora.

Gabriela: É que o colégio de aplicação, comparado a outros colégios, meu Deus, é o céu, tem tudo na sala, os alunos têm um comportamento diferente.

Guilherme: Tem uma equipe pedagógica muito maior.

Emanuella: Eu fiquei impressionada, a gente tem que fazer o relato do que tem no colégio como um todo e eu fiquei assim abismada que tem clínica médica, tem oftalmologia, tem dentista. Eu achei tudo muito surreal a gente ter que fazer um Estágio ali, ter que praticar a nossa docência num colégio que não é a nossa realidade. Provavelmente a única vez que eu vou entrar no colégio de aplicação é

*Estou tendo a
impressão de que
o caminho da pós-
graduação é contrário
ao da escola. Quanto
mais eu caminho em
uma direção, me afasto
da outra, quase que
definitivamente...
Falar em voltar para a
escola dá a impressão
de que ela continua lá
do jeito que estava...
ela não permanece a
espera de um retorno.
E certamente aquele
que volta não é o
mesmo, então porque
agir como se fossem
os mesmos: ele e a
escola? Que mudança
essa permanência quer
provocar? Ou melhor,
que permanência essa
insistente mudança
para continuar vendo
as coisas do mesmo
jeito interessa provocar?*

quando eu estou no Estágio, a não ser que eu faça a prova e consiga passar, fora isso eu acredito que não tem chance.

Júlia: E vocês tem algum professor que atua aqui na universidade e atua como docente lá no colégio de aplicação ou não?

Elídio: Não, mas eu acho que isso deveria acontecer, principalmente com os doutores, deveriam voltar para escola não só para ter a realidade, mas para promover mudanças, ver os problemas da escola.

Gabriela: Até porque quando a gente se formou na escola era uma escola, agora quando a gente se formou na faculdade vai voltar para escola como professor, vai ser outra escola.

Acordei com o celular vibrando, quem será tão cedo? Já acordei mesmo, pego o celular para ver quem é e para minha surpresa é um e-mail da Adriana. Estranho, o que será que ela quer comigo? Das últimas vezes que nos falamos sempre fui eu quem a procurei, o que será agora? Abro a mensagem:

Bom dia, Adriana, tudo bem?

Escrevo para saber como tem sido as reuniões do seu grupo de estudantes. Os encontros têm sido produtivos? As discussões estão avançando? E as leituras das entrevistas, você deu continuidade?

Desculpe-me por te encher de questões, mas é que estou curiosa para saber das reverberações de minha passagem por aí. Além disso, estou caminhando para o fechamento de minha tese e gostaria de contar um pouco de sua história em meu texto, se você permitir, é claro.

Aguardo seu contato

Abraços

Então ela está curiosa! Como falta a leitura de uma entrevista, vou responder só quando eu terminar, assim basta uma única resposta. Acho que eu tenho algumas coisas a dizer, não só para ela, mas para todos que se dispõem a atuar em um curso de Licenciatura em Matemática, com intenções ou não, de ser um formador de professores. O que eu tenho que encontrar é um meio de minha fala chegar até eles, não posso ir lá no Departamento e bater de porta em porta; não tenho cara para isso, além do mais iriam me chamar de louca e meliante. Daquela que não sabe seu lugar (de aluna a silenciar-se), já deu para perceber que me chamam! Há de haver um meio, e eu vou encontrá-lo. Enquanto isso, parto para a leitura final!!!

O encontro na Universidade Federal de Minas Gerais

No dia 23 de novembro de 2016 visitei a Universidade Federal de Minas Gerais para realizar a entrevista com os acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática. O primeiro contato que estabeleci nessa instituição foi com a Professora Maria Laura Magalhães em setembro e ela, gentilmente, pediu que eu procurasse o Professor Seme Gebara Neto, coordenador do curso de Licenciatura naquele momento, para que ele me auxiliasse em minha pesquisa. Após algumas trocas de e-mails conseguimos agendar o encontro para o mês de novembro.

Cheguei a Belo Horizonte na noite do dia 22 de novembro e na manhã do dia 23 me dirigi a UFMG para encontrar com o professor Seme e organizar os últimos detalhes do encontro que aconteceria na tarde deste mesmo dia. No Campus Pampulha, dessa instituição, também estava acontecendo algumas ocupações em protesto as reformas educacionais e por conta da suspensão das aulas Seme me informou que seria difícil entrar em contato com os acadêmicos para a organização da reunião. Felizmente ele conseguiu contato com alguns alunos que

estavam ali pelo prédio participando das atividades de protesto ou então reunidos para estudar e combinou com eles de me encontrarem na sala do Laboratório de Matemática para conversamos.

Encontrei-me com um grupo de estudantes bastante entrosados e que se empolgaram com a ideia de fazer uma Análise do processo de formação inicial que estão vivenciando na Licenciatura em Matemática, nosso encontro durou aproximadamente duas horas. Estiveram presentes nesse encontro duas alunas concluintes, dois estudantes do quarto período e uma aluna do sexto período.

Esse foi o único local em que todos os estudantes não quiseram divulgar suas identidades, sendo assim escolhi para eles nomes de personagens da mitologia grega para representá-los nesse estudo. Teremos aqui as falas de Hera, Penélope, Helena, Athena e Perseu.

Os estudantes

Meu nome é **Helena**, era para eu estar no sexto período, mas eu acho que vai atrasar um pouquinho a formatura. Eu escolhi fazer Licenciatura porque eu tinha vontade de dar aula e sempre gostei de Matemática, então eu escolhi ser pro-

fessora de Matemática, esse foi o motivo mesmo de eu ter escolhido.

Meu nome é **Hera**, estou no final do curso e como estou atrasada poderia dizer que eu estou no oitavo período que é o último mesmo. Quando eu entrei no curso não era apaixonada pela Matemática, mas sim pela Licenciatura, eu queria transferir para Engenharia, aí comecei o curso e me apaixonei, percebi que tinha jeito para lecionar e decidi ficar no curso de Licenciatura. Já atuo como professora.

Meu nome é **Penélope**, eu sempre quis fazer Matemática, desde pequena, tentei mudar de ideia porque o povo ficava assim: “ah, vai pra Engenharia, já que você gosta de Matemática” fiz cursos e falei: “tá, vou pra Engenharia”. Na época do vestibular a Licenciatura em Matemática falou mais alto porque é isso que eu gosto e é isso que eu quero mesmo, eu estou quase formando. Ainda não dou aula, mas eu pretendo atuar.

Meu nome é **Perseu**, eu estou no quarto período e eu escolhi fazer Licenciatura porque eu sempre fui completamente apaixonado por Matemática. Eu comecei a perceber que eu realmente gosto de dar aula, então eu uni as duas coisas. Assim como a Penélope eu também comecei a ir

por outros caminhos: Engenharia ou pra alguma outra área, mas eu percebi que não faz sentido a gente fazer uma coisa que a gente realmente não gosta, eu percebi que a minha vocação é dar aula, a minha vocação é estudar Matemática, então não adianta a gente tentar ir por outro caminho, então eu estou aqui por isso.

Meu nome é **Athena**, eu estou no quarto período e eu decidi fazer Matemática desde o primeiro ano do Ensino Médio que eu ficava indo e vindo em todos os cursos possíveis. Eu pensei em Arquitetura, Gastronomia, mas sempre voltava para Matemática. A questão de ir pra sala de aula foi porque aonde eu estudava tinha um espaço que chamava Casa de estudo, eu estudava com os meus amigos e às vezes eu ia para o quadro explicar a própria matéria de Matemática, então era um ambiente que eu me sentia muito a vontade, que eu gostava de estar, sentia como se a gente tivesse encontrado um lugar, como se eu tivesse acomodada dentro de casa. Então eu falei: “ah, por que não?” Eu tenho interesse em dar aula porque eu acho que eu não tenho outra opção dentro da carreira, mas eu também tenho interesse em pegar matéria de Bacharelado para aprofundar mais na questão do geral, apesar de querer ser

professora. Pretendo fazer o Bacharelado depois da Licenciatura, como se fosse um segundo plano. Tem parte do Bacharelado que me atrai muito, mas a vontade de dar aula é maior.

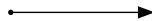
A discussão

Olhares sobre o curso

Hera: Eu particularmente acho que deveria ter mais matérias na área de educação, a gente acaba tendo muita matéria da Matemática mesmo, eu acho que tem coisa faltando.

Penélope: Eu concordo e ainda acrescento que algumas matérias que a gente vê aqui poderia ser feitas de maneira voltada mais para essa coisa de sala de aula. Não é pegar leve! O povo acha que a gente da Licenciatura quer que pegue leve, não é isso! É ter uma visão diferente, uma maneira diferente para gente poder aplicar isso em sala de aula e não ficar só sofrendo aqui. A gente vai ser professor de Matemática e tem que saber Matemática, mas a questão é a maneira com que isso é abordado. Tem as disciplinas que são para Licenciatura que é Geometria Plana e Geometria Espacial, elas não são leves, elas são pesadas! Só que o jeito que

*Não é diminuir
o ritmo, é mudar
o foco!*



elas são dadas, como é para uma turma de Licenciatura, é uma maneira bacana para gente aprender e ir pensando como aplicar. Eu acho mais didática a maneira como essas duas disciplinas são dadas, pelo menos com os professores que eu peguei. Então eu acho que algumas disciplinas tinham que ser feitas assim, principalmente as Físicas porque a maneira como elas são feitas não ajudam a gente em nada.

Hera: Possivelmente um estudo de prática mais aprofundado seria muito bom porque eu que já atuo dando aula e percebo que, mesmo que seja uma parte de leitura ou de pesquisa, vai fazer diferença para gente, principalmente porque já têm várias pesquisas na área de Educação Matemática falando sobre o que os alunos vão ter mais dificuldade, os enfrentamentos do dia-a-dia que com certeza a gente vai ter e que já foram estudados. A gente tem duas matérias do Estágio, mas eu poderia dizer que é bom? É! Mas o que eu digo é ter uma só voltada para o estudo da prática, com se fosse “uma aula de didática”, entende? E não o Estágio em si, porque o Estágio pressupõe que você já está praticando, está olhando um modelo e aí você vai praticar também. O que eu estou falando é diferente, é como se fosse

*Em um curso
de Licenciatura,
Didática ser
optativa??? Tem
algo estranho*



um estudo da prática antes disso. A matéria de Didática para gente é uma matéria optativa, a gente faz se quiser, entendeu?

*Acho que essa fala
é unânime em
todas as entrevistas
que li!*



Athena: Eu acho que também tem o problema de que a matéria que você vai ter vai conforme o professor que você pegar. Eu já fiz uma matéria da área de Educação e agora nesse semestre eu estou fazendo duas, a Psicologia da Educação que eu tive semestre passado não é a mesma que provavelmente eles tiveram. É uma coisa que acaba criando diferenças que às vezes vão justificar a pessoa não ter domínio para estar à frente de uma sala de aula. Eu acho que todos os professores que eu tive na área de didática, pelo menos, eu tive muita sorte. Esse semestre a professora mandou a gente organizar um trabalho para dar uma aula para turma imaginando como se fosse para uma determinada série, no meu caso a gente pegou para dar aula para Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio. A gente teve que fazer uma aula interdisciplinar, fazer o plano de aula e enviar para ela, mas eu acho que nem todo mundo que faz didática tem isso. E é uma coisa que me ajudou muito porque eu não tinha noção do que era um plano de aula, eu estou com 19 anos, se eu simplesmente formar, vamos dizer assim que eu pretendo formar com 21 anos, eu

*Isso que precisa ser
problematizado no
estágio. Esse contato
inicial que tivemos
com a escola todos
tiveram e nem
por isso todos são
professores. É
preciso retomar
essas vivências e
experenciá-las!
Dar a elas um
(novo) sentido,
olhar sob outro
ângulo, pensar
sobre outras coisas
a partir do mesmo...*

*A fala de Penélope
é clara: o tempo
destinado a essa
discussão é pouco!
Não se diz que o
estágio é ruim,
inadequado, chato,
difícil... o estágio
é pouco!*

não sei se eu teria maturidade para planejar uma aula sem ter tido uma ideia antes, tendo só o Estágio que é observar um professor na frente da turma explicando a matéria. Eu não sei como é a matéria de Estágio, porque eu ainda não tive, mas eu acho que eu já tive um pouco disso na escola: quando eu era aluna, eu observava o professor, tudo bem que é uma visão diferente, mas é como se fosse uma situação similar. Eu acho que é importante você jogar um aluno na situação de professor, pelo menos simular alguma coisa para ele ter uma noção daquilo que ele pode pegar para frente e eu sinto falta disso.

Penélope: Eu estou no segundo Estágio e eu posso te responder, a professora tenta fazer isso com a gente só que eles disponibilizam pouquíssimas aulas teóricas. No Estágio a gente tem dois dias para ir para a escola e um dia com ela, só que isso é pouco, não dá tempo, a gente tenta fazer plano de aula e entregar para ela, a gente dá uma aula na sala, só que o tempo é pouco, então se tivesse uma disciplina separada seria mais proveitoso. Tem um pouquinho disso no Estágio, você vai observar o professor já buscando aqueles pontos que foram discutidos dentro de sala de aula, só que essa discussão é muito pouca, é bem reduzida porque o tempo não é o suficiente.

São dois semestres, um você faz no Ensino Fundamental e um no Ensino Médio.

Hera: É exatamente o que a Penélope falou, a gente que é do noturno³² acaba fazendo matérias em vários horários e eles poderiam abordar as matérias de um jeito diferente, fazendo a gente pensar de um modo como a gente vai usar isso em sala de aula, isso é muito raro de acontecer, são pouquíssimos professores que tem esse pensamento, se eu já tive uns dois aqui assim foram muitos.

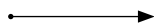
Penélope: Eu falo mais um defeito, eu acho que a gente tem três disciplinas que deveriam ser voltadas para Educação: Números na Escola Básica, Álgebra e Função na Escola Básica e Geometria na Escola Básica. Aqui nós temos um departamento com três professoras que são da Educação e alguns outros que se preocupam com a Educação, então se eles forem pegar essas matérias eles vão dar uma matéria bem dada. Só que tem muitos professores que não estão nem aí para Licenciatura, que pegam essas matérias e dão um curso de Bacharelado nelas ou saem completamente da ementa e co-

³² O curso noturno é apenas Licenciatura em Matemática. No período diurno há opção entre Licenciatura e Bacharelado.

meçam a contar história para o povo. Eu tranquei uma disciplina da Educação esse semestre porque o professor chegava lá e começava a contar história e eu quero alguma coisa que vai ser útil. Então essas três disciplinas se você der sorte de pegar alguns professores que são bons, que vão tornar essas disciplinas para Licenciatura, você está feito. Eu falo que se eu pudesse esperar só essas três professoras para pegar o meu curso inteiro eu esperaria, principalmente essas três matérias. Se você pegar qualquer outro tipo de professor, vai ser uma matéria que você só foi na sala de aula e sentou na carteira para cumprir horário, não vai te acrescentar em nada.

Perseu: Essas três professoras são formadas para dar esse curso, elas têm formação de doutorado e mestrado para dar essas matérias, entendeu? Os outros professores, a área deles é mais de Matemática Pura, então eles dão, mas num contexto de que eles acham que seja aquilo ali. Eu ainda não fiz essas matérias, mas eu percebo aqui que existe um pouco dessa desvalorização nesse sentido de que se é Licenciatura, então é fácil, falo um monte de coisa e beleza, mas agora para você falar de uma matéria de Bacharelado tem que ser o especialista. Se for dar uma aula de

Como se o professor “se formasse” apenas durante as disciplinas pedagógicas e mais, como se essas fossem um conhecimento popular. Quando se ouve isso na academia dá para entender a legislação que reconhece os detentores de notório saber como professores



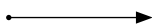
Álgebra tem que ser o cara da Álgebra, se for fazer uma matéria de Análise tem que ser o cara de Análise. É como se a Licenciatura não fosse valorizada como uma área tão importante quanto as outras.

Athena: Dentro da própria universidade, entrei para fazer Licenciatura e o suporte?

Hera: Não tem concurso para professor de Educação Matemática para o ICEX³³ e isso é um problema porque um professor que faz mestrado e doutorado na área de Educação Matemática é um professor que fez graduação em Matemática. Ele pode ter feito um Bacharelado ou uma Licenciatura e ter se especializado em Educação Matemática, então ele está apto a dar qualquer matéria da graduação, Cálculo, Análise, Geometria Analítica. Quando essas professoras entraram não exigiam que tivesse mestrado e doutorado na área da Matemática, então todas elas fizeram mestrado em Matemática e doutorado em Educação Matemática, porém quando elas entraram só precisava do mestrado e elas fizeram o doutorado posteriormente.

³³ Instituto de Ciências Exatas

*Eu já ficaria feliz
se ele fosse dado
por professores....*



Penélope: Se fosse hoje provavelmente elas não entrariam e eu acho isso um absurdo porque o curso forma licenciados.

Hera: Mas não é dado por professores da Educação Matemática.

Penélope: Só essas três professoras não dão conta.

Júlia: Dentro de um universo de quantos professores?

Penélope: Acho que só da Matemática são 70.

Perseu: Eu fiz um ano de Matemática na PUC, aqui em Belo Horizonte, e lá tem um viés completamente diferente daqui porque lá a Licenciatura é realmente valorizada. A gente tinha muita matéria de Educação que era dada por professores da Faculdade de Educação, as matérias de Matemática eram dadas por professores que tinham formação Matemática, mas grande parte deles também tinha formação em Educação. E lá desde o primeiro período a gente é incentivado a participar do PIBID, 80% da minha sala, inclusive eu, começou no PIBID no primeiro período. Aqui também tem PIBID, mas até hoje não conheço ninguém que participa dele.

Esse é um dos pilares da pedagogia do outro que deve ser apagado, tal como diz Skliar (2003, p.202): obrigar o outro a perceber de uma vez que está mal ser aquilo que se é ou que se está sendo e assim é preciso corrigi-lo, silenciá-lo e expulsá-lo.

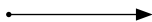
Hera: É porque o PIBID da Matemática foi fechado, acho que por corte de verba, mas eu participei dele por 2 anos e pelo menos isso eu posso dizer que eu estou muito feliz porque eu participei e vi que o projeto realmente é muito rico, é o melhor.

Penélope: Eu passei só um mês no PIBID, mas foi fantástico. Eu sinto falta da valorização do profissional de Licenciatura porque, às vezes, você escuta: “quem sabe Matemática é aquele pessoal da pesquisa” e então você vai lá para o chão: “eu sou a ralé daqui, porque o que é importante é o Bacharel”.

Hera: E o nosso curso é tão pesado quanto o do pessoal do Bacharelado, não tem diferenciação das matérias, tanto que a gente faz matéria junto com os meninos.

Penélope: É a mesma coisa, lógico que tem umas 3, 4 ou 5 disciplinas a mais da Matemática que a gente não faz, como há as nossas de Educação que a gente faz e eles não. Mas eu torno a repetir, não é querendo que as coisas sejam fáceis, igual eu escutei de uma professora que a gente foi falar com ela: “professora, eu acho que aqui deveria ser feito uma coisa mais voltada para a Licenciatura” ela não dei-

*Isso é o que ela
ensina enquanto
pensa que só ensina
Matemática*



xou nem a gente terminar de argumentar e: “eu não aguento essa coisa de que os meninos da Licenciatura têm que pegar leve! Tem que puxar sim, vocês têm que apanhar aqui dentro, vocês têm que aprender a Matemática, essa história de ensinar depois vocês aprendem lá fora” eu falei: “não é isso, a gente não quer aprender menos Matemática porque se eu estou aqui é porque eu gosto da Matemática, então eu quero aprender Matemática, eu sei que é importante, eu tenho que saber pra ensinar, mas a gente sente falta de uma coisa mais voltada e tal”, só que ela não deu chance e eu fui desistindo de argumentar, mas o pensamento deles é bem isso. A gente só tem três disciplinas voltadas para a Licenciatura aqui dentro do ICEx e elas não são bem-feitas porque são só três professoras. Na FAE, Faculdade de Educação, a gente só tem duas disciplinas obrigatórias. Então nós temos cinco disciplinas, três que são voltadas para Matemática e que seria para ser discutido na Educação Básica e duas na FAE, fora os dois Estágios. De Didática mesmo não é obrigatória.

Hera: Mas as obrigatórias da FAE são Política da Educação e Psicologia, mas de qualquer maneira uma coisa que poderia ser diferente é que apesar de ser na FAE

essas disciplinas poderiam ser trabalhadas por professores da Educação Matemática, porque lá eu acho que eles são em cinco, mas mesmo assim não são eles que dão as matérias da Matemática e a gente faz matéria com Física, Pedagogia, Química, Biologia, Música, Artes.

Penélope: Isso aí eu discordo de você porque eu já acho que eu tive uma riqueza, um conhecimento gigantesco com a interdisciplinaridade que a FAE proporciona. Eu acho que deveria ser bem feito essas três matérias que a gente tem aqui, nem que elas fossem transferidas lá para FAE, mas que elas deveriam ser bem-feitas, mas a Psicologia e Política com a galera dos outros cursos foi muito legal porque você não vai ter aluno que gosta só de Matemática, você vai ter aluno que gosta de artes, de música, de tudo. Então você ter essa coisa de várias disciplinas, você consegue abrir seu pensamento, sair da Matemática. A minha professora de Psicologia fez a gente fazer um trabalho de campo e ela separou as disciplinas, meu grupo juntou as exatas: Física, Química e Matemática, teve um grupo de teatro, outro de artes visuais, outro de línguas e na hora do trabalho juntou as áreas e teve as apresentações e foi fantástico.

Athena: Eu também acho, ela te dá uma visão geral de você ser professor e entender a situação.

Hera: Mas quando eu fiz Psicologia, eu vi igual quem faz FAFICH³⁴, eu vi Psicologia e não tive nada disso.

Athena: Mas eu também vi, eu li Vygotsky, li Piaget. Mas uma coisa que também foi muito boa para mim e que eu tive um trabalho foi a minha aula de Didática. O trabalho que eu comentei antes no meu grupo eram quatro pessoas, dois meninos da Letras, um da Física e eu da Matemática, o objetivo era a gente pegar um tema qualquer e desse tema a gente tinha que tirar coisas de cada matéria e apresentar para turma.

Penélope: Eu não cheguei a fazer Didática, mas eu já tive relato de uma amiga que fez e que não foi nada disso, que o curso não foi nada proveitoso.

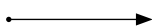
Hera: É igual Política, não vi diferença nenhuma para mim, acrescentou em nada no meu curso, eu aprendi coisa de LDB³⁵.

Athena: A nossa está sendo legal, tem discussão direto.

³⁴ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

³⁵ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

*Agora quem
discorda sou
eu Perseu! Não
podemos atrelar
esse sentimento
a uma disciplina
específica, seja ela
de matemática ou
não. Tínhamos
que exercitar,
ensinar e aprender
isso a todo
momento e com
todas as pessoas,
principalmente
com nossos
professores, em
qualquer contexto
de formação.*



Perseu: Uma coisa que eu acho é que toda pessoa que entra numa sala de aula tem que ter empatia. E essas coisas a gente não espera aprender estudando Cálculo, a gente aprende nas matérias da FAE, essa matéria de Políticas mesmo é assim. Eu reconheço que às vezes eu tenho muito preconceito com a FAE, mesmo sendo da Licenciatura eu tenho um pouco de preconceito porque eu acho que vai ser sempre chato, que não vai adiantar de nada. Mas eu cheguei lá, vi a matéria e vi que preciso disso aqui. Eu reparei que todo mundo aqui, sem exceção, precisa disso. Todo mundo que for dar uma aula, qualquer aula na vida, precisa disso porque a gente entra numa sala, seja de Graduação, de Pós-Graduação, seja Ensino Fundamental ou Médio, numa sala com 40 pessoas, cada pessoa tem uma realidade diferente. Se você aborda do mesmo jeito, da mesma forma para 40 pessoas, você está com certeza cometendo uma série de injustiças que você não vê e você começa a reparar que está cometendo essas injustiças quando alguém te fala ou quando você vê. Se você não quer ver, por um motivo ou por outro, você vai deixar, agora se alguém te falou que você está cometendo essa injustiça você pode parar e pensar naquilo. Só que ninguém

*Perdi as contas
de quantas vezes
ouvi isso: depende
do professor! Será
que depende só do
professor mesmo?
Depois de ouvir
tantos relatos
começo a achar
que depende de um
milhão de coisas!!!!*

*Eu até gostaria
de acreditar nesse
poder salvador de
uma disciplina,
mas nesse caso em
específico, acho
muito difícil...*

vai te falar isso aqui, vão te falar lá na FAE, entendeu? O ruim, de fato, é que essas matérias dependem muito de quem é o professor, isso acaba desestimulando as pessoas a continuarem, eu me lembro do relato de uma professora minha que é daqui do departamento, ela falou assim: “eu fiz Bacharelado e depois fui pra Licenciatura, eu valorizo as matérias da Licenciatura, exceto Políticas Educacionais que foi uma matéria que eu vi um dia de aula, o professor ficava olhando pra cara da gente o dia inteiro e a gente ia embora ao final, depois eu fiz um trabalho, passei e pronto”. Se ela tivesse tido uma Políticas Educacionais igual à minha, provavelmente ela teria muito mais empatia do que ela tem para poder dar a aula que ela dá hoje.

Athena: É importante criar o senso crítico no próprio professor, eu acho que essa é a intenção de você ter Política, é você entender tudo que está acerca do professor. Se você pegar o PNE³⁶, talvez vai ter professor que nem saiba o que é isso.

Hera: Essas coisas eu tive mais quando eu fiz Sociologia, eu lembro que a gente

³⁶ Plano Nacional de Educação

Esse é um ponto a se pensar: as críticas aos cursos, no que tange as disciplinas, estão quase sempre ligadas ao modo como elas são realizadas e não necessariamente ao conteúdo que é abordado. E ainda assim insistem no discurso: muita matemática pouca pedagogia. Sinal de que muito se fala e pouco se escuta nesse meio...

assistiu a um filme muito legal que chama “Nenhum a menos” que é fantástico para professor de Matemática, se vocês não viram eu até recomendo porque fala exatamente isso que ele está falando, de que quando você chega numa sala de aula, você vai ter vários tipos de alunos, cada um com um determinado conhecimento, um sabe um pouco mais, outro sabe um pouco menos. O filme mostra exatamente a trajetória de um professor de Matemática, como ele faz pra começar a ensinar Matemática para o aluno com o interesse do aluno, então isso é super importante e eu só tive em Sociologia, que não é obrigatória, também é optativa.

Penélope: Psicologia sempre tocava nesse assunto e o que eu mais gostei na aula é que ela explicando Vygotsky, Piaget, às vezes dava uma enrolada naqueles termos e ela sempre tinha um exemplo para te dar que clareava aquela teoria chata de um jeito que eu me apaixonei por Psicologia, por um instante eu queria até mudar o meu curso por causa dela. Política era muito expositivo, tinha discussão, mas era muito expositivo.

Sobre projetos

Penélope: Tem o projeto Visitas, é bem fantástico, eu fiz parte dele dois anos, ele

é da Licenciatura e eu entrei no segundo período. Eu falo que me ajudou demais, eu era bem travada em sala de aula, travada para muita coisa e ele me ajudou bastante. As escolas vêm aqui com um limite de 36 alunos e é feito jogos matemáticos com eles, acho que é de sexto ano do Fundamental até o Ensino Médio e tem uma visita por semana a noite que é para pegar o EJA³⁷ e cursos noturnos, é muito bom! Eu saí com a experiência muito bacana, dessa de você ver que os alunos não aprendem da mesma maneira, a gente não fica ensinando um conteúdo lá, a gente fazia jogos, era interativo, você nem chamava a atenção do menino, você estava brincando com eles. Na minha época eram 10 monitores, eu não sei se continua.

Hera: Mas não são muitos não, hoje o PIC³⁸ júnior, o curso de iniciação científica para aluno medalhista, também é para alunos da Licenciatura ou para professor de Educação Básica.

Penélope: Tem o PET³⁹ que trabalha com as três vertentes: ensino, extensão

³⁷ Educação de Jovens e Adultos

³⁸ Programa de Iniciação Científica

³⁹ Programa de Educação Tutorial

e pesquisa, então têm alunos da Licenciatura no PET, eu sou do PET, eu ainda estou nele. É o PET Matemática, aí entra alunos da Licenciatura, do Bacharelado e da Matemática Computacional.

Perseu: No PET, a parte de ensino seria a gente dar um curso de Pré-Cálculo. Tem a disciplina de Cálculo que é difícil e o pessoal reprova bastante, então no verão a gente faz o nivelamento com o pessoal. Eu acho que é uma parte maravilhosa, muito enriquecedora porque a gente realmente tem uma turma nas mãos, por exemplo, eu trabalhei com a Penélope no primeiro Pré-Cálculo, a gente vai para o terceiro agora. Primeiro a gente fez um teste com 10 questões, separamos por nota e eu e a Penélope pegamos a pior turma, pior assim, de zero a dois. A gente realmente dava aula porque antes a gente passava as listas e corrigia só que não adiantava nada corrigir se esses meninos não sabiam nem o que era para fazer.

*Mais assustador
do que Doutores
que não sabem
lidar com gente?
Impossível*

•————→ **Penélope:** Pode ser assustador, mas tem gente que entra sem saber somar fração e aí é a hora que a gente vai para o quadro ensinar fração. O bom é que a gente tem liberdade, a gente vai aprendendo junto com eles, eu falo: “eu sei isso aqui, mas eu não sei como explicar”, então você tenta

e vai chegando numa solução em como ensinar aquilo junto com eles e você vai aprendendo. Daí no próximo Pré-Cálculo você sabe que isso daqui eu ensinei dessa maneira, então acho que vai funcionar, se não funcionar já tem que pensar de outro jeito, então você está aprendendo ali na prática.

Perseu: A gente fez o primeiro e falou assim: “a gente tem que adaptar algumas coisas”, tinham umas listas que estavam muito difíceis e que não tinha necessidade de ter aquilo porque já entrava muito no Cálculo. A gente já viu nesse semestre outros defeitos: tinha que ter uma aula de matrizes, então a gente foi lá e fez. A gente vai adaptando o conteúdo porque as aulas a gente tenta planejar, mas a aula é sempre uma história muito complicada porque às vezes a gente começou de um jeito e a turma não acompanhava e aí tinha que ser um trabalho mais devagar. Eu acabei rodando nas outras turmas, fiquei em uma quatro dias e na do pessoal que tinha acertado as 10 questões e dava pra ver a diferença, eles já estavam lá na frente, conseguiram terminar o conteúdo adiantado e a gente ainda estava na parte inicial.

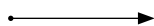
Perseu: A parte da pesquisa é só iniciação científica, cada integrante tem uma iniciação científica e geralmente, ou na Matemática ou na Computação, o pessoal da Matemática Computacional ou às vezes da Educação.

Penélope: Agora eu estava com um da Matemática e não estava gostando porque eu vi que realmente eu não tenho muita paciência. Eu gosto muito de Matemática, mas eu não tenho paciência para a pesquisa em Matemática, aí eu mudei agora para a pesquisa mais voltada para a Educação.

Penélope: Tem um grupo para discutir Modelagem Matemática na Educação Matemática, ele é aberto e se qualquer um daqui quiser participar é só falar com a [REDACTED] e ela vai te aceitar no grupo. Eu participo, a gente lê textos envolvendo a Modelagem e uma vez ou outra faz umas oficinas, tem aluno de doutorado, aluno de mestrado, aluno de graduação, do final do curso e do início do curso, tem a própria professora, então é um conhecimento bem bacana que se adquire porque são diversas cabeças em diversos níveis que estão contribuindo.

Athena: Eu fiquei sabendo do grupo da [REDACTED] porque um amigo meu

*Nesse caso, nem
sendo o melhor
curso do mundo...*



entrou esse semestre e porque ela deu uma palestra sobre isso. Eu fico preocupada porque o que eu vejo no curso é que tem gente que não tem preocupação nenhuma. Eu acho que se você vai ser professor você tem que preocupar porque você não está fazendo só para você, você está fazendo uma coisa que é para todo mundo, você tem ação direta na formação de todo mundo. Eu acho o PAPMEM⁴⁰ maravilhoso, eu faço todos, você tem a experiência de assistir a aula com professores sensacionais, tem uns professores lá que não são muito bons, mas tem uns que você vê que o cara sabe o que ele está falando porque ele gosta de passar aquilo para as pessoas. Uma professora da faculdade Pedro II obrigou os alunos dela a vir participar e tem professores que participam por acharem que tem a necessidade de participar. Uma coisa que me incentivou mais ainda a querer ser professora é porque eu cheguei lá e eu vi que tem professores que tem dificuldades enormes em coisas que eu acho muito básico. Eu sempre tive facilidade em Geometria, vai trabalhar com a circunferência tem

⁴⁰ Programa de aperfeiçoamento de professores de Matemática do Ensino Médio oferecido pelo Instituto de Matemática Aplicada (IMPA)

*Pode até ser que ela
tenha observado
outros pontos
também, mas
escolheu esse para
contar e penso que
ele fala muito sobre
a formação que ela
está vivendo...*



gente que tem facilidade para enxergar, tem gente que não tem, mas tinha professor que às vezes ficava perdido e até esquecendo de πr^2 , $2\pi r$ e confundindo uma coisa com a outra. E às vezes você pensa, uma pessoa que não quer aprofundar, não quer saber de nada, vai ensinar para outra pessoa e então você acaba desmotivando seu aluno, ainda mais Matemática que às vezes é o terror para muita gente.

Penélope: Eu lembrei de outro projeto, tem o Penja⁴¹ e o Proef⁴². O Penja é residência docente no COLTEC⁴³, os alunos da Licenciatura são monitores e dão aula para pessoas da EJA e Ensino Médio, e o Proef é no Centro Pedagógico (CP), também são alunos da Licenciatura que dão aula pra EJA e Ensino Fundamental.

Hera: O CP tem a residência docente também, você fica 25h por semana no Centro Pedagógico e você vai trabalhar com esses meninos do quarto ao nono ano. Você também vai ter o horário que vai dar aula, os alunos são seus acho que

⁴¹ Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos

⁴² Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos

⁴³ Colégio Técnico da UFMG

duas ou três vezes por semana durante a tarde, mas é literalmente uma residência.

Penélope: Tem o Pró-noturno também, eu acho que o trabalho deles é parecidíssimo com o do PET.

Athena: Eles trabalham no PAPMEM como monitores, eles que vem aqui e ficam acompanhando o pessoal que vem resolver as questões no período da tarde.

Athena: E o pessoal do Pró-noturno também recebe bolsa, então eu acho que é isso, no geral.

Relações entre alunos e professores

Hera: Tem algumas exceções, algumas raras salvas exceções. Em compensação tem um que até cavalos derivam...

Penélope: É que já soltaram essa frase: “até cavalos derivam”.

Hera: Mas tem professores, esses da Educação, elas se encaixam nisso aí porque elas conversam com todo mundo e tal, mas têm muitos outros professores que são da Matemática, os da Física todos que são bons vão embora.

Penélope: Eu sou suspeita para dizer, o próprio tutor nosso do PET ele é fantás-

*E nessa situação o
que se faz, se todo
o nosso sistema
avaliativo é baseado
em provas?*



tico e ele não é o tipo de professor que pensa na Licenciatura, ele é totalmente pesquisa, mas ele pensa no aluno. Ele é um cara que é uma exceção mesmo, ele é bem rigoroso, um professor que todo mundo foge dele, mas ele pensa na pessoa, ele tem um respeito muito grande. Ele não te julga pela sua nota como muitos, eu tenho muita dificuldade com prova então as minhas notas nunca são boas.

*Gentileza: uma
linguagem
universal!*



Athena: Tem professores de outro país que eles mal falam o português, mas eles se mostram disponíveis. Por mais que eles não tenham didática nenhuma e não consigam te explicar muito bem, eles se mostram disponíveis na sala para você ir atrás dele, aí tem pessoas que vão, agora tem pessoas que não estão nem aí, então eu acho que é igual eu falei, vai de cada um, qual profissional você quer ser.

Hera: Também tem professor que só Deus por conta da falta de educação.

Perseu: Eu acho que depende do professor sim, eu acho que primeiro, se o professor é educado com você, mas ele não é educado com outra pessoa, então ele realmente não é educado. Já aconteceu com uma professora minha do primeiro período que eu amava mais a aula dela do que ela em si, a aula era muito boa, ma-

ravilhosa, mas ela é uma pessoa completamente arrogante, instável. Já aconteceu de professor humilhar a gente aqui.

Hera: Acontece muito e os professores da Física normalmente são os campeões em humilhação.

Athena: Eu tenho muita sorte com todos os professores que eu tive, eu acho que eu escolhi os horários certos por acaso, todos os meus professores das matérias da FAE e todas que eu fiz até agora eu gostei, apesar de a minha nota em Psicologia, por exemplo, não ter sido boa.

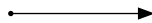
Penélope: Eu tive muitos professores bons, muitos mesmo, mas tem um para mim em específico que se faz de preocupado com os alunos, mas no fundo ele é totalmente oposto.

Hera: Nossa, ele é meu orientador e eu o vejo tão diferente!

Penélope: É porque o meu caso era bastante diferente, a intenção era de me ajudar e querendo me ajudar, não sei, acabou me colocando mais pra baixo...

Helena: Em compensação tem muito professor aqui que dá muita assistência para gente.

*Será que o termo
é compensação
mesmo? Será que
essa assistência
pode amenizar a
violência do
outro? Será?*



Hera: Tem professor que gosta de sala e tem professor que não gosta, maltrata a sala inteira. Já aconteceu caso aqui de um professor dar a mesma disciplina para uma turma do período da tarde e outra da noite e ele deixar bem claro que odiava a turma da noite, ele falava que gostava da turma da tarde, mas ele não está mais aqui. Até as provas eram diferentes, o jeito de corrigir, o jeito de tratar os alunos e isso é muito normal aqui. Na Matemática é mais raro, mas na Física... os professores da Física maltratam demais os alunos, tanto que até para fazer prova, antigamente, era uma equipe de professores que fazia a prova, que não era o mesmo professor que dava a disciplina porque aconteceu de turma inteira fazer prova de matéria que não viu e ter um processo administrativo muito tenso na Física. A gente aqui de vez em quando sofre umas disparidades muito grandes no nosso curso, por exemplo, no semestre passado, por incrível que pareça eu fiz eletro com o mesmo professor que ela está fazendo e ele maltratava demais a minha turma. O professor não sabe tudo, a gente sabe disso, mas era só alguém corrigi-lo que ele ficava assim: “você quer dar aula? Você pode vir aqui no meu lugar”, ou então às vezes ele dava um exercício no quadro e

pedia a gente para resolver aí se a gente olhasse no celular ele perguntava assim: “você sabe fazer o exercício?” e você falava: “não” e ele falava: “ou você larga o celular ou você pode sair”, na grosseria. Mas têm uns professores que são unânimes, a galera gosta!

Athena: Eu peguei uma matéria com a turma da engenharia numa segunda e quarta 7:30 da manhã e o professor era fantástico. Você vê a diferença de um professor que tem prazer em dar aula e o que não tem. Uma coisa que às vezes me assusta é que aqui eles são muito voltados para Bacharelado. Quando eu falei para o meu professor do Ensino Médio: “professor, quero fazer Matemática na federal” ele disse: “você quer fazer Bacharelado ou Licenciatura?” Eu: “Licenciatura”, ele: “esteja ciente de que se você se destacar muito eles vão te puxar para o Bacharelado”. Parece que os alunos que se destacam de uma certa forma eles não deixam ficar na Licenciatura, eles vão lá e começam a estimular, começam a dar um incentivo, arranjam uma iniciação científica. Eu sou uma aluna mediana, não fui atrás de nada, mas a minha orientadora de Estágio não obrigatório ela é da área de Bacharelado e ela é super atenciosa comigo, super amor. Ela falou que o meu Estágio

*O que não impede
que esse estudante,
caso venha se
tornar professor,
deixe de ser um
bom profissinal*



é legal, mas o meu Estágio é na área de Educação! Ela também assinou o contrato para uma amiga minha que está fazendo Estágio num cursinho, mas da minha amiga ela não quer saber. Agora ela fala que o meu Estágio é mais legal, ela vem atrás de mim, ela me manda e-mail, ela quer me ver. E ela já chegou para mim e falou: “Athena, passando as suas primeiras provas vem aqui pra gente conversar sobre como você está indo”.

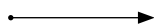
A força do Bacharelado

Penélope: Quem demonstra interesse por essa área de pesquisa Bacharelado tem todos os pontos com a maioria dos professores.

Hera: E além de tudo há uma discussão que talvez seja por isso que não há um vestibular único para Licenciatura e outro para Bacharelado para que consigam trazer alunos que talvez fossem da Licenciatura para o Bacharelado. Se tivesse um vestibular único para Bacharel não iria preencher todas as vagas todos os semestres.

Athena: Mas eu tenho um amigo que era da Licenciatura no noturno e que cataram ele para o Bacharelado. Ele é muito bom, eu conversei com ele antes de ter as ocu-

*Essas qualificações...
Até quando
seguiremos
com elas...*



Acho que essa fala expressa bem o caos da situação: corromper! No entanto, penso que o professor deveria ser sempre um pesquisador, ou ao menos, um problematizador de sua prática! E quanto a alma da licenciatura... Vamos deixar esse discurso de alma e dom de lado, precisamos é de profissionais!

A questão das relações pessoais é tão difícil que parece que a gente fica tentando associar um bom relacionamento à formação do professor... Talvez isso seja uma grande armadilha! A formação inicial pode não ser tão decisiva... o que conta mesmo é a postura de buscar, por meio de estudo ou pesquisa, se aprimorar enquanto formador de professores! É preciso se ver como formador e entender que, caso não tenha tido formação para isso, é preciso correr atrás!!!!

pações e ele falou que foi pro Bacharelado.

Penélope: Eu até acho legal, corrompe alguém que tem a alma da Licenciatura e então a gente vai ter bons professores aqui dentro, com a cabeça de professor, não de pesquisador. Igual esse menino, se ele for para o Bacharelado e for dar uma aula aqui dentro eu quero assistir.

Hera: Tem uns professores no departamento que primeiro fizeram Licenciatura, deram aula na Educação Básica e depois fizeram o Bacharelado, entraram no mestrado, doutorado, tem alguns professores do departamento que são assim e são fenomenais; meu Deus do céu, eu se pudesse faria toda a graduação com eles.

Perseu: Os melhores professores são os que pelo menos fizeram Licenciatura, podem até ter feito tipo Matemática Pura.

Hera: Ou trabalham com a olimpíada, o pessoal aqui que trabalha com a olimpíada, os que são bons mesmo, eles são excelentes professores.

Penélope: É... pensa um pouquinho no aluno ou teve uma interferência da FAE ou de alguma coisa assim e uma coisa que a gente escuta muito aqui tipo: ah, a FAE... ah matéria da FAE... é nesse descaso.

Athena: Não é fácil... você veio para a Matemática você não gosta de ler, ou quer dizer, você gosta de ler, mas você não gosta de ficar lendo artigo sobre determinado assunto.

Athena: Fundamentos de Análise é outra coisa que eu acho que tem um certo problema porque o que eu já escutei de outras pessoas é que é uma matéria da Licenciatura, mas é como se você visse a Análise.

Hera: É exatamente isso.

Athena: E Análise é a matéria do Bacharelado, o professor está vendo os fundamentos que é uma ideia mais básica, você vai pegar para ter uma noção para fazer a Análise. É igual eu falei, se eu for ter Análise, eu faço a Análise e meio que elimino Fundamentos de Análise, que aí eu vou ter uma matéria do Bacharelado que vai me dar abertura para eu fazer um mestrado na área de Matemática e Fundamentos de Análise não dá.

O que seria pensar a licenciatura? Discussão de exercícios? Estudar um capítulo a menos do livro? Não maltratar os alunos? Ser gentil?

Penélope: A diferença está quando você pega um professor que pensa a Licenciatura.

Perseu: Que vai dar a ementa certinho.

Penélope: O desse semestre, você me corrige porque eu só comecei a fazer essa

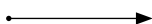
matéria, eu tive a sensação que ele pensou um pouquinho só pelo fato de ter tido uma aula por semana para discussão de exercícios, essa parte me fez pensar que ele pensou: “eu estou fazendo Fundamentos de Análise, é voltado pra galera da Licenciatura, vou fazer isso”. Não foi uma coisa jogada, mas o conteúdo é o mesmo, é o mesmo livro, é o mesmo conteúdo, você vê as mesmas coisas e você não pode tentar um mestrado na Matemática com Fundamentos de Análise.

Hera: Na verdade, vê um capítulo a menos porque o livro vai até integral, daí os professores tradicionalmente de Análise vão até integral e quem dá Fundamentos de Análise costuma ir até derivada, só um capítulo faz tanta diferença assim? não, gente!

Athena: É isso que eu já pensei, por exemplo, eu que tenho interesse de fazer Bacharelado depois porque quero ir pra área de Matemática e depois fazer alguma coisa pra Educação Matemática, já que tem essas diferenças dentro da própria faculdade, para que eu vou perder meu tempo para depois ter que fazer a Análise de novo? Eu faço Análise de uma vez e é como se eu fizesse duas matérias em uma.

*Avaliação ou
exclusão?*

*Como pode um
contexto em que
o aluno (futuro
professor) conclua
que não importa o
quanto você estude?*



Júlia: Novamente a gente cai no professor! Quem é o professor que vai trabalhar?!

Hera: Aqui a gente tem a filosofia de que no ICEx tudo é possível, não importa o quanto você estude porque você pode fracassar, porque as provas podem ser tão difíceis quanto o professor queira, e isso é muito comum, tipo assim, não adianta.

Perseu: E isso desestimula qualquer pessoa.

O diálogo com o curso

Athena: Teve apresentação da nova grade e alguns alunos que foram começaram a questionar.

Júlia: Vocês foram chamados só para a apresentação, para a discussão da grade não?

Athena: Têm alguns alunos que são da discussão, eu acho.

Penélope: Tem.

Júlia: Com todos os professores e alunos?

Athena: Não. Só com o colegiado e com alguns alunos, aí alguns alunos que estavam começaram a levantar e perguntar, foi apresentado para gente gráficos do índice de evasão do curso de Matemática, porque o que acontece? Muita gente entra

em Matemática querendo fazer Engenharia, as pessoas que repetem são reprovadas em Resolução de Problemas e Iniciação a Matemática e normalmente saem do curso, mas nem todo mundo que é reprovado em Cálculo I sai do curso, ou às vezes sai, mas vai pra Engenharia, vai para alguma coisa assim. Uma das coisas que os meninos levantaram é: “então tira Cálculo I do primeiro período e coloca Cálculo I no segundo” e falaram: “a gente vai levar para ser discutido”. Agora eu não sei como que está a nova proposta, eu tenho até foto da grade, mas é uma grade que estava voltando mais para Licenciatura desde o primeiro período, a nova grade estava bem diferente, começa a partir do primeiro período, lógico que tem as matérias comuns, mas no primeiro período já tem uma coisa que é meio que diferenciado, que é uma coisa própria para a área de educação e pro pessoal de Bacharelado ficou por opção eles pegarem, eles terem que assistir palestras, por exemplo, pra cumprir a hora.

*E o curso, é pensado
para o acadêmico
“ir bem”? Ir bem
como aquele
que atinge uma
métrica e aceita ser
silenciado?*

Perseu: A primeira coisa que eu ouvi do coordenador do curso quando entrei aqui, ele foi explicar da grade, eu tinha passado no vestibular e vim aqui saber todo empolgadinho, aqui no ICEX, ele falou assim, ele usou essas palavras: “a grade do curso é pensada para quem vai bem!”. Então a disposição das matérias é

assim, é pra você ir bem, tanto que, por exemplo, se você reprova em Cálculo I você não faz Cálculo II e você não faz Mecânica, é pré-requisito. Se você não faz Cálculo II no outro semestre você não faz Eletromag, EDA e não faz Cálculo III, ou seja, se você reprovar em Cálculo I, no primeiro semestre, pelo menos você vai ter que ficar mais um ano aqui.

Penélope: A minha professora de Estágio uma vez comentou que os professores da FAE estão tentando também ajudar, estão com propostas e tudo tal, só que eles vão alterar essa grade até a parte que interessa.

Perseu: Que não atrapalha muito o Bacharelado.

Penélope: Não vão olhar muito o nosso interesse assim não.

Athena: Acho que a primeira coisa que eles falaram, que foi levantado na discussão, essa mudança do Cálculo I para o segundo período teve professor do Bacharelado que não aceitou, que falou: “se a gente atrasa o Cálculo I um semestre a gente atrasa o Bacharelado”

*Mas tudo bem
atrasar o futuro
professor...*



Hera: Isso não é ruim, primeiro que não atrasa o curso.

Alunos excelentes?! Perfil de bacharelado? Será que tem perfil de licenciatura? E qual seria? Menos inteligente? O professor mais inteligente seria aquele que não se preparou para ser professor?

Então é a exigência do professor que define a inteligência do aluno?

Nossa! É muito bom ter perfil de bacharelado! Bom, se você não tem esse perfil então o que te sobra é ir para licenciatura...

Perfil de licenciatura: saber pouca matemática e ir mais ou menos nas matérias? É isso?

Perseu: Não.

Athena: Não, eu estou falando pela questão dos professores, que eles querem alunos que sejam excelentes, perfil de Bacharelado, igual eu tenho. Os alunos que estão fazendo agora, os calouros, estão com professores mais exigentes do que eu tive, do que o pessoal do semestre passado teve. Falaram que nunca mais vai ter um primeiro semestre como os calouros do semestre passado tiveram, com os professores que tiveram. Só que aí esse semestre jogaram um professor que ele dá uma aula de Cálculo e falaram que ele pega um pouquinho da Análise também e aí é o que a gente estava falando, de que tem gente que não tem maturidade para pegar um Cálculo I desse jeito. Só que tem muito calouro que está indo muito bem.

Penélope: E tem muito aluno do PIC-ME⁴⁴ também nesse semestre.

Perseu: Mas são poucas pessoas que tem esse perfil de Bacharelado, o perfil que o pessoal constrói é o cara que é muito bom em Matemática e que vai bem em todas as matérias, só que esse perfil é raro, eu por exemplo, entrei na

⁴⁴ Programa de Iniciação Científica e Mestrado

UFMG querendo fazer Bacharelado e decidi pela Licenciatura porque eu gosto de dar aula e quero trabalhar dando aula. Mas foi muito difícil porque eu pegava um caderno, pegava uma aula de Cálculo III e não conseguia estudar porque de certa forma eu ficava meio que revoltado sobre como as coisas funcionam no sistema aqui dentro da UFMG, tanto nesse sentido de o professor às vezes ser carrasco como ela falou, como no sentido de eles valorizarem muito a nota para você conseguir um mestrado aqui dentro, alguma coisa assim. E eu falei eu não preciso fazer Bacharelado para poder fazer um mestrado aqui dentro, então eu faço a Licenciatura que é uma coisa que eu gosto, que eu gosto de dar aula e faço as matérias do Bacharelado, tanto que o meu objetivo agora é esse. Se for falar eu sou perfil de Bacharelado ou da Licenciatura? Provavelmente eu estou muito mais inclinado ao Bacharelado porque eu sou muito mais fominha com Matemática do jeito que a maioria das pessoas do Bacharelado é.

Júlia: E como que é esse momento de escolha, é bem dividido isso, 50% Licenciatura e 50% Bacharelado?

Hera: Você tem que escolher, se não escolher vai direto para Licenciatura, pelo menos foi isso que aconteceu comigo.

Hera: Por semestre? Talvez de uma turma de 40? Uns 10? No máximo.

Athena: Uns 8. Saíram 17 pessoas da minha turma do primeiro para o segundo período, então ficaram 23, mas eu acho que da nossa turma vai formar muita gente regular.

Helena: A minha turma mais da metade sumiu, eu tenho impressão que no noturno o índice de pessoal que desiste do curso é bem maior.

Hera: Eu acho que da minha turma, desde que eu entrei deve ter formado uns cinco e uma boa parte saiu.

Penélope: Da minha turma um ia formar regular, mas ele resolveu pegar uma matéria optativa, eu considero que ele formou regular, mas formou no Bacharelado, então o único regular foi do Bacharelado e eu acho, a última vez que eu fiz as contas, nós éramos treze sobreviventes.

Hera: Da minha turma só um entrou no mestrado e foi a única que formou regular, o restante a maioria saiu.

*Que bom que você
não desistiu Hera,
mas nem sempre
todos persistem e são
esses que me fazem
pensar e querer
discutir sobre a nossa
formação... Pensando
bem, não. São também
aqueles inúmeros que
persistem e, ainda
que violentados ou,
o que é pior, ainda
que não percebam a
violência, se formam
e vão exercer a
docência do modo
como aprenderam e
naturalizaram.*

Apesar dos pesares...

Hera: Ah, eu diria assim, que apesar dos pesares, da dureza, de eu ter me perdido em algum momento, quase desisti do curso, mas eu sou apaixonada pelo curso, não me arrependo, eu amo dar aula, amo lecionar. Eu não tinha começado a dar aula de verdade até um tempo atrás, até então eu estava dando aula só particular, mas aí por algum acaso do destino eu comecei a dar aula no Orville Carneiro, que é um cursinho para CEFET⁴⁵, COLTEC⁴⁶, que são as escolas técnicas do Ensino Médio e para o colégio militar, e assim, eu tive certeza... eu sai de uma aula um dia deslumbrada, foi o que eu escolhi pra mim, foi o que eu nasci pra fazer: dar aula de Matemática.

Penélope: Eu tive isso, eu sempre tive medo, eu nunca dei muita aula particular e nunca dei aula durante a minha graduação porque eu sempre tive muito medo e sempre sou muito desesperada para tudo. Esse semestre fazendo o Estágio, a professora lá é muito daquele tipo de

⁴⁵ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

⁴⁶ Colégio Técnico da UFMG

Entendo que a sorte ajudou, mas contar com ela é um pouco complicado né... Não dá para encarar a nossa formação como uma loteria... E nem pensar que os professores bons estão sempre no departamento de Matemática...

professor que não corre atrás que a Athena comentou, aí então eu comecei a ver muita coisa que eu não quero ser. Quando chegou a hora de eu dar aula, eu faço em dupla, e a minha dupla de Estágio me deixa muito livre para dar aula e a gente combina muito para dar, aí eu fui dar aula e eu vi que não precisa ter medo. Agora eu quero dar aula, eu vou fazer, eu quero já começar a dar aula antes de formar, eu perdi o meu medo no meu oitavo semestre e na frente de alunos mais velhos, segundo ano de Ensino Médio, que é o que me travava mesmo.

Athena: Eu acho que eu tive muita sorte com os professores que eu peguei, foi um ou outro que não era do departamento de Matemática e por essa razão eu recomendaria o curso daqui porque eu acho que é possível você conseguir ter uma graduação boa, com professores bons. Aqui tem professores bons, a gente não pode negar, tem professores péssimos, tem professores ótimos, tem professores bons, então dá para você ter uma graduação legal, dá para você fazer tudo certinho. Eu sou apaixonada por aqui, pelo menos eu tenho uma boa relação com os meus amigos, com os meus colegas daqui, com os meus colegas da Matemática, eu tenho uma ótima relação com o pessoal do cur-

*Concordo! Por isso
precisamos ter
clareza de nossos
objetivos e direitos
para lutarmos
por eles*



so, tem uma boa relação com o colegiado, tenho uma boa relação com os professores, tenho uma boa relação no todo, então é um lugar que eu me sinto acolhida e me sinto a vontade e quero crescer. Eu quero terminar isso porque tem muita gente que entra numa graduação e que sai porque às vezes não se encaixa, porque não era o curso, às vezes porque não se sentia à vontade, porque você vai ter problema em qualquer lugar que você for, mas aqui eu acho que de modo geral, tem mais prós do que contras.

Hera: E os alunos são acolhedores, os veteranos são muito acolhedores.

E agora eu me pergunto: e daí?

Não estou acreditando que fiz a leitura de todas essas entrevistas, ainda mais desse modo: empolgada e com o desejo de ler mais, de saber mais, de escutar mais! Mas agora eu me pergunto: e daí? O que acontece depois disso? Me dei conta que escolhi (até parece que a gente escolhe alguma coisa!) uma profissão que é complexa desde o momento da formação. Porém, a essa altura do campeonato, não vou desistir. O que posso fazer é continuar tentando compreender como as coisas acontecem por aqui, reunindo o nosso grupo e discutindo sobre nossos enfrentamentos.

Estive pensando sobre o que quero escrever tanto para a Adriana como para os professores daqui. Vou produzir um único texto e enviar para eles; para a Adriana é mais fácil, temos um meio de comunicação, mas mais do que isso, nos comunicamos! Ela está interessada em saber o que penso, ela me pediu um retorno. Quanto aos professores daqui, sou eu quem quer falar com eles... mas acho que encontrei um caminho: vou usar o meu caderninho verde para isso. Em breve estaremos encerrando o Estágio e a professora já avisou que quer olhá-lo novamente. Se bem que eu nem sei se ela lê alguma coisa, tendo em vista a última vez que ela “olhou” para ele. De todo modo, acho que esse é o meio mais viável no momento. Depois disso posso tentar outras formas, buscar a representação discente para levar algumas questões para o colegiado do curso... depois é o depois, preciso focar no agora que é o que tenho e nesse momento minha única opção é a caneta e o papel, então vamos a eles!

Hoje resolvi escrever este texto, embora eu ache que ele fuja um pouco da proposta deste caderno. Mas como eu acho que esse curso também tem fugido muito de sua proposta, que é formar professor, então ficamos empatados. A questão que coloco agora, depois de uma submersão em minhas vivências aqui pelo curso e de uma overdose de leituras diversas sobre a Licenciatura em Matemática, é: existe algum entendimento sobre o que seja formar um professor de matemática aqui nesse curso ou nos outros que conheci por meio de seus estudantes? Ressalto que minha pergunta não é burocrática, não pergunto sobre o que possa estar registrado em um projeto pedagógico e esquecido em algum lugar. A minha indagação se dirige àqueles que constituem esse curso: alunos e professores. Aos meus colegas por perceber que muitos estão aqui apenas de passagem, seguem o fluxo do caminho e não se aventuram em abrir picadas. Aos professores por fazerem-me sentir, por muitos momentos, em uma torre de Babel, tendo em vista todo o caos que ela pode representar.

O engraçado desse movimento é que eu não o enxergo como sendo ressonância da formação que tenho recebido (e aqui assumo toda a passividade que esse verbo possa carregar) nas salas de aula dessa instituição. Eu o vejo como reverberação de um questionamento externo ao curso que me fez pensar nele como nunca. Até pouco tempo, este caderno não seria nada além de um diário de bordo de estágio, mas também não sei se esse texto dá a ele um papel diferente. A participação em uma pesquisa foi o elemento disparador de todo esse processo de problematização da minha formação. E agora eu entendo tudo isso com a ajuda de alguns autores que esse encontro me proporcionou. O mais enlouquecedor deles, Jorge Larrosa, me disse, de diferentes modos, que o momento de leitura não está atrelado à experiência da leitura, que podemos ler, ler e ler sem que sejamos entranhados pelo texto. O método de ler não se traduz

em experiência, uma vez que essa não pode ser entendida como um experimento, pelo menos não aqui. É preciso algo a mais. Por mais de dois anos frequentando esse curso nada havia acontecido que me fizesse parar, pensar, ler e escrever sobre ele. Agora vejo que esse momento aconteceu e que foi preciso algo a mais para isso. Das leituras que eu já havia feito por aqui, nenhuma delas havia me tirado de minha zona de conforto; eram leituras burocráticas de uma aluna burocrática, feliz em sua ingênua ignorância.

Parece que o grande lance foi encontrar alguém disposto a me escutar e me enxergar na minha diferença, sem que fosse preciso um deslocamento da minha espacialidade para conversar com ela. Foi ter que pensar sobre como as coisas acontecem, ou melhor, pensar no que acontece quando nada parece acontecer (CAMMAROTA E CLARETO, 2012, p. 592). E mais que pensar, narrar, sentir, acessar outros sentidos, perceber que formar-se professor é muito além do que o cumprimento de uma grade curricular. Compreender que os afetos e desafetos que aqui vivo tatuam minha existência e que as relações humanas são decisivas em minha formação.

E, nesse movimento, me deparei com a mesmidade de outras formações. Li narrativas de estudantes de Licenciaturas em Matemática de diferentes lugares do país e uma vez mais entendi, com a ajuda de Larrosa (LARROSA, 2016, p.142), que “ler não é apropriar-se do dito, mas recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito”. E nessa intimidade comecei a escutar silenciamentos. Gritos que vibram em ondas outras, que só podem ser percebidos por aqueles que se dispõem a escutá-los.

Meu primeiro movimento com esses textos foi de reconhecimento de situações também vividas por mim durante minha formação e disso tirei temas para discussão no nosso grupo de estudantes da licenciatura. Sim, nós temos um grupo que se reúne regularmente

para discutir a nossa formação. Talvez isso até já seja de conhecimento do curso, assim espero! Aliás, sei que já é, pois colhi alguns frutos (podres, talvez?) desse feito. Depois de um tempo, do reconhecimento, passei ao estranhamento e então eu cheguei à escrita deste texto. Não sei ao certo o porquê de fazê-lo, mas desconfio. E espero que quem o esteja lendo também tenha essa desconfiança.

Até pouco tempo, antes de conhecer as falas de estudantes de outros cursos, eu já havia sacado que tinha algo estranho nesse processo. Como poderia um curso que forma professores não desenvolver um trabalho de parceria com as escolas? Como um elemento tão central na formação de um professor pode ser silenciado dessa forma? A escola apareceu no curso assim como qualquer outra disciplina que vivenciei: conhecê-la fazia parte da grade curricular, ou seja, era apenas mais uma etapa a ser cumprida. Ali não se tratava de uma aproximação com o meu possível futuro local de trabalho, tratava-se apenas de cumprir uma carga horária, preencher algumas fichas e colher assinaturas. Eu não fui à escola para conviver com os professores, para vivenciar a complexidade daquele local: estive lá para observar o que se passava e não para entender, discutir, conversar sobre o que me passava ao perceber toda aquela confusão que me fez não querer atuar naquele lugar.

Ali vivi a pedagogia do outro que deve ser apagado, que Carlos Skliar me ensinou ser composta de duas negações: neguei a realidade da escola quando não me coloquei a compor com ela e neguei ter feito isso quando pensei que estava tudo certo, que o estágio era assim mesmo e registrei aqui a minha passagem por lá. E quando vejo o relato de outros estudantes tão próximos dos meus (e mesmo assim, por vezes tão estranhos) percebo que o problema é muito maior e muito mais preocupante. A mesmidade da universidade proíbe a diferença da escola (embora esse poder não lhe seja

nato ela age como se o tivesse). É certo que eu já conhecia a escola, assim como todos nós, passei boa parte de minha vida frequentando-a todos os dias, mas a situação aqui é outra. Eu conheci as salas de aula por onde passei e em todas elas, por nenhum momento, eu a vi do ângulo de um professor, então por mais que já conhecesse a situação de sala de aula, a volta a esse lugar em nada se aproximou das memórias que eu possuía. Foi como regressar a um local em que conhecemos enquanto crianças, o que antes parecia ser de uma grandeza infinita é assustadoramente reduzido à realidade racional que a fase adulta nos impõe. Então não dá para supor que eu saberei o que fazer na escola, simplesmente não dá. Os estranhamentos que senti agora poderiam servir de potência, um acesso às minhas memórias para que essas fossem resgatadas nesse momento e problematizadas e não servirem como um arquivo de modelos de práticas que eu retomo para buscar aquela que mais me agradou enquanto aluna.

O pior é perceber que os casos que parecem ser diferentes, produtivos do ponto de vista da formação, segundo o relato de estudantes de outros locais, são aqueles em que o processo fugiu à regra, o que reforça a ideia de que o problema pode ser estrutural. Leituras que busquei, por minha conta e risco, exibem casos bem-sucedidos de estágio, porém a maior parte deles apresenta uma proposta diferente da arcaica tríade: observação-participação-regência. Entretanto, o estudo de Dauanny (2015) sobre as contribuições do estágio no processo formativo de futuros professores de Matemática me mostrou que não basta haver apenas um bom projeto se aqueles que o vão desenvolver não estiverem comprometidos com sua proposta e em sintonia quanto à concepção de professor que se almeja formar. E quando digo “aqueles”, quero dizer todos aqueles que trabalham em cursos de formação de professores, inclusive os professores de disciplinas consideradas duras que não

percebem sua ação na direção de uma formação para a docência. Não percebem que ao ensinar matemática, ensinam também um modo de ver a matemática, um modo de se relacionar com o aluno, de avaliar, ensinam uma postura docente.

O que fazer então? Se o modelo está obsoleto, por que insistem nele? Onde está o fator limitante? É falta de interesse ou de compromisso com a minha formação? E não dá para pensar que a minha formação vai depender do professor que eu tiver a sorte (ou azar) de pegar como orientador do estágio, professor de Prática de Ensino, Cálculo ou Análise Real. Eu não faço o curso de um professor, pertencço a um curso que possui uma estrutura, um corpo docente, um colegiado, há um grupo de pessoas que deveriam pensar sobre a formação que oferecem e não serem coniventes com práticas abusivas, descompromissadas, que são do conhecimento de todos, mas que por uma questão que eu não consigo entender se fingem de cegos diante dos problemas. Eu gostaria de uma resposta para isso! O que acontece? Onde estão os formadores que escrevem todos aqueles lindos artigos que li? Onde estão os educadores matemáticos do meu curso? Por que nem todos atuam aqui? Onde estão os educadores? Porque tenho a impressão que os matemáticos não se veem como formadores?

Neste momento me vem à mente frases que li naquelas narrativas: “Eu tive um choque no meu Estágio, mas só que fui levando”; “Quando eu comecei os dois primeiros Estágios eu cheguei ao ponto de querer trancar a faculdade”; “é como se eu tivesse entrado e saído e não tivesse acontecido coisa nenhuma”; “o estágio depende muito do docente, às vezes o docente deixa você não fazer o estágio”. A insatisfação não parece ser só minha, infelizmente. Até então eu só pensei no estágio, talvez porque estou passando por ele agora... talvez porque ele esteja sendo turbulento... talvez porque eu tenha

desistido da escola. E vejo essa desistência como o aborto de um professor em formação.

Para além do estágio, penso que ainda há muito o que dizer sobre a minha formação. Outro silenciamento que penso existir é o da profissão de professor. Sim, por mais louco que isso possa parecer é essa a impressão que tenho! Essa discussão parece ser substituída pela formação de um pesquisador, seja em Matemática ou Educação Matemática. O que quero discutir não é em termos de uma coisa ser melhor do que outra, não se trata disso, inclusive as vejo como complementares. Acho que só sairíamos ganhando se tivéssemos uma formação que contemplasse satisfatoriamente aspectos do ensino e da pesquisa, mas penso que ainda estamos distantes disso. Poucos foram os estudantes que disseram haver um incentivo para atuarem como professores na Educação Básica, mesmo em locais onde há apenas o curso de Licenciatura, como é o caso do meu lugar de fala, essa discussão é quase inexistente, o que parece ser bastante sintomático diante do afastamento da escola que acabei de mencionar.

Parece haver uma ilusão (não sei qual outra palavra poderia usar) de que ser professor é algo menor do que ser pesquisador; de que ser professor da escola é um futuro destinado apenas para aqueles que não sabem muita matemática; de que seguir carreira acadêmica é sinônimo de ser bem-sucedido no campo da docência. Esses são discursos que ouço em meu curso, tanto de professores como de alunos, e confesso que por muito tempo pensei ser verdade. Ou melhor, fui levada a pensar diante dos acontecimentos que vivi, ainda continuo com medo da escola, mas tenho agora um pouco mais de clareza da situação.

Mas o que eu quero dizer com tudo isso, professores, é que apesar de tudo, ainda estamos (peço agora licença aos meus colegas

para usar o nós nessa elaboração final) aqui e não iremos desistir. Apesar de todo o caos, abandonamos o sonho de outros cursos e nos encantamos com a ideia de ser professor, seja ela como a possibilidade de ajudar o outro ou então como um compromisso com a sociedade, ou ainda as duas coisas juntas, ou então por qualquer outro motivo que não interessa dizer. Não importa a razão que aqui nos prende, o que importa é que aqui estamos e precisamos ser ouvidos. O tempo que temos para estudar todo o currículo que nos é proposto é pouco, é insuficiente. Isso é um fato. Para nós, não há problema em estudar toda a Matemática que pensam ser necessária para sermos professores; gostamos de estudar matemática, por isso aqui estamos. O que precisamos é de tempo para isso, de modo que seja possível refletir, pensar sobre nossas leituras, debater nossas dúvidas, trocar ideias, conversar entre nós, conversar com vocês! Como a ideia não é aumentar os anos de um curso de Licenciatura, já que entendemos que ela é uma formação inicial que não finda na colação de grau, penso que seria importante repensar dentro desse tempo um currículo que, mais que uma listagem de conteúdos de abordagem, muitas vezes, disjunta, seja um conjunto de relações matemáticas e pedagógicas, uma vez que a aprendizagem, nos cursos de Licenciatura parece estar mais vinculada a situações de ensino do que de pesquisa.

Não precisamos mais de avaliações vazias, que insistem mensurar nosso conhecimento em casas decimais. Esses resultados não dizem nada sobre nós e muito menos sobre vocês. Eles servem, aparentemente, para alimentar o superego de muitos e para ensinar a futuros professores que conhecimentos podem ser (pois são) medidos por escalas matemáticas milimétricas. Quem construiu essa régua (padrão) que serve para todos (diferença)? Como alguém foi convencido e isso passou a ser naturalizado desse modo? Atribuir

esse poder à matemática é um modo de, sendo matemática, se empoderar? Agora é o momento de discutirmos processos avaliativos, pois vocês querendo ou não, voltaremos para a escola e seria muito bom se tivéssemos propostas outras em nossas práticas. Percorrer todo esse caminho para chegarmos lá com as mesmas concepções de quando saímos é inaceitável! Precisamos experimentar possibilidades e não apenas ler sobre elas. Precisamos conversar.

Eu li em uma das narrativas a fala de um estudante se referindo ao coordenador de seu curso: o curso é pensado para o aluno que vai bem! Mas quem é esse aluno que vai bem? O que define o aluno “ir bem no curso”? Eu não vejo nessa classificação nenhum tipo de cuidado em relação ao outro. Ir bem no curso me parece ser apenas mérito daqueles que conseguiram se adaptar à regra do jogo, que nos é conhecido desde o momento em que adentramos a escola: se adaptar à linguagem pedagógica. Não se trata de aprendizagem. Aquele que consegue entender o jogo, memorizar suas regras e jogá-lo é tido como o bom aluno. O sistema de avaliação, responsável pela normatização do processo, legitima essa identidade ao considerar como bem avaliado aquele que consegue “expressar” sua competência por meio de uma prova. E o que não obtém êxito nesse momento é tido como o anormal, o desvio padrão, o marginal. E nesse contexto universitário vejo a história se repetir. Os bons alunos são aqueles que novamente se adaptam à nova linguagem, à matemática do ensino superior, aos métodos de avaliação. Eu sei disso porque me identifico com esse sistema, tenho uma memória ótima para decorar teoremas, logo sou classificada como uma boa aluna. Mas qual seria a grandeza desses se não houvesse os que estão à margem do processo? Quem alimentaria o ego do professor que se engrandece ao reprovar uma turma toda? Haveria espaço para o discurso do progresso, da meritocracia, se todos fossem

merecedores de bolsas de estudos? Quando penso que uma sala só com “bons alunos” faria o professor questionar sua competência, enquanto este se envaidece com 100% de reprovação, entendo que há muito o que se discutir. Ressalto, o problema não está na margem, mas sim na valorização do centro. Como coloca Skliar, o outro foi alterizado, mas sem permissões para outridade. A margem existe, mas não como margem e sim como um fora do centro.

E para que qualquer mudança dessa natureza aconteça, antes de qualquer coisa, precisamos nos relacionar enquanto humanos que somos; não podemos e nem devemos apagar nossos afetos, silenciar nossos sentimentos. Não deixamos nossas vidas em casa enquanto estamos aqui. Nos constituímos enquanto pessoas e enquanto profissionais aqui dentro; convivemos nesse espaço e o mínimo a se fazer é nos respeitarmos. Situações de humilhação, desprezo, perseguição, indiferença e violência intelectual não deveriam fazer parte de nosso cenário; pois não compõem com nosso enredo de formação de professores. Há tantas histórias deprimentes que nem quero ter de retomá-las aqui, seria sofrer uma vez mais. O que tiro delas é que é preciso aguçar melhor nossos sentidos ao lidar com o outro: escutá-lo, senti-lo e enxergá-lo na sua diferença e não o tomar apenas como um outro de mim. Não somos os estudantes da Licenciatura, sou a Adriana compondo com o João Vitor, a Raquel, a Desirée, a Adriane, o Bruno, o Zeus, a Kristine, o Guilherme Wagner, o Kevin, o Gabriel, a Hera, o Gleyson, o Jonas, a Thais Lorena, o Rodrigo, a Elizabeth, o João Lucas, o Gilberto, a Lara, o Enrico, a Ana Carolina, a Penélope, o Joan, o Jeremias, a Mayara, o Ronaldo, a Augislane, o André, a Isadora, a Emanuella, o Gustavo, a Mariana, a Helena, o Leonardo, a Andréia, o José, o Emerson, a Aline, o Guilherme, o Elídio, a Alice, o João, a Athena, a Nadine, o Maurício, o Vanderlei, o João Marcos, a Franciele, o Cleber, a Thais, o Perseu, o Wesley, o Pedro, a Tharyolaene, a Bruna e a Gabriela⁴⁷...

*E cada um de nós é único em sala de aula e não apenas mais um...
E cada um de nós tem o que dizer, para isso foi preciso apenas que
alguém nos perguntasse e se dispusesse a escutar...*

*Por fim, acrescento que todo esse movimento que tenho feito,
que temos feito, aparentemente tem sido lido de modo equivocado
por alguns professores do curso. Essa prática de problematização
não é um ataque, uma revolta inconsequente, é um projeto de do-
cência, de vida!*

⁴⁷ Os nomes que trago aqui são dos estudantes que participaram da pesquisa. Mesmo não sendo possível trazer todas as vozes dos entrevistados nesse momento, considerei necessário trazer ao menos seus nomes. É importante destacar que o uso de seus nomes verdadeiros foi autorizado em documentação específica e aqueles que não concordaram com a divulgação tiveram seus nomes preservados.

Bem, acho que é isso. Agora vou digitalizar e enviar à Adriana.

Olá, Professora Adriana

Recebi seu e-mail há alguns dias e não respondi porque estava terminando de realizar as leituras, achei melhor esperar até o final para lhe escrever.

O nosso grupo continua se reunindo e acho que nossas reuniões têm sido produtivas, pelo menos sempre terminamos os encontros com o desejo de continuar as discussões. As leituras das entrevistas, como também de outros textos que me enviou, foram fundamentais para que eu pudesse pensar sobre a minha formação. Tenho a impressão que conheci um novo mundo ou um novo modo de ser/estar/construir no/o mundo depois de sua entrevista e só tenho a agradecer por isso. Sou outra Adriana, ainda mais curiosa e questionadora.

Assim que terminei as leituras decidi escrever um texto no meu caderno de estágio, sobre as coisas que tenho pensado ultimamente. Resolvi enviá-lo a você, pois acho que trago ali as reverberações que gostaria de saber.

Quanto a falar sobre mim em sua tese não vejo nenhum problema, aliás, acho que não terá dificuldades em fazer isso, pois penso que nossas semelhanças estão para muito além da grafia de nossos nomes.

Um abraço

Adriana

Uma esquizoforma de discussão: retomando o convite inicial

Hoje começa a aula de Metodologia, espero que todos tenham lido a tese para que possamos conversar. Pensei em trazer algumas ideias sobre Narrativas, Insubordinações, Desobediência Epistêmica, mas primeiro preciso ouvi-los. Chego na universidade e vou direto para o Programa. Nem consigo passar em minha sala para deixar alguns livros, pois, se o fizesse, iria me atrasar e essa não é minha intenção. Entro na sala e todos já estão à minha espera.

— Bom dia, pessoal. Todos a postos! Que ótimo, vejo que estão ansiosos pelo nosso encontro. — Nem sempre encontramos uma turma completa, é preciso valorizar.

— Bom dia, professora. Não sei se estou ansiosa ou angustiada, essa leitura não foi nada fácil — diz Maria Clara.

— Vejo que já podemos iniciar a discussão! E então, como foi esse encontro? — dirijo-me a todos.

— Como eu disse, fiquei bastante angustiada com a leitura. Me senti perdida em vários momentos por não haver explicações sobre a escrita do texto, de onde surgia aquela história. Dei uma folheada e vi que mais para o final ela traz um texto contando como tudo aconteceu. Eu confesso que tive que ler esse primeiro para depois voltar à história — contou Maria Clara. Acho que vou aproveitar essa angústia da Maria e levar essa discussão para o nosso grupo de orientação.

—Bem, eu concordo com a Maria Clara que a leitura não foi fácil, mas não totalmente nesse sentido em que ela coloca. Como me envolvi com a trama, não senti tanta falta de explicações; me pareceu um convite

à leitura que eu aceitei. Para mim foi difícil, porque me sinto parte desse universo da formação de professores de Matemática e fiquei muito triste ao fazer a leitura dessas narrativas que me mostraram o outro lado da moeda. Há anos atuo na licenciatura e, sinceramente, senti-me envergonhado diante desses relatos. Em vários momentos parei a leitura para refletir sobre o que tenho feito como formador, pensei sobre o que os meus alunos poderiam falar de mim ou para mim. Foi tenso — disse o Jair.

— Engraçado, Maria, eu vejo na forma como ela apresenta o texto uma das grandes potencialidades do trabalho. O que pude perceber é que todos aqueles elementos que buscamos em um trabalho científico como aporte teórico, referencial metodológico e objetivos estão presentes, porém de outro modo, com outra linguagem. Talvez de uma forma que possibilite ao leitor experienciar o tema do trabalho tal como a estudante experiencia sua formação — colocou o Vinícius.

— Mas do modo que você coloca, Vinícius, a gente poderia pensar que uma tese, ou uma dissertação, ou ainda, um trabalho acadêmico, pode ser visto como uma listagem de itens essenciais. Se esses estão presentes, independente da forma ou da estética do texto, então está tudo bem. Seria quase pensarmos que tudo é permitido, desde que ... — acrescentei para ver a discussão.

— Não, professora, acho que não é bem assim — disse o Flávio e continuou — esses dias tivemos uma discussão em uma disciplina que foi mais ou menos nessa direção e lá chegamos à conclusão de que “tudo pode, mas não pode qualquer coisa”. Não se trata de pegar um trabalho e fazer um *check-list* dos itens obrigatórios ou essenciais e se eles estiverem ali está tudo certo, não é isso. O que eu sinto é que eu preciso entender algumas coisas durante a leitura de um trabalho científico, por exemplo, o que o pesquisador pretendeu com o estudo, os modos que ele considerou adequado para desenvolvê-lo, as discussões que ele conseguiu levantar a partir da sua pesquisa, o diálogo que ele estabelece com outros autores

e o principal: a coerência de tudo isso dentro do trabalho. Eu acho que essas coisas caracterizam a produção científica, mas eu tenho que estar atento que esses itens podem ser colocados de outra forma, por isso a importância de entender o outro a partir do outro e não da perspectiva de um outro de mim mesmo. É preciso esquecer do espelho no momento da leitura e exercitarmos o anti-narcisismo.

— Mas outra coisa que eu fiquei pensando é sobre o lugar da Matemática nesse trabalho. Onde está a Matemática nas suas discussões? — pergunta a Maria Clara.

— Acho que eu vou lhe devolver a pergunta, Maria, mas com uma pequena modificação: será que há Educação Matemática na discussão que ela propõe? Mas não se preocupe, não quero uma resposta agora. Acho que essa questão não é tão comum quanto a sua no nosso contexto, sempre temos um guardião da Matemática de plantão, sempre disposto a garantir o trono da nossa rainha. No entanto, pouco se questiona sobre um trabalho ser ou não da Educação Matemática, como se o que o caracterizasse fosse apenas a presença ou não da Matemática. Vamos pensar sobre isso...

— Professora, voltando à questão da linguagem, apesar de eu ter me identificado com o modelo de escrita que a Adriana adota, pensá-la como uma linguagem oficial da academia, pois se trata de uma tese de doutorado, não é um pouco estranho? Trazer as entrevistas como narrativas é mais comum, no entanto todo o texto nesse formato ainda é pouco usual, não? — colocou o Vinícius.

— Bem observado, Vinícius. De fato, ainda muito se discute sobre as possibilidades de se tomar o uso de narrativas como produção do conhecimento científico. Acho que podemos começar essa discussão pensando que o ato de narrar faz parte da nossa vida. O tempo todo estamos a contar histórias, tal como nos diz Antonio Bolívar, então poderíamos

dizer que essa é uma forma utilizada para organizar o nosso pensamento, o nosso conhecimento, a maneira como lidamos com/construímos a nossa realidade. O que vale ressaltar é que a cada momento que nos colocamos como narradores de nossas vivências podemos dizer que nos constituímos narrativamente, o que isso quer dizer? Por exemplo, na tese, vemos como a Adriana acadêmica vai se formando no seu processo de narrar suas experiências ao longo do curso e nessa trama ela não possui uma identidade fixa de uma aluna de um curso de Licenciatura em Matemática; podemos observar que várias Adrianas vão sendo constituídas nesse processo de acordo com os desencontros, as frustrações, as alegrias, as surpresas, enfim, todas as emoções e sentimentos que vão tomando conta dela na construção dessa identidade narrativa. A questão é: a opção narrativa seria uma forma de não conceber a existência de uma essência, de algo que seja imutável em nós, imune a toda e qualquer exposição, ou seja, imune à nossa própria existência, imune à vida e isso, a meu ver, já seria um dos pilares do conhecimento científico, que é assumir uma visão de mundo ou, como li recentemente nos escritos de Walter Mignolo, uma sensibilidade de mundo⁴⁸, para já tentarmos fugir das heranças coloniais que, muitas vezes, tendem a limitar nossas possibilidades.

— Professora, mas e a questão do conhecimento mesmo, da veracidade dos fatos? Não sei, mas tenho a impressão de que há uma parte de ficção no texto também, não?

— E qual história não é uma ficção, Vinícius? “Todo conhecimento é ‘ficção’, ou seja, algo construído humanamente” (BOLÍVAR *et al.*, 2001, p. 142). Eu penso que nós temos uma ideia sedimentada sobre a

⁴⁸ Walter Mignolo no texto *Desafios Coloniais* nos apresenta a opção de escrita de sensibilidade de mundo ao invés de visão de mundo, uma vez que essa trata-se de uma herança do pensamento ocidental que privilegiou, dentre os sentidos, a visão.

questão da ficção no contexto acadêmico, o que é totalmente compreensivo tendo em vista o legado do positivismo e da educação cartesiana na nossa formação, em especial no nosso contexto de professores de Matemática. Sempre houve uma ênfase nas representações cognitivas e no raciocínio formal, sustentado por bases empíricas e elaborações racionais. Sempre trabalhamos na busca pela verdade. E essa diferença a gente pode perceber quando a Adriana discute a questão do experimento e da experiência na sua leitura do Larrosa. Mas o que eu gostaria de destacar quanto ao pensamento ficcional é que ele permite ao pesquisador trazer elementos para a discussão, problematizar situações que, em outras circunstâncias, podem não acontecer. Além disso, o que importa em uma elaboração narrativa é o que está presente na fala naquele momento, ou seja, as subjetividades produzidas a partir de situações da realidade ou do imaginário, mas também a prerrogativa de uma continuidade da narrativa pelo leitor. Ao constituir-se narrativamente, a Adriana produziu suas subjetividades acerca da formação inicial de professores de Matemática e as explicitou em seu texto. Se tudo isso partiu de histórias que ela viveu, ouviu ou inventou, não importa! O que importa é o que ela produziu a partir de tudo isso, pois eu não vejo seu texto como um registro do que aconteceu na sua pesquisa, enxergo nele *uma* produção com suas experiências. Para mim, a verdade de sua tese está “na sua capacidade de persuasão e convencimento” (BOLÍVAR *et al.*, 2001, p. 146). E além de tudo isso, é claro, vemos na construção da tese discussões teóricas e metodológicas, embora como você bem observou, em uma linguagem não usual. E no que consiste ao conceito de experiência mobilizado, “julgo que há ali algo muito importante: ela não usa o conceito de experiência, mas opera o conceito junto ao que vive”⁴⁹, vejo também em sua escrita o interesse de fazer viver os autores que mobiliza, porém deixando clara a marca de que é ela quem escreve o texto (FISCHER, 2005). O que me parece ser compatível com a ideia de um doutorado.

⁴⁹ Fala do professor Filipe Fernandes na banca de qualificação dessa tese.

— E você, Flávio, o que tem para nos contar? — perguntei.

— Olha, professora, eu gostei muito. Eu tenho feito algumas leituras sobre trabalhos que são realizados em um formato diferenciado, pois eu gostaria de fazer algo nesse sentido. Sei que é cedo para pensar em formato, ainda estamos no primeiro ano, mas a gente ainda pode sonhar, né? — Todos começam a rir e aproveito o momento para levantar algumas discussões.

— Pois bem, pessoal, vejo que a forma é um ponto da nossa discussão. Entendo sua ansiedade, Flávio, também já passei por isso, mas o que é importante discutirmos aqui em relação à forma é sobre o papel dela na composição do texto. Eu não consigo pensar na possibilidade de definirmos a forma de um trabalho antes mesmo de estarmos no exercício de construir uma pesquisa. É claro que aqui assumo uma perspectiva da forma como conteúdo e não da forma pela forma. A princípio, todos temos a opção de escrita tal como a academia nos dita e não vejo nenhum problema em seguir o que está posto. Escrever de modos outros não pode ser visto como a exclusão do modo convencional. Não se trata de estabelecer uma nova regra e sim de pensar em formas outras. A escrita (considerada tradicional ou diferenciada) deve ser pensada como uma possibilidade de se dizer algo para além do conteúdo, algo ética e politicamente engajado com as crenças daquele que escreve. Pensar assim tem me afastado da improdutiva e arrogante ação de contrapor uma “escrita diferente” à “escrita tradicional”.

— As leituras que realizei, professora, falam sobre a questão da forma como um posicionamento político também. O que a senhora pensa disso? — pergunta o Flávio.

— Concordo plenamente. Podemos pensar em uma tríade estética-ética-política tal como Miarka e Fernandes (2015) discutem em um artigo de um livro sobre Insubordinações Criativas na pesquisa em

Educação Matemática. Como poderíamos pensar esses três elementos na pesquisa da Adriana? Alguma ideia? — tento provocá-los.

— Eu penso que a questão da ética fica muito evidente no texto que ela apresenta ao final da tese, onde ela conta toda a sua movimentação durante o processo. Ao dizer sobre o modo como esse modelo de escrita surge, eu sinto que ela assume uma postura ética em relação às suas ideias, ao seu pesquisar. Ela descreve a impossibilidade de uma escrita que seguisse o modelo tradicional, pelo fato de que, nesses moldes, ela não conseguiria dizer ao leitor de suas experiências com a formação de professores, pelo menos não da forma como ela se sentia motivada a discutir. Em uma das leituras que realizei me lembro bem de um trecho que parece fazer todo o sentido nesse momento; diz assim: “em seu desempenho profissional, os professores e os pesquisadores precisam mobilizar não só teorias e metodologias, mas também suas concepções, seus sentimentos e seu saber-fazer”(D’AMBRÓSIO, LOPES, 2015, p. 4) — responde Flávio.

—Também vejo traços de ética no modo como ela se dispõe a compor sua narrativa como um coro de vozes. Não se trata de um trabalho em uma única voz, a da pesquisadora. Ela abdica de sua posição de narradora dos fatos para assumir um papel de sujeito dessa experiência, dessa pesquisa, desse processo, desses encontros, num enredo com interlocutores ora personagens, ora entrevistados. As falas desses estudantes não são apresentadas como reforço a ideias já sedimentadas, suas conversas são tomadas de modo a ajudá-la pensar em possibilidades outras. E ainda com relação ao leitor, ela não exclui a sua possibilidade de leitura das narrativas ao trazê-las na íntegra ao longo do texto. Também fico me perguntando sobre quantas Adrianas seriam necessárias para dar conta de tudo que ela gostaria de falar e então vejo como sua narrativa evidencia o quanto somos esquizos, ou seja, o quanto nos constituímos de muitos. Um dia ouvi de um escritor que escrever bem é escrever para

o outro que há em você mesmo⁵⁰ e, além disso, que o ato de escrever é menos crer e mais ver, ou seja, seria um es-cre-VER a emoção, a capacidade de se deixar tocar e sentir. Lendo seu texto, me parece que esse foi o caminho tomado por ela — acrescenta o Vinícius.

— Com relação à apresentação dessas narrativas eu havia ficado em dúvida, pois pensei que talvez elas pudessem aparecer como anexos, uma vez que são muito longas e, às vezes, tive a impressão de estar lendo as mesmas histórias. Porém a colocação que você fez me leva a olhá-las de outra forma — coloca a Maria Clara.

— Eu jamais pensaria em colocá-las como anexo, Maria, pois foi justamente a sua leitura que me permitiu pensar sobre as vivências desses estudantes, que me fez até chorar em alguns momentos. Elas, para mim, são fundamentais no sentido mesmo de falar com, pois colocá-las em anexo e trazê-las por meio de recortes feitos pela pesquisadora e “encaixados” no meio de outros textos seus, seria outra coisa. Em relação à discussão que a professora coloca, no que tange a estética do texto, além do que já foi falado, e que a professora Adriana bem colocou, penso que a estética adotada coloca em dúvida a ideia de que o conhecimento científico possui uma única e exclusiva forma de propagação, tendo em vista que esse trabalho passou por um crivo da academia e foi aprovado. Ou seja, com isso eu posso pensar e acreditar que há outras possibilidades, que a estrutura cartesiana de exposição de um trabalho científico começa a apresentar fissuras — expõe Jair.

— Isso mesmo, Jair, e parece-me que há significativas sutilezas quando tentamos falar de modo separado de cada um dos elementos des-

⁵⁰ Em junho de 2018 tive a felicidade de participar de um curso de Escrita Criativa com o escritor Sidney Rocha. Dentre as muitas marcas que ficaram desse encontro, escolhi essa para compor meu texto.

sa tríade, não? Tenho a impressão que esses três elementos estão imbricados. Não consigo falar sobre a estética da pesquisa sem discutir também sua ética e política. No limite essas discussões se fundem. Quando penso na questão política, vejo que cada uma das escolhas estéticas pode dar indícios também de escolhas políticas e de um compromisso ético com seu modo de pensar. A opção por uma análise narrativa, com enfoque mais voltado para traçar compreensões sobre as discussões levantadas pelos estudantes, e não por um modelo paradigmático que visasse explicar os fatos apresentados diz respeito ao modo como a pesquisadora se coloca a pensar o contexto em que se desenvolve sua pesquisa que é a formação de professores de Matemática. Assumir essa postura é posicionar-se politicamente quanto ao modo como esses processos ocorrem, é implementar uma ação contrária aos silenciamentos que ela se coloca a evidenciar nas falas desses estudantes. É assumir que há que se estranhar e, minimamente, se questionar um modelo de formação de professores nos cursos de Licenciatura em Matemática que desconsidera o diálogo e a escuta atenta com aqueles que são parte constituinte do processo: os licenciandos. É se posicionar de forma contrária ao que está posto social e culturalmente, é apontar uma direção e isso é fazer política. Nessa mesma linha de pensar a estética como um movimento de insubordinação temos a ideia de Desobediência Epistêmica, discutida por Walter Dignolo e que eu acho que pode nos ajudar a pensar sobre esse posicionamento político. Esse conceito desenvolve-se dentro dos estudos sobre Descolonialidade que podem ser entendidos como uma resposta contrária à ideia de uma matriz colonial de poder, alicerçada nas premissas da modernidade, tais como o discurso da salvação, do desenvolvimento e da felicidade —acrescento.

— Professora, mas onde entraria a questão da estética textual nesse contexto de Colonialidade e Descolonialidade, que me parece ser uma discussão muito além da que estamos tendo? — pergunta Maria Clara.

— Entendo sua colocação, Maria Clara, vamos tentar entender a discussão que o Mignolo coloca. Em uma de suas palestras, que ocorreu no Evento Acadêmico para Sentir-Pensar-Hacer, realizado em novembro de 2010 em Bogotá – o vídeo está disponível no YouTube – ele traz uma fala sobre qual seria a grande luta do século XXI, e essa é colocada em termos de uma luta pelo controle do conhecimento: sabemos que conhecimento é poder, então poderíamos dizer que o que acontece no mundo hoje é uma crise de poder. Tentando sair da discussão macro para um olhar micro vamos pensar em termos de disciplinas acadêmicas, por exemplo, Filosofia, Sociologia, Linguística, Matemática e tantas outras. Elas exercem uma forma de controle da academia sobre a sociedade e muitas vezes agem como verdadeiras fortalezas tentando delimitar seus territórios e suas fronteiras e, para isso, muitas vezes ocorre o que ele nomeia como sacralização da teoria, ou seja, quando teóricos passam a ser vistos em posição de adoração. Essa já seria uma discussão extremamente interessante aqui em um curso de pós, mas vamos voltar à nossa intenção que é entender um pouco sobre a Desobediência Epistêmica. Penso que a ideia do autor nesse contexto epistêmico não é de abandono do que foi produzido em termos de conhecimento científico e sim de pensar em possibilidades outras, seria um “aprender a desaprender” (MIGNOLO, 2008, p. 290), entender que para além do racional há o humano. Sua discussão se dá em termos do poder colonial eurocentrista que ditou os modos de produção do conhecimento dos últimos 500 anos e que se constituiu sobre modelos coloniais de exploração e negação de toda a humanidade dos povos colonizados (religião, subjetividades, cultura etc). A leitura que faço disso no nosso contexto educacional acadêmico e de pesquisa é para também nos atentarmos a possibilidades outras em nossas produções acadêmicas, que possamos nos desvincular da ideia de que a produção do conhecimento científico se dá apenas em determinados locais, e de modos que foram pré-estabelecidos por sociedades e culturas não necessariamente por reconhecimento, mas talvez por imposição.

A nossa desobediência a essa imposição é reconhecer nesses modos outros a sua cientificidade de acordo com os critérios científicos que sejam pertinentes ao seu contexto e não a partir da existência de um modelo universal de pensamento técnico/científico. Criar fissuras no modelo de conhecimento científico, como o Jair comentou, que sustenta nosso campo de pesquisa é sair das regras do jogo que são impostas, mas para que isso aconteça precisamos tomar consciência do lugar que habitamos nessa Matriz Colonial de Poder, que seria, no nosso caso, a produção do conhecimento científico — respondo.

— Me parece que a gente pode pensar nessa ideia de Desobediência Epistêmica também em outro momento da tese dela. A senhora colocou em termos da estética diferenciada como posicionamento político e também como conhecimento científico. Além disso, eu penso que o modo como ela constrói a sua narrativa, chamando para o debate da formação de professores os futuros professores, ou seja, os estudantes da licenciatura, quebrando esse silenciamento discente que fica muito evidenciado em suas narrativas, o que a senhora já tinha colocado em termos de posicionamento político, eu vejo que ela realiza outra Desobediência Epistêmica. E essa se dá em termos de pensar, sobre modos outros, um curso de Licenciatura em Matemática, ou seja, a sua estrutura, o seu projeto pedagógico, que, pelas entrevistas, me fez pensar que nosso foco na formação ainda é, majoritariamente, ensinar muita Matemática, como se o professor que ensina Matemática em São Paulo pudesse ser o mesmo que ensina Matemática em Porto Velho, como se não houvesse nenhuma particularidade nessas formações, como se fosse uma formação em massa e não um curso pensado para atender a complexidade da profissão. Então eu vejo esse deslocamento do pensamento como uma bandeira contrária a uma matriz colonial de poder que pensa a Licenciatura em Matemática em termos do aparente insuperável modelo do 3 + 1 que, muitas vezes, ao invés de ser combatido, acaba sendo reforçado pela legislação — expõe o Jair.

— Concordo com você, Jair. Vejo que a leitura dessa tese nos trouxe boas discussões e me parece que esse é um caminho produtivo: a leitura como formação e a discussão do que essa leitura produz em cada um de nós para a construção de conhecimentos. E agora que já construímos nossos olhares sobre a pesquisa da Adriana, vamos realizar juntos a leitura da última parte⁵¹ de sua tese para então ver como ela acredita ter realizado o seu estudo...

⁵¹ Nesse momento convido você, leitor, a realizar a leitura da última parte de minha tese que se encontra no texto original. Apenas ressalto que, a não leitura dessa segunda parte em nada diminui a compreensão da história que aqui foi narrada.

Referências

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación**. Madrid: La Muralla, 2001.

CONTRERAS, J. Tener historias que contar:profundizarnarrativamente laeducación. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 15-40, jan./abr. 2016.

DAUANNY, E. B. **O estágio no contexto dos processos formativos dos professores de Matemática para a Educação Básica**: entre o proposto e o vivido. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MIARKA, R.; FERNANDES, F. S. . Tecendo uma tese para a estética na/da pesquisa em Educação Matemática: a escritura em questão. *In*: Beatriz Silva D Ámbrosio; Celi Espasandin Lopes. (Org.). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, v. 1, p. 141-162, 2015.

MIGNOLO, W. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**. Traduzido por Ângela Lopes Norte, n. 34, p. 287-324, 2008.

SKLIAR, C. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença,alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.

SKLIAR Carlos. In SAMPAIO, Carmem Sanches e ESTEBAN, Maria Teresa. “Provocações para pensar em uma educação outra. Conversa com Carlos Skliar”. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, pp. 311-25, set.-dez. 2012.

A autora

Sou professora de Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 2010 e nessa mesma instituição trilhei todo o meu caminho acadêmico. Inicialmente ingressei na Licenciatura em Matemática (2008) e depois, com o intuito de atuar como formadora de professores, cursei o Mestrado em Educação Matemática (2010) e o Doutorado em Educação Matemática (2018). Desde 2016 integro o grupo de estudos HEMEP - História da Educação Matemática em Pesquisa.

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text, Poppins e Satisfy.

Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>



ISBN 978-65-89995-80-7



9 786589 995807

 **editora**
UFMS